

GUIOMAR TIMOTEO COURA

**A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTOS ESCOLARES E NÃO
ESCOLARES NA CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES LEITORAS
VIA BOOKTUBERS**

BELO HORIZONTE

2020

Guiomar Timoteo Coura

**A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTOS ESCOLARES E NÃO
ESCOLARES NA CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES LEITORAS
VIA BOOKTUBERS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Gilcinei Teodoro Carvalho

BELO HORIZONTE

2020

C858r
T

Coura, Guiomar Timoteo, 1982-
A relação entre letramentos escolares e não escolares na construção
de comunidades leitoras via booktubers [manuscrito] / Guiomar Timoteo
Coura. - Belo Horizonte, 2020.
247 f. : enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho.

Bibliografia: f. 228-237.

Apêndices: f. 238-247.

1. Educação -- Teses. 2. Leitura -- Aspectos sociais -- Teses.
3. Leitores -- Comunidades -- Aspectos sociais -- Teses. 4. Interesses na
leitura -- Teses. 5. Jovens -- Livros e leitura -- Teses. 6. Mediação de leitura --
Teses. 7. Letramento -- Teses. 8. Tecnologia educacional -- Teses.
9. Youtube (Recurso eletrônico) -- Teses. 10. Booktubers -- Teses.

I. Título. II. Carvalho, Gilcinei Teodoro. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 028

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E
INCLUSÃO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

A relação entre letramentos escolares e não escolares na construção de comunidades leitoras via booktubers

GUIOMAR TIMOTEO COURA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 22 de maio de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Gilcinei Teodoro Carvalho - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria Zélia Versiani Machado
UFMG

Prof(a). Rildo Jose Cosson Mota
Universidade Federal da Paraíba

Professora Dra. Andrea Moreno
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG

Belo Horizonte, 22 de junho de 2020.

Dissertação intitulada “A relação entre letramentos escolares e não escolares na construção de comunidades leitoras via *booktubers*”. Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Gilcinei Teodoro Carvalho (FaE-UFMG) – Orientador

Prof^a. Dra. Maria Zélia Versiani Machado (FaE-UFMG)

Prof. Dr. Rildo Cosson (UFPB)

Prof^a. Dra. Célia Abicalil Belmiro (FaE-UFMG) - suplente

Prof. Dr. Hércules Toledo Corrêa (UFOP) - suplente

AGRADECIMENTOS

Certamente, devo começar agradecendo a Deus, porque ele é o princípio, o meio e o fim: nele se resume todas as coisas. Agradeço também a minha família, pelo apoio de sempre, pelo carinho, pela força e por simplesmente vocês serem a minha família: a nossa existência consiste em aprender com os desafios diários e nunca desistir, pois é preciso ter fé. Agradeço aos meus amigos, pela compreensão: foram quase três anos de muita dedicação para conseguir realizar esse sonho, então muitas reuniões de amigos ficaram em segundo plano. Agradeço aos meus pastores por toda consideração, por todo carinho, por todos os conselhos: vocês são meus amigos, meus segundos pais! Agradeço à professora Elânia do CP/UFMG por toda prontidão. Aos meus colegas, amigos e alunos da EE “Presidente Itamar Franco”: vocês também contribuíram, e muito, para essa realização. Agradeço a todos do Grupo de Estudos ‘Ações Afirmativas na Pós’: os ensinamentos compartilhados nesse lugar foram fundamentais. Lisa e Gabriel, obrigada pela tutoria. Agradeço aos colegas e companheiros da pós-graduação, em especial aos colegas da Linha de pesquisa Movimentos Sociais: como vocês fizeram a diferença nessa caminhada. Fernanda e Débora, não tenho palavras para agradecer por todos os momentos que passamos juntas, sorrindo e chorando. Agradeço também aos colegas e companheiros do PROMESTRE: foi muito bom conhecer vocês. Às minhas companheiras da Linha de pesquisa Educação e Linguagem: meninas, vocês são maravilhosas! Um agradecimento especial ao Gil, meu orientador, por ter acreditado neste trabalho, por acreditar em mim, pelo apoio, pelos conselhos, pelos ensinamentos e por tantas outras coisas grandes e/ou pequenas: admiro a sua inteligência e sabedoria! Agradeço também a todos coordenadores, professores e grupos de pesquisa da FaE/UFMG com os quais tive contato: os conhecimentos compartilhados apenas somaram! Sarah Mourão e Francisca Izabel, o projeto de pesquisa se transformou em uma dissertação! Enfim, agradeço a todos as pessoas que estiveram comigo em mais uma etapa da vida, a todos vocês que me apoiaram direta ou indiretamente: sem vocês não seria tão especial! Muito, muito obrigada!

RESUMO:

Este estudo investiga o processo de construção de comunidades leitoras em canais literários virtuais, analisando a relação entre as práticas de letramentos escolares e não escolares envolvidas nesse processo. O nosso intuito era de conhecer as práticas sociais de leitura de alunos de uma escola pública, caracterizando a participação dos estudantes nas comunidades leitoras virtuais e a mediação de leitura feita pelos *booktubers*. Para esta investigação, optamos por uma pesquisa de caráter qualitativo realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual de ensino, na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais. Analisamos, inicialmente, canais literários virtuais mais visualizados na plataforma *YouTube*: TLT, Cabine Literária, Canal da Pam Gonçalves, Nuvem Literária e Ler Antes de Morrer. Os canais literários virtuais formam comunidades leitoras denominadas *booktube*, cujos apresentadores são conhecidos como *booktubers*. A apresentação feita pelos *booktubers* nos vídeos é uma espécie de conversa sobre os livros que se assemelha ao gênero resenha. A interação entre os participantes das comunidades ocorre via ferramenta comentários disponibilizada pela plataforma *YouTube*, por meio da tecnologia da Web 2.0. Os vídeos são produzidos, geralmente, em quartos decorados por uma estante de livros, a qual compõe o ambiente e emite várias informações, caracterizando os *booktubers* como agentes, influenciadores e mediadores de leitura. A multimodalidade aparece com o uso de sons, imagens e texto escrito, como resultado das tecnologias modernas. Nesse sentido, a atividade dos apresentadores desses canais registra uma prática de letramento que ocorre fora do ambiente escolar. O segundo momento da coleta de dados se deu por meio da articulação entre a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas respondidas por 67 alunos e entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos que se consideravam leitores e conhecedores ou não dos canais literários virtuais. Os dados dos questionários revelaram que o gênero romance é o mais lido pelos alunos e que a escolha dos livros é baseada, principalmente, em dicas de amigos e por influência das mídias. Por outro lado, o gosto pela leitura ainda continua sendo despertado, majoritariamente, pelos pais e responsáveis. A leitura faz parte da conversa dos adolescentes e jovens sujeitos desta pesquisa, sendo que a maior parte deles considera a leitura como uma atividade prazerosa. Quase todos os alunos entrevistados se consideram leitores, mas são poucos os que leem livros indicados pelos professores. Quanto às práticas de leitura que acontecem fora da escola, percebemos que os alunos conhecem e participam de clubes de leitura ou clubes do livro presenciais ou virtuais, dos quais recebem e aceitam indicação de leitura. Os dados das entrevistas em grupo mostram que os alunos leem e compram livros por influência das resenhas feitas nos canais literários virtuais. As estratégias discursivas usadas pelos apresentadores são o que geram a adesão à leitura, além da continuidade da leitura e das propostas de leitura feita pelos canais que motivam os usuários. Os alunos preferem a leitura dos livros físicos à leitura de livros virtuais e aos filmes. Esses dados revelam que as práticas sociais de leitura dos alunos apresentam influências de letramentos escolares, pois os alunos leem a partir do que é ensinado pela escola, mas também há outras práticas de letramentos que influenciam a leitura dos alunos, mas que tendem a não serem reconhecidas ou legitimadas pela instituição escolar.

Palavras-chave: letramentos escolares e não escolares, comunidades de leitores, *booktubers*

Abstract:

This study investigates the process of building reader communities in virtual literary channels, analyzing the relationship between school and non-school literacy practices involved in this process. Our aim was to learn about the social reading practices of students at a public school, characterizing the participation of students in virtual reading communities and the mediation of reading done by booktubers. For this investigation, we opted for a qualitative research carried out with high school students from a state public school in the city of Santa Luzia, Minas Gerais. We initially analyzed the most viewed virtual literary channels on the YouTube platform: TLT, Cabine Literária, Canal da Pam Gonçalves, Nuvem Literária e Ler Antes de Morrer. The virtual literary channels form reader communities called booktube, whose presenters are known as booktubers. The presentation made by the booktubers in the videos is a kind of conversation about the books that is similar to the review genre. The interaction between community participants takes place via the comments tool provided by the YouTube platform, using Web 2.0 technology. The videos are usually produced in rooms decorated by a bookcase, which composes the environment and emits various information, characterizing the booktubers as agents, influencers and mediators of reading. Multimodality appears with the use of sounds, images and written text, as a result of modern technologies. In this sense, the activity of the presenters of these channels registers a literacy practice that occurs outside the school environment. The second moment of data collection took place through the articulation between the application of a questionnaire with open and closed questions answered by 67 students and semi-structured interviews conducted with students who considered themselves readers and knowledgeable of the virtual literary channels. The questionnaire data revealed that the romance genre is the most read by students and that the choice of books is based mainly on tips from friends and the influence of the media. On the other hand, the taste for reading still continues to be aroused, mostly, by parents and guardians. Reading is part of the conversation of adolescents and young subjects in this research, and most of them consider reading as a pleasant activity. Almost all students interviewed consider themselves to be readers, but few read books recommended by teachers. As for reading practices that take place outside of school, we realize that students know and participate in reading clubs or book clubs in person or online, from which they receive and accept reading recommendations. The data from the group interviews show that students read and buy books due to the influence of reviews made on virtual literary channels. The discursive strategies used by the presenters are what generate adherence to reading, in addition to the continuity of reading and the reading proposals made by the channels that motivate users. Students prefer reading printed books to reading virtual books and movies. These data reveal that students' social reading practices are influenced by school literacies, as students read from what is taught by the school, but there are also other literacy practices that influence students' reading, but which tend not to be recognized or legitimized by the school institution.

Keywords: school and non-school literacies, reader communities, booktubers

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Alunos leitores	77
Gráfico 2 – A leitura como atividade prazerosa	78
Gráfico 3 – A leitura como assunto e sugestão	79
Gráfico 4 – Gêneros literários lidos pelos alunos	80
Gráfico 5 – Mediação de leitura, como escolhem um livro	81
Gráfico 6 – Mediação de leitura, incentivo à leitura	82
Gráfico 7 – Acesso frequente aos canais	84
Gráfico 8 – Booktubers como mediadores de leitura, indicação de leitura	84

Lista de Figuras

Figura 1- Tela de busca do YouTube do Canal TLT.....	92
Figura 2- Página do blog da Tatiana Feltrin.....	94
Figura 3- Chamada para divulgação de livros no blog da Tatiana Feltrin	94
Figura 4- Tabela de preços para divulgação de livros pela Tatiana Feltrin.....	95
Figura 5- Tabela de preços para divulgação de livros pela Tatiana Feltrin.....	95
Figura 6- Tela de busca do YouTube do canal Cabine Literária.....	96
Figura 7- Tela de busca do YouTube do Canal Ler antes de Morrer	100
Figura 8- Tela de busca do YouTube do canal Nuvem Literária	102
Figura 9- Imagem da tela de comentários da comunidade do canal Nuvem Literária	103
Figura 10- Imagem da tela de comentários da comunidade do canal Nuvem Literária	104
Figura 11- Imagem da tela do Clube do Livro do canal Nuvem Literária	105
Figura 12- Apresentação do Clube do Livro do canal Nuvem Literária	105
Figura 13- Regras de funcionamento do Clube do Livro do canal Nuvem Literária	106
Figura 14- Passos para fazer parte do Clube do Livro do canal Nuvem Literária	106
Figura 15- Depoimentos de participantes do Clube do Livro do canal Nuvem Literária	107
Figura 16- Tela de busca do YouTube do canal da Pam Gonçalves	108
Figura 17- Canais de indicação encontrados por meio de links no canal da Pam Gonçalves	109
Figura 18- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves	110
Figura 19- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves	110
Figura 20- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves	111
Figura 21- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves	111
Figura 22- Imagem da tela comentários do canal TLT- O gênero resenha	129
Figura 23- Imagem da tela comentários do canal Nuvem Literária- O gênero resenha.....	129
Figura 24- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Adesão à leitura	130
Figura 25- Imagem da tela de comentários do canal TLT- O gosto dos usuários.....	130
Figura 26- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- Elogios aos apresentadores	131

Figura 27- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- Elogio aos apresentadores	131
Figura 28- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Manifestação dos usuários contra o #publi.....	132
Figura 29- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Apreciação do livro.....	132
Figura 30- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- A intertextualidade nos canais.....	133
Figura 31- Imagem da tela de comentários do canal TLT- As emoções dos usuários	134
Figura 32- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As emoções dos apresentadores	135
Figura 33- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As emoções dos apresentadores.....	135
Figura 34- Imagem da tela de comentários do canal TLT- A repercussão dos canais nas práticas de leitura dos usuários.....	136
Figura 35- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- A leitura de obras estrangeiras	136
Figura 36- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- Os clássicos e as práticas de leitura na escola.....	137
Figura 37- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- A leitura na escola	138
Figura 38- Imagem da tela de comentários do canal Cabine Literária- As cobranças dos usuários	139
Figura 39- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- Reclamações do YouTube.....	139
Figura 40- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- A confiança dos usuários	140
Figura 41- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As propagandas feitas pelos usuários.....	141
Figura 42- Imagem da tela de comentários do canal Cabine Literária- As propagandas feitas pelos usuários.....	141

Figura 43- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As propagandas feitas pelos usuários.....	141
Figura 44- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- A seleção dos usuários	142
Figura 45- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- A cobrança do booktuber escritor	142
Figura 46- Imagem da tela de comentários do canal Cabine Literária- As propostas de leitura feita pelos apresentadores.....	143
Figura 47- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- A leitura feita pelas ferramentas digitais	144
Figura 48- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As redes de conexão.....	145
Figura 49- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As comunidades feita pelos canais.....	146

Lista de Abreviaturas

Aneb	Avaliação Nacional da Educação Básica
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPL	Instituto Pró- Livro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MG	Minas Gerais
Mec	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
Pisa	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PROEB	Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação básica
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Saeb	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEE-MG	Secretaria de Estado e Educação de Minas Gerais
SRE	Superintendência Regional de Ensino
TLT	Tiny Little Things
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

Apresentação	16
Introdução	19
Capítulo 1- #conceitosprincipais: Letramento e práticas contemporâneas de leitura	29
1.1 O conceito de Letramento.....	29
1.2 Letramento literário	32
1.3 Letramento escolar e não escolar	37
1.4 Leitura: perspectivas teóricas	43
1.5 As práticas de leitura percebidas dentro e fora da escola	51
1.5.1 Os Círculos de Leitura	51
1.5.2 As Comunidades virtuais	54
1.6 O <i>Youtube</i> e seus apresentadores	57
1.7 Os Booktubers	61
1.8 O lugar social dos <i>youtubers</i>	64
Capítulo 2- #campodepesquisa: Decisões metodológicas	69
2.1 Procedimentos metodológicos	69
2.2 O campo de pesquisa	72
Capítulo 3 #práticasmediaçãodeleitura: Práticas, mediação e contemporaneidade .	86
3.1 Práticas de leitura	86
3.2 Mediação de leitura	86
3.3 Os canais literários virtuais: uma nova prática	88
3.3.1 Análise dos dados qualitativos dos Canais literários	88
3.4 O Canal TLT (Tiny Little Things)	92
3.5 O Canal Cabine Literária	96
3.6 O Canal Ler antes de Morrer	100
3.7 O Canal Nuvem Literária	102
3.8 O Canal da Pam Gonçalves	108
3.9 Considerações sobre os canais	112
Capítulo 4 #produçãodosvídeos: Os vídeos literários como eventos de letramento	115
4.1 Análise dos dados qualitativos dos vídeos	115
4.2 Análises dos dados qualitativos dos comentários feitos pelos usuários	128
4.3 Considerações sobre os vídeos e comentários	146
Capítulo 5 #osadolescentesleem: Práticas de leitura dos adolescentes	151
5.1 Análise dos dados quantitativos e qualitativos dos questionários	151
5.2 Considerações sobre os questionários	157

Capítulo 6 #ahoradaconversa: Percepção da leitura dos estudantes.....	160
6.1 A organização das entrevistas	160
6.2 Análise dos discursos produzidos pelos alunos nas entrevistas	167
6.3 “Eu sei o que é, mas eu não sei quem são”: O reconhecimento do conteúdo	167
6.4 O caminho da leitura: a seleção das obras literárias feita pelos alunos	170
6.5 “Eu prefiro a leitura”: A cinematografia e a leitura de impressos	177
6.6 “Aqui e ali: nós em outras redes”: A convergência nos meios digitais	181
6.7 Um convite para a leitura: O efeito da apresentação dos <i>booktubers</i>	186
6.8 “Não conte o final”: A preservação do mistério nas apresentações	189
6.9 “Eu queria aquele livro ali”: A composição do ambiente e a influência de leitura	191
6.10 “Eu compro, eu troco, eu peço livros”: A aquisição do livro impresso pelos estudantes	194
6.11 “Quando você lê na escola, é aquela coisa”: A percepção da leitura literária na escola	200
6.12 Vamos chamar isso de quê? : A questão do gênero	210
6.13 Leituras no ambiente digital: Leitura e contemporaneidade	212
6.14 “Eu faço parte de um Clube”: Participação dos alunos nas comunidades de leitura	216
6.15 Síntese dos discursos produzidos pelos adolescentes nas entrevistas	220
 Considerações finais	 223
Referências	228
Apêndices.....	238
Apêndice 1 - Questionário	238
Apêndice 2 - Perguntas da Entrevista Semiestruturada	241
Apêndice 3 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE/ Carta aos adolescentes)	242
Apêndice 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE/ Carta aos pais e/ou responsáveis)	245

Apresentação

[...] e a ficção pode continuar sendo um convite à crítica ou à evasão dessa sociedade. A literatura é, assim, um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam.

(Leyla Perrone-Moisés)

Falar de leitura literária ao mesmo tempo que é caro se torna algo muito prazeroso para nós, professores. Mas, antes de tratar da importância desse tema, recordo um pouco da minha trajetória, enquanto aluna da educação básica que se imbrica à história da menina pobre que nasceu na cidade de Santa Luzia, MG. Filha caçula de uma família de sete filhos, estudei em uma escola de médio porte, para a época, no centro dessa tradicional cidade. Uma instituição que recebia alunos de poucos bairros vizinhos e onde se misturavam ricos e pobres. Como escola tradicional na cidade, tínhamos desfiles no dia 7 de setembro e recitais de poesia. Lembro-me do meu primeiro e único recital: todos muito bem posicionados nas escadarias da entrada da escola. Eu era boa em leitura, por isso devem ter me permitido participar! Nunca tive muitas dificuldades na escola: tirava boas notas e até ajudava meus irmãos mais velhos naquilo que não compreendiam.

A minha inclinação para leitura não sei bem de onde veio. Na minha casa, ninguém tinha o hábito de ler livros para dormirmos à noite. Porém, nunca passou despercebido o fato de uma das minhas irmãs estar sempre lendo séries de livros mais comumente direcionadas para as meninas da época. Logo me via lendo aqueles livros, alguns até já bem velhos e rasgados. Nem sei de onde minha irmã tirava aqueles livros! Muito nova ainda, recebi a instrução de ler a bíblia e também de participar de grupos de estudos da igreja evangélica da qual passamos a frequentar. Ao ingressar na 5ª série (atual 6º ano) e Ensino Médio, continuei me destacando na leitura e agora também na produção de textos. Parecia ser verdade o que diziam os professores: “a leitura aprimora a escrita”. Já no final do Ensino Médio, surge a dúvida do que fazer, qual faculdade escolher. Isso é comum, porém para pessoas que compartilham da minha história de luta, enquanto mulher, negra e pobre, o leque de opções não é muito grande, ainda que cursar o Ensino Superior signifique, sim, possibilidade de uma ascensão social. Nessa hora o que falou mais alto foi a inclinação e facilidade com as línguas. Portanto, a porta que se abriu foi cursar Letras.

Na Faculdade de Letras da UFMG, de todas as disciplinas que me chamaram a atenção, a de Literatura Brasileira acredito que nunca me escapará da memória: a forma como o professor nos apresentava as obras de autores brasileiros de cada estilo literário foi encantador. Ele nos fazia viajar por aquelas páginas, sua voz baixa e firme nos envolvia na história. Além disso, fazia-nos encontrar sentido para cada detalhe do enredo.

No decorrer dos anos, tenho percebido em minha prática docente, que, às vezes, não é muito fácil mediar a introdução de um aluno no universo da leitura literária, especialmente quando se trata de obras que, por tradição, fazem parte exclusivamente do ensino de leitura na escola, como os clássicos da Literatura Brasileira. Muitos alunos se mostram resistentes e as maiores críticas é quanto à linguagem utilizada nas obras e por serem livros que tratam de uma outra época da nossa história. A preocupação com a prática de leitura dos alunos é um fato entre os professores que envolve, principalmente, um questionamento sobre os aspectos quantitativos (quanto o aluno lê) e qualitativos (como o aluno lê). Por várias vezes, ouvi de outros professores que os alunos não leem e que isso tem comprometido o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Porém, por outro lado, uma possível constatação hoje é que os alunos leem, mas leem outro tipo de literatura que muitas vezes não é a esperada pelas escolas e professores, o que parece absolutamente normal, se levarmos em consideração que a maioria dos leitores leem por motivos diversos, inclusive para entreter.

O interesse por pesquisar as práticas de letramento, envolvendo o processo de leitura na escola, parte da minha prática como professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio (EM). No ano de 2016, durante as minhas aulas em uma turma do 3º ano do EM, por várias vezes observei alguns alunos com livros de literatura dos títulos mais variados e diferentes daqueles que temos o costume de ver na escola, como os clássicos da Literatura Brasileira. Esse fato me chamou tanto a atenção que fui conversar com alguns desses alunos. Então, uma de minhas alunas me disse que fazia parte de um Clube de Leitura presencial que acontecia na cidade de Belo Horizonte, MG, no qual os participantes debatiam sobre os livros, compartilhavam a experiência e apreciação de leitura e faziam indicação de obras. Ao pesquisar sobre esses Clubes de Leitura presenciais, descobri que havia, também, os Clubes de Leitura *online*, como os apresentados pelos *booktubers* (*youtubers* que apresentam os canais literários virtuais).

Assim, pude perceber que existem outras práticas que podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem de leitura do aluno, além daquele que é ensinado pela escola, pois é sabido que a aprendizagem não se limita à escola; podemos dizer que recebemos informações por todos os lugares onde passamos. Porém, nesse processo de interação social, algo precisa fazer sentido para que haja o encantamento, para que sejamos envolvidos. Surgiu, então, alguns questionamentos sobre o lugar que ocupo: como uma prática de ensino não escolar pode, às vezes, ser mais eficaz, ou, minimamente, influenciar mais os alunos que uma prática escolar desenvolvida por um professor? E, por conseguinte, de que maneira eu poderia influenciar na aprendizagem dos alunos, fazendo uso de uma ferramenta tecnológica moderna que é a internet? Os alunos estão cada vez mais imersos no mundo da tecnologia, a ponto de muitos questionarem o papel do professor. Foi então que percebi a necessidade de investigar o processo de formação de comunidades leitoras, analisando a relação entre os letramentos escolares e não escolares, particularmente a influência dos *booktubers* no processo de leitura, incluídos os momentos de indicação e de avaliação de obras literárias.

Introdução

O processo de ensino de leitura na escola frequentemente é motivo de reflexão nas faculdades de educação, nas ações de formação inicial e continuada de professores e na comunidade escolar. Essa preocupação deve-se, entre outros fatores, ao fato de que os resultados das avaliações externas no que tange à leitura é, muitas vezes, desanimador. Como exemplo, temos os últimos dados do Pisa de 2018 (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura foi de 413 pontos, valor significativamente inferior à média dos estudantes dos países membros da OCDE: 487. O desempenho médio na rede estadual de ensino de MG foi de 404 pontos, enquanto na rede municipal observou-se desempenho médio de 330¹.

Os domínios avaliados pelo Pisa, de acordo com o Relatório de 2018, consideram o letramento em leitura como a capacidade de compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade (BRASIL, 2019). De acordo com os dados, 50% dos estudantes brasileiros alcançaram Nível 2 ou acima em letramento em leitura e a outra metade não apresentou o nível mínimo de proficiência. No Nível 2, os alunos começam a demonstrar a capacidade de usar as suas habilidades de leitura para adquirir conhecimento e resolver uma ampla variedade de problemas práticos. Segundo o Relatório do Pisa 2018, os alunos que não alcançam o Nível 2 geralmente têm dificuldades quando confrontados com o material que não lhes é familiar ou que é de extensão e complexidades moderadas. Segundo a análise dos dados, os estudantes brasileiros mostraram melhor desempenho na identificação da finalidade do texto, na localização de informações explícitas em um texto múltiplo, ou seja, textos escritos por diferentes autores e divulgados em suportes diferentes, como em sites da internet. Os estudantes brasileiros também mostraram melhor desempenho em compreender o sentido literal do texto e em construir conexões simples entre o enunciado da questão e a informação dada no texto e seu conhecimento prévio. Por outro lado, os estudantes brasileiros mostraram dificuldades em comparar, constatar ou

¹ Dados do Ministério da Educação divulgados no dia 03 de dezembro de 2019, referentes à avaliação de desempenho em leitura no Pisa. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>> Acesso em 23 de dezembro de 2019.

categorizar informações em diversos textos, bem como em analisar textos longos e/ou complexos, isto é, textos argumentativos que apresentam posicionamentos do autor. A dificuldade dos estudantes brasileiros revela-se diante do grande número de informações dos textos a serem assimiladas e comparadas. Se pensarmos que o processo de desenvolvimento da leitura está relacionado à compreensão e interpretação de textos multimodais que nos são apresentados no dia a dia e que, de acordo com Silva (1999), a sociedade atual exige leitores críticos, a inquietação diante desses resultados fica ainda maior.

Atualmente, estamos vivenciando a era da informatização advinda das tecnologias, principalmente em se tratando dos jovens que basicamente nasceram juntamente com a informação que circula de forma mais ampla e que possibilita uma gama enorme de atrativos na internet, como serviços diversos, pesquisas, relacionamentos virtuais etc. Esses atrativos também repercutem em sala de aula. Dessa maneira, uma das maiores reclamações dos professores, na atualidade, é quanto ao uso dos eletrônicos no momento das aulas. Muitas escolas quando não proíbem o seu uso, não sabem muito bem o que fazer com eles, uma vez que diversos professores não admitem o seu manuseio, por julgarem que a utilização atrapalha o desempenho e desvia a atenção do aluno. Muitas vezes, esse conflito também se dá devido ao despreparo do professor quanto à utilização das tecnologias na sala de aula.

Como aponta Faria (2004), é quase inegável que a internet atraia mais os nossos alunos do que as aulas preparadas com tanto esforço pelo professor, especialmente se essas partirem do modelo tradicional com apenas o uso do quadro-negro, livros didáticos e recursos tradicionais pouco eficazes e interessantes aos alunos, os quais caracterizam, com esse comportamento, o docente como um mero transmissor de conhecimento. Um celular ligado, segundo uma avaliação escolar, é a atenção que se “perde” no mundo virtual. Desse modo, Faria (2004) sugere em seus estudos uma proposta pedagógica que insira as novas tecnologias como uma das ferramentas de ensino e aprendizagem:

[...] torna-se cada vez menor a utilização do quadro-negro, do livro-texto e do professor conteudista, enquanto aumenta a aplicação de novas tecnologias. Elas se caracterizam pela interatividade, não-linearidade na aprendizagem (é uma ‘teia’ de conhecimentos e um ensino em rede) e pela capacidade de simular eventos do mundo social e imaginário. Não se trata, porém, de substituir o livro pelo texto tecnológico, a fala do docente e os recursos tradicionais pelo fascínio

das novas tecnologias. Não se pode esquecer que os mais poderosos e autênticos "recursos" da aprendizagem continuam sendo o professor e o aluno que, conjunta e dialeticamente, poderão descobrir novos caminhos para a aquisição do saber. O que é, realmente, importante frisar é a interação, a atuação participativa que é necessária em qualquer tipo de aula com ou sem tecnologia. (FARIA, 2004. p. 4)

Devido à importância do ensino de leitura como eixo fundamental para a socialização de conhecimentos no ambiente escolar, compreende-se que esse ensino não pode ficar às margens de um novo formato de comunicação que permite a interação entre professor e aluno no atual contexto da tecnologia da informação. Ainda que as tecnologias modernas contribuam na relação professor/aluno, sabe-se que alguns professores apresentam algum tipo de resistência quanto à inovação das aulas, por vários motivos: ora por estarem ligados a modelos tradicionais que orientaram a sua formação profissional e definiram o seu modelo de ensino, ora pelo medo do novo e, principalmente, por não dominar esse novo.

Por isso, para Faria (2004), a mudança de paradigma requer um exercício intenso por parte da escola, a qual precisa repensar espaço e tempo, e, por parte do professor, requer uma reflexão sobre sua prática, muitas vezes exigindo abrir mão de certezas e do papel de grande e único mestre do saber. Para além dessas mudanças comportamentais exigidas especialmente do professor na inserção das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, segundo Coscarelli (2005), a informática não se constitui como a solução para todos os problemas escolares: ela não pode fazer mágica nem vai substituir ninguém e nem tomar o lugar do professor. Mas, para a autora, a informática pode ser útil à educação, ainda que muitos estudos façam o alerta de que a utilização do computador e seus recursos em sala de aula pode até mesmo não ser inovador se o professor usar a informática em uma perspectiva de aprendizagem apenas conteudista.

Sabemos que o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem é muito importante: ele é o mediador do conhecimento, inclusive dos conhecimentos e informações que estão disseminados na internet. Essas informações precisam ser mediadas e criticadas. Muitas vezes, o aluno não sabe como fazer isso sozinho, necessitando, assim, de um tipo especial de letramento nos usos de textos disponibilizados no universo digital. Por isso, para Sardinha (2018), o letramento crítico é a habilidade de ler um texto de maneira ativa e reflexiva com o intuito de compreender as relações de poder, de desigualdades e injustiças.

Num mundo onde as tecnologias digitais cada vez mais avançam, faz-se necessário esse tipo de letramento, que leve as pessoas a refletirem sobre o que consomem na internet. Eis, então, o papel do professor, que, em um processo de ensino dialógico, compartilha com o aluno os saberes e suas vivências. Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996), mesmo não se referindo ao contexto contemporâneo da era da informática, também nos mostra que o ensino deve ter uma orientação em que o educador e o educando, juntos, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, no qual enquanto ensina, o educador também aprende e enquanto aprende, o educando também ensina.

Como dito na apresentação da pesquisa, não é muito fácil, para alguns professores, mediar a introdução de um aluno no universo da leitura literária, especialmente quando se trata dos clássicos da Literatura Brasileira. As maiores críticas de muitos alunos se referem à linguagem utilizada nas obras e por serem livros que tratam de uma outra época da nossa história. A resistência dos alunos é esperada por muitos professores que, mesmo diante dela, reconhecem o valor dos clássicos e elaboram formas de apresentá-las aos estudantes para que percebam a riqueza dessas obras que anunciaram temas que se mostram atuais e que, por vezes, dialogam com obras contemporâneas lidas por muitos jovens. Diante dessa dificuldade de inserir os alunos no universo da leitura, a maioria dos professores se preocupa com a prática de leitura dos alunos, ainda que essa inquietação envolva basicamente a qualidade e a quantidade de leitura dos alunos. Tendo em vista a valorização da qualidade da leitura literária, para muitos docentes o que muitos alunos leem atualmente é desvalorizado pelas escolas.

A exemplo disso, em minhas aulas de Língua Portuguesa em uma turma do 3º ano do EM, pude observar alguns alunos lendo literaturas que dificilmente encontraríamos nos espaços reservados para leitura escolar. Dentre esses livros estão *Lua Azul* da série *Os Imortais* de Alyson Noël, *Philippa* de Bertrice Small, *Cidades de Papel* de Jhon Green, *Lições do Desejo* de Madeline Hunter, *Ladrão de Almas* e *Refém da Obsessão* de Alma Katsu, *A Herdeira*, *A Elite* e *A Escolha* da série *A Seleção* de Kiera Cass, *Ana e o Beijo Francês* de Stephanie Perkins, *Um Perfeito Cavalheiro* de Julia Quinn, *Bem Mais Perto* de Susane Colasanti, *Susurro* da série *Hush*, *Hush* de Becca Fitzpatrick, *Essa é uma História de Amor* de Jessica Thompson. Com a curiosidade aguçada, fui conversar com uma de minhas alunas que lia essas obras. Nesse momento ela me apresentou um Clube de Leitura

presencial da cidade vizinha de Belo Horizonte, MG, o qual lhe fazia a indicação desses livros e oportunizada compartilhar a experiência de leitura. Sabendo dessa prática que ocorria fora do espaço escolar, descobri que esses Clubes de Leitura também acontecem no mundo *online*. As práticas de leitura dos alunos não se limitam ao que é ensinado pelas escolas, uma vez que os estudantes fazem parte de contextos diversos e suas práticas são influenciadas por eles.

Esse fato suscitou os questionamentos iniciais desta pesquisa que permeiam a minha prática docente no que tange à eficácia do processo de mediação de leitura e letramento literário escolar diante de outras práticas de leitura não escolares que pode, até mesmo, fazer uso das plataformas digitais disponibilizadas pela internet. Então, percebi a necessidade de investigar a formação de comunidades leitoras, tendo em vista que essas se formam a partir de um grupo de pessoas unidas por um objeto ou interesse comum, que no caso das comunidades leitores é o livro ou o gosto pela leitura. Nessa direção, este estudo fundamentou-se no interesse de investigar como se dá a prática de leitura e as possíveis tensões entre os letramentos não escolares e os escolares.

Diante dessa constatação de que convivem práticas de letramentos escolares e não escolares no processo de leitura, o objetivo principal desta pesquisa foi averiguar a formação de comunidades leitoras constituídas pelos canais literários virtuais, relacionando as práticas sociais de leitura aos letramentos escolares e não escolares. O estudo visou, ainda, identificar as práticas de letramentos que envolvem o processo de constituição de uma comunidade leitora virtual a partir de um canal literário no *YouTube*. Outro objetivo da pesquisa consistiu em analisar alguns vídeos dos canais literários mais visualizados que circulam no *YouTube*, categorizando os seus recursos de construção e a sua potencial comunidade de usuários. Ainda nesta pesquisa, tivemos como objetivo investigar a participação de alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual nas comunidades leitoras virtuais dos canais literários do *YouTube*, caracterizando o processo de mediação de leitura dos *booktubers*.

Booktubers são os apresentadores dos canais literários virtuais. Eles recebem essa denominação, pois são *youtubers* que, na apresentação de seus vídeos, tratam de leitura literária e fazem apreciação das obras lidas. Por sua vez, esses canais são acessíveis às pessoas que navegam pela internet, o que inclui os alunos da escola por ser uma geração

envolvida em práticas de letramento digitais, mas que, também, convivem com a cultura do impresso: os próprios *booktubers* manuseiam livros impressos nos vídeos nos canais.

Dessa maneira, os canais literários virtuais constituem-se da interação entre o apresentador do canal, o *booktuber*, e o que assiste ao canal na busca de uma informação sobre livros. Sendo assim, cada vez que ocorre essa interação entre o apresentador que faz uma apreciação da obra escrita e entre aquele que busca uma informação no canal sobre livros, constitui-se um evento de letramento.

Segundo Heath (1982 *apud* Papen, 2016), “eventos” são as ocasiões em que a escrita é integral à natureza das interações entre os participantes e seus processos e estratégias interpretativas, ou seja, são situações permeadas por um material escrito. Nesse sentido, a articulação entre texto e leitores nos remete ao conceito de círculo de leitura (COSSON, 2014-b).

Círculo de leitura, de acordo com Cosson (2014-b), é basicamente um grupo de pessoas que se reúnem em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra, sendo que os encontros podem acontecer em vários espaços. O círculo de leitura pode ter outros formatos como ‘clube do livro’ ou ‘clube de leitura’, mas a interação social e o compartilhamento de perspectivas são as marcas que identificam tais grupos formados espontaneamente ou sob o patrocínio de alguma instituição ou organização (COSSON, 2014-b). Nesse compartilhamento se percebe algo que pode ser aprendido, pois é também uma experiência de aprendizagem. Bondía (2002) aponta que a experiência é singular, produz a diferença, heterogeneidade e pluralidade, e uma abertura para o desconhecido. Portanto, o círculo de leitura proporciona uma experiência que desenvolve a produção de sentido de uma obra literária a partir da interação com o outro.

Nesta pesquisa, iniciamos com o pressuposto de que leitura é uma das atividades promotoras da formação do indivíduo (CÂNDIDO, 1995). Entendemos, nessa direção, a importância das aulas que compreendem o ensino de leitura, pois essas desenvolvem a percepção crítica do aluno acerca de si mesmo e do contexto que lhe cerca. Já que forma o indivíduo, a leitura não pode ser concebida segundo uma perspectiva simplista.

Silva (1999) relata, em seu estudo, que uma concepção de leitura “simplicista” que despreza elementos fundamentais, diminuindo a complexidade processual da leitura, parte de um pensamento pobre daqueles que têm por responsabilidade planejar e orientar as

práticas de leitura. Em um ambiente escolar, essa reponsabilidade caberia ao professor. Segundo o autor, essa pobreza se refere à pobreza material do contexto escolar no que tange à ambientação para as práticas de leitura. Nesta mesma direção, para Freire (1996), um ensino ético leva em conta a vivência do aluno e não a sua anulação. Sendo assim, segundo Freire, um texto faz sentido para o aluno quando o ponto de partida é o que já sabe, com o estabelecimento de conexões que acionam o conhecimento prévio ou conhecimento de mundo. Essa leitura crítica relaciona-se com a cultura, com a leitura de mundo dita por Freire (1996), que antecipa a leitura das palavras. Nesse sentido, o ensino de leitura seguramente exige uma prática que vai além da decodificação de palavras ou da busca ingênua de uma mensagem intencionada pelo autor. Exige uma prática que reconheça o leitor como um ser social e inacabado, que se encontra inserido em um contexto cultural e social permeado por valores.

A partir da leitura do texto de Laraia (2001), apreende-se que cultura é um conjunto de práticas e valores de um grupo social, que diz sobre seus hábitos e só podem ser bem interpretados sob certos condicionamentos históricos e sociais. Como trata o autor, a cultura está sempre em mudança, sendo que essas mudanças são provocadas pelo próprio homem, pois esse tem a tendência de questionar seus próprios hábitos. Nesse sentido, segundo Warnier (2000), a cultura pode ser marcada e modificada pelo fenômeno industrial, alterando, assim, os modos de vida, regime de produção e transmissão de cultura. De acordo com o autor, a globalização da cultura é uma das consequências do desenvolvimento, pois a ambição de toda indústria cultural é alcançar várias partes do mundo, por meio da difusão de seus produtos, transformando ou destruindo as culturas locais ou culturas-tradições dos povos. Portanto, podemos entender que tais transformações decorrem do próprio contato com outras culturas e daí surgem os questionamentos diante das tradições e hábitos adquiridos.

Para Street (1993), cultura é um processo ativo de criações de significados e de contestar a definição, inclusive a própria definição de cultura. Para o autor, cultura é o que ela faz e não o que ela é. Sendo assim, partindo da ideia de cultura como processo, podemos dizer que ela está sempre em mudanças. Para Warnier (2000), nem mesmo a cultura-tradição é uma reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis. Sendo assim, toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto

histórico. Além disso, Charlot (2000) define o homem como um ser inacabado, que se torna a partir da sua relação com o mundo e com os outros, ou seja, nas suas relações sociais. Nesse sentido, o homem, como parte da cultura, também estará sempre num processo de mudanças. Todavia, as mudanças geradas na cultura nem sempre convivem harmoniosamente na sociedade.

A exemplo disso, em sua obra *O local da cultura*, Homi K. Bhabha, aponta a expressão “entre-lugar” quando se trata das diferenças culturais. Nessa obra, Bhabha (2013) trata, basicamente, de que lugar pertence as diferenças, como se articulam. Para essa articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, surge então o hibridismo cultural. Esse hibridismo indica as diversidades que convivem na sociedade. Entretanto, essas diversidades, muitas vezes, lutam por espaço. Assim, as diversidades culturais podem estar presentes em um mesmo local, convivendo entre si e lutando, por exemplo, contra a difusão planetária de produtos culturais da indústria. Ainda segundo Warnier (2000), as sucessivas revoluções industriais permitiram que os países desenvolvidos se tornassem em máquinas para fabricar produtos culturais e meios de difusão de grande potência ou em massa. Assim, a própria cultura aparece como uma indústria, pois essa tem sido difundida pelos vários meios de comunicação, principalmente no mundo digital.

Trazendo essas lutas para o campo das práticas de leitura e escrita, percebemos que também para os letramentos existe a valoração. De acordo com os Novos Estudos do Letramento, o letramento também possui o seu caráter dialógico e ideológico, já que o letramento se constitui e é constituído em relações de poder. Podemos observar essa característica nos letramentos dominantes, principalmente os identificados na escola, pois possuem uma tendência de se sobrepôr a outros tipos de letramentos. Percebemos, de acordo com Street (2014), que as concepções dominantes de letramento podem marginalizar e inferiorizar outros tipos de letramentos que, em sua maioria, não são reconhecidos pela escola. Os letramentos praticados na escola, segundo o autor, são os dominantes, reproduzidos na sociedade e relacionados ao ensino, surgindo assim a noção da “pedagogização” do letramento, inclusive nas concepções de leitura e escrita. Em seu estudo intitulado *A escolarização do letramento*, Street (2014) aponta que existem outros tipos de letramento que são invisíveis, pois não são considerados “adequados”. Por conseguinte, não são reconhecidos como legítimos, sendo, em alguns momentos,

incorporados ou apropriados pelas convenções culturais, aos letramentos dominantes. Portanto, insere-se nesta pesquisa a ideia do letramento como prática social contextualizada, marcada, invariavelmente, pelas tensões entre modelos escolares e não escolares.

A metodologia utilizada nesta pesquisa de caráter qualitativo foi, inicialmente, a análise de alguns canais literários virtuais mais visualizados no *YouTube* para identificar as práticas de letramentos que envolvem o processo de constituição de uma comunidade leitora virtual. Essa análise também foi realizada para categorizar os recursos de construção dos vídeos produzidos nesses canais virtuais e a sua potencial comunidade de usuários. Em seguida, fizemos a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas para os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Presidente Itamar Franco, localizada na cidade de Santa Luzia, MG. Os questionários foram aplicados na expectativa de sinalizar quais são as práticas de leitura dos alunos e também para apreender quais alunos se identificavam como leitores e, ainda, quais alunos sabiam o que era um canal literário virtual e de que maneira interagiam com esses canais. Ao todo, 67 alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio se interessaram em participar da pesquisa. Todas as perguntas tiveram como inspiração as perguntas utilizadas na 4ª edição da pesquisa '*Retratos da Leitura no Brasil*', de 2016. Na sequência, foram escolhidas algumas perguntas do questionário para a elaboração de uma entrevista semiestruturada com alguns alunos participantes da pesquisa, no intuito de aprofundar um pouco mais nas respostas dadas por eles no questionário. Antes da entrevista com os alunos sobre as questões preparadas para a entrevista, foi apresentado o vídeo sobre o livro *Para todos os garotos que já amei*, do canal da Pam Gonçalves para iniciar a conversa com os alunos para perceber qual era a interação produzida com esse tipo de vídeo e a percepção dos alunos com esse tipo de vídeo. Utilizamos o vídeo, também, para analisar o comportamento dos alunos diante dos canais literários pesquisados. A escolha do vídeo teve como critérios a duração e o conteúdo exibido. Foram feitas cinco entrevistas semiestruturadas em grupo com número variado de alunos e três entrevistas individuais. Também, seguindo o caráter qualitativo da pesquisa, foram analisados alguns vídeos dos canais disponibilizados no *YouTube*. A aplicação dos questionários e as entrevistas ocorreram nas próprias dependências da escola e compreenderam o período de março a agosto de 2019.

Esta dissertação está organizada em 6 capítulos. O capítulo 1, intitulado “#conceitosprincipais: *Letramento e práticas contemporâneas de leitura*” trata do conceito de letramento e do uso dessa palavra no Brasil e dos tipos de letramentos que permeiam a pesquisa. Também, trata do conceito de leitura e das práticas de leitura, dos círculos de leitura na perspectiva de Cosson (2014-b), do conceito de comunidades virtuais, *YouTube*, *youtubers* e *booktubers*. O capítulo 2 tem como título “#campodepesquisa: *Decisões metodológicas*” e contextualiza a pesquisa, tendo como foco a metodologia utilizada e o campo de investigação. O capítulo 3, intitulado “#práticasmediaçãodeleitura: *Práticas, mediação e contemporaneidade*”, visa apresentar o conceito de práticas de leitura e mediação de leitura e quais dessas práticas e mediações de leitura são vivenciadas pelos alunos. Para tanto, esse capítulo analisa os canais literários selecionados nesta pesquisa: Canal TLT (*Tiny Little Things*), Canal Cabine Literária, Canal Ler antes de Morrer, Canal Nuvem Literária, Canal da Pam Gonçalves. Além disso, neste capítulo, encontram-se as análises de alguns vídeos desses canais. O capítulo 4 tem como título “#aproduçãodosvídeos: *Os vídeos literários como eventos de letramento*” e trata dos vídeos produzidos pelos canais literários virtuais. O capítulo 5, intitulado “#osadolescentesleem: *Práticas de leitura dos adolescentes*”, apresenta as práticas de leitura dos adolescentes, no que tange à análise dos questionários respondidos pelos sujeitos. O capítulo 6 traz como título “#ahoradaconversa: *Percepção da leitura dos estudantes*” e trata do segundo momento da metodologia usada por esta pesquisa: as entrevistas com os estudantes. Portanto, este capítulo contempla a organização das entrevistas e os discursos produzidos pelos alunos em relação às práticas de leitura.

Nas considerações finais, retomamos algumas questões principais que foram abordadas na pesquisa e problematizamos, por fim, como os letramentos são percebidos e valorizados no ambiente escolar.

Capítulo 1 - #conceitosprincipais: Letramento e práticas contemporâneas de leitura

1.1 O conceito de Letramento

No intuito de desenvolvermos as principais concepções que envolvem o objeto da pesquisa, iniciamos esse estudo trazendo os conceitos básicos que nos auxiliam no entendimento das novas práticas de leitura dos alunos. Tais delimitações teóricas cobrem anos de estudos, por isso, nesta pesquisa empírica, as delimitações feitas não esgotam nenhum dos conceitos apresentados. A primeira definição apresentada trata do letramento enquanto prática social.

De acordo com Soares (2003), a palavra *letramento* surgiu no Brasil no final do século XX. A palavra *analfabetismo* (condição daquele que é analfabeto) já era conhecida, mas o termo *letramento* surgiu diante de uma necessidade de apresentar em que condições as pessoas alfabetizadas faziam uso da leitura e da escrita. A autora nos mostra que à medida que o analfabetismo vai sendo superado, um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, concomitantemente a sociedade também passou a ser cada vez mais *grafocêntrica*. Mesmo sabendo ler e escrever, Magda Soares aponta que as pessoas não adquirem automaticamente a competência para usar a leitura, para envolver-se com práticas sociais de leitura e escrita. Dessa maneira, é preciso mais do que ensinar a ler e a escrever; é preciso inserir os indivíduos em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2003). Além disso, de acordo com a autora, o nível de letramento dos grupos sociais está relacionado às suas condições sociais, culturais e econômicas. Nesse sentido, o conceito de letramento envolve as práticas de uso dos textos e seus contextos históricos e sociais.

Em consonância com essa ideia, Papen (2016) indica que letramento, para o senso comum, é reduzido à noção da habilidade de ler e escrever. Em oposição a essa ideia, a autora destaca que o letramento é uma atividade cultural e social da qual as pessoas fazem parte, cujos significados e propósitos variam de acordo com o contexto de uso. Por isso, a prática de uso do letramento é localizada na interação entre os sujeitos e diz respeito às ações das pessoas, sendo estruturada e mais ou menos fixa (BARTON; HAMILTON, 1998; ORTHER, 1984 *apud* PAPAN, 2016). Nesse sentido, investigar e caracterizar letramento é

estudar como os textos são usados, isto é, o que as pessoas fazem com os textos e o que as atividades com eles significam, uma vez que, segundo Barton e Hamilton (2000), os textos se encaixam na vida das pessoas e não o contrário. Sendo assim, um texto tem um significado social, pois parte do contexto dos sujeitos. Letramento envolve, portanto, os valores, as atitudes, os sentimentos e as relações sociais previstos nos usos da linguagem escrita (STREET, 2012).

De acordo com os Novos Estudos do Letramento, o letramento também possui o seu caráter dialógico e ideológico, já que o letramento se constitui e é constituído por relações de poder. Podemos observar essa característica nos letramentos dominantes, principalmente os identificados na escola, pois possuem uma tendência a se sobreporem a outros tipos de letramentos. Diante disso, destacamos os estudos de Street (2014), uma vez que, segundo o autor, as concepções dominantes de letramentos marginalizam e inferiorizam outros tipos de letramentos que, em sua maioria, não são reconhecidos pela escola. Os letramentos praticados na escola, segundo o estudo feito, são os dominantes, reproduzidos na sociedade e relacionados ao ensino, surgindo assim a noção da “pedagogização” do letramento. Por pedagogização o autor se refere ao letramento que ficou associado às noções educacionais de ensino e aprendizagem e àquilo que professores e alunos fazem nas escolas, ou seja, processos institucionalizados. Esses processos associados à escola foram observados, pelo autor, em práticas domésticas de leitura e escrita. Desse modo, a pedagogia assumiu um caráter de força ideológica que controla as relações sociais em geral e as concepções de leitura e escrita, mesmo fora do ambiente escolar. Street (2014) aponta que existem outros tipos de letramento que são invisíveis, pois não são considerados “adequados” diante do letramento dominante em uma sociedade. Esses letramentos ilegítimos ou marginalizados tendem a ser incorporados ou apropriados pelas convenções culturais, aos letramentos dominantes.

Letramento é, portanto, uma atividade contextualizada, faz parte dos usos sociais do sujeito sendo, por isso, uma atividade situada, que varia de acordo com as práticas diversificadas de leitura e escrita. Nessa perspectiva, para o delineamento desta pesquisa, tomamos a ideia de letramento como uma prática social cujo significado varia de acordo com o seu contexto de uso, ou seja, o letramento não é único – no singular –, são vários, pois muda de acordo com o contexto de uso (STREET, 2012; PAPEN 2016).

Nessa direção, as práticas sociais modernas, permeadas pelas tecnologias digitais, também merecem destaque nesta pesquisa, pois, para Barton e Lee (2015), as tecnologias digitais têm mudado os domínios da vida das pessoas e, além disso, têm ocorrido mudanças nas relações de poder social, na estrutura econômica, na comunicação e nas virtualidades tecnológicas. Desse modo, cabe-nos trazer o conceito de um outro tipo de letramento – o letramento digital – para a contemporaneidade. Para os autores, o letramento digital é tomado como uma prática, ou seja, é o que as pessoas fazem com a tecnologia e como as pessoas mobilizam recursos para construir sentidos em suas atividades cotidianas. Sendo assim, a linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos: as mudanças contemporâneas são, antes de tudo, transformações na comunicação e na construção de sentido. E, ao mesmo tempo, a linguagem é afetada e transformada por essas mudanças.

Soares (2002), na mesma perspectiva das práticas sociais em meio digital, assinala que o espaço físico e visual da escrita relaciona-se ou condiciona o sistema de escrita, com os gêneros e usos, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto. No ambiente *online*, os *links* oferecem multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem pré-definida. Desse modo, a leitura e escrita digital configuram um outro tipo de letramento – o digital. Sendo esse um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita em outros suportes. A autora usa a palavra *letramentos*, no plural, para designar diferentes aspectos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo.

Desse modo, as diferentes tecnologias geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem usos das tecnologias modernas em suas práticas de leitura e de escrita, bem como sinalizam mudanças na formação do leitor e, conseqüentemente, nas suas práticas de letramento literário. Essas mudanças não têm uma relação apenas com os suportes da escrita, mas também com uma ordem social que cria posições e tarefas, por exemplo o *youtuber*, o *booktuber*, o *web designer* e tantas outras nomenclaturas que indicam lugares e práticas contemporâneos. Diante desses apontamentos sobre os letramentos, destacamos a seguir o conceito de letramento literário, tão essencial para esta pesquisa.

1.2 Letramento Literário

A literatura, para Antônio Cândido, são todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis da sociedade e em todos os tipos de cultura. Por isso, no processo de escolarização, a literatura é de grande importância, uma vez que, segundo Cândido (1995), em um trecho amplamente citado, a literatura tem um processo formador e é um direito da humanidade:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homens que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CÂNDIDO, 1995, p.242)

Ainda segundo Cândido (1995), o homem não pode viver sem mergulhar no universo da ficção. Assim, essa necessidade universal precisa ser satisfeita e essa satisfação constitui-se em um direito. Nesse sentido, entendemos que literatura é um direito e uma necessidade humana. Pensando, também, na educação como um direito, percebemos que a escola representa o lugar em que esses direitos e necessidades podem se materializar. A escola é um dos espaços para que a literatura seja apresentada e apreendida para além do que se define em uma disciplina escolar prevista em currículos, especialmente do Ensino Médio.

A literatura, segundo afirma Cândido (1995), tem seu caráter formador, uma vez que na literatura estão presentes valores que a sociedade confirma ou nega. Assim, a literatura propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Diante dessa importância, para o autor, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação. E, como os sujeitos envolvidos na educação, os alunos, estão em fase de formação, percebemos a importância da exposição de textos literários no ambiente escolar, tendo o professor como o mediador da leitura que busca, juntamente com os alunos, os sentidos do texto, relacionando-os aos seus contextos de produção e de circulação.

Anterior à busca de sentidos dos textos, vem a seleção de quais deles serão apresentados aos alunos, por isso, pensar em quais tipos de textos literários deveriam circular na escola, também se torna um desafio, pois a escola é um lugar de diversidades, de

juventudes que possuem suas vivências. Nesse mesmo sentido de multiplicidades, para Cosson (2014-c), a literatura deveria ser vista como um sistema, o qual é composto por outros sistemas, ou seja, uma diversidade de leituras para a formação de um leitor, o que possibilita a ampliação dos horizontes. O autor, para falar dos cânones e clássicos da literatura, expressa que uma obra atual é aquela que tem significado para o leitor em seu tempo, independentemente da época de escrita e publicação. Dessa maneira, é um desafio para o professor, às vezes, sozinho, selecionar textos para encantar e conquistar o aluno-leitor. Essas observações do autor apontam dificuldades na maneira de se apresentar a literatura nas escolas.

Ao analisar as aulas de Literatura no Ensino Médio, Cosson (2014-c) aponta que essas aulas se limitam, na maioria das vezes, ao ensino das escolas literárias em sua ordem cronológica, enfocando as dicotomias dos estilos literários. Nessa abordagem escolarizada, o contato com as obras se dá por meio da leitura de fragmentos de textos em detrimento da leitura de obras completas. Dessa maneira, para o autor, com esse formato da disciplina escolar, não há a formação de um leitor literário nas aulas de Literatura, pois os alunos não têm um contato com as obras de forma integral, não podendo, assim, construir sentidos, porque carecem de informações para perceber a razão de ser de cada fato, de cada pensamento, a progressão das ações das personagens, bem como a importância de cada personagem em um romance, por exemplo. Portanto, apenas com leitura feita em fragmentos de uma determinada obra, como tipicamente é encontrado nas disciplinas de Literatura com a referência singular do livro didático, o aluno não consegue construir raciocínios mais amplos e mais autônomos, pois o que lhe é dado, caso o professor já tenha lido a obra, é apenas a experiência do outro, a visão do outro acerca da obra analisada no livro didático, reificada por uma crítica literária homogênea que transforma o processo de leitura em conteúdos curriculares.

Cosson (2014-c) acrescenta que a literatura não está sendo ensinada para garantir a sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Ao contrário, as aulas que tradicionalmente se limitam ao ensino das escolas literárias e suas características, tendo assim uma experiência de leitura que é somente compartilhada pela experiência de leitura do professor, o que leva a uma falta, a uns e a outros, do prazer de ler. A literatura como repertório, que alimenta a todos com palavras, imagens e modos de viver e interpretar

o mundo e o vivido é a essência da literatura, e a partir do qual se entende o letramento literário. Nesse sentido, Paulino e Cosson (2009 *apud* Cosson, 2014-b) consideram que a literatura deve ser uma construção literária de sentidos. Essa construção de sentidos vem da interação com as palavras e com o mundo: sendo assim, a leitura literária é individual, mas é essencialmente uma prática social. Ao ler uma obra, o leitor pode se identificar ou não com o que é dito, reafirmando ou negando o que lê. Ler também implica em troca de sentidos não só entre escritor/leitor, mas também com a sociedade (COSSON, 2014-b). Nessa direção, de acordo com Rildo Cosson, o letramento literário é um processo de apropriação, em que a literatura se refere ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria. Essa apropriação se dá, por exemplo, quando lemos um romance e aprendemos com um personagem que há mais de um modo de percorrer os caminhos da vida. A concepção de leitura literária como interação é essencial na formação do indivíduo é uma das bases para o letramento literário, mas, muitas vezes, tais concepções são negligenciadas pela escola.

Soares (2011), ao fazer uma análise entre escolarização e leitura literária infantil, demonstra o que a escola pode fazer com a literatura sob duas perspectivas. Num primeiro momento, transformando-a em uma *literatura escolarizada*, para seus próprios fins, ou a escola também pode *literatizar a escolarização infantil*. Sendo assim, a literatura seria uma produção com objetivos da escola e para ser consumida exclusivamente na escola. De acordo com Magda Soares, geralmente, o termo *escolarização* é pejorativo e depreciativo, mas para ela não há como ter uma escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes; o surgimento da escola está ligado à constituição de “saberes escolares” (SOARES, 2011, p.20). Sendo assim, a invenção e a criação da escola exigiram o espaço de ensino e o tempo de aprendizagem que culminam em certos procedimentos que são próprios da escola: ordenação de tarefas e ações, seleção e exclusão de conteúdos, modos de ensinar e fazer aprender, ordem e sequência de conteúdos, procedimentos de avaliação, dentre outros. A todo esse processo, a autora chama de escolarização, que, para ela, é inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, porque seria, concomitantemente, negar a própria escola. Sendo assim, não há como evitar que a literatura que penetra o espaço escolar se escolarize e não se pode atribuir a esse processo uma conotação exclusivamente pejorativa.

Assim, o ensino de leitura literária nos espaços escolares toma a forma dos procedimentos que são próprios desse espaço e é preciso ter um cuidado ao julgar tais procedimentos. Mas, antes, segundo Soares (2011), o que se deve criticar são as práticas de ensino de literatura que são feitas de forma errônea, que falsificam, deturpam e distorcem esse ensino. Como alguns desses equívocos, a autora aponta a seleção limitada de gêneros textuais e de autores e autoras e a fragmentação inadequada de textos e o modo como são usados esses fragmentos. Portanto, para Magda Soares, a escolarização adequada da literatura seria

aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando e não aproximando o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele a resistência ou aversão ao livro e ao ler. (SOARES, 2011. p.47)

Na mesma perspectiva dos estudos sobre literatura, Perrone-Moisés (2016), em sua obra *Mutações da literatura no século XXI*, faz um breve mapeamento sobre o caminho que a literatura atual tem percorrido. A autora elabora uma explanação sobre o conceito de literatura do século XVIII até o século XX e aponta que os autores falam da literatura com um respeito, uma seriedade e uma preocupação que parecem arcaicos em nossa época de expansão editorial, textos eletrônicos e escritores midiáticos. Atualmente, vários escritores têm apontado a decadência da literatura como arte e instituição, sendo uma das causas o impacto das mutações tecnológicas que proporcionam, por meio da informatização, a produção e comercialização dos livros e privilegiam a leitura rápida em detrimento da leitura lenta e reflexiva, a quantidade em detrimento da qualidade. Porém, essa quantidade de produções suscita o questionamento da autora sobre a literatura como coisa do passado.

Quando se fala do fim da literatura é necessário localizar qual tipo de literatura a que se refere (PERRONE-MOISÉS, 2016). Para a autora, o fim declara-se à literatura de determinados textos, escritos numa linguagem particular; textos que interrogam e desvendam o homem e o mundo de maneira aprofundada, complexa, surpreendente. A literatura é considerada como uma das “séries” da cultura e que, assim como ela, está sujeita a mudanças. Desse modo, observamos que as mutações literárias se relacionam com as mutações culturais. Sob as transformações culturais que surgiram após a ascensão da

burguesia, a cultura tornou-se um bem comum; porém, a forma de apreciação da cultura aconteceu de maneira diferenciada entre a alta sociedade e a sociedade das massas. Enquanto uma atribui um valor estimado à arte, outra apenas a consome por meio da indústria cultural, geralmente, de forma acrítica. No século XXI, as transformações que sucederam foram ainda mais aprofundadas; a indústria de massa foi modificada com a tecnologia. Por conseguinte, aquilo que não era considerado uma obra de arte, como a cinematografia, por exemplo, alcançou o seu status. A Web, a internet e a televisão interativa abrem espaço para o individual e divergente, dando até mesmo direito à réplica. Ainda em seu estudo, a autora traz, em consonância ao pensamento de Hannah Arendt², que essa expansão da cultura foi aliada à indústria do entretenimento. Sendo assim, a literatura chega ao grande público por meio de eventos literários, como salões do livro, festas de premiação ou pelas adaptações cinematográficas, dando aos autores e obras o sentido de espetáculo. Ao concluir a importância da literatura na cultura contemporânea, Perrone-Moisés (2016) aponta que essa importância não pode ser definida fora de uma prática, conforme expressa o trecho:

Mas a maioria dos romancistas atuais não busca mais, como Joyce ou Guimarães Rosa, uma transformação inovadora da língua ou da técnica narrativa. De modo geral, o romancista contemporâneo continua usando técnicas narrativas tradicionais, apenas sutilmente renovadas com respeito aos diálogos e às descrições. A “beleza” também é um valor estético há muito desvalorizado. As belas fórmulas verbais são mesmo evitadas como kitsch, e isso ocorre até mesmo na poesia contemporânea. Os valores buscados numa narrativa ou num poema, atualmente, são a veracidade, a força expressiva e comunicativa [...] Entretanto, essa liberdade do escritor contemporâneo não iguala uma obra literária a uma obra de puro consumo ou entretenimento. Uma obra literária é um texto que faz pensar e sentir de modo mais profundo e duradouro e que, por isso, tem de ser lido mais vagarosamente, e mesmo relido.

Não é, pois, em nome de uma “alta cultura” idealizada num passado melhor e mais puro que se pode defender a “alta literatura”, mas em nome de uma *diferença* que continua existindo na multiplicidade de práticas artísticas de hoje, uma diferença de qualidade que se pode experimentar e demonstrar. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.36-7)

Dessa maneira, perceber a literatura como uma prática nos leva a associá-la aos seus usos sociais e aos sentidos que a ela são atribuídos em um determinado contexto histórico.

² Hannah Arendt, *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. Trad. de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Assim, em consonância a esse pensamento, é preciso fazer uma reflexão sobre as práticas de letramento que ocorrem dentro e fora do espaço escolar.

1.3 Letramento escolar e não escolar

De acordo com Soares (2014), o termo ‘letramento’ inicialmente se associou ao termo ‘alfabetização’ para designar uma aprendizagem inicial da língua escrita, mas, para além disso, o termo surgiu para indicar a sua vinculação às práticas sociais da língua escrita ou à cultura do escrito. Portanto, para Magda Soares, o letramento é uma outra faceta da aprendizagem da língua escrita. O letramento é

o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, 2014, p.181)

Desse modo, apreendemos que o letramento é uma prática social e varia conforme o seu contexto de uso, mas essas práticas não são aleatórias. Podemos observar essa característica nos letramentos dominantes, principalmente os identificados na escola, pois possuem uma tendência de se sobreporem a outros tipos de letramentos.

Street (2014) assinala que o pensamento das gerações anteriores de considerar o modelo autônomo de letramento é como se fosse algo simplesmente natural e de modo algum ideologicamente situado. Contrário a esse pensamento, segundo o autor, os modelos e pressupostos concorrem entre si sobre os processos de leitura e escrita, numa relação de poder. Assim, o modelo de letramento escolarizado vem dominando o currículo e a pedagogia, fazendo com que o modelo escolar de letramento seja considerado o dominante. Entretanto, podemos observar que existem vários tipos de letramentos, se considerarmos o letramento como uma prática situada, que varia de acordo com o contexto social e com as práticas diversificadas de leitura e escrita, historicamente constituídas.

O letramento escolarizado possui uma tendência de homogeneizar os processos, principalmente de leitura e escrita, como assinala Street (2014). Por outro lado, essa homogeneização gera um apagamento de determinadas práticas, pois vivemos em sociedade e as pessoas usam o letramento para diversas práticas: para comprar, vender,

tomar um ônibus, fazer cálculos etc. Essas atividades nem sempre seguem o modelo ensinado pela escola. As pessoas, muitas vezes, desenvolvem estratégias individuais ou coletivas para certas práticas.

Nessa perspectiva de que existem outras práticas além das escolares, sabemos que os alunos de nossas escolas não são tábulas rasas: quando chegam às instituições, eles possuem conhecimentos e experiências que adquiriram nos seus diversos espaços de convivência. A escola, será, para os alunos, um outro e novo espaço a ser vivido. O letramento escolar tem uma história ideológica específica, relacionada à construção com base no gênero de individualidades apropriadas a culturas políticas particulares (COOK-GUMPERZ, 1986 *apud* STREET 2014). Sendo assim, de acordo com Street (2014), na prática de sala de aula, o letramento a ser mostrado é o que se faz como prática social crítica, que leva em conta as perspectivas históricas e transculturais e auxilia os alunos a situar as suas práticas. Nesse sentido, para esta pesquisa, o letramento é entendido como uma prática social situada, não sendo, portanto, único (STREET, 2012; PAPEN 2016).

A partir da concepção de ‘letramentos’ no plural, de acordo com Rojo (2012), o Grupo de Nova Londres (New London Group) defendeu um termo ou conceito novo: multiletramentos. O termo “letramentos” indica a multiplicidade e variedades das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral. Já, o termo ‘multiletramentos’ aponta para multiplicidades específicas: multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos (ROJO, 2012). Diante desse novo conceito, entendemos que as diferentes culturas estão inseridas em diversas práticas sociais de letramento e que, com o advento da tecnologia, essas práticas envolvem as novas possibilidades de se ter acesso ao texto, bem como os novos recursos (semioses) que o envolvem. Nesse sentido é que Rojo (2012) declara a necessidade do termo ‘multiletramentos’, pois, nesse contexto de prática social que envolve a tecnologia,

...são necessárias novas ferramentas — além da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, impressa) — de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação (ROJO, 2012, p.21)

Desse modo, com o advento da tecnologia, novos enquadramentos sobre o letramento vêm surgindo e as práticas de leitura e escrita também vêm sendo revistas. Por isso, a escola não pode ficar presa a modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, pois,

de acordo com Faria (2004), é preciso uma mudança de paradigma por parte da escola e do professor quando se insere as tecnologias modernas no processo de ensino e aprendizagem na busca de uma maior interação com os alunos.

Rojo (2012) assinala, valendo-se de vários exemplos, que os nossos alunos já fazem usos das novas tecnologias. Portanto, para a autora, é preciso pensar em como as novas tecnologias da informação podem transformar nossos hábitos institucionais de ensinar e aprender. Sendo assim, essas novas concepções de letramento envolvem, principalmente, os processos de leitura e escrita, uma vez que são atividades que tradicionalmente pertenciam ao ambiente escolar, mas que, atualmente, envolvem práticas que estão para além dos muros da escola e não devem ser ignoradas por essa instituição.

Nesse sentido, observamos a importância de se falar do letramento digital dentro do espaço escolar, pois é uma prática que vem sendo vivenciada pelos alunos juntamente com processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Ribeiro e Coscarelli (2014), letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, aos usos de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis. Contudo, para as autoras, ser letrado digital não se limita ao uso ou ao manuseio, é saber se comunicar em diferentes situações e mídias, com propósitos variados, para fins pessoais ou profissionais. Quando se trata de pesquisa ou de textos nos ambientes digitais, as autoras apontam que é preciso saber encontrar esses textos e compreendê-los. Assim, as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais tendem a ser utilizadas frequentemente pelos alunos, pois esses representam uma geração que já nasceu junto com as novas tecnologias, mas, muitas vezes, o aluno não desenvolveu um viés crítico em relação às tecnologias da informação e sobre os vários produtos e serviços que são divulgados, o que inclui a necessidade de mediação e, portanto, ensino mais sistemático de leitura. Desse modo, o letramento digital é um outro tipo de ensino que também pode ser percebido pela escola, uma vez que a sociedade atribui, muitas vezes, à escola práticas que despertem a criticidade do aluno. Por isso, diante do advento da tecnologia e da concepção de multiletramentos, investigar as práticas de leitura literária dos alunos não pode se limitar às práticas de letramentos escolares.

Em sua obra *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*, Roxane Rojo faz uma explanação sobre o índice de leitura dos brasileiros de acordo com a pesquisa feita por

Abreu (2003)³. Os dados mostram que os entrevistados leem, mas não leem o que a cultura valorizada e a escola espera que leiam. De acordo com a pesquisa feita por Abreu, o gosto pela leitura foi influenciado pelos professores, em primeiro lugar, mãe e pai, em segundo e terceiro lugar, respectivamente. Além do agente social que influencia a leitura, a pesquisa indicou que uma das maiores motivações para leitura é a distração. Galvão (2003 *apud* Rojo, 2009) revela que, com a cultura do impresso, muitos brasileiros possuem livros em casa, dentre eles, dicionários, bíblias e livros religiosos, livros didáticos, livros infantis e enciclopédias. Quanto à posse dos livros literários, as classes mais abastadas (A e B) concentram esses materiais.

Apesar dos grandes avanços quanto ao acesso a impressos e diminuição nas taxas de analfabetismo no país, a autora mostra que através dos dados obtidos com as avaliações externas (SAEB, SARESP, Prova Brasil, ENEM, PISA) os resultados não são animadores; somente 26% dos alunos conseguem ler com compreensão textos complexos, (ABREU, 2003 *apud* ROJO, 2009). Diante desses resultados, percebemos uma tensão entre escola e sociedade; os alunos passam, em média, de 12 a 13 anos na Educação Básica considerando que, com as mudanças ocorridas na LDB (Lei nº 12.796, de 2013), as crianças entram na escola aos 4 anos de idade. Todavia, mesmo com a ampliação da idade escolar, os resultados continuam insatisfatórios. Assim, há uma indagação sobre o tipo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita que é ensinado na escola e o que é requerido desses alunos no mundo fora da escola. Os resultados demonstram que os alunos passam muitos anos na escola, mas, quando são avaliados no quesito ‘leitura e compreensão’, não respondem conforme o esperado, por exemplo, pelo Sistema de Avaliações: de acordo com a Matriz de Referência⁴ de Língua Portuguesa indicado pela SEE/MG que avalia os alunos quanto ao procedimento de leitura. Os descritores para a avaliação dizem respeito à compreensão de frase ou texto, identificação de um tema ou texto, localização de informações, inferência, relacionar texto e imagem, reconhecer efeito de sentido, dentre outros.

³ ABREU, M. Os números da cultura. In: RIBEIRO, V.M. (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo. Global, 2003. p.33-46

⁴ Matriz de Referência apresenta o objeto de uma avaliação e é formada por um conjunto de descritores que mostram as habilidades que são esperadas dos alunos em diferentes etapas de escolarização e passíveis de serem aferidas em testes padronizados de desempenho. Disponível em <<http://www.portalavaliacao.caeduff.net/pagina-exemplo/matriz-de-referencia/>> Acesso em 24 de dezembro de 2019.

Rojo (2009) aponta que a escola mudou muito nos últimos cinquenta anos, principalmente a partir da década de 1990, em que houve a universalização da Educação Básica – Ensino Fundamental – e hoje busca-se também a ampliação e universalização do Ensino Médio e da Educação Infantil. Todo esse avanço ocasionou, também, a entrada das classes populares nas instituições escolares, significando, assim, a entrada da cultura popular para dentro da escola. Nesse sentido, temos a partir de então, os impactos nos letramentos escolares, pois, como mencionado anteriormente, os letramentos dominantes escolares tendem a ignorar os outros tipos de letramentos (STREET, 2014). Logo, entrada da cultura popular na escola não significa uma convivência harmônica entre os letramentos. Dado isso, Hamilton (2000) aponta que muitos letramentos influentes e valorizados na vida cotidiana das pessoas são também ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais. Sendo assim, na escola convivem vários tipos de letramentos trazidos pelo próprio público que a frequenta, mas esse convívio, não sendo harmônico, pode gerar uma série de conflitos que, por vezes, são ignorados pela escola.

Para além desse não reconhecimento das diversas culturas e práticas, é um desafio para as escolas trabalhar o ensino de leitura e escrita no mundo contemporâneo. Por isso é que, para Rojo (2012), é preciso que a educação linguística, hoje, leve em conta os multiletramentos, sem ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais. A autora diferencia ‘multiletramentos’ de ‘letramentos múltiplos’, pois este se refere à multiplicidade e variedade das práticas letradas valorizadas. Os multiletramentos apontam para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes na sociedade contemporânea: a cultural e a semiótica. Nesse sentido, é necessário que se considere, também, os letramentos multissemióticos, exigidos pelos textos contemporâneos que envolvem as diversas linguagens, bem como a escola precisa se apropriar dos letramentos críticos e protagonistas, requeridos para o trato dos discursos.

Dessa maneira, de acordo com Rojo (2009), as exigências do mundo contemporâneo irão influenciar diretamente nas práticas e nos textos que circulam e são abordados na esfera escolar, pois somente as práticas de leitura e escrita escolares e os gêneros escolarizados não são suficientes para atender as demandas da contemporaneidade que requer o reconhecimento de outros tipos de letramentos, para além dos escolarizados, principalmente, diante do avanço da tecnologia que nos apresenta diversas possibilidades e

uma enorme gama de gêneros de textos. Possivelmente, esses gêneros são reconhecidos pelos alunos da escola, uma vez não podemos nos esquecer de que a internet tende a fazer parte do universo infanto-juvenil, especialmente para determinadas classes sociais.

Castanheira (2014) destaca que o letramento escolar se refere aos usos, às práticas e aos significados da língua escrita no contexto escolar. Ler e escrever na escola são processos que se diferenciam de ler e escrever fora da escola. Sendo assim, para a autora, as práticas de leitura e escrita que acontecem dentro do espaço escolar possuem sentidos e finalidades gerados pela própria instituição diante do que ela concebe como ensino e aprendizagem. Fora da escola, ler e escrever possuem diversas motivações que vão além daquelas determinadas pela escola: as pessoas leem pelo prazer de ler ou até mesmo por causa de um tema determinado. Dada essa definição de letramentos pela autora, observamos que as práticas sociais são tão diversificadas quanto os sujeitos que as (re)significam, cujos espaços ou instituições contextualizam e enquadram essas práticas.

Assim, as condições de escrita e leitura são realizadas dentro e fora da escola de acordo com as delimitações da situação comunicativa. Portanto, as práticas de leitura variam de acordo com os próprios usos dos textos, diferenciando, assim, as práticas que acontecem dentro e fora do contexto escolar. Nesse sentido, não podemos estimar mais ou menos uma ou outra prática, mas sim compreender seus usos e as situações nas quais estão situadas. E, ainda, não podemos subordinar os textos à lógica de uso da escola, pois tenderemos a legitimar certas práticas e desvalorizar outras (CASTANHEIRA, 2014). Sendo assim, ao analisarmos as práticas de leitura, precisamos situá-las, compreendendo os processos nos quais essas práticas estão inseridas. A partir de então, seremos capazes de identificar as práticas que fazem parte do letramento em análise. Além disso, como prática social, não podemos nos esquivar da concepção ideológica do letramento, a qual faz com que um determinado tipo de letramento se sobreponha a outros, do ponto de vista da sua valorização social. Após a breve abordagem sobre letramento, o tópico a seguir trata das concepções teóricas de leitura que, também, influenciam na percepção das práticas de leitura.

1.4 Leitura: perspectivas teóricas

Na introdução desta pesquisa, afirmamos que o processo de ensino de leitura na escola nos últimos anos tem sido motivo de reflexão nas faculdades de educação, nos cursos de licenciatura e na comunidade escolar. Sendo assim, é de fundamental importância refletirmos sobre o conceito de leitura.

Partindo da concepção de leitura de Rojo (2004), a leitura envolve diversos procedimentos e capacidades, dependendo das suas finalidades. A autora denomina ‘procedimentos de leitura’ como um conjunto de fazeres e rituais que envolvem as práticas de leitura, que vão desde o ato de ler da esquerda para a direita a usar uma caneta marca-texto. Rojo (2004) trata das capacidades de leitura, como as capacidades (cognitivas, linguístico-discursivas) de leitura:

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, práxicas, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas).

Podemos chamar de procedimentos um conjunto mais amplo de fazeres e de rituais que envolvem as práticas de leitura, que vão desde ler da esquerda para a direita e de cima para baixo no Ocidente; folhear o livro da direita para a esquerda e de maneira sequencial e não salteada; escanear as manchetes de jornal para encontrar a editoria e os textos de interesse; usar caneta marca-texto para iluminar informações relevantes numa leitura de estudo ou de trabalho, por exemplo. Embora estes procedimentos requeiram capacidades (perceptuais, práxicas, etc.) não constituem diretamente o que é normalmente denominado, nas teorias, capacidades (cognitivas, linguístico-discursivas) de leitura. (ROJO, 2004, p.2)

Desse modo, são as capacidades de leitura que influenciam na sua finalidade e, para Rojo (2004), os modos de leitura são alterados. No início da segunda metade do século XX, por exemplo, a leitura era vista como um processo de decodificação, posteriormente, passou a ser tratada como um ato que envolve a cognição, ou seja, um ato de compreensão. Depois, a leitura foi vista como um ato de interação que envolve o autor e o leitor numa busca de significados e sentidos do texto. Atualmente, a leitura é reconhecida como prática discursiva, que envolve discursos anteriores, interiores e posteriores ao texto. O texto visto como uma prática discursiva permite a formação de uma réplica, gerando novos discursos/textos (ROJO, 2004). E, é essa visão de texto como discurso que fomenta as ideias desenvolvidas neste estudo.

Para tanto, é importante apresentar a ideia de Bakhtin (1992, *apud* Fiorin, 2006, p.319) sobre o discurso. Segundo Bakhtin, todo discurso dialoga com outros discursos – toda palavra é cercada por outras palavras. Nesse sentido, é preciso que o leitor perceba os discursos que permeiam um texto; discursos esses que são carregados de ideologias. Pensando em uma atitude ideal, o leitor não pode se posicionar de forma ingênua diante do texto: é preciso ter mais que uma curiosidade ingênua como cita Paulo Freire ao falar sobre a relação entre professor, aluno e ensino. De acordo com Freire (1996), no processo de ensino de leitura, é necessário ir além do que está explícito no texto, pois o ensino de leitura valorizado no mundo moderno é aquele que preconiza o despertar crítico sobre o que é lido.

Também Kleiman (1989), em sua obra *Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*, defende que, para haver uma compreensão do texto, é necessária a utilização do conhecimento prévio, ou seja, o conhecimento adquirido ao longo da vida e é mediante a interação de diversos níveis do conhecimento (conhecimento prévio, linguístico, textual, de mundo) que o leitor constrói os sentidos do texto. Portanto, para a autora, a leitura é considerada um processo interativo. A especificidade de cada um desses níveis do conhecimento é importante; no entanto, não são objetos de estudo desta pesquisa. A citação desses autores apenas antecipa que o processo de leitura envolve vários conhecimentos que interagem entre si na constituição dos sentidos. Ademais, a interação também se dá entre autor e leitor. Kleiman (1989) aponta que a atividade de leitura é uma interação a distância entre leitor e autor, via texto. O leitor não apenas recebe o texto; ele o constrói através de pistas, formula e reformula hipóteses, aceita e rejeita conclusões. Dessa maneira, a leitura tem seu caráter interativo entre autor/leitor/texto: o autor, momentaneamente, detém a palavra; o leitor precisa acreditar que o autor tem algo a dizer; no texto, encontram-se as pistas que direcionam o projeto retórico. Embora essa seja a concepção de leitura mais reconhecida pelas pesquisas atuais, o modo interacional e dialógico de ler não é facilmente aprendido, mesmo em práticas de leitura escolares.

Michael Young, em seu artigo “*Para que servem as escolas?*”, percebe que a escola tem como papel essencial formar cidadãos críticos para a sociedade; é nela que o aluno irá compartilhar conhecimento; ter outras vivências, aprendendo a respeitar o outro. Assim sendo, a escola é o lugar de adquirir esse tipo de conhecimento; é o local de compartilhar um conhecimento poderoso, ou seja, crítico, que vai além do conhecimento científico.

Portanto, é na escola que o aluno precisa, também, ter a oportunidade de conceber a leitura como um ato interacional e dialógico. Freire (1996) aponta que a prática docente tem uma dimensão social na formação humana, por isso percebemos que a escola é um *lócus* de conhecimento que vai além do senso comum. A consciência diante dessa responsabilidade da escola leva a maioria dos professores a se preocuparem com a prática de leitura dos alunos.

Segundo Failla (2016), o desafio hoje é conseguir despertar para leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital, uma vez que ler é uma prática que exige ficar só, pede concentração e não oferece estímulo multimídia e ainda pede o domínio da competência leitora. Ainda assim, a leitura é demasiadamente importante, pois, de acordo com a autora, a leitura transforma, informa, emociona e humaniza, sendo necessário, portanto, mesmo em meio a esses desafios atuais, buscar caminhos mais efetivos na promoção dessa leitura libertadora. A pesquisa feita pelo IPL (Instituto Pró-Livro), *Retratos da Leitura no Brasil 4*, nos mostra dados importantes sobre os leitores e a prática de leitura que corroboram para esta pesquisa, e que desmitificam a ideia quase consensual entre muitos profissionais da educação e da sociedade de que os jovens de hoje não leem.

De acordo com a pesquisa, de 2007 a 2015, aumentou a opção pelas respostas positivas relacionadas à leitura, mesmo entre os menos escolarizados e com piores situações econômicas. Essa pesquisa também revela a importância da mediação da leitura quando ela envolve o afeto. Segundo os dados, a mediação feita pelo professor, pela família, por um voluntário ou outra pessoa é poderosa, sendo, portanto, importante no processo de ensino e aprendizagem de leitura.

Mesmo diante desse aumento em relação à leitura, retomamos a pesquisa feita por Abreu (2003 *apud* ROJO, 2009): nas últimas décadas, a escolaridade mínima dos brasileiros aumentou, mas a habilidade de leitura e compreensão leitora não, pois os resultados da competência leitora dos alunos no Brasil revelam que a população brasileira não compreende o que lê, haja vista as avaliações sistêmicas que mostram o baixo índice de compreensão e interpretação de textos mais complexos dos estudantes brasileiros da Educação Básica. Nessa direção, as práticas de leitura dos alunos que já concluíram a educação básica também surpreendem. Os dados da pesquisa feita pelo IPL revelam que

aqueles que têm nível superior leem menos em relação a pessoas do mesmo nível escolar de países latino-americanos. Apesar disso, a pesquisa feita pelo IPL indica que a população leitora aumentou e o livro mais lido continua sendo a bíblia e livros religiosos, principalmente entre a população adulta, o que colaborou para o aumento do percentual, seguidos pelo gênero romance. Ainda de acordo com a pesquisa, o perfil dos leitores pode ser definido como em sua maioria mulheres, moradores de capitais e municípios com maior número de habitantes e moradores da região Sudeste. Esses são estudantes, possuem nível superior, pertencem à classe A e com faixa etária entre 11 a 13 anos. Quanto à negação da prática leitora, muitos afirmaram que não leem mais por falta de tempo do que pelo não gosto pela leitura. Concorrem, também, com a prática da leitura do livro a internet, as redes sociais e o *WhatsApp*. Por outro lado, o acesso ao mundo digital favoreceu a busca por *blogs*, fóruns ou redes sociais sobre livros e literatura e a participação de entrevistados na construção de *Fanfic* (histórias coletivas). Para nosso estudo, esses dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4* revelam a presença de práticas de letramentos não escolares nas práticas de leitura dos adolescentes. Muitos dos que responderam a entrevista para a pesquisa do IPL afirmaram nunca ter comprado um livro, não pelo preço, mas pela falta de interesse na leitura. Além disso, a pesquisa indica que quanto maior a escolaridade e a classe social, maiores são as chances de se comprar livros.

A pesquisa do IPL aponta que o nível de leitores no Brasil aumentou juntamente com o aumento do nível de escolarização, mas a competência leitora não acompanhou esse aumento, uma vez que existem inúmeros dados e pesquisas que criticam o mau desempenho de nossos estudantes nas avaliações externas e internas à escola como os de Abreu (2003 *apud* ROJO, 2009). É sabido que quanto maior a capacidade leitora do indivíduo, maior é, também, o seu desempenho na compreensão e interpretação de enunciados. Para além disso, segundo Buarque (2016), a leitura não é só para ensinar, é também pelo prazer que obtém de ler bons livros, sobre temas que despertam nosso deslumbre. Essa compreensão de leitura muitas vezes não é percebida nas escolas, pois ao tratar dos multiletramentos, Rojo (2009) diz que as instituições de ensino frequentemente não dialogam com o universo de leitura dos jovens, apresentando-lhes obras que não fazem, às vezes, parte da sua cultura, não despertando, assim, o prazer pela leitura nos jovens, mas provocando, sim, o seu desinteresse. Nessa perspectiva de mediação de leitura, retomamos

a concepção de leitura literária de Cosson (2014-c), entendida como sistema que visa formar o aluno leitor de vários tipos de obras, cabendo à escola mostrar aos estudantes a sua importância e o seu valor, do ponto de vista histórico e estético.

Por conseguinte, a partir da pesquisa feita pelo IPL, percebemos que a mediação é algo importante na vida dos leitores, ainda assim, de acordo com Cosson (2014-c), a literatura não está sendo ensinada nas escolas para garantir a sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Ao contrário, são construídas aulas que se limitam ao ensino das escolas literárias e suas características, tendo assim uma experiência de leitura que é somente compartilhada pela experiência de leitura do professor, o que leva a uma falta, a uns e a outros, do prazer de ler. A escola, nessa direção pedagógica, não tem cumprido o papel importante de mediação no ensino de leitura literária. Porém, Rildo Cosson, como membro de uma banca de doutorado na Fae/ UFMG em janeiro de 2019, disse que “nenhum lugar fica vazio; se a escola não está formando o leitor como deve fazê-lo, alguém irá fazer a seu modo, por isso é que as mídias sociais estão aí”. A pesquisa do “retrato” da leitura no Brasil nos aponta que o uso de *blogs*, redes sociais e outras formas de compartilhamento de informações sobre livros e autores e a construção de histórias ou narrativas coletivas são as novidades mais instigantes do momento e carecem mais de investigação.

Nesse sentido, esse é o interesse da nossa pesquisa: investigar esse processo de mediação e compartilhamento de leituras que têm sido feitos nas mídias sociais e a possível contribuição desse processo para a formação de leitores. Nesta investigação, considera-se que o letramento literário escolar não é o único, pois o letramento é uma prática social contextualizada que faz parte da cultura. E, como parte cultural, o letramento não pode ser visto de forma singular e homogênea. Segundo Street (1993), não podemos falar de uma única cultura e sim de culturas. Com essa premissa básica dos Novos Estudos do Letramento, não podemos falar de letramento no singular e sim de letramentos que se inter-relacionam na sociedade.

Diante dessa concepção de que há vários tipos de letramento, é preciso expandir o escopo das práticas de leitura para além do universo escolar. Segundo Neto (2016), 81% dos leitores são usuários da internet, sendo que esses leitores incorporam mais a internet e o acesso virtual do que os que não leem. Para o autor, estão errados os que afirmam haver

incompatibilidade entre os suportes tradicionais e inovadores de leitura. O incentivo à leitura também é feito pelos meios virtuais, seja para a leitura de obras disponíveis nas plataformas digitais, seja para compartilhamento de leitura feita nas redes sociais ou plataformas, como a que é verificada nos canais literários virtuais por meio dos *booktubers*. Não se desconsidera, porém, as iniciativas governamentais conhecidas por muitos para o incentivo e promoção da leitura como o PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), o PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) e o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) mas, não é foco desta pesquisa a descrição e a análise dos resultados de tais programas.

Como citamos na introdução desta pesquisa, muitos alunos se mostram contrários ao tipo de leitura oferecido pela escola, principalmente em relação aos clássicos ou cânones da Literatura Brasileira que, para eles, apresentam uma linguagem difícil e cujas tramas estão situadas em uma outra época da nossa história. Essa resistência implica, muitas vezes, na negação do aluno leitor, segundo uma concepção do professor. Entretanto, é importante destacar as palavras de Ceccantini (2016), quanto aos jovens leitores do Brasil: jovens que têm de 11 a 13 se declararam leitores e 75% dos entrevistados que têm de 14 a 17 anos também informaram que são leitores. Esses dados revelam que o percentual de jovens leitores é bastante superior ao da média do leitor brasileiro em geral. Desses entrevistados, uma parte significativa afirma ler por “gosto” e não por motivos pragmáticos ou por necessidade escolar. Sendo assim, há um movimento de “desescolarização” da leitura, segundo o autor, uma vez que a escolha do livro é feita por muitas razões e não somente pelo impulso da escola, mas, também, pelo título, pela capa, por indicação de outras pessoas, pelo tema:

Enquanto o número de títulos publicados de literatura adulta teve, em sete anos, um crescimento de cerca de 17,7% e o de literatura infantil um crescimento de cerca de 123,4%, no caso da literatura juvenil o crescimento foi bem mais acentuado: 167,5%. Esse “subgênero” literário, com destinação aos jovens, mostra-se extremamente vigoroso, assegurando uma diversidade de obras bastante relevante para a escolha pelos jovens leitores. Denota a força desse segmento específico no mercado editorial, aspecto que é reiterado também pelo considerável número de exemplares produzido nesse nicho. De 2007 a 2014, o número de exemplares de livros juvenis produzidos no país cresceu cerca de 135,61%. (CECCANTINI, 2016, p. 88)

Desse modo, percebemos que a produção de livros que atraem o público juvenil tem crescido significativamente em função da existência de um público leitor. Ceccantini (2016) demonstra que pensar as práticas de leitura do jovem é fazê-lo em conjunto a outras práticas culturais em que o jovem contemporâneo está mergulhado, principalmente no que se refere às tecnologias modernas que têm revitalizado essas práticas. À vista disso, o compartilhamento de leitura é comum entre os jovens, uma vez que estão quase sempre ligados e interligados ao mundo digital, sendo que são esses mesmos jovens que associam a leitura às práticas do mundo digital e à internet. Portanto, a leitura do jovem é em parte isolada e em parte compartilhada. De acordo com Ceccantini (2016), dificilmente um jovem lê um livro de forma isolada: ler um livro e restringir-se a ele ou ler um livro na solidão e apenas para si.

Dessa maneira, os livros mais lidos pelos jovens hoje são os que estão associados a fenômenos culturais: adaptações e recriações como filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites de espetáculos multimídia, aplicativos etc. Acrescentamos, aqui, um dos grandes sucessos da cinematografia atual que são as séries, divulgadas por uma das maiores redes de canal paga que é a Netflix (uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*).

Assim, associamos esse fenômeno do compartilhamento de leituras entre os jovens ao que diz Rojo (2012) quanto aos multiletramentos, pois esse movimento do livro para o “mundo das telas” e para o mundo virtual revela as multimodalidades da linguagem na qual o jovem está inserido, as várias linguagens que envolvem as práticas de leitura dos jovens, sempre no plural. Outro fator relevante, de acordo com Ceccantini (2016), é que as obras mais lidas por esses jovens são traduções de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidas pelo mercado global.

Assim, também, parece ser “globalizada” a forma de se ler uma obra pelos jovens:

[...]A leitura de um determinado livro passa a atender a certa necessidade de pertencimento a um grupo de identidade afim, de integração a uma mesma “tribo” que tem gosto e atitudes semelhantes, que consome um mesmo tipo de gênero ou subgênero literário, que se entrega a certa tendência musical, em que a escolha da roupa e o tratamento dado ao corpo se equiparam[...]Para chegar a essa “socialização” da leitura, os recursos buscados pelos jovens são muitos e as redes sociais também desempenham papel fundamental: assim, são produzidos *fanzines*, *blogs*, *vlogs*, sites, eventos de *cosplay*, os jovens frequentam lançamentos de livros de seus autores prediletos e noites de autógrafos, vão a

bienais do livro, assistem a entrevistas [...]Não ter lido ou não estar lendo uma obra em evidência pode significar estar “por fora” e perder prestígio no grupo. É dentro dessa lógica da socialização das leituras realizadas que germinaram, por exemplo, os *booktubers*, jovens que, em *vlogs* bastante populares, dão dicas para outros jovens sobre livros, lançamentos editoriais, títulos associados a determinados gêneros literários, etc., criando tendências e fazendo escola. (CECCANTINI, 2016, p. 90)

Nesse sentido, o autor afirma que parece existir um abismo entre o modo como a escola brasileira trata a leitura e a necessidade premente de se atualizarem quanto à formação de leitores, especialmente quando se constata que muitas escolas tendem a se prender exclusivamente aos títulos nacionais e obras clássicas da literatura, distanciando-se das preferências dos jovens. O “retrato” da leitura no Brasil revela que a mediação da leitura é importante para o processo de ensino e aprendizagem de leitura; contudo, entre os jovens, o (a) professor (a) não é marcadamente o grande influenciador de leitura. Ceccantini (2016) aponta a existência de vários trabalhos que tratam do descompasso entre as práticas de leitura dos jovens e as estratégias utilizadas na escola, mas, sobretudo, para a necessidade da formação de professores, bibliotecários, animadores culturais etc., bem como o investimento no currículo das disciplinas de Licenciaturas em Letras no incentivo à literatura e ao letramento literário, ao ensino de leitura e à formação de leitores.

Sendo assim, há uma necessidade de diálogo entre o ensino de leitura nas escolas e as preferências juvenis. Isso não é uma indicação de que as escolas, ao formar o leitor, vá se valer apenas dos títulos mais populares entre os jovens ou que vá “ensinar” apenas a apreciação pelos clássicos da Literatura Brasileira, pois, como citamos anteriormente, para Cosson (2014-c), a literatura é um sistema composto por vários outros sistemas que possibilita a ampliação dos horizontes. Para que esses sistemas sejam percebidos pelos alunos é importante um diálogo intencional entre o universo escolar e as culturas dos jovens. Esse diálogo pode se dar a partir da concepção de letramento como prática social que, como uma prática situada, está inserida dentro de um contexto de uso que são vários e não apenas um dominante.

Nesse sentido, para Castanheira (2014), o distanciamento entre escola e vivências dos alunos dificulta a aprendizagem, pois, muitas vezes, o repertório cultural do aluno não é o esperado pela escola, levando à discriminação dos alunos e dos grupos sociais a que pertencem. Esse não reconhecimento dessas práticas culturais inibe reflexões que poderiam

ser propostas pela própria escola. Por isso, nosso estudo objetiva investigar como as leituras se relacionam a partir da noção de prática social do letramento. Pois, para Cosson (2014-d), na perspectiva pedagógica, o letramento literário possui quatro características fundamentais: a) contato direto do leitor com a obra; b) construção de uma comunidade de leitores; c) ampliação de repertório e d) atividades sistematizadas e contínuas para desenvolvimento da competência literária. Nesse sentido, compreendendo que o letramento não é único e que existem letramentos enquanto prática social, o tópico a seguir trata das práticas sociais de leitura que acontecem dentro e fora da escola.

1.5. As práticas de leitura percebidas dentro e fora da escola

1.5.1 Os Círculos de Leitura

Considerando que a literatura pode ocupar um importante espaço no processo de ensino de leitura, Cosson (2014-b) propõe várias maneiras em que a prática de leitura seja mais dinâmica e interativa. Dentre elas, o autor enfatiza os círculos de leitura:

[...] são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos. (COSSON, 2014-b. p.154).

Um dos formatos dos círculos de leitura é o clube de leitura ou clube do livro, no qual os participantes compartilham as perspectivas de leitura de uma obra, tendo, portanto, um caráter de interação social. Nessa perspectiva do compartilhamento da leitura para o desenvolvimento da interação social, Maria (2009) aponta que a leitura aproxima as pessoas, conclamando-as ao diálogo, oferecendo provisões, palavras e mais palavras, instigações, sentidos novos e cambiantes, promovendo interação. Para a autora, um leitor se agrada de falar de um livro que acabou de ler e, ainda, pode impulsionar outras a lerem o mesmo livro. Sendo assim, o gosto por compartilhar a leitura é o que motiva a formação dos clubes.

Nesses espaços, os participantes têm a oportunidade de trocar informações acerca de uma leitura, falar sobre o que entenderam ou não da obra lida. É nessa perspectiva de

troca que os participantes podem ter a oportunidade de atribuir sentidos ao texto lido, já que a construção de sentido de uma obra se dá entre escritor, leitor e apropriação do texto. A atribuição de sentidos pode ser potencializada na interação com o outro, na troca de experiências de leitura e na negociação desses sentidos.

Os clubes de leitura ou clubes do livro podem facilitar essa interação com o outro, pois a proposta dos clubes é a de que os participantes compartilhem a experiência de leitura, a impressão que tiveram da obra e a sua representação da obra. Desse modo, um clube do livro pode ser um local onde o participante, em grupo, estabelece de modo mais interativo os sentidos de uma obra. Pois, a experiência, de acordo com Bondía (2002), é única, mas também, o ser humano deve ‘permitir-se’. Permitir ouvir o outro e a sua experiência, pois essa experiência do outro pode modificar a visão de mundo inicialmente projetada. É por isso que, para Maria (2009), é imprescindível que numa sala de aula e em um clube de leitura seja dado a cada aluno participante o direito à fala.

Os clubes de leitura ou clubes do livro caracterizam-se, assim, pela interação entre os participantes que se reúnem para compartilhar uma experiência de leitura. Essa interação entre os participantes em torno do objeto livro constitui-se, por sua vez, em um evento de letramento (Heath, 1982 *apud* Papen, 2016), pois são ocasiões em que a escrita é integral à natureza das interações. Definimos os clubes de leitura ou clubes do livro como eventos de letramento, segundo Street e Castanheira (2014), pois estes ocorrem em diferentes espaços sociais e assumem diferentes formas e têm funções variadas como práticas sociais de leitura.

Como marco histórico, de acordo com Passos (2017), os clubes de leitura surgiram no século XVIII, com um caráter religioso e intelectual: quando grupos puritanos se reuniam para estudar a bíblia, e aristocratas e burgueses franceses se encontravam em palacetes para ler livros e discutir novidades intelectuais. Para Cosson (2014-b), um dos maiores exemplos desses clubes é o clube de leitura feminino, em que as mulheres se reuniam para discutir obras literárias. Os clubes do livro possuem a mesma proposta dos clubes de leitura, que é compartilhar as experiências de leitura, fazer apreciações de obras literárias e até mesmo indicações. Sendo assim, entendemos que clube do livro e clube de leitura, no que tange à sua proposta, se assemelham e, em muitas análises, são tidos como sinônimos.

Esse formato de compartilhar a leitura também é um fenômeno contemporâneo que está presente em várias regiões, como em Belo Horizonte, MG. Um dos clubes existentes nessa cidade, como já citamos, foi-me apresentado por uma aluna do 3º ano do Ensino Médio de minha escola, e, para minha maior surpresa, o clube não era nenhum projeto escolar, já que, muitas vezes, a sociedade em geral associa a escola como a maior e principal mediadora de leitura literária. Os integrantes desse clube se reuniam em vários lugares para falarem sobre livros, inclusive em shoppings da cidade. Como desconhecia o fato, fui fazer uma pequena busca em sites para saber um pouco mais. Deparei-me com a existência de vários clubes de leitura ou clube do livro pelo Brasil e também pelo mundo. Mas, além dos clubes presenciais de leitura ou do livro, há também os clubes de leitura virtuais, apresentados por *youtubers*, chamados de *booktubers*. A interação entre os membros desses clubes ocorre de modo virtual, conseguindo o mesmo objetivo: compartilhar a experiência de leitura.

Para Cosson (2014-b), o compartilhamento e a interação social dos clubes de leitura podem ir muito além do espaço físico comum, pois a internet é um espaço fértil de criação de clubes de leitura. Desse modo, os clubes de leitura se utilizam de ferramentas tecnológicas e permitem, por sua vez, a interação dos seus participantes de forma semelhante aos clubes presenciais de leitura, pois neles os participantes, mesmo que virtualmente, fazem as suas apreciações sobre as obras e dialogam com os demais participantes sobre os textos lidos, principalmente pela ferramenta “comentários” introduzida pela Web 2.0.

Os clubes podem ser formados pela iniciativa de qualquer pessoa que goste de ler, mas, também, são incentivados por editoras, principalmente os clubes virtuais que possuem um maior alcance e um maior poder de influenciar uma ação comercial. As editoras enviam suas próprias obras para serem apreciadas pelos participantes e concomitantemente serem apresentadas aos que não as conhecem. Assim, o aumento nas vendas dos exemplares de determinadas editoras que fazem uso dessa estratégia é outro reflexo dos clubes de leitura, pois formam uma comunidade composta por pessoas que possuem um interesse comum como será abordado no tópico a seguir.

1.5.2 As Comunidades Virtuais

O mundo virtual certamente possibilitou a expansão dos clubes de leitura. Como uma espécie de rede social dedicada a livros, como o site francês *Babelio* e a americana *Goodreads*, ambas plataformas digitais criadas em 2007, os clubes de leitura possuem milhões de usuários e membros. O site *Goodreads* em 2013 atingiu o número de mais de 20 milhões de usuários e o *Babelio*, em 2018, chegou à marca de 650,000 membros, sendo que mensalmente foi visitado por cerca de 3,7 milhões de usuários da internet, de acordo com Passos (2017).

Segundo Christiane Heemann (2010), em seu artigo *A formação de comunidades virtuais e a Web 2.0*, a Web 2.0 é o termo usado para referir-se à segunda geração da internet que é marcada fortemente pela interação e dinamismo e pelos conteúdos gerados pelos próprios usuários, criando uma grande personalização. De acordo com a autora, os usuários na Web 2.0 passam de agentes passivos a agentes altamente ativos que escrevem, criticam e avaliam, e também são criticados e avaliados, gerando uma grande troca de informações, formando assim uma enorme rede de comunidades virtuais que compartilham saberes e opiniões. Essa ferramenta permite uma variedade de redes sociais populares cujos participantes são tão importantes quanto os conteúdos que eles utilizam e compartilham entre si, pois é a quantidade de usuários que indica o alcance dessas redes e sites da internet.

A ideia, segundo Heeman (2010), é que a Web 2.0 não é mais apenas para conectar informações; a Web 2.0 está conectando pessoas, que estão trocando informações, negociando e compartilhando conhecimento e saberes. Um diferencial da Web 2.0 é que qualquer um pode ser gerador de conteúdo e inúmeros recursos tecnológicos foram criados para maximizar o potencial para a criação de conteúdos. Desse modo, essa inovação da internet potencializou a criação das redes sociais, que se caracterizam pela interação dos participantes com trocas de informações, formação de grupos, *chats* e encurtamento aparente do tempo e do espaço. As redes sociais geram, portanto, as comunidades virtuais.

Diante disso, para Barton e Lee (2015), a ideia central da Web 2.0 é a de rede social, ou seja, participação e colaboração nas comunidades de usuários; por isso, essa tecnologia potencializa muitas novidades, como a formação de comunidades virtuais em plataforma

digitais. No entanto, os autores questionam a ideia do “novo” com a introdução das tecnologias modernas, posto que algumas atividades *online* podem ser consideradas como práticas que também ocorrem no mundo *off-line*. Nesse sentido, percebemos que, de acordo com Cosson (2014-b), o compartilhamento e a interação que ocorrem nos clubes de espaço físico comum podem ser proporcionadas em espaços virtuais, locais onde os participantes de clubes de leitura ou do livro se reúnem e encontram.

A internet permite a formação de uma comunidade virtual que se assemelha à formação de comunidades não virtuais. O termo *comunidade* abrange, dentre outros, o estado do que é comum, identidade, proporcionando espaços que geram debates. Portanto, *comunidade*, nesse contexto de uso, significa a interação de pessoas em torno de um objeto ou interesse comum, na qual se desenvolve, também, a identidade dos participantes.

Segundo Melluci (2004), a identidade do indivíduo se constrói na relação com o outro. A consciência de si mesmo se faz na relação, delimitação perante o externo, ou seja, a partir do outro. O autor caracteriza a ‘identidade’ em três aspectos: individuais, relacionais e sociais. O identificar-se parte do eu, enquanto ser individual, nas relações com o outro e com a sociedade, assim, podemos dizer que o ser humano é um ser social, relacional e interacional. Nesse sentido, o ser humano é um ser que não se faz sozinho, mas com o outro ou outros e se organiza em comunidades, na busca de interagir com pessoas que possuem um objeto comum de apreciação. Por isso é que percebemos, no mundo *off-line* e *online*, a formação de comunidades, as quais reúnem pessoas para desenvolverem atividades diversas e também debaterem assuntos diversos.

Em se tratando das formações que ocorrem no mundo *online*, para Jeffman (2017), *booktubers* são os apresentadores dos canais relacionados à cultura literária, sendo que *booktube* é uma comunidade formada por um canal literário, sendo que, para a autora, o canal em si também é denominado por essa nomenclatura. Portanto, *booktube* é um lugar no *YouTube* onde o conteúdo produzido e publicado possui uma relação direta ou indireta com a cultura literária. Segundo Jeffman (2017), esse é um espaço onde o diálogo é norteado pelas leituras realizadas, autores preferidos, eventos literários frequentados, reflexões sobre a leitura e, ainda, é o local que pode possibilitar o consumo cultural. Para que um canal seja considerado um *booktube*, é preciso que haja uma continuidade de conteúdos relacionados aos livros e/ou ao universo literário. De acordo com a autora, o

booktube pode ser apreendido como comunidade por algumas razões, dentre elas encontra-se a noção de pertencimento; os próprios *booktubers* se intitulam como pertencentes a uma comunidade. Além disso, as características dos canais possibilitam defini-lo como comunidade, pois os participantes que a compõem são unidos por afinidades e interesses comuns, sendo o canal o núcleo central das interações e relações, que se expandem a outras redes sociais.

Sendo assim, as comunidades virtuais mobilizam pessoas, fazendo com que interajam entre si com diferentes propósitos e atitudes. O objeto dessa interação pode ser variado, desde um assunto ou uma notícia atual a um produto de consumo. Assim, um livro também pode ser um objeto e um tema que une pessoas em uma comunidade virtual.

As tecnologias permitem que as pessoas de diversas idades, mas, principalmente, os jovens, encontrem espaços para se expressarem. Por meio de várias plataformas digitais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, os jovens dizem o que pensam sobre os mais variados assuntos e ainda interagem com outras pessoas, pois a maioria deles já cresceram familiarizados com esses recursos. Assim, é inegável que os jovens estejam quase o tempo todo conectados ao mundo virtual, utilizando as diversas ferramentas digitais disponíveis, o que pode se tornar uma tensão nos espaços escolares.

Por isso, para Serafim e Sousa (2011), a escola atual precisa se “reinventar” se quiser sobreviver como instituição educacional. Para os autores, os professores precisam se apropriar dos saberes advindos das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que esses saberes possam realmente ser potencializados em sua prática pedagógica. Os autores salientam que o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula depende de como o docente entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso. O professor, segundo Serafim e Sousa (2011), pode conceber essas ferramentas como um benefício, sendo favorável ao seu trabalho, ou pode ainda se sentir ameaçado, acuado por essas mudanças, especialmente por não se sentir pertencente ao grupo de usuários competentes.

Dessa forma, como já mencionado nesta pesquisa, é que Faria (2004), em seus estudos sobre o uso da tecnologia na escola, afirma que o uso exige uma mudança de paradigma do professor, percebendo que essa faz parte do cotidiano do aluno e que o uso de aulas tradicionais e conteudistas têm ocupado um espaço cada vez menor enquanto aumenta

a aplicação das tecnologias modernas. A autora ainda diz que o uso das tecnologias modernas possibilita uma interação entre professor e aluno, favorecendo o processo de ensino dialético. Percebe-se, então, que os alunos de hoje e as escolas atuais estão inseridos em um contexto social e cultural tecnológico, do qual seria muito difícil uma total isenção.

Ainda para Serafim e Sousa (2011), os vídeos que circulam nos espaços digitais estão para além de serem vistos apenas como entretenimento, podendo ser utilizados como atividade de ensino e aprendizagem com vasto potencial educacional a ser explorado. Sendo assim, entender o *booktube* como comunidade que reúne pessoas pelo gosto da leitura também é entender as novas práticas de ensino e aprendizagem de leitura que vão além dos muros da escola e que, no entanto, se relaciona com as práticas escolares de leitura, pois é o resultado de diversas práticas sociais de letramento que ocorrem em espaços digitais, como o *YouTube*.

1.6 O *YouTube* e seus apresentadores

A palavra *YouTube* é formada a partir de dois termos em inglês *You* que significa ‘você’ e *Tube* que significa ‘tubo’ (e gíria para televisão ou tela), sendo o termo definido como o nome de uma plataforma digital que permite o compartilhamento de vídeos feitos pelos próprios usuários. Segundo Burgess e Green (2009), o *YouTube* foi criado em junho de 2005 com o objetivo de remover as barreiras técnicas ao compartilhamento generalizado de vídeos, excluindo a necessidade de seus usuários terem altos conhecimentos técnicos, uma vez que com um aparelho celular é possível gravar vídeos que podem render milhões de visualizações e garantir milhares de inscritos em um canal.

Com a proposta de ser um site em que os usuários postam seus vídeos pessoais, essa plataforma digital permite a autoexpressão pública, revolucionando a retórica na Web (GROSSMAN, 2006 *apud* BURGESS; GREEN, 2009). Desse modo, cada vez mais o *YouTube* tem se tornado um site inovador, graças à utilização de seus usuários que alimentam a plataforma com vídeos que apresentam os mais variados conteúdos e vem conquistando, também, os mais diversos públicos, incluindo crianças, jovens e adultos.

Como o site é apenas um armazenador de conteúdo, cabe aos seus produtores potencializarem sua criatividade para chamar a atenção dos seus usuários. Nesse site, os

produtores de vídeos têm a oportunidade de desenvolverem canais virtuais, através dos quais adquirem seguidores, formando assim uma comunidade que se identifica com o conteúdo produzido pelo canal.

Outro fator interessante dessa ferramenta é que o *YouTube* tornou-se também um lugar de negócios (BURGESS E GREEN, 2009). Como os produtores dos vídeos podem ter vários seguidores que mantêm uma certa fidelidade, as grandes empresas percebem isso como um mercado consumidor. Dessa forma, muitas fornecem o conteúdo ou produto para os apresentadores da plataforma de vídeos exibirem em seus canais. Esses apresentadores dos canais do *YouTube* recebem o nome de *youtubers* e atualmente são reconhecidos como os grandes influenciadores digitais. Sendo assim, para os autores, a plataforma revolucionou a concepção de mercado e economia atual, caracterizando-se também como um dos meios de difusão de grande potência. Nesse sentido, podemos definir a plataforma digital *YouTube* como produto de uma indústria cultural, de acordo com Warnier (2000), uma vez que se configura como um suporte relativamente permanente e fácil de produzir, cujo produto é constantemente renovado, comercializa discursos, sons, imagens, artes e hábitos por meio de seus apresentadores, conhecidos como *youtubers*.

Youtubers são basicamente aquelas pessoas que fazem ou criam vídeos para o *YouTube*. Em sua maioria são jovens que já nasceram íntimos das tecnologias modernas e tem caído na graça das crianças, dos adolescentes e até mesmo dos adultos, os quais, por meio de *likes* e *views*, rendem dividendos aos apresentadores. Mas, a identificação com tais personalidades não se limita à idade. Além da faixa etária, a semelhança dos gostos músicas, filmes, séries, livros e jogos unem apresentadores e fãs por meio da plataforma digital *YouTube* que, atualmente, já é caracterizada como uma espécie de comunidade *online*. A recém-publicada obra do jornalista Felipe Vilic (2019), intitulada *O clube dos youtubers*, trata especialmente do modo como é percebida essa plataforma digital no contexto brasileiro e todos os apresentadores que alimentam a comunidade. O livro produzido por Vilic (2019), que para nossa pesquisa serviu como um bom resumo do que é ser um *youtuber*, foi elaborado por meio de entrevistas com as personalidades mais famosas da plataforma ou com os assessores das estrelas. A obra resulta dos quatro anos em que o autor acompanhou a ascensão desses fenômenos definidos, segundo o autor, como “aquele cara ou aquela mina da internet” que faz algo bacana, que cativou a comunidade.

Normalmente, ele (a) é engraçado (a), espontâneo (a) e não tem receio de expor detalhes da própria vida. São pessoas que parecem próximas ou íntimas, pois possuem realidades bem parecidas a de muitos brasileiros. Como é retratado no livro, vários desses *youtubers* não vieram de famílias ricas e tiveram que se esforçar muito para conquistar a fama e o sucesso. No início da carreira, as gravações não eram bem remuneradas e dividiam o tempo das produções com o trabalho que exerciam antes de se tornarem as novas celebridades mais bem pagas do Brasil. Como é o caso de Mandy Candy que dividia as gravações dos vídeos com o trabalho que exercia mesmo tendo sucesso no *YouTube*, pois o grande segredo são os milhares e mais milhares de seguidores. Conquistar os primeiros lugares nesse pódio não é nada fácil, pois é o número de visualizações e de seguidores do canal que chama a atenção das grandes empresas para investirem dinheiro nos canais, anunciando por meio deles os seus produtos.

O autor aponta que são os apresentadores que definem a diversidade no *YouTube*: em sua maioria são homens e mulheres muito jovens, mas também há figuras mais adultas, com idade acima de quarenta anos que apresentam seus vídeos ao mundo, por exemplo o Kibe, integrante da Porta dos Fundos. Encontramos ainda representantes de movimentos como LGBTQ+ e *no gender* em meio à superioridade masculina que impera no *YouTube*. Existem canais que assumem posturas bem definidas, pois, de acordo com a entrevista feita por Vilic (2019) com Felipe Neto, a autenticidade precisa ser a marca do *youtuber*. Por isso, percebemos representantes de vários movimentos (*funkeiros, gamers, negros, feministas, homossexuais, nerds* etc.) que, na plataforma, sob várias formas, “dão o seu recado”.

Mesmo com a conquista desse espaço, o poder atribuído aos *youtubers* ainda se mostra efêmero, por isso o lema de muitos é aproveitar os benefícios que esse sucesso pode proporcionar. Esse reconhecimento vem pulverizado com alguns malefícios. Segundo Vilic (2019), muitos desses apresentadores já não podem usufruir da paz de ir a uma loja de conveniência sem ser rodeados de fãs e curiosos. Viagens, shows, festas e gravações é o que resumiria a vida de um *youtuber* famoso. Toda essa agitação faz com eles se relacionem mais entre seus pares, formando assim um clube fechado. Para além da popularidade conquistada, muitos deles, quando já não se identificam com essa realidade ou até mesmo com o personagem que, às vezes, parecem representar na internet, surgem as

crises emocionais e até a depressão, como os casos de Henry Nogueira, Kéfera, Winderson Nunes e Felipe Neto.

Por meio dos relatos produzidos no livro, compreendemos que não é só o desejo de ser famoso que impulsionou muitos desses *youtubers* a se revelarem ao mundo. A vontade de falar sobre problemas como o *bullying* e até mesmo a revolta e o ódio do momento levaram muitos deles a se expressarem no mundo virtual, uma vez que a internet parece ter o poder de produzir essa sensação de liberdade. E, essa liberdade foi o que levou vários apresentadores a migrarem da TV aberta para a internet, como exemplo temos quase todos os componentes do canal Porta dos Fundos que saíram da mais famosa rede de TV aberta do país.

Apesar dessa aparente liberdade proporcionada pela internet, por meio de vários depoimentos dos *youtubers*, Vilic (2019) demonstra que a internet não se caracteriza como “terra de ninguém”: muitos desses famosos já responderam a processos judiciais ao brincarem com a imagem de outras personalidades famosas do mundo artístico e de políticos. Mas, as reclamações não param por aí. Como esses *youtubers* já viraram ídolos do Brasil, a eles são atribuídas certas responsabilidades que não julgam justas, como a de mostrar bons modos e boa educação. Para Júlio Cocielo do canal Canalha, por exemplo, apesar do alcance que os canais podem ter, cabe aos pais a função de educar e dar bons exemplos, por isso muitos *youtubers* não se comprometem com esse papel.

Para os usuários de canais do *YouTube* que não abrem mão de dividir essa responsabilidade educativa, a plataforma, segundo Vilic (2019), também possui canais categorizados como educativos, por exemplo o canal Matemática Rio do professor Rafael Procopio e o Física Total do professor Ivys Urquiza que tiveram como objetivo básico o modo de ensinar as disciplinas tornando-as atrativas aos alunos. Bem como aparece nessa categoria o famoso canal de desenho musical da Galinha Pintadinha cujos vídeos se tornaram conhecidos em várias partes do mundo.

Assim, o *YouTube* é uma das plataformas mais lucrativas do mundo, sendo hoje pertencente a Google. Muitas empresas usam essa plataforma para anunciar os seus produtos por meio dos canais seguidos por milhares de fãs. Por isso, no livro *O clube dos youtubers*, Felipe Vilic sinaliza que a proposta inicial da plataforma de ser um armazenador de vídeos caseiros ficou para trás. Como empresa, o *YouTube* é formado por acionistas que

possuem e representam interesses. Desse modo, mais uma vez não se mostra como um lugar sem dono. Atualmente, os produtos divulgados são sugeridos pela própria empresa a qual possui até mesmo uma escola (*space*) para treinar aqueles que se mostram como futuras estrelas e anunciantes do mundo.

Nesse sentido, a obra de Filipe Vilic se mostra importante para entendermos um pouco mais sobre o funcionamento dessa plataforma digital e a sua lógica de negócios ou métrica como é dito em seus *spaces*. Seguindo os estudos de Warnier (2000), entendemos que o *YouTube* se caracteriza como um tipo de mídia digital que está ligada à empresa privada com fins lucrativos. Também, a forma como os *youtubers* se comportam no seu ‘clube’ e diante de seus fãs pode ser percebida pela obra ao retratar que, atualmente, muitos *youtubers* reconhecem as responsabilidades que possuem ao se tornarem os maiores influenciadores de opinião na vida dos jovens. A obra, porém, tem um cunho mais jornalístico, sendo formada com base nos relatos dos próprios *youtubers* sobre como chegaram ao sucesso.

É fundamental para esta pesquisa destacar que nesse clube do sucesso o único canal literário citado no livro foi o da Ju Cirqueira, Nuvem Literária, que possibilitou a apresentadora participar de uma espécie de reality show produzido pela escola dos *youtubers* em ascensão no ano de 2016. Evento esse que possibilita aos apresentadores darem uma alavancada na carreira, pois recebem dicas para conquistar fãs pelos canais e equipamentos para produção. Embora apenas o canal Nuvem literária tenha sido mencionado na obra de Vilic (2009), os *booktubers* também se mostram como um fenômeno do *YouTube*. Diante disso, o próximo tópico visa discorrer um pouco mais sobre esses apresentadores.

1.7 Os *Booktubers*

Apesar de atualmente já serem um sucesso no *YouTube*, as pesquisas que tratam do novo fenômeno da internet, os *booktubers*, são recentes. Entretanto, alguns estudiosos já realizam pesquisas sobre esses novos apresentadores do *YouTube* como Paula Renata Melo Moreira e Tauana Mariana Weinberg Jeffman: esta é muitas vezes aqui citada pela ampla investigação realizada sobre o tema. Por se tratar de um fenômeno novo na internet que trata de leitura literária, os apresentadores dos canais literários virtuais poderiam ser

identificados como a nova geração de críticos literários. Essa definição pode estar ligada à própria definição do termo. A palavra *booktuber* deriva da junção entre *book* ‘livro’ e *tube* ‘tubo’ (ou na gíria, televisão).

A origem dos primeiros *booktubers* ainda é incerta. De acordo com autores como Navarro (2014), esses *youtubers* surgiram no Reino Unido. Já para Lemus (2014), os primeiros apresentadores a falar sobre livros são de origem norte-americana. No Brasil, segundo Jeffman (2017), a primeira pessoa a falar sobre livros no *YouTube* foi Mari Santarem, uma *youtuber* que tratava de moda em seus canais, no ano de 2009. Porém, Tatiana Feltrin é considerada a primeira *booktuber* brasileira, pois seu primeiro vídeo deu início a um canal dedicado à cultura literária. O fato é que esses *booktubers* surgiram há quase dez anos e já estão espalhados por quase todo mundo e são especialmente populares no Brasil, Canadá, EUA e Portugal.

Segundo Moreira (2018), os *booktubers* são

herdeiros diretos dos *blogs*, plataformas que, inicialmente, funcionavam como diários on-line e, posteriormente, ganhando amplitude, passaram a atuar como páginas de conteúdo e atrair milhares de seguidores. A sucessão “natural” de tal prática, acompanhando a tendência da explosão audiovisual do consumo, foi o *videoblog* ou *vlog*, isto é um *blog* cujos conteúdos são vídeos. Seu locus de convergência é, principalmente, o site YouTube.com, embora haja outros com função similar, porém, de menos popularidade. (MOREIRA, 2018, p.3)

Basicamente, o *booktuber* troca informações sobre livros numa espécie de resenha oral, falando sobre o autor, obra, enredo etc., e ao final não deixa de dar a sua apreciação sobre o livro. Os vídeos produzidos para o *YouTube* recebem o nome de vídeo amador por Burgess e Green (2009) e são comparados aos vídeos caseiros. O *YouTube* dispõe de uma ferramenta para os participantes dos canais deixarem seu comentário logo abaixo do vídeo, sendo esse o espaço onde acontece essa troca e permite a convergência digital, característica marcante desse tipo de tecnologia. Logo, os *booktubers* são pessoas que produzem vídeos sobre livros para o *YouTube*, dando a sua impressão de leitura. Entretanto, Burgess e Green (2009) apontam que o *YouTube* representa a cultura popular. A popularidade dos vídeos produzidos nessa plataforma é medida por meio do número de

visualizações⁵, que são categorizadas pelos autores como mais vistos, mais favoritos, mais respondidos e mais discutidos. Cada uma dessas categorias remete a um tipo de envolvimento do público, mas todas são valorizadas de forma quantitativa.

Nessa perspectiva, o *YouTube* também é considerado como cultura participativa, pois a produção dos vídeos não só sustenta a plataforma, mas incentiva a participação e interação dos usuários. Diante disso, Jenkins, Green e Ford (2014), por meio da obra *Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*, cunharam a expressão “cultura da conexão” para caracterizar as maneiras de circulação e compartilhamento de produtos e informações no mundo virtual. Sendo assim, a cultura participativa passa a ser mais do que os atos de recepção e produção de mídia. Essa expressão aponta para os vários modos de circulação de mídia desenvolvidos pelos usuários. Assim, o *YouTube* faz parte da ideia atual de cultura da conexão, pois nessa plataforma os usuários determinam como um produto de mídia será compartilhado.

Texeira e Costa (2016) apontam que ser um *booktuber* é fazer parte de uma comunidade leitora no *YouTube* onde se comenta, opina, faz resumos e resenhas de livros. Assim, uma comunidade virtual que tem o livro como objeto de identificação comum é formada por um canal literário, tendo como apresentador o *booktuber*. Para Jeffman (2017), tanto a comunidade quanto o canal são denominados *booktube*. A troca de informações se dá, pretensamente, a partir da experiência de leitura pessoal. Os usuários desses canais têm a oportunidade de deixar seus comentários logo abaixo do vídeo, sendo esse o espaço onde acontece essa troca. Os canais literários caracterizam-se, portanto, como comunidades virtuais, uma vez que possibilitam a interação dos participantes em torno do objeto livro.

O cenário é importante na composição dos vídeos para chamar a atenção dos seguidores, mas o que importa mesmo é que quem procura esses canais estão em busca de uma recomendação literária. Desse modo, os *booktubers* configuram-se hoje como influenciadores digitais de leitura, pois os recursos tecnológicos modernos oportunizaram a produção independente nas plataformas digitais, abrindo um novo espaço para quem gosta de literatura falar de suas experiências e divulgar os livros.

⁵ A forma como essas visualizações são quantificadas ainda se mostra muito frágil, mas não é objetivo desta pesquisa qualificar como essa quantificação é feita.

Dentre os *booktubers* mais citados na internet, vale ressaltar: *Tiny Little Ting*, Cabine Literária, Ler Antes de Morrer, Nuvem Literária, Minha Estante, Lido Lendo, Perdidos nos Livros, canal da Bruna Vieira e canal da Pam Gonçalves. Existem outros, mas nos limitamos a esses pela recorrência de citação na busca pela internet desse conteúdo. Todos esses canais possuem milhares de inscritos e também muitos desses *booktubers* já escreveram suas próprias obras e, em seus próprios canais, fazem a sua divulgação, alcançando assim muitos leitores. Portanto, é certo que esses novos canais constituem-se, também, um novo mercado que desperta o interesse das editoras. Nesse sentido, já é possível anunciar uma confluência entre letramento não escolar e letramento escolar no que tange as práticas de leitura.

Uma das questões conceituais que moveu esta pesquisa foi analisar as relações entre práticas não escolares e práticas escolares de letramento, especialmente quanto ao ensino de leitura. Pois, diante da constatação de que os alunos da escola podem ser seguidores ou visualizadores de canais literários, os quais, muitas vezes, apreciam as obras indicadas pelos *booktubers*, igualmente há a configuração de comunidades leitoras que não tomam a escola como a agência preferencial de promoção da leitura. Nessa direção, o tópico a seguir trata dos vários papéis sociais que os *youtubers* representam na atualidade.

1.8 O lugar social dos *youtubers*

Conforme indicado, os *youtubers* são, basicamente, pessoas que produzem vídeos e postam em uma das maiores plataformas digitais do mundo, o *YouTube*. A proposta inicial dessa plataforma foi de remover todas as barreiras técnicas que limitavam o compartilhamento de conteúdos produzidos pelos próprios usuários (BURGESS e GREEN, 2009). Portanto, atualmente, qualquer pessoa que queira compartilhar vídeos pode gravá-los em casa e compartilhar com o mundo todo. Jenkins (2009) em sua obra *Cultura da convergência*, nos mostra o alcance dessas postagens, ao relatar a história de um jovem secundarista que criou um *Photoshop* utilizando a imagem de um boneco interagindo com o líder terrorista Osama bin Laden e postou em sua página na internet. A imagem ficou conhecida por quase todo o mundo e anos depois podia ainda ser encontrada em sites de busca quando citado o nome de Osama bin Laden.

Nesse sentido, podemos perceber que os conteúdos postados nas redes sociais podem “viralizar” e tirar uma pessoa comum do anonimato. Assim é a história de vários dos *youtubers* famosos. Vários apresentadores desse meio eram pessoas que tinham um trabalho comum, mas que, após uma postagem de um determinado vídeo, tornaram-se conhecidos por milhares de pessoas. Pois, no mundo *online*, famoso é aquele que alcançou milhares ou até mesmo milhões de pessoas com o conteúdo produzido. Trabalhadores, estudantes, professores, cantores, modelos etc., várias são as profissões que constam no currículo dos *youtubers*, o que indica a presença da diversidade social na plataforma. Em sua maioria são jovens que gostam, principalmente, de jogos digitais e procuram nas redes pessoas que compartilham do mesmo gosto, formando, assim, uma comunidade de fãs. Apesar do alcance desse tipo de conteúdo, não tratam apenas de entretenimento: esses apresentadores também usam a plataforma como um lugar de libertação. Vilic (2019) aponta que vários *youtubers* famosos iniciaram suas postagens com vídeos que tratavam do *bullying* que sofriam na escola, do desafeto com a política e governantes do país ou por causa de uma insatisfação. Dessa forma, os integrantes das comunidades que se formam no *YouTube* são pessoas que, muitas vezes, navegavam nas redes em busca de uma “autoajuda” e encontraram nesses *youtubers* um semelhante. Por isso, a apresentação feita por esses famosos possui um tom de conversa, de bate-papo sobre assuntos diversos, que convida à intimidade, pois os vídeos, geralmente, são produzidos em quartos ou em ambientes considerados mais acolhedores.

Sendo assim, a produção de conteúdos para a internet traz consigo uma intenção de cada usuário, pois, para Giddens (2003), as atividades sociais humanas são recursivas no sentido de que essas atividades são recriadas pelos atores sociais através dos próprios meios pelos quais se expressam como atores. As atividades humanas dos agentes reproduzem, assim, as condições que tornam essas atividades possíveis. Portanto, o ser humano é um agente intencional, que possui razões para as suas atividades. Dessa maneira, a ação de postar vídeos na internet é uma atividade que possui uma intenção. Embora o autor problematize no decorrer do estudo a intenção ou não das ações cometidas pelos agentes, ele conclui que os eventos decorrentes dessas ações não teriam ocorrido se os atores tivessem se comportado de modo diferente. Sendo assim, as atividades humanas geram consequências intencionais ou não. Uma dessas consequências é o poder. Giddens (2003)

aponta que não é agente aquele que não obtém o poder de influenciar e a capacidade de criar a diferença, atuar no mundo. Nesse sentido, os *youtubers* constituem-se como pessoas que, ao postarem vídeos na internet, influenciam, de forma intencional ou não, comportamentos, opiniões e gostos, interferindo diretamente nos modos de consumo.

Os jovens da atualidade são caracterizados como nativos digitais, uma vez que já nasceram em meio às tecnologias modernas, nas quais passam a maior parte do tempo conectados às redes. Sendo assim, é comum percebermos que esses jovens e até mesmo os adultos consomem esse tipo de mídia com regularidade. Plataformas digitais mais antigas, como o *Facebook*, foram se transformando nesse lugar de encontrar e fazer amigos e formar comunidades virtuais. Contudo, hoje, nesse espaço virtual, o *YouTube* atua de forma mais veemente, pela possibilidade de postar vídeos caseiros, despertando assim o consumo do audiovisual até mesmo entre os adultos, pois eles também têm se identificado com esses espaços, pois percebemos apresentadores experientes nesse meio.

Muitos artistas saíram da mídia televisiva por encontrarem mais liberdade no mundo da internet, como é o caso dos apresentadores do canal Porta dos Fundos, cuja boa parte do elenco saiu de uma das maiores redes de TV nacional. Ainda, temos o caso de professores formados que ainda no início da carreira tentaram revolucionar o ensino de seus conteúdos e encontram na tecnologia digital um mecanismo de inovação, conquistando, pois, milhões de fãs que viram na internet uma ferramenta para aprender mais e de forma divertida, (VILIC, 2019).

Os *youtubers* são pessoas que buscaram no mundo *online* um mecanismo moderno de dar vez e voz para os seus usuários e ainda perceberam o *YouTube* como uma ferramenta que permitia o surgimento de talentos. Sabemos que o meio artístico é um espaço de disputa em que nem todos conseguem a oportunidade de alcançar o sucesso. Apesar disso, o *YouTube* tem favorecido muitos artistas, pois nessa plataforma os usuários podem mostrar o que sabem fazer. Podemos perceber que muitos músicos lotam seus shows, pois antes de chegarem ao palco já mostraram seu talento nas redes e nos canais que possuem. Assim, a plataforma faz parte do negócio, do trabalho e da carreira de vários artistas. Nesse sentido, esses *youtubers* utilizam essa ferramenta digital para alavancarem suas carreiras.

Junto com o sucesso desses apresentadores também existem as responsabilidades: são cobrados pelo que fazem, pelo que dizem, pela imagem que transmitem à comunidade

que conquistam. Apresentadores jovens são cobrados a darem bons exemplos às crianças que os seguem nos canais. Contudo, muitos não aceitam essas cobranças, pois atribuem essa incumbência aos pais e não aos *youtubers*, como mencionamos anteriormente o exemplo de Julio Cocielo, do canal Canalha em entrevista (VILIC, 2019).

Esses apresentadores já são caracterizados pela indústria comercial como influenciadores digitais: pessoas que agitam o mercado, pois, como possuem milhares de inscritos em suas comunidades, a indústria percebe essas plataformas como um negócio (BURGESS e GREEN, 2009). Uma dica, uma fala elaborada a respeito de uma determinada marca ou produto pode significar um aumento nas vendas. Isso tem levado diversas empresas a investir de forma significativa no *YouTube*. Acreditamos que seja esse o motivo de a plataforma pertencer a uma das maiores empresas multinacionais de serviços *online* e *softwares* do mundo, a Google, cuja lucratividade gira em torno, principalmente, de publicidades: a maioria dos canais do *YouTube* exibem propagandas de produtos ou marcas. Além disso, muitos apresentadores reconhecem esse caráter publicitário, pois muitas apresentações feitas pelos *youtubers* são para falarem de produtos, serviços ou marcas. Em canais literários, por exemplo, vários vídeos são para *inboxing*, ou seja, são vídeos dedicados à abertura de caixas de livros recebidas pelas editoras para divulgarem livros. Assim, percebemos o poder desses agentes digitais ao influenciarem nos modos de consumo de seus seguidores.

Há ainda canais que tratam de moda ou beleza cujos apresentadores recebem produtos de determinadas marcas para exibirem nos canais. Nesse sentido, muitos apresentadores vão além de *youtubers*, porque já acumularam funções devido à fama. Muitos (as) são modelos, já desfilam em grandes eventos de moda do país e do mundo; são escritores, pois muitos *booktubers* não se limitam a falar sobre livros lidos, já escreveram suas próprias obras e constituem-se como destaques em bienais de livros. Os que possuem veia artística para o teatro ou cinema e já renderam sucesso de bilheteria em diversas produções.

Desse modo, o lugar social dos *youtubers* é o resultado daquilo que foram buscar nas redes e plataformas digitais e daquilo que se tornaram por meio delas. Aqueles que possuíam talento antes da fama, aprimoram suas habilidades, com investimentos da própria empresa *YouTube*. Os que vieram em busca de libertação, de ter voz, encontram pessoas

que compartilhavam da mesma necessidade e foram apoiados por essas, formando uma comunidade, pois essa é uma das facilidades da plataforma: a interação. Para os que perceberam na plataforma uma ferramenta de inovação, deram um *upgrade* em suas carreiras, como o professor de Matemática Rafael Procópio e o professor de Física Ivys Urquiza, fazendo da plataforma um lugar comprometido com a educação.

Nesse amplo universo, temos os *booktubers* apresentadores de canais literários que encontraram no *YouTube* espaço para falarem do seu gosto pela leitura, formando em torno da paixão pelos livros literários uma comunidade de fãs. Nessa comunidade virtual consideramos como agente o *booktuber* que irá compartilhar da sua experiência de leitura. Dessa maneira, *booktuber* é um agente que atua no meio digital de forma a mediar e influenciar a leitura. Podemos dizer que a sua intenção inicial é encontrar no mundo digital pessoas que gostam de ler. Contudo, na comunidade virtual, esse *booktuber* tem o poder de mediar a leitura, despertar o gosto pela leitura e apresentar obras que alguns usuários podem não conhecer. Esse poder de influência pode seguramente alterar também os modos de consumo. A maneira como o *booktuber* fala de um livro desconhecido pode levar os participantes da comunidade a adquirirem a obra.

Portanto, o espaço ocupado pelos *youtubers* está relacionado ao conteúdo que transmitem nos canais que, muitas vezes, não conseguem dissociar da vida pessoal, levando-os a dedicar horas do seu dia na produção de seus vídeos, em função do compromisso com os fãs e da cobrança incessante para aumentarem o seu público. À vista disso, segundo Geddins (2003), a vida cotidiana ocorre como um fluxo de ação intencional, ou seja, a intenção pode estar atrelada à ação ou não. Nesse sentido, as atividades dos *youtubers* levam à formação de comunidades de fãs que são influenciados pelas opiniões desses apresentadores que fazem parte das mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas.

Sendo assim, após uma explanação sobre os principais conceitos que orientam o nosso estudo, o próximo capítulo trata da pesquisa em campo no que tange aos procedimentos metodológicos usados para investigar a relação entre as práticas de letramento observadas na leitura de alunos de uma escola pública de ensino.

Capítulo 2- #campodepesquisa: decisões metodológicas

2.1 Procedimentos metodológicos

Como procedimentos metodológicos para a pesquisa empírica, analisamos, inicialmente, os canais literários virtuais mais visualizados do *YouTube*: TLT, Cabine Literária, Canal da Pam Gonçalves, Nuvem Literária e Ler Antes de Morrer. A análise desses canais foi importante para investigarmos o processo de formação de comunidades leitoras constituídas por esses canais literários virtuais, relacionando as práticas de letramentos envolvidas. Em seguida, utilizamos um questionário com quinze perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas, de acordo com Parizot (2015), demandam, ao pesquisado, respostas que estão dentre as pré-definidas. Já as questões abertas deixam o pesquisado livre para responder o que desejar. As perguntas tinham como objetivo conhecer a prática de leitura dos alunos do Ensino Médio da escola pesquisada. As perguntas foram baseadas no modelo utilizado na pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e divulgado na obra *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Segundo Parizot (2015), o interesse principal da pesquisa por questionários é o de reunir uma grande quantidade de informações, tanto factuais quando subjetivas, junto a um número importante de indivíduos. A frequência de características obtidas nos resultados dos questionários, em ciências sociais e humanas, permite analisar a possível relação entre essas características. Porém, para a autora, a execução de uma pesquisa por questionário é, às vezes, percebida como um momento prévio à pesquisa sociológica. Sendo assim, a coleta de resultados obtidos com o questionário construído pela pesquisa nos permitiu um mapeamento parcial sobre a prática de leitura dos alunos que responderam ao questionário, cujos dados foram analisados de acordo com o interesse da pesquisa.

Para tanto, foram convidados alunos dos 1º, 2º e 3º anos do EM para fazerem parte da pesquisa. Para essa etapa inicial, convidamos alunos de duas turmas de cada ano. A escolha por alunos do Ensino Médio justifica-se pelo fato de que, nessa etapa de ensino, os alunos da escola pesquisada começam a estudar literatura de forma mais sistematizada dentro da disciplina Língua Portuguesa, pois os livros didáticos do Ensino Médio trazem a Literatura como conteúdo específico. Portanto, procedemos assim na expectativa de que os

alunos já tenham adquirido uma maior apreciação crítica, reconhecendo o valor de uma obra literária e sabendo atribuir-lhe potenciais sentidos em função dos seus condicionantes históricos e sociais.

Nesse sentido, apresentei o objeto do estudo para os alunos das turmas por meio dos termos formais do Comitê de Ética da UFMG, TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), indicado no Apêndice 4, e TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), indicado no Apêndice 3, e expliquei a forma como seria feito o processo inicial da pesquisa: os alunos responderiam ao questionário (Apêndice 1) na própria escola a respeito da sua prática de leitura. Quanto a esse procedimento de ler os termos para os alunos, para Parizot (2015), a carta de apresentação antecipa os argumentos e motivam as pessoas a responder. Além disso, a presença do pesquisador autoriza uma interação com o pesquisado e permite observar o ambiente do pesquisado, que na ocasião foi a sala de aula.

Na segunda etapa desta pesquisa, convidamos alguns alunos para uma entrevista em grupo, no intuito de saber mais sobre as respostas que haviam dado ao questionário. A escolha dos alunos para compor o grupo foi a partir da análise das respostas dadas aos questionários. Inicialmente, escolhemos para a entrevista alunos que disseram que sabiam o que era um canal literário virtual. Dividimos, então, os alunos em grupos. Essa divisão foi feita de acordo com a etapa de ensino e com colegas da mesma turma, sempre que possível, para que os alunos ficassem mais à vontade entre seus pares. Outra estratégia inicial foi agrupar meninos e meninas numa perspectiva mais heterogênea.

O método da entrevista em grupo foi utilizado para obter respostas variadas dos alunos, pois, segundo Neto (2001), esses procedimentos são importantes componentes para a realização de uma pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com o autor, com as entrevistas, o pesquisador busca obter informes contidos nas falas dos atores sociais ou sujeitos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Seja individual e/ou coletiva, para Neto (2001), a entrevista é caracterizada como uma conversa com propósitos bem definidos, que permite obter dados objetivos e subjetivos. Os dados podem, também, ser obtidos através de fontes secundárias, tais como sensores, estatísticas e outras formas de registros. Já os dados subjetivos se relacionam aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos.

Quanto ao modelo, as entrevistas, segundo Neto, podem ser

estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, toma-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as *estruturadas* que pressupõem *perguntas previamente formuladas*. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como *entrevistas semiestruturadas* (Neto, 2001, p.58)

Em nosso estudo, utilizamos a entrevista semiestruturada, pois como o objetivo era investigar a influência dos canais literários na leitura dos alunos da escola, montamos um questionário inicial (Apêndice 2) com perguntas que permitiram analisar a prática de leitura dos alunos e, também, mensurar o entendimento dos alunos sobre a existência dos canais literários e o seu uso. Segundo Amado (2013), nesse tipo de entrevista, as questões derivam de um plano prévio, um roteiro onde se define e registra o essencial do que se pretende obter. Ainda assim, para ele, na interação, o entrevistado possui uma grande liberdade de resposta. Portanto, a entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos.

As entrevistas foram feitas com os alunos que, após preencherem os questionários, se identificaram como leitores e que também responderam ser conhecedores desses tipos de canais virtuais. Nessas entrevistas, esperávamos que esses leitores indicassem quais critérios definem a sua participação em uma comunidade. Apesar da expectativa com os alunos conhecedores dos canais, alunos que não demonstraram ser membros de comunidades virtuais ou não conhecer os canais literários também foram entrevistados, na tentativa de identificarmos outros possíveis circuitos de leitura e, ainda, apresentar essa ferramenta digital e indicar a avaliação produzida pelos alunos diante dos canais literários virtuais. Tendo em vista essas características de alunos, as entrevistas foram divididas em dois blocos: com alunos que demonstraram conhecer os canais literários virtuais e com alunos que se mostraram como potenciais leitores.

Para a realização da pesquisa, foi exibido o vídeo disponibilizado no *YouTube* do canal literário da Pam Gonçalves, sobre o livro “*Para todos os garotos que já amei*”. O vídeo foi usado como ponto de partida para a realização da entrevista, pois a apresentação da *booktuber* nos permitia conversar com os alunos sobre a linguagem utilizada e os recursos de composição. Escolhemos esse vídeo para exibir na entrevista,

pois era um vídeo relativamente curto, com 8min e 22s. Mas, também, porque o livro divulgado no vídeo teve uma adaptação fílmica e foi exibido pela Netflix ainda no ano de 2019. Consideramos que a estratégia de usar o vídeo foi produtiva, porque, dentre os entrevistados, foram selecionados alunos que conheciam canais literários e outros que não conheciam. Para os alunos que conheciam essa ferramenta, o vídeo serviu para suscitar muitos elementos, dentre eles, o reconhecimento desse tipo de canal no *YouTube* e para fazer comparações com outros canais e plataformas digitais que os alunos já conheciam. Para os alunos que não conheciam os canais, o vídeo permitiu que os alunos conhecessem essa ferramenta digital e, além disso, possibilitou conhecer a reação dos alunos diante do conteúdo apresentado.

A entrevista em grupo foi utilizada, pois, segundo Amado (2013), o que conta nesse tipo de entrevista é o conjunto de significações específicas do grupo. Nessa perspectiva, nos propomos a entrevistar os alunos em grupo para conhecer as suas concepções em relação à apresentação feita pelos *booktubers*, bem como para conhecer a interação dos entrevistados com os canais literários virtuais. Nesse sentido, a nossa pesquisa possui caráter qualitativo, pois, de acordo com Mynaio (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, uma vez que trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Todas as entrevistas foram realizadas no laboratório de informática da escola, pois essa era uma das únicas salas disponíveis, na qual poderíamos fazer a entrevista de forma tranquila. As entrevistas foram feitas no período de maio a agosto de 2019, uma vez por semana e após o intervalo para recreio, por volta das 10:00. Por ser no 4º horário de aula, as entrevistas duravam cerca de 35min.

2.2 O campo de pesquisa

O campo de pesquisa escolhido foi a escola onde ocupo a função de professora de Língua Portuguesa. A escolha dessa escola deve-se, principalmente, ao fato de que foi nela que descobri, por meio dos meus alunos, os clubes de leitura ou do livro. Além disso, ser funcionária da escola me permitiu um maior acesso aos alunos.

A escola onde foi feita a pesquisa está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, na cidade de Santa Luzia, MG, no bairro Belo Vale, e atende alunos do 6º ano ao 9º ano do EF e alunos dos três anos do Ensino Médio. Em 2019, a escola possuía 1077 alunos matriculados, sendo 477 do EF e 600 do EM. O bairro em que a escola está situada é novo. Antes de sua formação, o bairro era constituído por fazendas e loteamentos. Porém, com a inauguração de vários condomínios, houve um favorecimento para a construção de muitas casas e comércios. A escola também é recém-construída: sua inauguração data do ano de 2014, ainda que sua construção tenha sido finalizada em 2009. A maioria dos alunos da escola mora no próprio bairro; no entanto, a escola também recebe alunos de bairros próximos.

O alunado da escola, em sua maioria, pertence a famílias de classe média baixa, cujos pai e mãe, geralmente, trabalham fora. Segundo os dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que indicam o nível socioeconômico dos alunos a partir do Censo Escolar, os estudantes da escola estão no Nível 4, sendo que o nível varia de 1 a 6. No Grupo 1, de acordo com o Inep, predominam alunos com baixo nível socioeconômico e no Grupo 6 alunos com alto nível socioeconômico. Esse indicador situa o conjunto dos alunos em estratos socioeconômicos definidos pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família dos alunos e pelo nível de escolaridade de seus pais. Desse modo, podemos dizer que não há alunos em extrema pobreza na escola, embora alguns poucos alunos morem em um bairro localizado próximo à escola cujas famílias enfrentam algumas restrições dessa ordem. Como professora dessa escola, já presenciei a direção fazer algumas mobilizações entre os funcionários para ajudar famílias que vieram de cidades distantes, pois estavam passando por necessidades financeiras.

Na escola não há muitos casos de violência, apesar de, às vezes, ocorrerem fatos isolados de desacato, como falta de respeito à autoridade do professor em sala de aula e infração às regras estabelecidas no regimento da escola. Ocorrem poucas brigas na escola entre os alunos. Acreditamos que pelo fato de os alunos morarem no mesmo bairro, isso possibilita uma convivência tranquila: muitos são vizinhos ou têm alguma relação de parentesco. As famílias, em sua maioria, são presentes na vida escolar dos filhos e sempre

exigem um retorno satisfatório da escola, principalmente, os pais dos alunos do Ensino Fundamental.

A infraestrutura da escola apresenta 15 salas de aula disponibilizada para 29 turmas diferentes que funcionam no turno da manhã e tarde. No turno da manhã, a escola possui duas turmas do 9º ano, seis turmas de 1º ano do EM, quatro turmas do 2º ano do EM e três turmas do 3º ano do EM. No turno da tarde, são cinco turmas do 6º do EF, quatro turmas do 7º ano do EF, quatro turmas do 8º ano do EF e duas turmas do 9º ano do EF. Em média, na escola, os dados do Censo Escolar apontaram que são 33,5 alunos nas turmas dos anos finais e 36,6 alunos por turma no EM. No ano de 2018, havia uma turma multisseriada que tinha como objetivo atender ao projeto de aceleração escolar indicado pelo governo estadual. Essa turma era composta por alunos do 6º ao 9º ano que estavam fora da faixa etária ideal de ano escolar. O objetivo dessa estratégia de ensino era corrigir a distorção idade/série. Para isso, os alunos eram atendidos por uma professora que fazia um trabalho diferenciado com os alunos por meio de projetos e vídeo-aulas. Assim, nesse ano de 2019, os alunos que passaram por essa aceleração já estão no Ensino Médio em turmas regulares.

A escola possui um Laboratório de Ciências que foi equipado por um dos professores de Ciências e Biologia da própria escola; um Laboratório de Informática com 20 computadores com acesso à internet, mas que geralmente é usado pelos professores para preencher o Diário Digital da SEE-MG (Secretaria de Estado e Educação de Minas Gerais) e uma sala de vídeo. De acordo com o Censo Escolar, há nesta escola uma média de 82,7 alunos por computador. A atividade desenvolvida pelos professores no Laboratório de Informática se limita à exibição de vídeos via datashow. O pátio coberto da escola é onde os alunos usam para fazer as refeições: entretanto, o local que usam para lazer é descoberto. A quadra esportiva é coberta e apresentada uma arquibancada e vestiários femininos e masculinos para serem usados após atividades esportivas, bem como banheiros masculinos e femininos. A escola possui ainda um espaço de área verde, no qual os estudantes utilizam para lazer. A instituição não apresenta auditório e a sala de vídeo foi improvisada em outro espaço após ter sido adaptada para receber os alunos da turma de aceleração no ano de 2018.

Como dado importante para a pesquisa, chamamos a atenção para a biblioteca da escola que também é usada como espaço de leitura pelos alunos. A biblioteca possui muitas

obras literárias dos clássicos brasileiros, mas também possui obras contemporâneas. É interessante observar que muitos livros que fazem parte do acervo foram adquiridos por meio de doação, mas, recentemente, a escola recebeu livros do programa PNLD Literário (Programa Nacional do Livro e Material Didático), por isso possui seis coleções diferentes de obras literárias, composta por mais de cem exemplares cada. Ainda no acervo, há mais de dez exemplares de obras como *O Guarani*, *O Noviço*, *O Ateneu*, *O Cortiço*, *Memórias de um Sargento de Milícias*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

No ano de 2016, a escola participou de um programa de Incentivo à Leitura e recebeu vários exemplares de duas coletâneas de crônicas do escritor Laé de Souza: *Nos bastidores do cotidiano* e *Espiando pela fechadura*, as quais foram muito exploradas pelos professores do EF. Mas também os alunos escolhem obras de forma espontânea para lerem e vão à biblioteca de forma esporádica, para realizar trabalhos da escola, para passarem o tempo do recreio, fazendo a leitura de algum livro que trouxeram de casa ou que escolhem na biblioteca. Segundo os profissionais que trabalham nesse espaço, uma das dificuldades da biblioteca é que muitos alunos pegam livros, mas não fazem a devolução, dificultando a variedade de livros no acervo. Entretanto, a biblioteca da escola apresenta-se, também, como um depósito de livros didáticos. A maioria das prateleiras desse ambiente é preenchida por livros de todos os anos escolares e dos dois segmentos de ensino. Como não há livros para todos os alunos, é necessário que os livros fiquem na escola e, quando os professores necessitam usá-los, buscam na biblioteca.

Vale ressaltar que, como a escola tem apenas cinco anos de funcionamento, não há depósitos de materiais danificados, embora alguns móveis apresentem marcas dos alunos, como rabiscos e corretivos. De modo geral, a direção da escola, juntamente com os professores, zela para que os alunos preservem o ambiente escolar. A escola possui ainda infraestrutura básica para o atendimento de alunos com deficiência, como o acesso por meio de rampa. Os dados do Censo Escolar mostram que no ano da coleta de dados, a escola possuía 8 (oito) alunos de inclusão e apenas um professor com formação continuada em Educação Especial, sendo que, no ano de 2018, não havia sala de recursos multifuncionais. Entretanto, no ano de 2019, a escola atende alunos de inclusão e professores de apoio com especialização e uma sala adaptada para atender a esses alunos.

No ano de 2018, a escola foi considerada a que obteve melhor índice de aprovação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) depois das escolas particulares da cidade, ocupando assim o primeiro lugar nessa modalidade. O valor do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do EM não pôde ser calculado, pois o número de participantes no Saeb (Sistema de avaliação da Educação Básica) foi insuficiente para que os resultados fossem divulgados. Entretanto, o valor do Ideb da escola, calculado de acordo com os anos finais do EF foi de 4,5 no ano de 2017 com uma queda de 0,3 em relação ao ano de 2015. Todavia, esse dado é ainda mais inferior se compararmos à meta nacional do período que era acima de 5,0. Ao observarmos os índices, percebemos que o nível para o aprendizado foi de 4,86, abaixo da média atingida no ano de 2015 que foi de 5,29. A escola atingiu média da proficiência em Português 244,33 e em Matemática 247,38. Esse indicador corresponde ao resultado dos estudantes no Saeb, aferido tanto pela Prova Brasil, avaliação censitária do ensino público, e a Aneb (Avaliação Nacional da Educação Básica), avaliação amostral do Saeb, que inclui também a rede privada. O fluxo que representa a taxa de aprovação dos alunos da escola é de 0,93. Isso revela que a cada 100 alunos da escola, 7 não foram aprovados. Essa nota no Ideb coloca a escola em situação de alerta, de acordo com os estudos do governo estadual, pois além de os índices não crescerem, não atingiram sua meta e estão abaixo de 6.0.

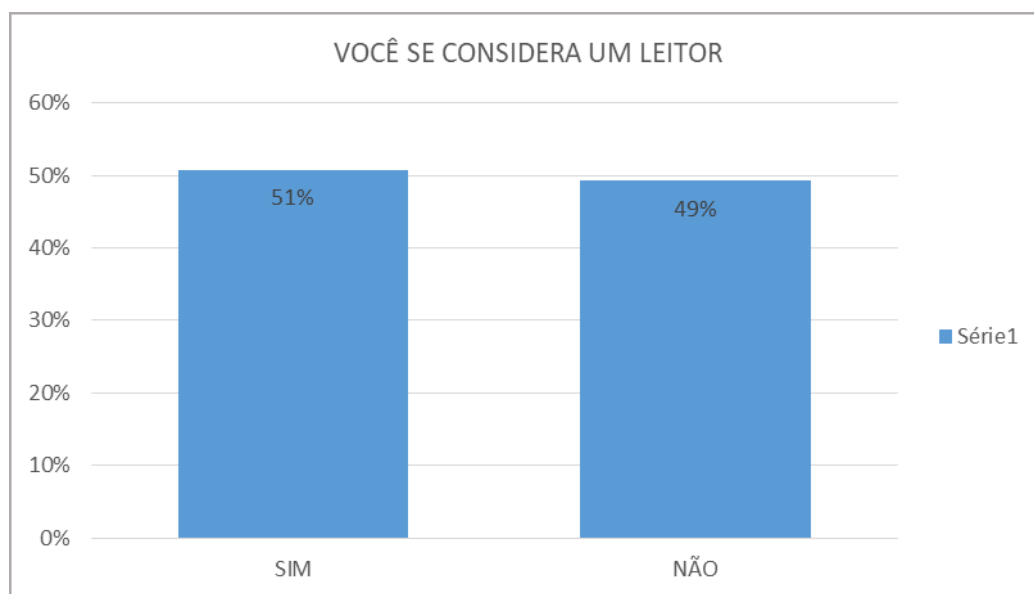
Ainda que os dados acima sejam referentes aos anos finais do EF, é importante ressaltar que os alunos do ano de 2015 são aqueles que, quase majoritariamente, concluíram o EM no ano de 2018, pois foram poucos os alunos reprovados. Todavia, os alunos que correspondem os dados de 2017 são os alunos atuais alunos do EM.

Já pelos resultados do PROEB (Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação básica) – uma avaliação externa que tem como objetivo diagnosticar a educação pública do estado de Minas Gerais – os alunos do 3º ano do EM da escola apresentam um nível de proficiência média em Língua Portuguesa (281,8) maior que o previsto para a SRE (264,7) e maior que o previsto para o estado de MG (272,1). Os dados revelam, ainda, que o desempenho dos alunos no conteúdo só aumentou desde o ano de 2015. Apenas 20,0% dos alunos estão no nível baixo, 42,2% estão no nível intermediário. 33,3% dos alunos estão no nível recomendado e somente 4,4% estão no nível avançado. Nesse sentido, observamos que o nível de leitura dos alunos da escola está acima da proficiência do estado

de MG, segundo as avaliações sistêmicas.

Sendo assim, um dos principais questionamentos que motivaram este estudo foi conhecer os alunos que se consideram leitores, pois é muito comum ouvirmos entre os professores que os alunos da atualidade não leem. Por isso, uma das perguntas feita para os estudantes no questionário foi *‘Você se considera um leitor?’*. Desse modo, desejamos ouvir dos próprios alunos sobre as suas práticas de leitura. Os dados obtidos pelo questionário revelam que mais de 50% dos alunos entrevistados se consideram leitores.

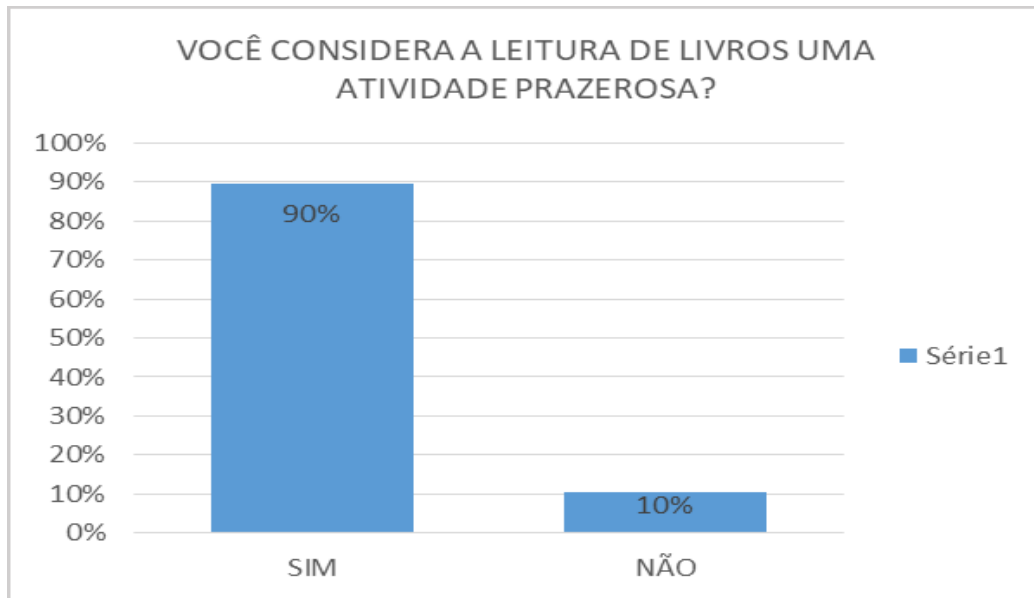
Gráfico 1 – Alunos leitores (em porcentagem)



Fonte: dados da pesquisa

Os alunos que se identificaram como leitores nesta pesquisa pautaram-se, principalmente, na quantidade de leitura. Dentre as respostas dadas a essa pergunta, os alunos responderam que são leitores porque leem bastante ou porque a leitura faz parte do seu cotidiano. O gosto pela leitura também foi uma das justificativas dadas. Além disso, foi interessante perceber que os alunos não consideram ‘leitor’ somente aquela pessoa que lê obras literárias. Nesse sentido, perguntamos aos alunos, por meio do questionário aplicado *‘Você considera a leitura de livros uma atividade prazerosa?’*.

Gráfico 2- A leitura como atividade prazerosa (em porcentagem)



Fonte: dados da pesquisa

Quase todos responderam positivamente a essa pergunta: 90% entrevistados responderam que ‘sim’, consideram a leitura uma atividade prazerosa, e algumas das justificativas foi que a leitura faz parte da aprendizagem, estimula a imaginação e pode ser vista como um *hobby* também. Os entrevistados que responderam ‘não’ consideram a leitura uma atividade prazerosa coincidem com os mesmos alunos que não se interessam pela leitura. Esses dados foram importantes para esta pesquisa, pois conhecer que os alunos se consideram leitores e consideram a leitura como uma atividade prazerosa contrapõe ao imaginário quase que consensual de que os alunos não leem ou não gostam de ler.

A influência dos amigos parece ser uma das mais fortes razões para determinar a escolha dos livros. É comum na adolescência o desejo de ter amigos e compartilhar as angústias, desejos e experiências com os seus pares. Por isso, percebemos, após fazer a pergunta ‘*Você costuma falar sobre livros com seus amigos?*’, que também a experiência de leitura é compartilhada entre eles.

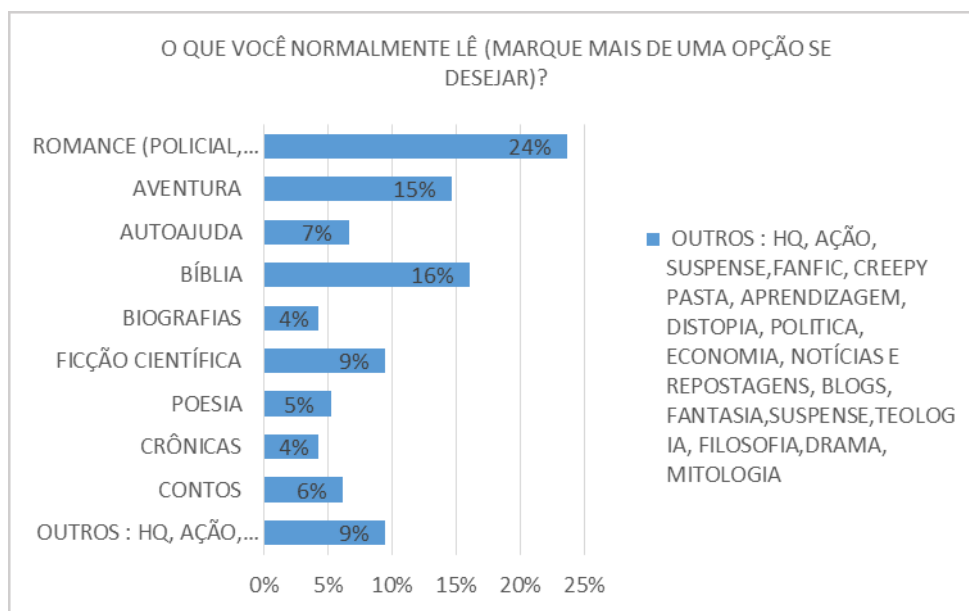
Gráfico 3- A leitura como assunto e sugestão (em porcentagem)



Fonte: dados da pesquisa

Os dados mostram que 57% dos alunos entrevistados conversam sobre livros com os amigos. Das repostas dadas, muitos disseram que falam dos livros que mais gostaram, sendo que durante a conversa também trocam sugestões de leituras. Os 43% de alunos que disseram não conversar sobre livros com os colegas são os mesmos que alegam que não leem. Surge, então, a curiosidade de compreender o que os alunos leem, pois nas instituições escolares a qualidade da leitura dos alunos constitui-se como uma das preocupações da maioria dos docentes. Sendo assim, perguntamos aos alunos *‘O que você normalmente lê? (Marque mais de uma opção se desejar)*.

Gráfico 4- Gêneros literários lidos pelos alunos (em números)

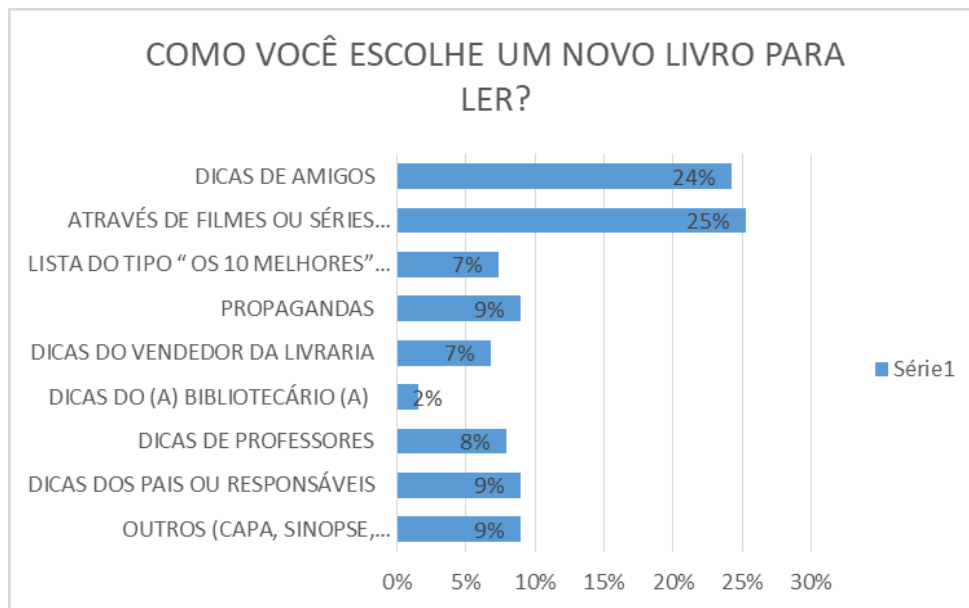


Fonte: dados da pesquisa

Por meio das respostas, observamos que os estudantes dessa escola possuem um gosto diversificado pela leitura. Os alunos leem quase todos os tipos de gêneros literários. Contudo, a preferência se dá pelos romances, seguido da bíblia, livros de aventura e ficção científica. O gênero menos lido pelo público da escola são as biografias e crônicas.

A influência e a mediação da leitura podem ser feitas por vários meios: entre os familiares, amigos, escola, mídias etc. Por isso, perguntamos aos alunos: *‘Como você escolhe um livro para ler?’* e obtivemos respostas variadas.

Gráfico 5- Mediação de leitura, como escolhem um livro (em números)



Fonte: dados da pesquisa

Observamos que os estudantes escolhem os livros por meio da capa, sinopse, dicas etc. Porém, grande parte dos entrevistados responderam que escolhem um novo livro para ler motivados por filmes ou séries assistidas. De acordo com a pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil 4*, os livros mais lidos pelos jovens, hoje, são os que estão associados a fenômenos culturais: adaptações e recriações como filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites espetáculos multimídia, aplicativos etc. Nesse sentido, compreendemos que os jovens dessa escola, nascidos em um contexto de expansão tecnológica, são certamente influenciados pela mídia.

Para compreendermos um pouco mais as respostas dadas pelos alunos na tabulação dos questionários, antecipamos o depoimento de alguns alunos produzidos nas entrevistas. Durante as conversas, observamos que os jovens leitores dessa escola demonstraram preferir mais ler os livros a assistir aos filmes, o que caracteriza uma das práticas de leitura dos alunos. Esse dado pode ser percebido pela fala de dois alunos ao relacionarmos livros e filmes:

Stark⁶: Eu li antes do filme. Eu coloquei muita expectativa. Tipo assim, o livro todo ele dá muito, muitos detalhes e o filme não deu tantos detalhes igual dá no livro, mas o filme é muito bom

João: Tem até os detalhes também, mas as coisas que eu sinto que mais tem diferença é quando envolve desenvolvimento de personagem no livro. Você tem outra perspectiva, você vê o que tá passando com o personagem e você acaba tendo mais afeto. Você tem uma empatia maior. Já no filme, muitas vezes, como é uma visão em terceira pessoa assim, não tem esse tipo de visão, por exemplo. Tem até os filmes que conseguem muito bem isso. Por exemplo, o filme do *Extraordinário* onde passa o que cada personagem tá passando, você consegue ver. Mas na visão em terceira pessoa assim, você não sabe o que tá passando; o afeto é diferente do livro (Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

A família é ainda uma das principais mediadoras de leitura, seguida dos amigos dos adolescentes entrevistados. Mediar a leitura é permitir o encontro entre os livros e os leitores (REYES, 2014). Por isso, para conhecer como é feita a mediação de leitura na vida dos jovens perguntamos *‘Quem você acha que despertou o seu gosto por esse tipo de leitura?’*. Pelos dados, compreendemos que essa ponte é construída também na família.

Gráfico 6- Mediação de leitura, incentivo à leitura (em números)



Fonte: dados da pesquisa

⁶ Os nomes que constam nas entrevistas são fictícios e foram escolhidos pelos próprios alunos, para preservarem a sua identidade, conforme orienta o Conselho de Ética da UFMG.

Pelos dados desta pesquisa, os pais incentivam a compra de livros. Pelo Ideb, as famílias na escola pesquisada encontram-se no nível 4, o que significa que os adolescentes vêm de famílias que não são abastadas, mas que também não estão em extrema pobreza. Por isso, os alunos dessa escola têm a oportunidade de adquirir obras literárias, embora apresentem algumas dificuldades de aquisição, pois grande parte dos alunos não trabalham por estarem em idade escolar. Sendo assim, dependem, muitas vezes, de que os pais ou amigos lhes deem livros como presente. Como eles mesmos disseram em entrevista:

Pesquisadora: E como vocês fazem para comprar livros? Como que acontece?

Pedro: Para mim, às vezes, quando eu ganho dinheiro, porque eu não trabalho, então quando eu ganho dinheiro, eu falo: ah, eu quero tal livro! Aí eu vou lá e compro. Inclusive foi até por causa de ver negócio na internet, eu vi muito sobre um livro, várias resenhas, não só uma. Aí depois de um tempo eu fui ganhei dinheiro, aí eu falei: eu quero comprar aquele livro! Aí eu fui lá e comprei. E, tipo assim, também a família sabe que você gosta muito de ler. Por exemplo, nesse meu aniversário, que foi em fevereiro, eu não pedi nada, mas o meu pai chegou e falou: ‘filho eu quero te dar esse kit aqui de cinco livros’. Aí eu falei: ah, então beleza. Aí ele foi e me deu. Então, de presente de aniversário esse ano, eu ganhei só livro. Então, assim, as pessoas sabendo que você gosta de ler, ajuda bastante

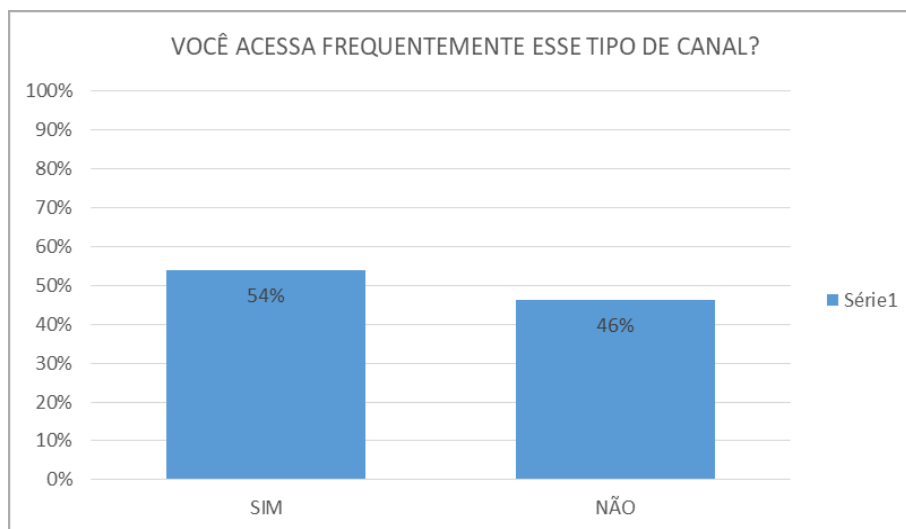
Valentina: Eu determino prazo. Tipo assim, como eu pedi meu pai para comprar no começo do ano, eu comprei cinco livros. Aí, eu fico pensando: daqui a cinco meses eu vou pedir de novo. Aí eu peço outro tipo de livro, porque é caro, não dá para ficar comprando (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Segundo os dados do Ideb, a escola pesquisada possui Laboratório de Informática e computadores para uso dos alunos. Porém, a instituição possui apenas 20 computadores para os alunos e a média de aluno por sala é de 33 estudantes. Por isso, entendemos que na escola não há um computador por aluno, caso um professor (a) deseje realizar uma atividade no laboratório. Entretanto, compreendemos que, ainda assim, os alunos possuem acesso à internet fora da escola.

Como um dos objetivos desta pesquisa é investigar como os alunos interagem com os canais literários virtuais fizemos as seguintes perguntas no questionário: ‘*Você conhece algum clube de leitura ou clube do livro na internet/ YouTube?* ’; ‘*Você já leu algum livro por indicação do(s) apresentador(es) desse canal literário?* ’; ‘*Você acessa frequentemente esse tipo de canal?* ’; ‘*Você acessa outra rede social (Facebook, Twiter, Instagran etc.) desse mesmo (a) apresentador(a)? Qual?* ’. Assim, durante a pesquisa, 14 estudantes entrevistados demonstraram, por meio dos dados do questionário, que conhecem os canais

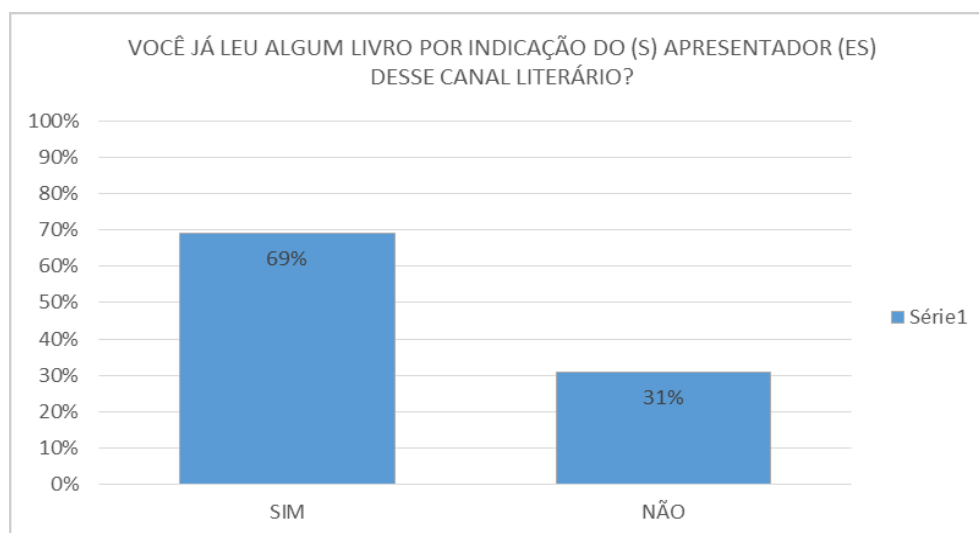
literários e 7 responderam que acessam frequentemente outras redes sociais dos *booktubers* para acompanhá-los, mesmo sendo um participante dos canais literários no *YouTube*. É importante para esta pesquisa apontar que 9 dos 14 alunos usuários dos canais literários virtuais responderam que aceitam as indicações de leitura feita pelos apresentadores.

Gráfico 7- Acesso frequente aos canais (em números)



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 8- *Booktubers* como mediadores de leitura, indicação de leitura (em números)



Fonte: dados da pesquisa

Após a descrição do campo e da exposição das características dos estudantes da escola pesquisada, daremos sequência com o capítulo 3 que trata do conceito de práticas de leitura e mediação de leitura. Esses dois conceitos são importantes para subsidiar a análise feita dos canais literários e os vídeos produzidos pelos apresentadores desses canais, bem como dos comentários feitos pelos seguidores dos canais.

Capítulo 3- #práticasmediaçãodeleitura: Práticas, mediação e contemporaneidade

3.1 Práticas de leitura

Práticas de leitura referem-se à criação de situações reais de leitura em sala de aula, à busca de apreensão e negociação de significados que os aprendizes atribuem à leitura em geral e à leitura de diferentes gêneros (BATISTA, 2014). Ainda que de forma ampliada, conforme o autor, a noção pedagógica de ‘práticas de leitura’ retoma a de ‘usos sociais da língua escrita’ ou de ‘usos sociais da leitura’ (grifo do autor), que busca recriar, no interior da escola, as práticas de leitura que ocorrem em outras esferas do mundo social. Segundo o autor, aqueles que assumem tal perspectiva do conceito de práticas de leitura têm o desafio de fazer o aluno aprender a ler ao mesmo tempo que participa da cultura escrita, interagindo com textos reais, com propósitos efetivos e em busca da construção de sentidos.

Desse modo é que Bicalho (2014) aponta que a leitura é tida, hoje, como uma atividade complexa, em que o leitor produz sentidos a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos. Leitura, portanto, não é decodificação e, sim, compreensão e crítica. Logo, para a autora, a leitura é uma atividade cognitiva que desperta operações mentais e uma atividade social que envolve uma interação entre escritor e leitor. Compreendemos, portanto, que, atualmente, a leitura é tida como uma prática social, ou seja, o que as pessoas fazem com a leitura ou para que leem. Sendo assim, a leitura possui finalidades diversas, pois sua função está para o sujeito, isto é, os objetivos da leitura estão imbricados nos próprios objetivos do leitor.

Dessa maneira, quando leem, os sujeitos possuem objetivos específicos e variados, que podem interferir de maneira direta nos sentidos atribuídos aos textos lidos e na própria escolha desses textos. Por isso, o conceito de mediação da leitura precisa ser estudado junto a essas práticas.

3.2 Mediação de leitura

Para compreendermos o processo de mediação de leitura, precisamos atrelar esse entendimento aos próprios sujeitos da ação. Os mediadores de leitura são aquelas pessoas

que estendem pontes entre os livros e os leitores (REYES, 2014). O encontro entre os livros certos e os momentos não possui rota única nem uma metodologia específica, dificultando, portanto, definir os mediadores de leitura. Porém, esses mediadores não se limitam à escola; estão também presentes em vários espaços como lar, bibliotecas, parques, hospitais, ludotecas etc. Yolanda Reyes (2014) sugere que um mediador de leitura é aquele que se deixa tocar pelos livros e sonha em compartilhar as leituras com outras pessoas e, ainda, facilita o encontro entre livros e leitores. Esses encontros propiciam leituras íntimas ou em pequenos grupos e até mesmo ocasionam conversas ou recomendações de livros. Por conseguinte, segundo a autora, entendemos que um mediador de leitura lê seus leitores de modo que, ao conhecê-los, descobre os livros que dialogam com seus anseios e realidades, ocasionando nesse processo a mediação de leitura, o encontro entre leitor e livro.

Mediadores de leitura são, portanto, aqueles que facilitam o encontro entre os livros e os amantes (ou potenciais amantes) de leitura. Todavia, a tecnologia tem estreitado a distância entre as pessoas e facilitado alguns processos comunicativos. Assim, o ciberespaço pode ser definido, segundo Levy (2000), como o espaço de comunicação aberto e interligado, ou seja, um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, o que inclui acesso a bancos de dados e compartilhamento de telememórias. O autor aponta que a função ‘troca de mensagens’ é a mais importante desse ciberespaço, devido à facilidade de compartilhamento. Mas, como a tecnologia sempre está em evolução, a partir das mensagens eletrônicas temos as conferências eletrônicas e os *groupware*: não se comunica apenas com uma pessoa, mas com várias ao mesmo tempo e em tempo real de modo compartilhado. Sendo assim, na cultura da convergência produzida no ciberespaço entendemos que o conteúdo que é exibido no mundo digital pode circular por vários sistemas de mídia. Essa convergência de conteúdos no mundo digital aponta para a cultura participativa que contrasta com os antigos consumidores passivos de produtos da Web, pois os usuários atuais são participantes que interagem e agem, assumindo, assim, uma postura de consumidores coletivos, ações que revolucionaram os modos de comunicação e consumo (JENKINS, 2009; JENKINS, GREEN e FORD, 2014).

Nesse sentido, percebemos que a internet pode ser um outro meio de divulgação e mediação de leitura. A plataforma digital *YouTube*, conforme indicado anteriormente, possibilita que os seus usuários criem seus próprios vídeos com os mais diversos

conteúdos. Nesta pesquisa, encontramos, por meio dos canais literários virtuais, os livros como um desses produtos divulgados e compartilhados. Neles, os apresentadores, conhecidos como *booktubers*, além de divulgarem livros, encontram lugar para compartilhar leitura de maneira coletiva. Nos vídeos produzidos, os apresentadores, numa espécie de conversa, constroem sua apreciação dos livros: personagens, enredo, espaço etc. Mas, falam, principalmente, do gosto: dizem abertamente se gostaram ou não das obras.

Esta pesquisa teve como um dos objetivos analisar os canais literários virtuais como possíveis mediadores de leitura potencializados pelas tecnologias modernas e, por isso, considerou as estratégias de mediação construídas nesses canais. Também porque, diante da análise dos dados desta pesquisa, 54% dos alunos entrevistados acessam esses canais literários e fazem deles um dos mediadores de leitura da contemporaneidade, não sendo, porém, o único e nem o mais importante. À vista disto, o próximo tópico trata da análise de alguns canais literários virtuais, com o objetivo de caracterizar as mediações de leitura ali construídas.

3.3 Os Canais Literários virtuais: uma nova prática

3.3.1 Análises dos dados qualitativos dos Canais literários

A análise que se segue dos canais literários toma como referência os conteúdos presentes na data de 21 de janeiro de 2019. É importante essa informação, pois o número de visualizações dos vídeos, bem como o formato dos canais, pode variar muito por se tratar de uma cultura participativa com alterações rotineiras. Segundo Jeffman (2017), em sua pesquisa etnográfica sobre os *booktubers*, a variação dos dados é uma das características desses tipos de canais, principalmente, em relação ao seu número de participantes. Nesta pesquisa, a análise feita parte do estudo dos canais TLT, Cabine literária, Nuvem literária, canal da Pam Gonçalves e Nuvem literária. Apesar de muitos canais serem relacionados numa pesquisa de busca pelo Google, nos limitamos a esses cinco canais por possuírem o maior número de visualizações na data em que iniciamos a pesquisa.

Os canais literários virtuais configuram-se como vídeos compartilhados na plataforma digital *YouTube*, através dos quais os usuários interagem trocando informações

sobre livros. A característica marcante desses canais é a postagem de vídeos feitas pelos apresentadores, os *booktubers*. Utilizando os vídeos, os *booktubers* fazem comentários sobre livros lidos ou sugeridos pelas editoras e não deixam de fazer, também, a apreciação das obras, dizendo se gostaram ou não do que leram. Desse modo, os *booktubers* por vezes são considerados por muitos editores e colunistas da mídia aberta como a nova geração de ‘críticos’ literários (grifo nosso). Essa característica atribuída aos *booktubers* foi a inquietação primeira da nossa pesquisa. Nesse sentido, fizemos algumas buscas em plataformas digitais de artigos acadêmicos com o termo, mas poucas pesquisas ainda existem sobre o tema.

De acordo com os estudos feitos por Kirchof e Silveira (2018), os *booktubers* são comentadores de leitura, pois a apreciação feita por esses apresentadores parte do gosto pessoal. A definição de *booktubers* como comentadores de leitura também pode ser percebida nos apontamentos feitos por Perrone-Moisés (2016), mas numa visão mais tradicional, baseada no conceito de literatura e crítica literária que permeia entre os séculos XVIII e XX. Dado isso, um dos assuntos tratados pela autora em sua obra *Mutações da literatura no século XXI* é a relação entre a literatura e a internet. Em sua busca pelo termo herança cultural na internet, Leyla Perrone-Moisés relata a experiência de encontrar alguns sites apresentados por pessoas muito jovens que mostram e comentam alguns itens de suas pequenas bibliotecas (uma estante de livros). Entretanto, segundo a autora, o objetivo não era falar sobre os livros que herdaram e, sim, de livros que deixariam como heranças: livros que escolhem de maneira aleatória que são, em sua maioria, *best-sellers* americanos traduzidos, livros de divulgação e alguns velhos volumes de autores como Júlio Verne e Orwell. Por isso, essas exposições raramente se configuram como crítica literária (PERRONE-MOISÉS, 2016).

Para a autora, a internet possibilitou o aparecimento de vários leitores críticos, de competência variada, em sites e *blogs*; no entanto, trata-se da exposição do gosto. Para ela, a crítica literária é elitista, se pauta no mais alto padrão de qualidade; o crítico é um especialista. A crítica exige bagagem cultural e argumentos com fundamentação teórica, prática de leitura *de* e *sobre* literatura. Nesse sentido, compreendemos que as práticas sociais de leitura produzem certas funções e certos posicionamentos sociais que são

instituídos não sem tensão, porque há uma disputa sobre quem pode dizer o que e com qual autoridade.

Os vídeos, de forma geral, são postados nos canais do *YouTube*, e podem ser acessados pelos usuários da internet, possibilitando a formação de comunidades cujos participantes interagem voluntariamente por meio dos comentários.

Todos os canais possuem formato padrão no *YouTube*, nos quais encontram-se abas, indicando:

- **Início:** apresenta todos os vídeos feitos pelo programa até a data de pesquisa;
- **Vídeos:** apresenta todos os vídeos do apresentador até a data pesquisada;
- **Playlist:** nela o apresentador pode fazer uma espécie de pasta ou arquivo para armazenar todos os vídeos que possuem conteúdos afins, dando uma impressão de organização de todos os vídeos já postados pelo canal.
- **Comunidade:** o apresentador pode formar uma comunidade com os seguidores do canal. Na comunidade, os apresentadores falam de assuntos relacionados ao canal, interagem com os membros, respondendo aos comentários feitos e, além disso, essa ferramenta pode ser um meio para manter financeiramente o canal.
- **Canais:** apresentam outros canais que são indicados pelo *booktuber*, podendo ser até outro canal literário.
- **Sobre:** leva à apresentação do canal em si (dados, nome do apresentador, estatísticas, descrição do canal e conteúdo, endereços eletrônicos e links).

Além disso, todos os apresentadores dos canais possuem outras páginas nas redes sociais, pelas quais divulgam conteúdos e novidades dos canais literários, assim como respondem aos comentários dos seguidores de suas redes, caracterizando essa prática como uma convergência de conteúdos. Essa convergência que ocorre no mundo digital sinaliza as características de uma cultura para além de participativa. Para Jenkins, Green e Ford (2014), essa circulação de conteúdos é híbrida e emergente; não possui modelo definido e está remodelando o próprio cenário da mídia. Os próprios usuários definem *como*, *por que* e *onde* circular os conteúdos de mídia, caracterizando uma cultura da conexão, nas quais os usuários das plataformas digitais não são indivíduos isolados, mas integrantes de

comunidades amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos para diversos lugares (JENKINS, GREEN e FORD, 2014).

Grande parte dos *booktubers* mais citados pela internet são mulheres, jovens, graduadas, com formação em diversas áreas das ciências humanas. De acordo com Épiphane (2011), as meninas tiveram um acesso maciço à instrução pública. Desse modo, houve um crescimento no número de mulheres nas escolas de Educação Básica e Ensino Superior. Embora essa chegada maciça não tenha modificado as suas carreiras prediletas. Mantém-se a maior presença das mulheres nas profissões das áreas de Letras e Ciências Humanas. As mulheres se destacam como maioria nos canais literários, que tratam de leitura, atividade característica dessas áreas do conhecimento.

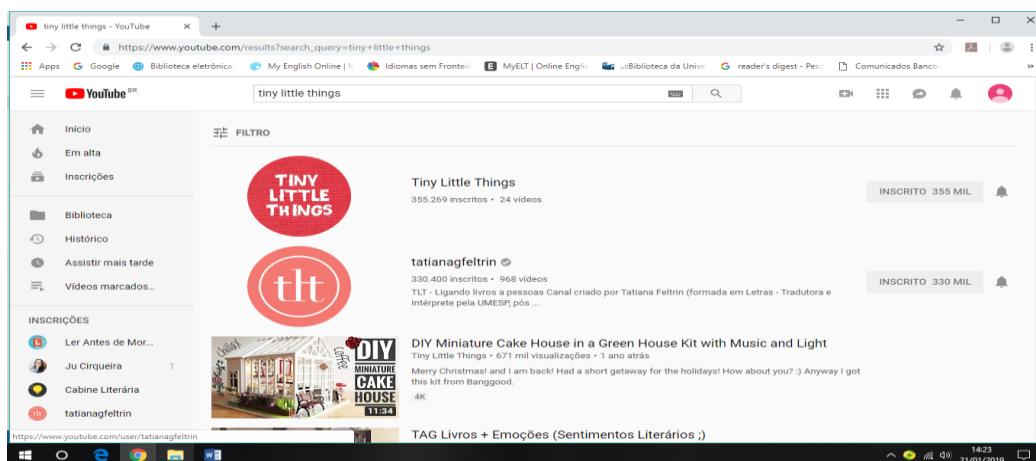
Para o desenvolvimento desta pesquisa foram selecionados alguns vídeos de canais literários postados no *YouTube*. A seleção foi feita a partir dos seguintes critérios: *booktubers* mais indicados por sites presentes no Google, canais literários mais visualizados e canais que apresentavam algumas postagens de obras e autores nacionalmente conhecidos. Os critérios para caracterizar os canais literários e os vídeos foram o tempo de duração dos vídeos, o assunto abordado, a forma de apresentação, o cenário, os recursos visuais utilizados, a intertextualidade e os tipos de comentários feitos.

Esses critérios foram utilizados, pois os vídeos dos canais literários variam entre 5 e 14 minutos, incluindo a apresentação pessoal, a apresentação do livro e a despedida. O assunto abordado pelos *booktubers* trata, essencialmente, dos livros a serem comentados por eles, seja porque tiveram a experiência de ler os livros, seja porque são livros que gostariam de ler ou porque são livros enviados pelas editoras para divulgação. O cenário é uma parte importante dos vídeos, pois as gravações normalmente são feitas em quartos, compostos pela estante de livros e objetos de decoração. Os recursos visuais utilizados pelos *booktubers* ajudam a caracterizar os vídeos, uma vez que estamos vivenciando a era das tecnologias modernas, as quais têm atraído a atenção dos jovens. Desse modo, observar como os apresentadores utilizam esses recursos é importante para compreender a multimodalidade da linguagem presente nos canais. A forma de apresentação dos *booktubers* ajuda-nos a entender de quais tipos de linguagens esses apresentadores se apropriam para chamar a atenção dos usuários e participantes de suas comunidades.

Observar a intertextualidade feita entre a obra e outros gêneros artísticos auxilia a nossa compreensão a respeito da influência que esse recurso tem na leitura dos jovens, pois de acordo com a pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil 4*, os livros mais lidos pelos jovens hoje são os que estão associados a fenômenos culturais: adaptações e recriações como filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites espetáculos multimídia, aplicativos etc. Analisar os tipos de comentários feitos diante da exposição dos vídeos é fundamental para compreendermos a influência desses comentários na escolha dos livros e observarmos como os jovens interagem com essa ferramenta disponibilizada pela Web 2.0.

3.4 O canal TLT (Tiny Little Things)

Figura 1- Tela de busca do *YouTube* do Canal TLT



Fonte: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/about>

O canal TLT, cuja descrição é “Ligando livros a pessoas”, foi criado por Tatiana Feltrin e foi inscrito no *YouTube* em 23 de setembro de 2007. Tatiana é formada em Letras, tradutora e intérprete pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). Pós-graduanda em ensino de idiomas pelo Mackenzie, professora de Inglês, como segunda língua. Ela se diz leitora ávida que compartilha o amor pelos livros e incentiva a leitura em vídeos há quase uma década. Segundo estatísticas da própria descrição, o canal possui cerca de

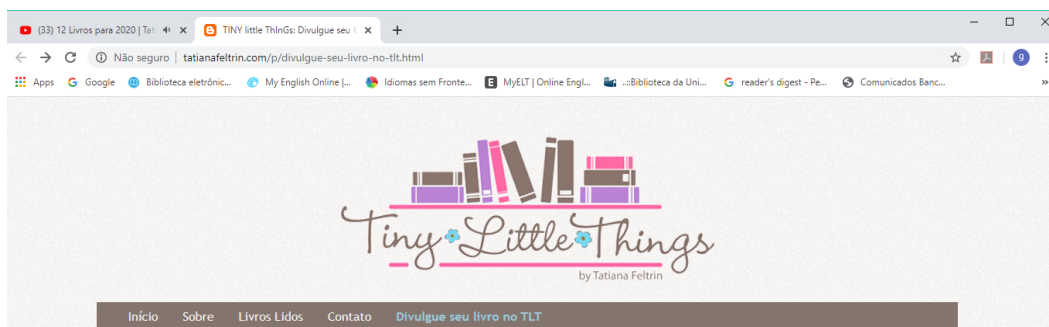
330.350 inscritos e 967 vídeos, dados que se referem a janeiro de 2019. Os vídeos são postados todas as quartas, sextas e domingos.

Do lado direito da tela, indica-se o número de inscritos no canal, sendo que, clicando nesse *link*, podemos nos inscrever e, ao clicar no sino que aparece no alto da página, o usuário recebe todas as notificações de vídeos novos do canal. É possível visualizar uma lista de canais do *YouTube* que são recomendados pelo canal nos quais os usuários podem também se inscrever.

No endereço eletrônico para contato que aparece quando analisamos a descrição do canal, podemos perceber que a própria apresentadora se identifica como *booktuber*: tatifeltrin.booktuber@gmail.com. Esse mesmo endereço é indicado para consultas empresariais. A apresentadora possui um *blog* e contas no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Tumblr* e no Google. O canal possui *playlists* (conjunto de vídeos que tratam de determinado assunto), como: lendo paraíso perdido, rumo à Divina Comédia, livros de biografia, autobiografias e memórias, divulgação científica e uma seção de grandes autores: Tolstói, Thomas Mann, Érico Veríssimo, Jane Austen e outros. Há o anúncio de vários canais de leitura, porém não há comunidades anunciadas.

No *blog*, a apresentadora faz a exibição de contos, pequenos comentários sobre livros de contos e posta alguns trechos dos livros. O canal possui um espaço para comentários dos seguidores, que, através dele, favorece a interação uns com os outros e com a própria Tatiana, pois embaixo de cada comentário observamos respostas dos participantes e da *booktuber*. Na visita ao *blog* da apresentadora, percebemos que os contos são apresentados em forma de *hashtags*, o nome do livro e do autor. Em todas as postagens, encontram-se o nome da apresentadora e o horário no qual ela postou o comentário. No *blog* há vários *links* (Início, Sobre, Livros lidos, Contatos, Divulgue seu livro no TLT) para divulgações que podem ser feitas por pessoas ou editoras.

Figura 2- Página do *blog* da Tatiana Feltrin



Fonte: <http://www.tatianafeltrin.com/p/divulgue-seu-livro-no-tlt.html>

Quando abrimos o *link* “divulgue seu livro no TLT”, temos a apresentação do canal TLT, indicando que é o canal de livros mais antigo do *YouTube* no Brasil, com mais de 10 anos de atividades, o qual compartilha experiências de leituras, ligando livros a pessoas. Tatiana indica que o trabalho dela não é vender livros e, sim, fazer divulgação das obras, sendo, portanto, uma publicidade paga. No *blog* encontra-se a descrição do alcance das páginas que a apresentadora possui no *YouTube* com mais de 300 mil inscritos, no *Facebook* mais de 59 mil, *Instagram* mais de 78 mil e no *Twitter* mais de 19 mil.

Figura 3- Chamada para divulgação de livros do blog da Tatiana Feltrin



Fonte: <http://www.tatianafeltrin.com/p/divulgue-seu-livro-no-tlt.html>

Autores ou editoras têm a oportunidade de terem as suas obras divulgadas em todas essas redes sociais; no entanto, varia o preço e tempo de divulgação e forma de divulgação, que pode ser em vídeo coletivo (com outros livros) ou individual. Os livros também podem ter a divulgação apenas da capa e sinopse. Os maiores valores são para a divulgação das obras com impressões pessoais de leitura da apresentadora. Contudo, para esse tipo de divulgação, fica explícito que é sem a interferência do autor ou da editora.

Figura 4- Tabela de preços para divulgação de livros pela Tatiana Feltrin

Para leitura/divulgação de livros (físicos ou ebooks), ofereço as seguintes opções:

- 1) Impressões de leitura (pessoais, sem interferência do autor/editora) em vídeo coletivo (com outros dois livros / HQs) R\$1100,00
- 2) Impressões de leitura (pessoais, sem interferência do autor/editora) em vídeo coletivo (com outros dois livros / HQs) + divulgação de foto da capa e sinopse no Instagram (postagem permanente), Twitter e Facebook: R\$1500,00
- 3) Impressões de leitura (pessoais, sem interferência do autor/editora) em vídeo coletivo (com outros dois livros / HQs) + divulgação de foto da capa e sinopse no Instagram (postagem permanente), Twitter e Facebook + divulgação de capa e sinopse em vídeo de encerramento de mês (Conclusão de mês + Caixa Postal): R\$1800,00
- 4) Impressões de leitura (pessoais, sem interferência do autor/editora) em vídeo exclusivo (de 5-10 minutos de duração): R\$1700,00
- 5) Impressões de leitura (pessoais, sem interferência do autor/editora) em vídeo exclusivo (de 5-10 minutos de duração) + divulgação de foto da capa e sinopse no Instagram (postagem permanente), Twitter e Facebook + divulgação de capa e sinopse em vídeo de encerramento de mês (Conclusão de mês + Caixa Postal): R\$2500,00
- 6) Apenas divulgação da capa e sinopse em vídeo de encerramento de mês (Conclusão de mês + Caixa Postal): R\$500,00
- 7) Apenas divulgação de capa e sinopse em postagem permanente no Instagram: R\$ 600,00

Fonte: <http://www.tatianafeltrin.com/p/divulgue-seu-livro-no-tlt.html>

Figura 5- Tabela de preços para divulgação de livros pela Tatiana Feltrin

8) Postagem de divulgação de capa e sinopse no Instagram com repostagem no Twitter e no Facebook: R\$600,00

- Quaisquer links que o autor ou a editora queiram divulgar (redes sociais, onde encontrar o livro, site do autor/ editora, email para contato, etc) ficam permanentemente na descrição do vídeo;
- Eventos como lançamento do livro, palestras, participação em bienais do livro ou outros, também podem ser divulgados na descrição do vídeo
- Os vídeos ficarão permanentemente disponíveis no TLT, em caso de autor independente, o vídeo será adicionado à playlist Novos Autores Brasileiros.

Observações sobre envio de livro para resenha: Se houver interesse, o pagamento do valor total deverá ser feito via depósito bancário no ato do recebimento do livro (o mesmo vale para recebimento de arquivo de ebook)

Para divulgação de capa e sinopse nas redes sociais: A postagem será feita com o livro/material de divulgação em mãos, assim que o depósito for confirmado. Emite nota fiscal.

-->

Havendo interesse ou qualquer dúvida, por favor, encaminhe email para: tatfeltrin.booktuber@gmail.com

Obrigada.

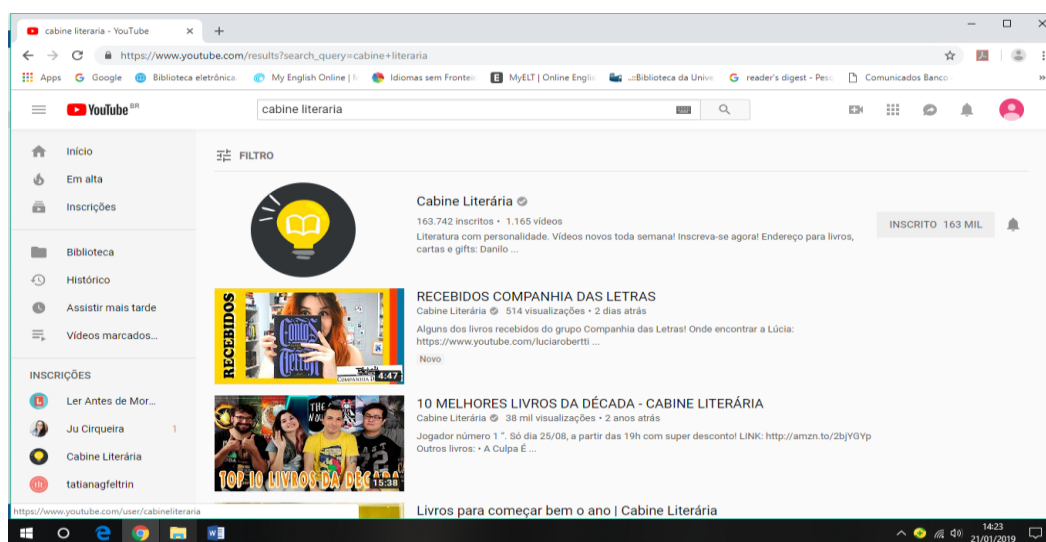
Fonte: <http://www.tatianafeltrin.com/p/divulgue-seu-livro-no-tlt.html>

Quem escreve no *blog* é a Tatiana Feltrin e HP Charles que também possui um canal no *YouTube* que disponibiliza músicas e vídeos para *ipods* e afins. A apresentadora faz uma chamada especial no *blog* indicando, que, se as compras forem feitas pela Amazon, isso contribuirá para o crescimento do canal. Além disso, explicita que será oportuno para o *blog* se as pessoas curtirem a página do canal existente no *Facebook*. O *blog* possuía 8361 seguidores em janeiro de 2019. O *blog* trata de assuntos aleatórios, cinema, da vida como ela é, de livros, de música, de temas diversos e de seriados, como é descrito na própria página do *blog*.

Assim, no canal TLT Tatiana Feltrin produz vídeos para falar de livros de títulos nacionais e estrangeiros, possui um número considerável de inscritos no canal, apresenta outras redes sociais para interagir com os usuários. No *blog*, a apresentadora fala de leitura literária e faz divulgação da sua tabela de preços. Tatiana se identifica como *booktuber*, mas não diz fazer crítica literária nas apresentações, apesar de ser graduada em Letras.

3.5 O canal Cabine literária

Figura 6- Tela de busca do YouTube do canal Cabine Literária



Fonte: <https://www.youtube.com/user/cabineliteraria/about>

O canal *Cabine literária* foi inscrito no *YouTube* em 12 de fevereiro de 2011 e possuía, em 21 de janeiro 2019, 163.740 inscritos. Foi criado por Danilo Lenardi em 2010, embora nas estatísticas expostas no *YouTube* sobre o canal a data de inscrição é de 12 de fevereiro de 2011. Em janeiro de 2019, as visualizações somavam de 12.808.919. O canal é descrito como “Literatura com personalidade. Vídeos novos toda semana.” Os vídeos do canal são apresentados por um grupo de amigos: Danilo Leonardi, Cesar Sinicio, Lúcia Robertti, Felipe Sale e Gabriel Utyama. Há vídeos em que aparecem mais de um apresentador e vídeos que são apresentados por apenas um dos *booktubers*. Há *playlists* com livros marcados com ‘gostei’, sobre *fanfics* bizarras no *wattpad*, com cobertura de eventos como *workshops* e *vlogs* literários, Felipe Sali, Pergunte pra mãe, Livros recebidos, Discussões grupais e uma *playlist* para cada apresentador. Alguns dos apresentadores do *Cabine Literária* possuem canais individuais, indicado pelos seus nomes, nos quais também falam sobre livros, filmes e assuntos diversos. Há endereços para livros, cartas e *gifts*, sugestões e imprensa e para anunciar no canal. Além disso, o *Cabine Literária* possui uma página no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. No canal apresentado por todos, há uma exposição de um endereço com caixa postal para envio de livros, cartas e *gifts*, um endereço eletrônico para sugestões e imprensa e outro para anunciar no canal.

Dos canais individuais, o do César Sinicio é o que surgiu antes do *Cabine Literária*; o canal do apresentador data do ano de 2006. Já os outros canais surgiram depois do *Cabine Literária*. Também há um *link* para comprar o livro do *booktuber* Danilo: “Coisas Inatingíveis”.

Em nossa pesquisa, encontramos uma entrevista com os apresentadores Danilo e César dada ao programa Trilha de Letras da TVBrasil. Na entrevista, Danilo diz que a criação do canal, em 2010, nasceu da sua vontade em fazer algo diferente e inovador. O objetivo dele era falar sobre livros na internet. Quando iniciou o canal, Danilo disse que gravava os vídeos com uma pequena câmera que o pai tinha e diz que, na época, em 2010, não havia nenhum canal que falava sobre livros na internet e o termo *booktuber* não existia. Ele trabalhava em um aeroporto e, no tempo livre, gravava os vídeos. A composição do canal, com muitos integrantes, deve-se ao fato de que, na época, segundo Danilo, não havia um formato para esse tipo de produção, não havia recomendações do *YouTube* sobre como ser um *booktuber* famoso. Além disso, para ele, somente com a sua participação, a

gravação dos vídeos seria pouca: *“para fazer resenhas de livros, eu tinha que ler muitos livros, e eu nunca fui daquele tipo de leitor que lê 1 livro por dia, sempre fui um leitor que gosta de refletir sobre o livro, deixar pensando... mas sempre gostei de ler... às vezes eu lia um livro de mil páginas em 1 mês, então eu fazia um vídeo por mês”*, diz Danilo. Foi então que chamou o Gabriel, porque ele gostava de ler e a ideia era a de falar sobre os lançamentos de livros do mês. A entrada do César foi porque ele conhecia muito o Danilo e ele tinha um curso que falava de jornadas mitológicas, então ele gravou um vídeo para o canal e depois outros. Na conversa, Danilo diz que o objetivo do canal era entreter os espectadores e encontrar pessoas para falar sobre livros. Danilo diz que ao fazer resenhas sobre livros, ele gosta de resenhar do que gosta e não só entreter as pessoas, como fazer desafios literários e ler o que está na moda. Quando é interpelado pelo entrevistador sobre a possível comparação entre o *booktuber* e a crítica literária de jornal e imprensa, ele diz que são pessoas diferentes: *“dificilmente a pessoa que acompanha resenhas no YouTube é a mesma pessoa que assina um jornal para ler resenhas de livros. Ao mesmo tempo eu sempre tentei trazer elementos de crítica literária para os meus vídeos, porque eu já fiz Letras, eu sempre gostei de estudar Literatura”*.

Embora seja graduado em Letras, Danilo diz que não usa termos acadêmicos nos seus vídeos; ele troca esses termos por palavras que as pessoas já conheçam para trazer um vocabulário mais acessível, para não ter que ficar explicando toda vez, faz uma espécie de tradução para o leitor/espectador “comum”. Danilo diz que usa esse recurso da crítica literária para que os comentários não sejam apenas uma opinião, pois a opinião de uma pessoa não vale nada, para quem quer ler um livro. Entretanto, ao dizer isso, foi interrompido pelo apresentador Raphael Montes que discordou de Danilo. Pois, para ele, a grande diferença entre os *booktubers* e a crítica literária é justamente essa: o *booktuber* se permite ser mais subjetivo, porque pode expressar se gostou ou não de um livro, o que caracteriza os *booktubers* como *influencers*. Para Danilo, a opinião de uma pessoa ao influenciar o outro a ler reduz muito a experiência de ler e as pessoas não deveriam ler ou deixar de ler um livro só pela opinião do outro. Por isso, César diz que há um lado positivo disso, que é a identificação, mas também um certo perigo: *“o que é gostar ou não gostar de algo é muito, muito subjetivo”*. Desse modo diz que não gosta do termo “resenha ou crítica” e sim da expressão “experiência de leitura”. Todavia, observamos que os usuários

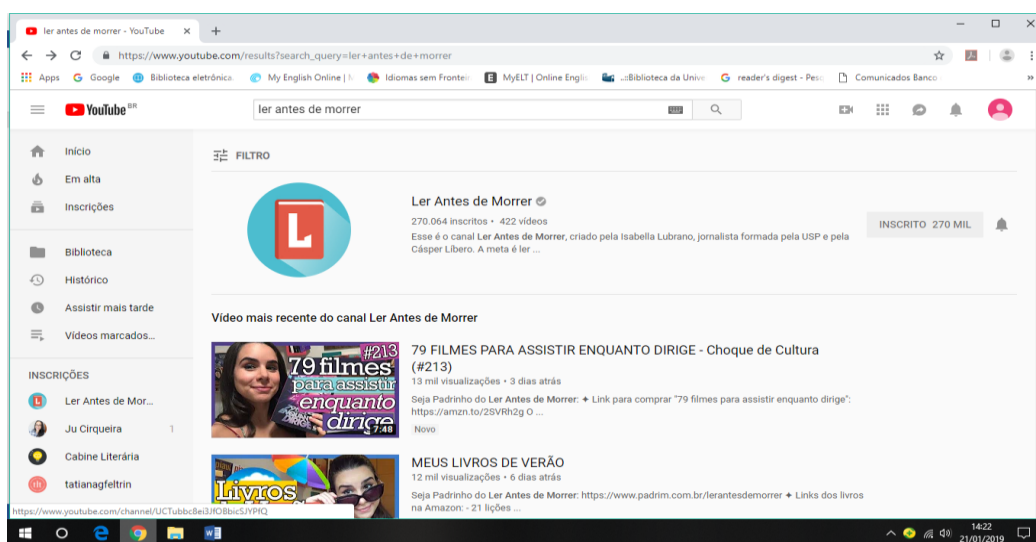
dos canais literários procuram esse recurso em busca de opinião dos apresentadores e dos participantes das comunidades sobre os livros. Portanto, as opiniões expressas nos canais literários influenciam, de certa maneira, na escolha das obras a serem lidas.

Para César, as novidades no *Cabine Literária* são favorecidas pelo fato de serem cinco integrantes que possuem estilos diferentes de leitura e escolhas diferentes e isso influencia o outro e sempre têm algo a dizer. Danilo diz que a subjetividade do *booktuber* é perigosa, porque nem todos pensam na responsabilidade que possui essa atividade, uma vez que a pessoa que entra nesses canais é porque quis, está “a fim” de ouvir o que o *booktuber* tem a dizer, não é porque o pai mandou ou o professor falou. Mas, segundo ele, nem todos os *booktubers* refletem sobre isso. Danilo Lenardi possui dois livros publicados: “Coisas Inatingíveis” e “Por que Indiana João?”. Este, de acordo com o autor, foi até adotado por algumas escolas municipais para discutir sobre o *bullying*. César é autor de contos e já publicou em duas coletâneas. O conto do autor “Eu tenho um disco voador na garagem”, que trata de sexualidade, e uma coletânea de contos protagonizados somente por meninas, intitulada de “Fantásticas”. César é autor do conto “A menina que contava estrelas” nessa coletânea.

Portanto, o canal Cabine Literária apresenta como característica principal ser apresentado por mais de um *booktuber*, apesar de que todos eles possuem um canal individual que trata também de livros e de assuntos diversos. O canal foi criado pouco tempo depois do canal TLT e também possui um apresentador graduado em Letras, escritor, mas que não se compromete em falar de livros sob uma perspectiva de crítica literária. No canal, os apresentadores se apropriam de diferentes linguagens para chamar a atenção dos usuários do canal virtual. Apesar de exibirem links de outras redes sociais, até a data de janeiro de 2019 o canal não possuía uma comunidade formada.

3.6 O canal Ler Antes de Morrer

Figura 7- Tela de busca do YouTube do Canal Ler antes de Morrer



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/about>

O canal *Ler Antes de Morrer* é apresentado por Isabela Lubrano, jornalista formada pela USP e pela Cásper Líbero. A inscrição do canal data de 4 de maio de 2014 e possuía em janeiro de 2019, vídeos que chegavam a 10.421.698 visualizações. Segundo a descrição do canal, “A meta é ler e resenhar 1001 livros: Será que é possível? Claro que é. E mesmo se não for, já vale a pena tentar! ”. É o que está exposto na página do canal do *YouTube*. Possuía mais 270 mil inscritos no canal, em 21/01/2019, com 422 vídeos publicados. Segundo os dados do canal, os vídeos são exclusivos e tratam das principais obras da literatura brasileira e universal. Os vídeos são feitos com bom humor e qualidade de um jeito que os seguidores nunca viram, de acordo com a descrição.

Há um endereço eletrônico para fazer anúncios no canal e um endereço para entregas ou cartas. Não possui indicação de outros canais para serem acessados. Mas possui páginas no *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *Skoob*. Na página do canal no *YouTube*, há um *link* do site Amazon, uma vez que, de acordo com a descrição que se encontra na página, ao comprar por ele, parte da arrecadação vai para o canal e, também, o canal chama a atenção

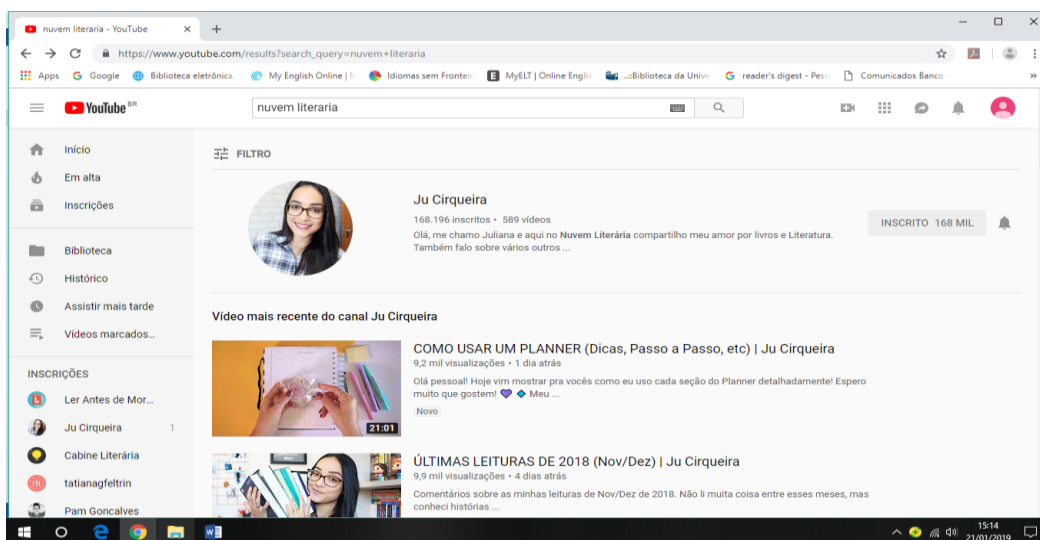
por ter pessoas que o apadrinham e percebemos que, em alguns vídeos, a apresentadora faz solicitações para quem quiser se tornar um padrinho ou madrinha do canal.

Na página do *Facebook*, também há o anúncio dos vídeos com os devidos *links* para acesso. Há também propagandas de ofertas da Amazon, *post* de fotos da linha do tempo e de fotos relacionadas ao canal no *YouTube*, do *Instagram* e do dispositivo móvel (celular). Nessa página, Isabela responde aos seguidores e amigos do *Facebook*. No *Twitter*, ela também coloca muitas fotos relacionadas ao canal e sobre livros e ofertas da Amazon. Há também uma publicação em que Isabella expõe que foi indicada ao Prêmio Jabuti e finalista no Prêmio Retratos da Leitura do IPL (Instituto Pró-Livro), na categoria Mídia. No entanto, não houve *posts* dos resultados no *Twitter*. O Canal possui *playlists* publicadas com livros relacionados como: melhores livros do ano, clássicos da não ficção, *Bookshelf*, literatura norte-americana, literatura europeia, latino-americana, literatura russa. O canal não possui comunidades.

No canal Ler Antes de Morrer chama a atenção um dos vídeos da apresentadora Isabela Lubrano que se propõe a falar sobre a leitura de clássicos na escola. A apresentadora, no vídeo, trata da sua própria experiência e expõe sobre a importância da leitura desse tipo de literatura, mas com livros que apresentam uma estética mais moderna de maneira que chame a atenção dos alunos. Como jornalista, percebemos que Isabela também se apropria de diversas linguagens para atrair os usuários do canal, como no vídeo “A melhor seleção de todos os tempos” que dialoga com a Copa do Mundo de Futebol de 2018. O canal não possui uma comunidade, mas apresenta outras redes sociais que tratam, também, dos vídeos produzidos no canal.

3.7 O canal Nuvem Literária

Figura 8- Tela de busca do YouTube do canal Nuvem Literária



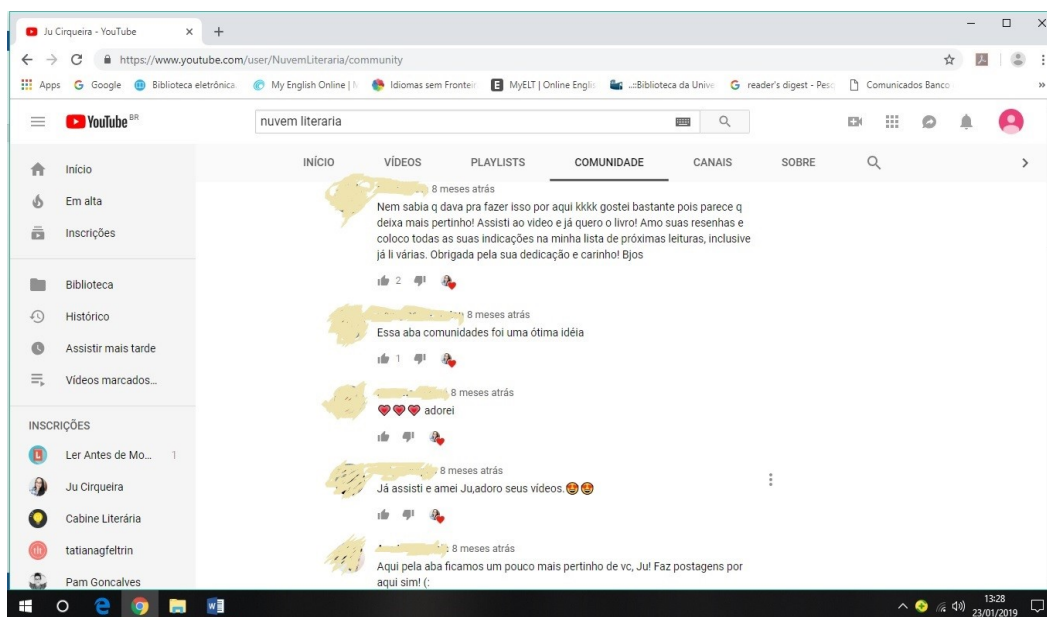
Fonte: <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria/about>

Apresentado por Juliana Cirqueira (Ju Cirqueira) a qual é formada em Letras-Inglês pela UFES e pós-graduada em Tradução de Inglês pela Estácio de Sá. Na descrição do canal, diz compartilhar do seu amor por livros e Literatura, mas também fala sobre vários outros assuntos que a interessam. O canal possui mais de 168 mil inscritos em 21/01/2019. O canal foi inscrito no *YouTube* em 23 de agosto de 2013, totalizando 8.377.891 visualizações.

Na apresentação do canal, há um endereço eletrônico para divulgação de livros, porém o envio de livro ou produto não garante divulgação. Há *links* para acessar Clube do Livro, *Blog*, *Instagram*, *Facebook*, *Skoob*.

Também há uma comunidade, na qual a participante chama os participantes de nuvenzinhas. Ju Cirqueira diz que criou a comunidade para ver se os seus seguidores a acompanham também por essa ferramenta. Através dele, Ju diz poder fazer perguntas, enquetes e saber mais a opinião dos seguidores. Porém, na comunidade do Nuvem Literária, também percebemos avisos dos lançamentos de vídeos novos dos canais literários no *YouTube*.

Figura 9- Imagem da tela de comentários da comunidade do canal Nuvem Literária

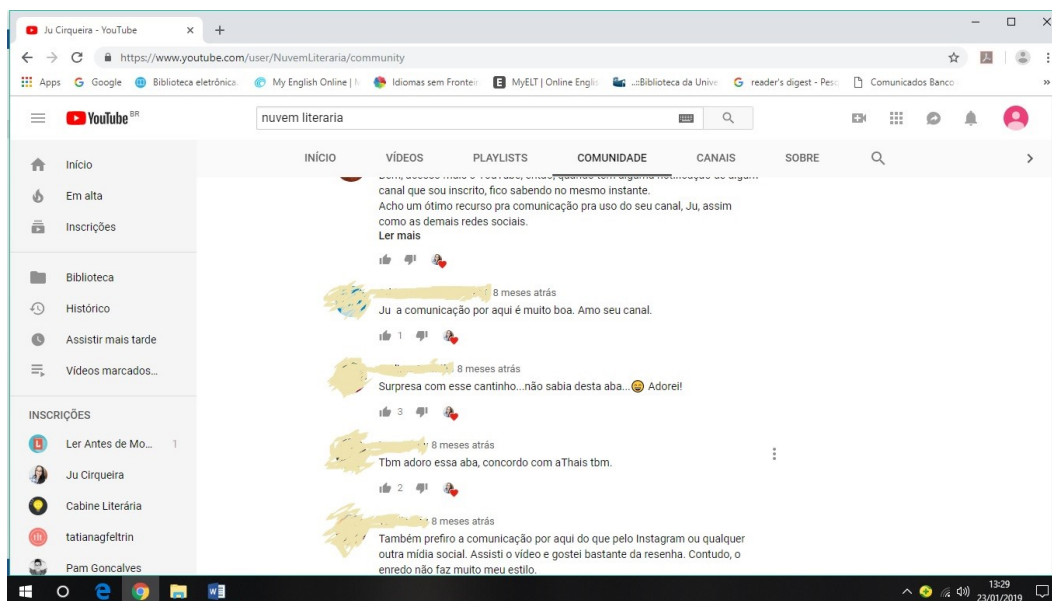


Fonte: <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria/community>

Ao ler alguns comentários dos seguidores, notamos que a recepção inicial é boa e há comentários de que na comunidade se sentem mais perto da apresentadora, sendo mais atrativo as postagens nessa aba do que em outras redes sociais, como no *Instagram*. Porém, em um dos comentários, o seguidor diz ser interessante esse meio de comunicação, no entanto, prefere acessar diretamente o *YouTube*, pois as notificações são imediatas.

Há propagandas de outros canais literários, mas também há a propaganda de outros tipos de canais, como de culinária. Apresenta *playlists* sobre vídeos marcados com “gostei”, obras nacionais, clássicas, romances, terror, suspense, fantasia, filmes, música clássica na literatura, livros por editoras e gêneros, etc.

Figura 10- Imagem da tela de comentários da comunidade do canal Nuvem Literária



Fonte: <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria/community>

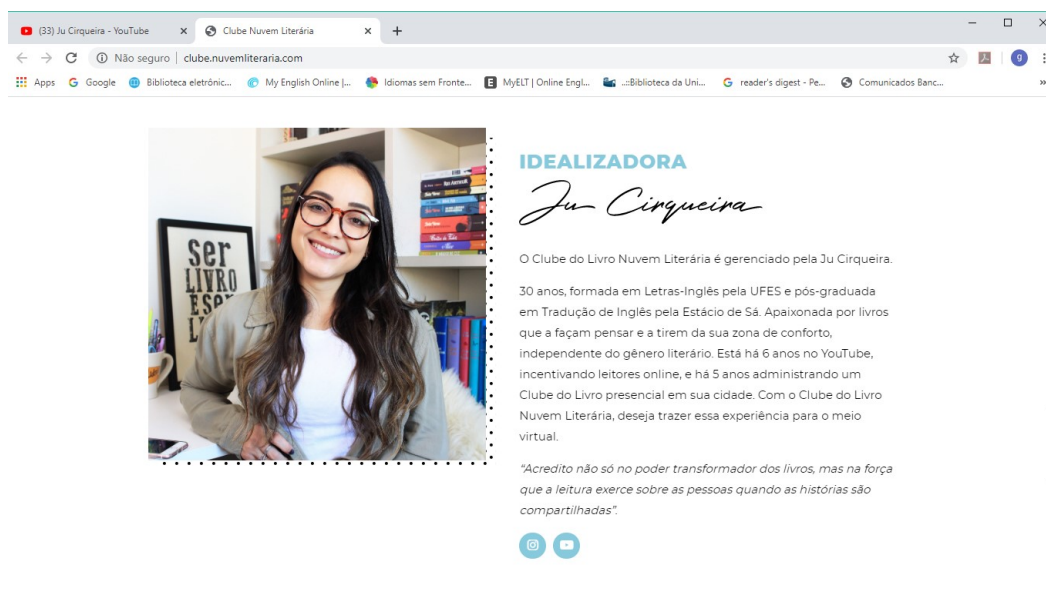
Percebemos, também, que há uma outra comunidade *online* do canal chamada de Clube do livro Nuvem Literária. Segundo a propaganda do clube, a atividade de leitura não precisa ser solitária, e a função do clube é para compartilhar opiniões literárias com liberdade e enriquecer o seu hábito da leitura. A participação no clube é paga e o aplicativo permite que as pessoas participem da escolha das leituras, recebam conteúdos exclusivos como vídeos e materiais extras para complementar a leitura. Há também o registro de progresso de leitura por meio de um cronograma interativo e transmissões ao vivo para discutir nos livros lidos.

Figura 11- Imagem da tela do Clube do Livro do canal Nuvem Literária



Fonte: <http://clube.nuvemliteraria.com/>

Figura 12- Apresentação do Clube do Livro do canal Nuvem Literária



Fonte: <http://clube.nuvemliteraria.com/>

Figura 13- Regras de funcionamento do Clube do Livro do canal Nuvem Literária

COMO FUNCIONA

- Os 7 primeiros dias são gratuitos.**
Você assina e tem acesso a tudo gratuitamente através do nosso aplicativo por 7 dias. Se desejar cancelar, não pagará nada por isso.
- Ao se tornar membro, você tem acesso a todos os benefícios.**
Você terá acesso ao nosso aplicativo onde poderá participar da escolha das leituras, receber conteúdos exclusivos (vídeos e materiais extras) para complementar a sua leitura durante o mês, registrar o seu progresso em um cronograma interativo e participar de transmissões ao vivo para discutir os livros lidos.
**Cada membro adquire seu livro para leitura.*
- Sem compromisso**
Você pode cancelar quando desejar. Você paga somente o mês em que desejar usufruir de todos os benefícios da nossa plataforma.

Fonte: <http://clube.nuvemliteraria.com/>

Figura 14- Passos para fazer parte do Clube do Livro do canal Nuvem Literária

PASSO 1
Assine durante 7 dias grátis!
*após, R\$19,90 mensais

PASSO 2
Baixe o nosso aplicativo

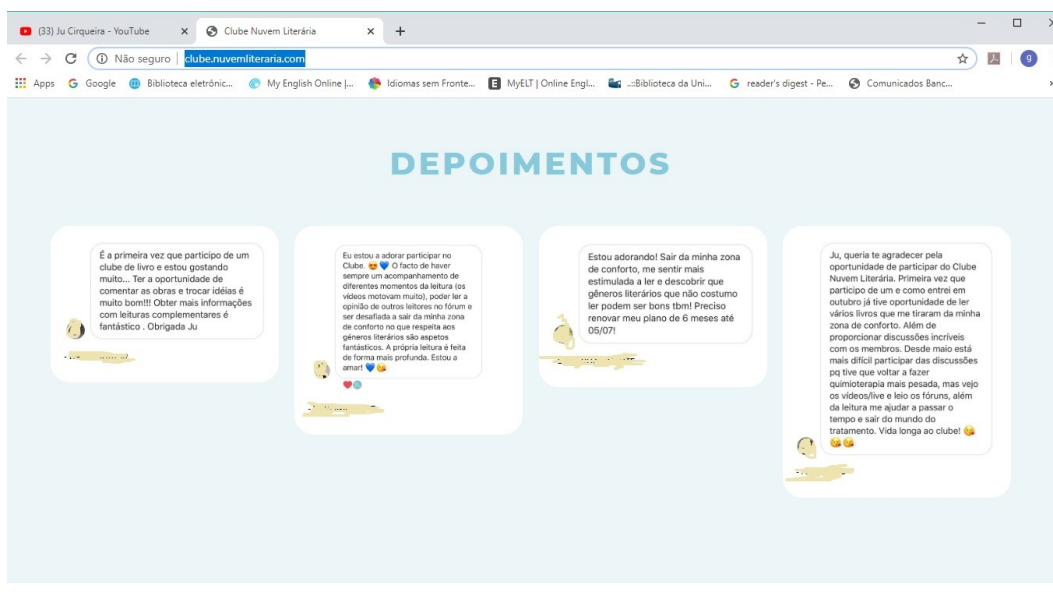
PASSO 3
Pronto! É só fazer login no nosso APP! Bem-vindo ao clube!

EXPERIMENTE GRÁTIS POR 7 DIAS >>

DEPOIMENTOS

Fonte: <http://clube.nuvemliteraria.com/>

Figura 15- Depoimentos de participantes do Clube do Livro do canal Nuvem Literária



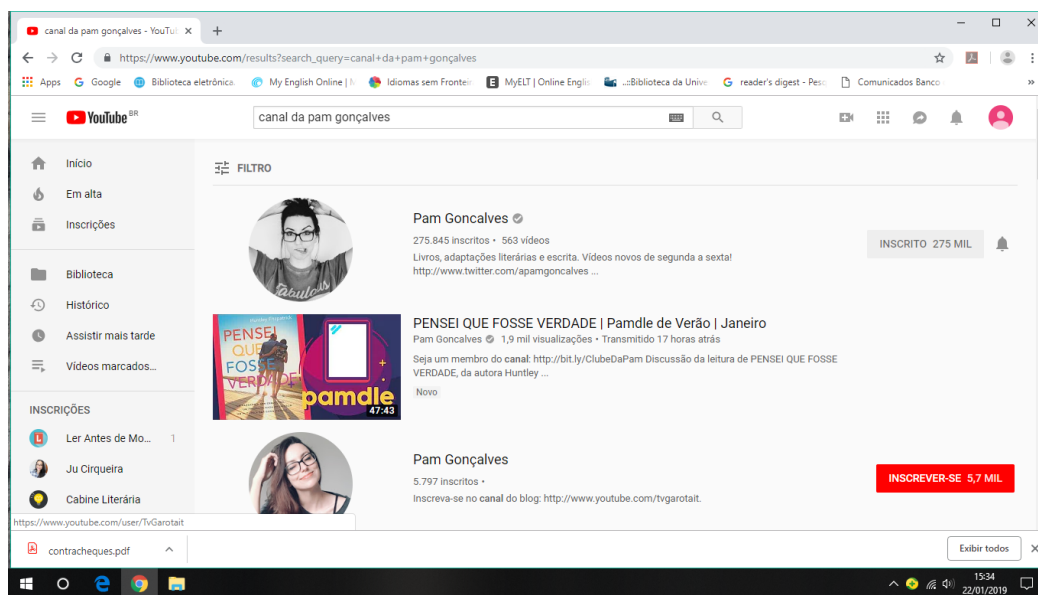
Fonte: <http://clube.nuvemliteraria.com/>

Os depoimentos acerca do clube revelam que os participantes gostam da ideia de participar de clube *online*, pois permite a interação entre os usuários por meio dos comentários. Os integrantes também dizem que as atividades complementares, como vídeos/*live* e a leitura de outros gêneros literários ajudam muito na leitura. Além disso, muitos usuários disseram que o clube favoreceu para que eles saíssem da zona de conforto.

O canal Nuvem Literária também possui uma apresentadora formada em Letras, mas que, também, na descrição do canal, diz ter como objetivo compartilhar a sua paixão pelos livros. O canal possui uma comunidade cujo interesse é interagir com os usuários e, além disso, possui um clube do livro exclusivo no qual os participantes podem compartilhar as suas experiências de leitura. Ademais, o canal também possui outras redes sociais das quais os usuários podem participar.

3.8 O canal da Pam Gonçalves

Figura 16- Tela de busca do YouTube do canal da Pam Gonçalves



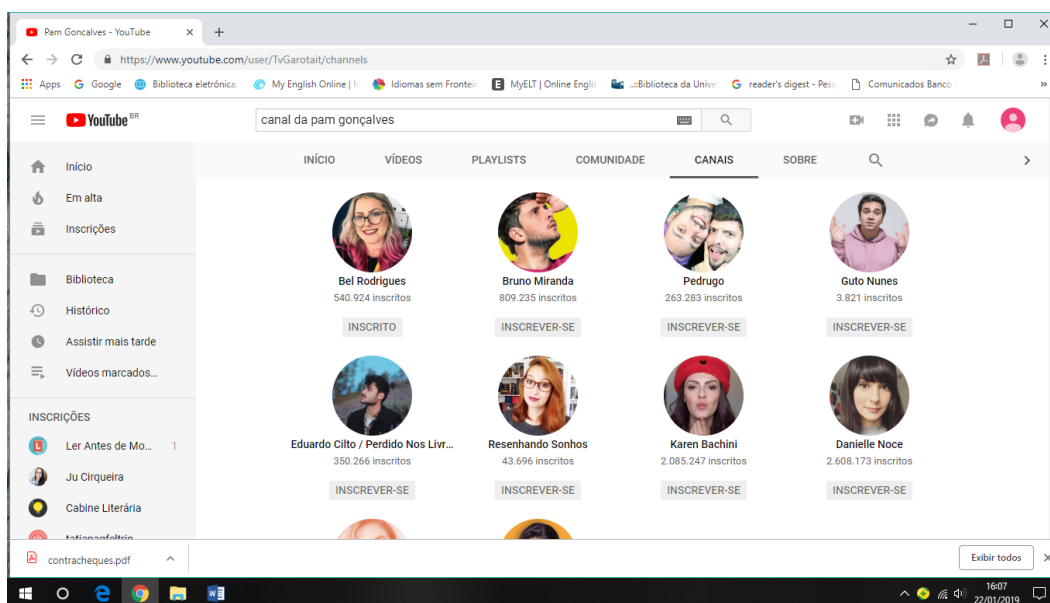
Fonte: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait/about>

O canal da *Pam Gonçalves* registra mais de 275 mil seguidores em 22/01/2019. É um canal sobre livros, adaptações literárias e escrita. Contém exibições de vídeos novos de segunda a sexta. Foi inscrito no *YouTube* em 21 de julho de 2012. Possuía vídeos com 13.939.461 visualizações em janeiro de 2019. Apresenta um contato comercial através de endereço eletrônico. Apresenta crédito: selos do clube de membros por *Freepik* do site *Flaticon* (site de Recursos gráficos (ícones) gratuitos para designers). Apresenta um link sobre “acompanhe minhas leituras” através do qual se abre uma página que mostra, além dos livros lidos pela autora, os livros de sua autoria: “Boa noite” e “Uma Noite de Verão” – romances. Além disso, nesse *link* podemos ver, também, o livro (coletânea de contos românticos) que lançou junto com outros *booktubers* (Bel Rodrigues, Hugo Fancioni e Pedro Pereira), “Amor nos tempos de #likes”: a coletânea reinventa contos românticos a partir de histórias conhecidas da Literatura Clássica (*Orgulho e Preconceito*, *Dom Casmurro* e *Romeu e Julieta*), criando suas versões na era digital.

Também possui páginas no *Instagram*, *Twitter* e *Skoob*. Possui uma *playlist* com filmes relacionados a livros, *vlogs* de leitura, livros com protagonistas mulheres, séries, livros contemporâneos, clube da escrita (ensinando a como escrever um livro).

Apresenta uma comunidade formada por membros do canal, no qual interage com os membros mandando recados sobre os vídeos do canal, obtendo, assim, comentários dos participantes. A comunidade é uma espécie de clube de assinatura, sendo uma forma de ajudar o canal através de uma contribuição mensal das pessoas participantes. Porém, essa mensalidade pode ser cancelada a qualquer momento, o que não interfere no conteúdo do canal. Como assinante, o membro do clube recebe benefícios exclusivos: acesso exclusivo a selos de fidelidade nos comentários e no bate-papo ao vivo, *emojis* personalizados, *reviews* de todas as leituras feitas pela apresentadora no ano, *lives* exclusivas de bate-papo entre membros do canal, contendo um segredo e “pitaco” no conteúdo do canal (“os membros poderão me ajudar a tomar decisões”). Há indicações de outros canais literários e de canais diversos, como o de educação financeira (“Me poupe”, apresentado por Nathália Arcuri, consultora). No *Twitter*, Pam Gonçalves fala sobre assuntos relacionados ao canal e também indica leituras.

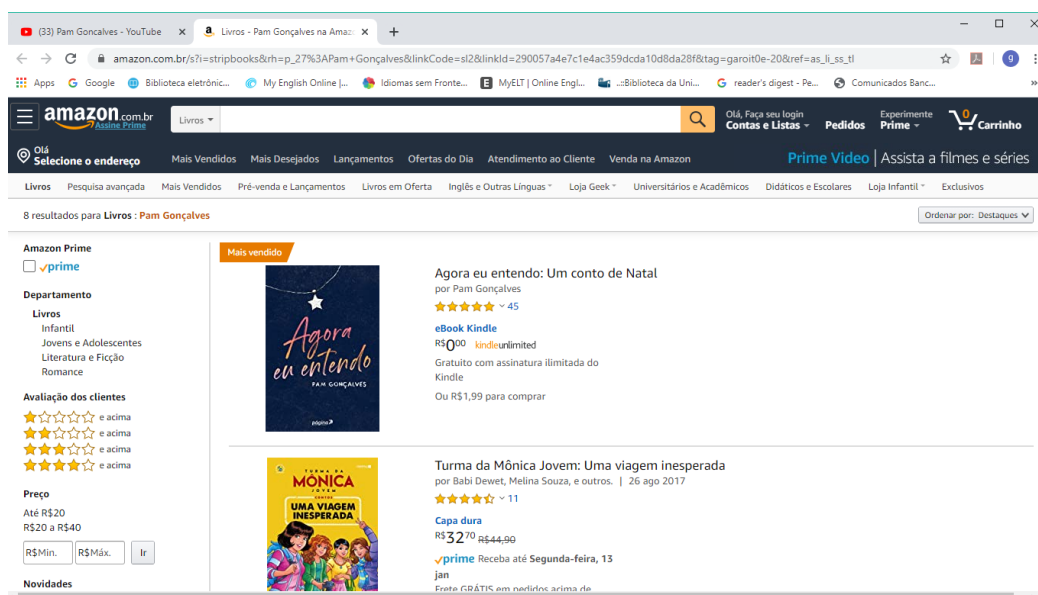
Figura 17- Canais de indicação encontrados por meio de *links* no canal da Pam Gonçalves



Fonte: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait/channels>

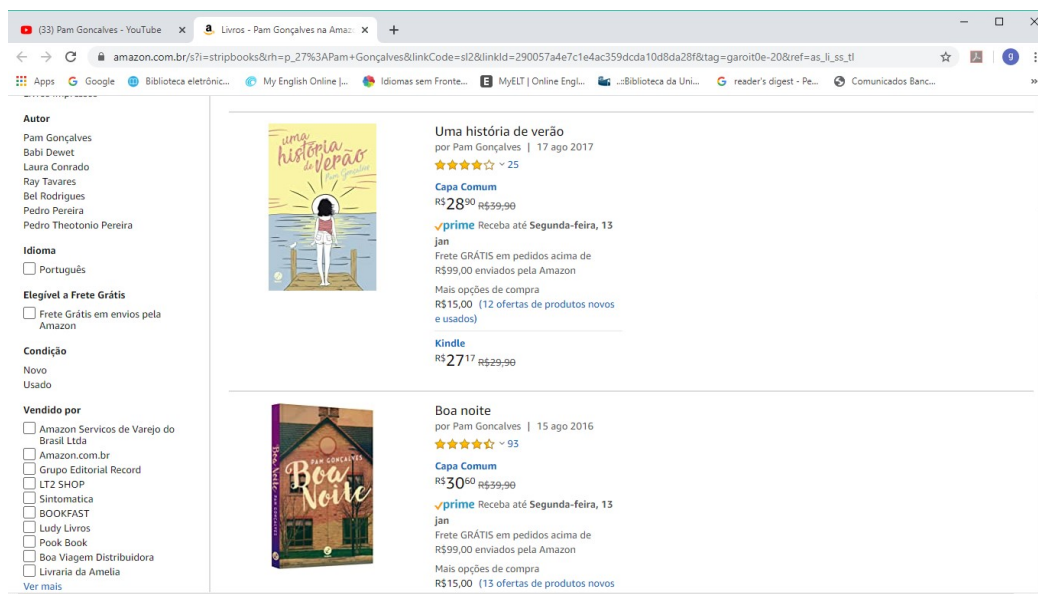
No link 'Meus livros' que se encontra na página do YouTube da Pam Gonçalves, podemos encontrar todos os livros escritos pela apresentadora sendo vendidos pela Amazon.

Figura 18- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves



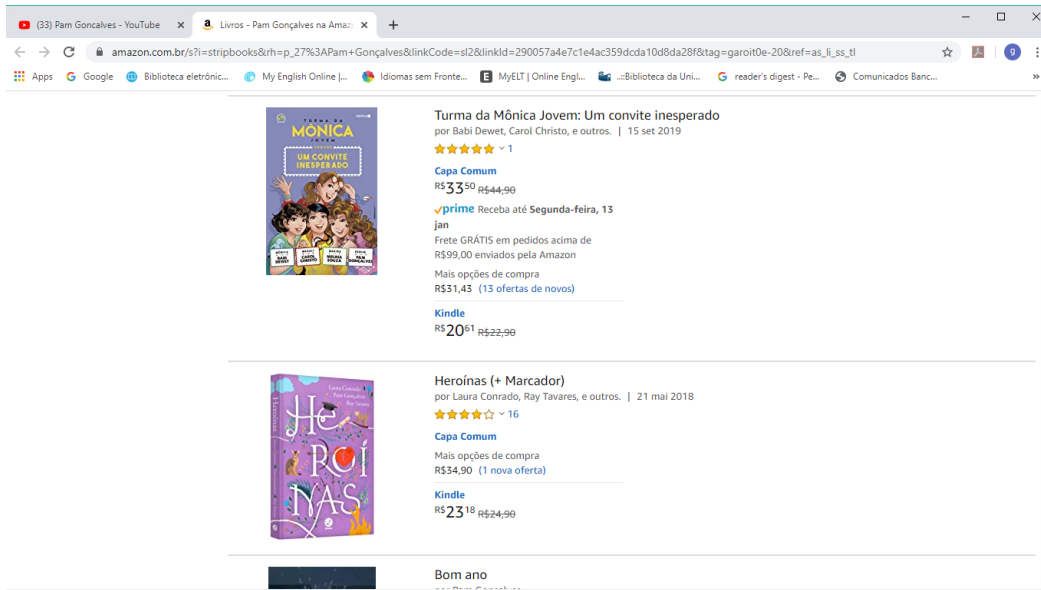
Fonte: <https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh>

Figura 19- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves



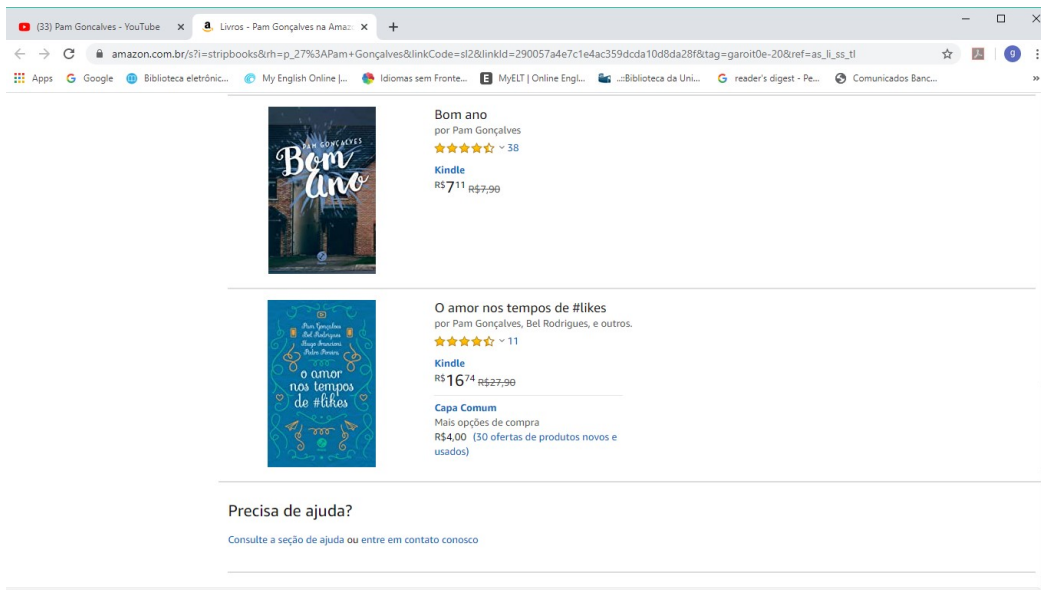
Fonte: <https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh>

Figura 20- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves



Fonte: <https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh>

Figura 21- Imagem do site Amazon. Venda de livros da Pam Gonçalves



Fonte: <https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh>

No canal da Pam Gonçalves observamos, pelos vídeos analisados, que a apresentadora se apropria de várias linguagens para chamar a atenção dos usuários, por

exemplo, com o uso de roupas pertencentes à cultura juvenil. Pam Gonçalves produz vídeos com a participação de outros *booktubers*, bem como indica outros canais literários por meio de links. A apresentadora possui mais de um livro de sua autoria e usa o seu canal e as outras redes sociais para fazer a promoção dessas obras. O canal possui uma comunidade paga, na qual há sorteios de brindes, resolução de enigmas e bate papo ao vivo.

3.9 Considerações sobre os canais literários

Os canais literários virtuais são compostos por vídeos apresentados pelos *booktubers*. Os vídeos postados nesses canais do *YouTube* têm como objetivos principais compartilhar a experiência de ler um determinado livro e expor a apreciação da obra. A criação desses canais é fomentada pelo desejo de encontrar pessoas que também gostam de ler obras literárias. Mas, também, esses canais têm se tornado uma fonte de divulgação de livros por meio das editoras, as quais se aproveitam do número de visualizações e usuários que esses canais possuem.

Os usuários desses canais interagem com os apresentadores e demais participantes por meio da ferramenta ‘comentários’, uma revolução da Web 2.0 . Os comentários tratam da apresentação do livro feita pelos *booktubers* e, ainda, permitem o direito de resposta aos comentários, o que caracteriza o *YouTube* como uma cultura participativa (JENKINS, 2009; JENKINS, GREEN e FORD, 2014). Com essa ferramenta, os usuários podem interagir com os próprios *booktubers*, pois, em muitos casos, quando as falas são direcionadas a eles, os apresentadores têm o cuidado de darem as devidas respostas. Uma outra ferramenta presente na plataforma *YouTube* que permite a interação mais íntima dos participantes são as comunidades formadas pelos apresentadores. Essas comunidades são formadas por pessoas que pretendem ter uma aproximação maior com os apresentadores para discutirem assuntos diversos ou livros específicos, assim como pode funcionar como um clube de assinantes ou patrocinadores do canal, recebendo brindes e presentes específicos dos canais. Os canais literários caracterizam-se como comunidades de pessoas que se organizam para compartilhar o gosto pela leitura literária, fazer indicação de leitura e comentar sobre a leitura feita das obras. Por isso, Jeffman (2017) por meio de seus

estudos sobre os *booktubers* já anuncia que a comunidade formada a partir desses canais é chamada de *booktube*.

Ainda que os apresentadores façam comentários sobre os livros, eles parecem não ter a intenção de serem vistos como críticos literários, mas sim como pessoas que encontram, na facilidade permitida pela *YouTube*, uma forma de unir pessoas para falar sobre livros e do gosto pela leitura. Desse modo, como dito em capítulos anteriores, é que Perrone-Moisés (2016) ao tratar da leitura literária na atualidade, aponta que as apreciações feitas nesse formato tratam apenas do gosto e não se caracteriza como crítica literária.

Existe uma espécie de interligação de rede entre as plataformas digitais e redes sociais dos apresentadores, pois os usuários desses canais são levados a outras redes sociais digitais dos apresentadores, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Blogs* para ganharem em número de visualizações e popularidade, gerando a convergência digital, por meio da qual uma informação gera outras informações: essa circulação de informações e conteúdos que existe na internet é caracterizada como cultura da conexão (JENKINS, GREEN e FORD, 2014). Por ela, o usuário tem a oportunidade de ser participante ativo que também produz e distribui mídias. Também, podemos apreender que a popularidade desses apresentadores é muitas vezes dividida, pois muitos canais fazem propagandas de outros apresentadores, numa espécie de rede de informações e conteúdo.

Mas, para além disso, os canais têm sido um sucesso entre os seguidores, porque os números de visualização desses canais chegam à casa dos milhões. Nesse sentido, os canais literários virtuais têm sido um meio de levar a literatura a diversas pessoas, oportunizando a conversa sobre as obras e a mediação de leitura que está fora dos muros da escola. Muitos *booktubers* usam da criatividade para produzir os vídeos no intuito de ganhar mais seguidores, tratando, além de leitura, de assuntos diversos em seus canais. Eles também falam de filmes e séries ligadas a livros, fazem entrevistas com outros apresentadores de canais na busca de inovar.

Dessa maneira, constatamos que os canais literários virtuais caracterizam-se como uma plataforma digital que trata da leitura literária e da mediação de leitura. Os canais foram criados por leitores que desejavam encontrar outras pessoas que também gostavam de leitura e a tecnologia moderna facilitou esse encontro, permitindo a formação de comunidades de leitores no mundo *online*. Entretanto, esses canais, muitas vezes, não são

reconhecidos pela escola, pois, social e historicamente, as instituições escolares são as responsáveis pela divulgação da leitura e formação de leitores. Porém, de acordo com Street (2014), mesmo que essas práticas sejam realizadas fora do ambiente escolar, notamos que há uma reprodução dos processos realizados na escola, pois os apresentadores fazem indicação de leitura, apresentando o resumo do livro e fazendo uma apreciação sobre a obra, assim como o manuseio dos livros feito pelos apresentadores dos canais, exibindo a capa e a sinopse também são processos de leitura percebidos e implementados por muitos professores. Diante disso, observamos o que o autor aponta como “pedagogização” do letramento, uma vez que esses processos se assemelham à lógica da escola.

Castanheira (2014) descreve que ler e escrever na escola são processos que se diferenciam de ler e escrever fora da escola, por isso ao avaliar as práticas de leitura é preciso considerar em que contextos estão inseridas. Além disso, Rojo (2009) aponta que o mundo contemporâneo exige outras práticas de leitura e escrita que vão além das escolares, uma vez que vivemos em uma sociedade que produz culturas e práticas diversas. Assim, entender os processos de leitura implica em compreender a situação comunicativa. Como prática social, não podemos nos esquivar da concepção ideológica do letramento, a qual faz com que um determinado tipo de letramento se sobreponha a outros.

Nesse sentido, o próximo capítulo trata da análise dos vídeos produzidos por esses canais, no intuito de perceber de que recursos os apresentadores se utilizam para serem os novos fenômenos no *YouTube* que tratam da leitura literária.

Capítulo 4 #produçãodosvídeos: Os vídeos literários como eventos de letramento

4.1 Análise dos dados qualitativos dos vídeos

Após a apresentação de alguns canais literários virtuais, passamos à análise do conteúdo produzido por seus apresentadores, especialmente os vídeos nos quais os *booktubers* compartilham a leitura das obras literárias. Assim, nesse capítulo, tratamos das características dos vídeos. E, para tanto, os vídeos analisados foram dos canais literários do *YouTube* conhecidos como TLT, Cabine Literária, Canal da Pam Gonçalves, Nuvem Literária e Ler antes de Morrer. Abaixo, listamos o nome dos vídeos por canal.

TLT: Mayombe de Pepetela; A Odisseia de Penélope de Margaret Atwood; 1ª parte dos Lidos em 2009; Poesia da Semana- Tabacaria de Fernando Pessoa; Você Escolheu #5 O Pequeno Príncipe Le Petit Prince, de Antoine Saint- Exupéry, Praia de Manhattan de Jennifer Edgan. Vídeo de aniversário de 4 anos da TAG

Cabine Literária: Livros para começar bem o ano; Livros Recebidos de Março de 2018; Só faltou o título de Reginaldo Pujol Filho;

Ler Antes de Morrer: A melhor seleção de todos os tempos; Dez gringos extraordinários que você não leu; Forçar a barra com Dom Casmurro é equivocado; O Carteiro e o Poeta, de Antonio Skármeta (#159)

Canal da Pam Gonçalves: 5 livros que superaram as minhas expectativas; Medo de ser esquecida- 5 fatos com Bel Rodrigues; Para todos os garotos que já amei.

Nuvem Literária: A cor púrpura de Alice Walker; A revolução dos bichos de George Orwell; Vamos ler o Conde de Monte Cristo (Leitura conjunta).

Uma das primeiras características a ser destacada nesses canais a partir dos vídeos assistidos é o espaço constituído como cenário nos vídeos. Os locais, aparentemente, são pequenos e se assemelham a quartos, pois neles observamos a presença de objetos típicos desse ambiente: cama, estantes e armários. A gravação de vídeos, quando acontece no quarto, pode sugerir até mesmo intimidade e produzir o efeito desejável de

aproximação. Ao espectador é permitido “entrar” nesse quarto e ouvir apreciações de livros de maneira informal e descontraída.

Embora o ambiente quarto seja frequentemente comum, os vídeos analisados apresentam características um pouco diferentes, relacionadas ao próprio modo de apresentação de cada *booktuber*: alguns são mais introvertidos, não utilizam nenhum tipo de estratégia para descontrair o espectador durante a gravação dos vídeos. Vão direto à apresentação pessoal e falam dos livros propostos. Como exemplo, temos os vídeos do canal TLT, apresentado por Tatiana Feltrin. Durante o estudo, percebemos que essa é uma das *booktubers* mais antigas da plataforma, pois, segundo Jeffman (2017), ela é a primeira *booktuber* brasileira. Por ser formada em Letras, suas apresentações também são enriquecidas com conhecimentos literários; embora não demonstre uma proposta de fazer crítica literária. Tatiana apresenta uma fala tranquila sem gírias nos vídeos analisados e quase não faz brincadeiras nas apresentações. Mostra-se com pouca maquiagem e roupas discretas.

Nos vídeos produzidos pelos apresentadores Danilo Leonardi, Cesar Sinicio, Lúcia Robertti, Felipe Sale e Gabriel Utyama do Cabine Literária, na maioria das vezes, eles usam uma linguagem mais informal, carregada de gírias e expressões do universo jovem. Durante as gravações, os apresentadores brincam uns com os outros e com o público, dão risadas, usam substantivos no grau aumentativo ou superlativo para se referirem ao objeto livro, ao considerá-lo bom. Por exemplo, no vídeo *Recebidos de março de 2018*, feito no dia 26 de março de 2018, com 14min29s e com 1583 visualizações, um dos apresentadores usa as formas “Mangazão”, “livrão”, “livraço” ao se referir a um volume único de mangás lançado pela editora Veneta.

Os vídeos produzidos pelo canal da Pam Gonçalves revelam, também, a estratégia da informalidade e descontração utilizada por alguns *booktubers*. Nos vídeos assistidos, observamos que Pam Gonçalves é jovem, aparece muito maquiada nos vídeos, com roupas escuras e esmaltes escuros. A linguagem que usa é informal. No vídeo intitulado *Para todos os garotos que já amei/Uma trilogia para se apaixonar*, a apresentadora se vale de várias expressões para dizer o quanto gostou do livro e quão rápido ela leu a trilogia. Para isso, utilizada sempre a expressão “super” no lugar da palavra “muito”, como em “super

rápido”, “super empolgada”, “super rapidinho”. Outra expressão frequente é “quentinho no coração” para se referir às emoções que sentiu ao ler os romances.

A escolha do registro de linguagem revela que os apresentadores têm em mente o público a quem se dirigem e que procuram adequar a linguagem de acordo com o interlocutor, pois, de acordo com Mussalin & Bentes (2006 *apud* Santana, Jessé & Neves, Maria 2015), a variação social está relacionada a um conjunto de fatores e tem a ver com a identidade dos falantes e também da sua comunidade de fala.

Ainda que cada canal literário apresente as características de seus próprios apresentadores, em geral os *booktubers* utilizam de criatividade para a abertura dos vídeos com imagens coloridas e chamativas. Todos os vídeos aparecem, na abertura, com o nome do canal e do apresentador, contendo sempre um fundo musical. Os apresentadores, muitas vezes, usam um cumprimento informal para se dirigirem aos usuários do canal e em seguida dizem o próprio nome e o nome do canal. Expressões como “ Oi”, “Olá”, “Olá, amiguinhos”, “Oi, gente”, “Olá, pra todo mundo”, “Oi, oi, pessoal” são comuns. Algumas vezes, os apresentadores já iniciam o vídeo fazendo a citação ou a leitura de um trecho da obra ou entram direto na introdução do assunto do vídeo. Entretanto, nunca deixam de pronunciar qual é o assunto a ser tratado no vídeo, no intuito de atrair a atenção dos usuários com a indicação do foco temático.

A composição do ambiente parece ser mais que um acaso nas gravações, sendo que a estante de livros é o objeto principal de todos os *booktubers*. A partir da leitura de Bakhtin (2006), apreendemos que os objetos não são indissociáveis e aleatórios; eles possuem um significado. Para o autor, um instrumento, corpo físico, tomado como símbolo, pode tornar-se um signo ideológico que ultrapassa as suas particularidades, refletindo outras realidades.

E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. O mesmo se dá com um instrumento de produção. Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. (...)

Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo. Por outro lado, é possível dar ao instrumento uma forma artística, que assegure uma

adequação harmônica da forma à função na produção. Nesse caso, produz-se uma espécie de aproximação máxima, quase uma fusão, entre o signo e o instrumento. (BAKHTIN, 2006, p.29)

Seguindo essa concepção, podemos dizer que os objetos que compõem o ambiente na produção dos vídeos também emitem informações e fazem parte das estratégias linguísticas utilizadas pelos *booktubers*, atribuindo-lhes valores da cultura livresca.

Portanto, a presença da estante de livros nesses ambientes emite a mensagem de que os apresentadores possuem autoridade para falar de leitura, pois a estante ao fundo sugere que gostam de livros e os leem. Embora não seja possível identificar o título de todas as obras, é notória a diversidade de livros que aparecem nas estantes. Os livros compondo o ambiente de gravação dos *booktubers* sugerem um pertencimento à cultura letrada, logo, os livros lhes dão o direito de falar de leitura literária sob a autoridade de um leitor que possui os artefatos representativos e visibilizados dessa cultura do impresso. Ao gravar os vídeos, identificamos que os apresentadores tentam focalizar não só o rosto, mas também a estante de livros, que varia de tamanho e modelo para cada canal.

Sabemos que a invenção da máquina tipográfica de Johann Gutenberg no século XV revolucionou o campo da escrita e da leitura. A cultura do impresso permitiu a posse de livros por muitos naquela época e ainda é uma marca da sociedade nos dias de hoje, mesmo que, muitas vezes, quem mais possua livros em casa seja as classes mais abastadas por questões, principalmente, econômicas. Desse modo, a presença de muitos livros nas estantes dos apresentadores demonstra autoridade e um artefato ainda muito valorizado na cultura escrita.

Por outro lado, os vários exemplares nas estantes também apontam outra característica no *YouTube*, de acordo com Burgess e Green (2009): segundo os autores, essa plataforma tornou-se um lugar de negócios. Como os produtores dos vídeos podem ter muitos seguidores que mantêm uma fidelidade, as grandes empresas percebem isso como um mercado consumidor. Dessa forma, muitas editoras fornecem livros para os *booktubers* divulgarem em seus canais. Sendo assim, todos os canais, como vimos no capítulo 3, possuem endereços para as editoras e autores enviarem as obras para divulgação, podendo, até mesmo, serem divulgadas em outras redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e em outros mais que os apresentadores possuírem. Porém, a exibição das obras varia de preço conforme o meio e tipo de divulgação. Essa variação fica explícita no *blog* do TLT,

no qual Tatiana Feltrin estabelece uma tabela de preços; nos demais canais há um e-mail de contato para as editoras que se interessam em tais divulgações. Desse modo, a cultura da conexão e a convergência tão presentes no mundo digital está agregada a uma relação comercial em que as estantes são alçadas à condição de vitrines.

Podemos perceber essa característica também no canal *Cabine Literária* apresentado por Danilo Leonardi, Cesar Sinicio e Lúcia Robertti. Por exemplo, no vídeo denominado *Recebidos de março de 2018*, postado no dia 26/03/2018, os apresentadores exibem uma caixa que receberam de editoras para serem propagados pelo canal. Nesse vídeo, os apresentadores abrem os livros, manuseia-os, leem os títulos e os resumos de cada livro, não hesitando em expressar algum julgamento a partir das primeiras impressões, dizendo, inclusive, se leriam as obras a partir do título e do resumo. Além disso, muitos seguidores dos canais indicam obras para serem lidas pelos apresentadores através da postagem nos comentários, as quais, posteriormente, podem ganhar um vídeo de apresentação.

Ainda que não fora possível identificar muitos títulos que se encontravam nas estantes dos apresentadores, em um dos vídeos do Canal da Pam Gonçalves, nos chamou a atenção a obra da Márcia Tiburi *Feminismo em comum: Para todas, todes e todos*. Durante toda a gravação do vídeo, é possível visualizar a capa dessa obra que se encontra em meio a tantas obras. Contudo, é preciso apontar que o ano de 2017 e 2018 no Brasil, foram anos marcadamente de luta e resistência das minorias, principalmente por ser o ano de 2018 ano em que se elegeria o novo presidente do país. Destacamos que as eleições foram quase que polarizadas entre esquerda (que visa às minorias e direitos populares) e direita (conservadora). E, dentre essas minorias encontram-se as mulheres que também lutam por direitos iguais aos dos homens.

Sendo assim, a presença de um livro de cunho feminista na estante da apresentadora, especialmente naquele ano, estabelece um significado para os seus seguidores, tornando esse objeto *livro* um símbolo do movimento feminista e um signo ideológico que ultrapassa as suas particularidades (Bakhtin, 2006). Ainda que a estante de livros possa ser considerada um objeto que não poderia faltar em vídeos com esse tipo de conteúdo, a presença da estante ao fundo das gravações dos vídeos emite várias informações dos apresentadores, como a ideia de que o apresentador lê muito, tendo,

portanto, a autoridade para falar de livros, construindo-se como legítimo representante da cultura livresca,

Para mostrar um pouco de descontração, aparece, também, além da estante de livros, objetos de decoração na estante: bonecos, guitarras, contrabaixo, caixas de som e uma árvore brilhante, como no canal *TLT*. Todos esses elementos possuem um significado, principalmente para os mais jovens. Além disso, as brincadeiras entre os participantes é outro tipo de estratégia. No canal do *Cabine Literária*, por exemplo, no vídeo *Recebidos em Março*, os apresentadores César, Danilo e Lu, iniciam cantando e fazendo uma brincadeira sobre premiações, exibindo uma estatueta típica da entrega do Oscar do mundo artístico. Já Pam Gonçalves, no vídeo *Medo de ser esquecida- 5 fatos aleatórios com Bel Rodrigues*, a apresentadora faz uma brincadeira utilizando um boneco que imita um som no início do vídeo e, logo após, aparece dando muitas gargalhadas. Desse modo, podemos dizer que, para a gravação dos vídeos analisados, alguns apresentadores utilizam-se de recursos materiais que se constituem como estratégias de linguagem que potencializam efeitos de sentidos que estão para além de simplesmente chamar a atenção dos seguidores, descontrair ou inovar.

De acordo com os vídeos analisados, a aparência dos apresentadores também conta na hora de gravar os vídeos. As apresentadoras, em sua maioria, utilizam maquiagens leves, roupas que variam de acordo com o perfil de cada apresentadora. Podemos dizer que para aquelas que são, aparentemente, mais introvertidas, não ousam muito no *look*, como é o caso da Tatiana Feltrin, Isabella Lubrano e Juliana Cirqueira. Estão, nos vídeos assistidos, com roupas de cores não muito chamativas, discretas. Já Pam Gonçalves e Lúcia Robertti, do *Cabine Literária*, percebemos que usam roupas mais joviais e chamativas. Lúcia, nos vídeos analisados, aparece com as pontas dos cabelos pintados de azul, uma característica típica dos jovens atuais, que remetem a uma liberdade ou a um traço do jovem contemporâneo que gosta de marcar diferença em modos de se vestir, cortar ou pintar os cabelos etc. pouco convencionais. Pam Gonçalves aparece em um dos vídeos com as vestimentas pretas e touca na cabeça, também, uma vestimenta típica de alguns grupos de jovens atuais. Já os apresentadores masculinos estão sempre trajando uma moda casual, como jeans e blusa de malha, cujas estampas também emitem muitas informações.

A expressão facial também caracteriza os apresentadores, pois por meio dela manifestam, com um sorriso, a alegria na abertura dos vídeos, bem como as expressões do rosto marcam os sentimentos que tiveram ao ler livros. Percebemos, na exibição dos vídeos assistidos, que *booktubers* se comunicam muito com os olhos e com as mãos. Durante a apresentação, procuram ter sempre um sorriso no rosto. Tais características revelam a preocupação em ser agradável, demonstrando satisfação pelo que fazem. Eles se comunicam nos vídeos demonstrando, nos comentários, as emoções que sentiram ao ler os livros. Dessa forma, a edição dos vídeos é marcada por vários recursos que indicam certas intencionalidades, como a alegria, a satisfação e o prazer de falar sobre livros. Nesse sentido, as narrativas sobre livros nos canais são construídas com uma grande complexidade, pois fazem uso de várias linguagens e projetam diversos efeitos de sentido.

Outra característica marcante das apresentações são as marcas de intertextualidade. Ao falar sobre os livros, os apresentadores, nos vídeos analisados, quase sempre remetem a uma outra obra de arte que dialoga com a obra exibida no vídeo. É o caso, por exemplo, do vídeo do canal ‘Nuvem literária’ apresentado por Juliana Cirqueira (Ju Cirqueira). O vídeo é dedicado à apresentação da obra *A cor púrpura*, de Alice Walker. Além de falar sobre o enredo, as personagens e do quanto a leitura do livro foi emocionante para a apresentadora, Juliana Cirqueira fala do filme homônimo. Ju Cirqueira diz que assistiu ao filme e que é essencial ler o livro e assistir ao filme. O mesmo acontece na exibição do vídeo sobre o livro *O carteiro e o poeta*, de Antonio Skármeta feita pelo canal *Ler Antes de Morrer*, apresentado por Isabela Lubrano. Ao falar sobre o livro, Isabela faz comentários sobre a existência do filme que foi inspirado no livro. Além de filmes, os apresentadores falam de séries que também foram baseadas nos livros apresentados. Isso mostra o diálogo com o universo jovem, pois muitos assistem a filmes e séries que são exibidos em canais fechados e pagos, assim como assistem a filmes que ganharam as telas do cinema e, muitas vezes, são campeões de bilheteria e representam um fenômeno da indústria cultural.

A apresentação das obras, geralmente, se dá em forma de uma conversa sobre livros com os seguidores dos canais. Durante a conversa, o assunto tratado, na maioria dos vídeos, é sobre a composição do livro e um breve resumo da obra também é feito. Ao final da apresentação, os *booktubers* sempre fazem a apreciação, tratando sobre o gosto da obra e a sua indicação. Ao observar essas características, podemos dizer que a forma como se dá

essa conversa sobre os livros assemelha-se ao gênero resenha, pois de acordo com Oliveira (2007), resenha

[...]tem dois momentos, o resumo da obra e a opinião (julgamento de valor) do resenhista. No que concerne ao segundo momento, ou seja, para a expressão da subjetividade na avaliação ou julgamento de valor [...] Outra questão relevante para a produção de resenha, cujo conteúdo fala de outro texto, diz respeito aos procedimentos de inserção de vozes, ou seja, as diferentes formas de mencionar o autor da obra e seus diferentes atos, distintas do que é dito pelo resenhista. (OLIVEIRA, 2007, p.61-2)

Pautados nessas características é que associamos a conversa feita pelos *booktubers* sobre livros ao gênero resenha. Pois, também, segundo Chemin (2012), a resenha pode ser caracterizada como resenha-resumo, texto que sintetiza o objeto a ser resenhado, ou pode ser uma resenha-crítica, que é um texto comentado, o qual apresenta uma apreciação crítica sobre determinada obra ou fato. Por isso, identificamos que a conversa sobre livros que se dá entre o *booktuber* e os seguidores do seu canal literário possui características semelhantes ao gênero resenha. Além disso, alguns apresentadores de canais literários como Tatiana Feltrin e Isabela Lubrano, durante a apresentação dos vídeos, anunciam textualmente que se trata de uma resenha sobre determinada obra.

A descrição das obras é um caráter forte na apresentação dos vídeos postados pelos *booktubers*. Em seus canais, os apresentadores fazem uma análise da linha narrativa, do enredo, dos personagens e até mesmo falam das vozes que se encontram na história. Comentários sobre o enredo em si nunca faltam: deixam sempre exposto do que gostaram e do que não gostaram na história, mas essa exposição, na perspectiva de crítica literária dada por Perrone-Moisés (2016) não se assemelha ao gênero crítica literária. Outro traço percebido nas apresentações dos vídeos é que a observação sobre *spoiler* não deixa de ser feita. *Spoiler* tem origem no verbo *spoil*, que significa estragar, é um termo de origem inglesa, que trazido para as narrativas, é aquele indivíduo que conta os finais sem saber se o outro quer saber ou não. Por isso, todo um cuidado é tido para não “estragar” as surpresas das obras. Como nas resenhas escritas, as recomendações dos livros nunca deixam de ser feitas; afinal, é basicamente essa a função de um canal literário: compartilhar uma experiência submetida aos padrões de julgamento de um *booktuber*.

Algo a ser destacado nos canais é a interação que existe entre os apresentadores e os seus usuários. A partir dos vídeos assistidos, ao final de cada apresentação feita, o *booktuber* solicita que cada espectador deixe um *like*. O *like* é uma espécie de “termômetro” que avalia quantas pessoas gostaram ou não gostaram do vídeo. Além disso, uma outra espécie de avaliação a ser observada é a quantidade de visualizações dos vídeos postados. Nos nossos estudos feitos sobre os canais, em geral, o número de visualizações passa de um mil. Outro aspecto a ser considerado é o número de inscritos em cada canal. Dos canais literários analisados, o número menor de inscritos passa de 139 mil, sendo o canal *Tiny Little Ting* com o maior número de inscritos, 293 mil, em janeiro de 2019.

Os apresentadores, embora construam um estilo que os identifica, sempre tentam inovar na produção dos vídeos. Além das resenhas e indicações literárias, os *booktubers* fazem sorteios de livros e brindes. No entanto, por trás dessas premiações podem estar as próprias editoras, uma vez, como já citamos anteriormente, os canais possuem um endereço eletrônico para que as editoras entrem em contato com os apresentadores para que divulguem os seus livros e assim vários livros são enviados aos apresentadores. Dessa forma, os canais literários apresentam uma característica forte de mercado, pois por meio desses canais, as editoras encontram uma maneira de divulgar e vender os seus produtos. Portanto, justifica-se a inovação de cada canal na busca de uma maior audiência.

As obras literárias exibidas nos canais são variadas, pois contemplam a literatura brasileira e estrangeira. Na análise feita do canal da apresentadora Tatiana Feltrin, por exemplo, há uma exibição numerosa de títulos da literatura estrangeira. Porém, é importante destacar que a apresentadora é professora de Língua Inglesa, formada em Letras e pós-graduada em Ensino de Idiomas. Isso poderia justificar a indicação numerosa de títulos da literatura estrangeira. No entanto, no mesmo canal, há também vídeos que tratam da literatura brasileira e portuguesa. Por exemplo, nos vídeos denominados *Poesia da Semana*, percebemos a apresentação de um poema de Fernando Pessoa de título *Tabacaria*. O vídeo exibido em 16 de junho de 2013 é uma narração, com uma voz masculina e tem a duração de 10 minutos e 17 segundos.

No canal *Ler antes de Morrer*, chama a atenção alguns vídeos da apresentadora em que ela os dedica à literatura brasileira. No vídeo intitulado *Forçar a barra com Dom Casmurro é equivocado*, Isabel Lubrano responde a pergunta de uma seguidora do canal:

“Isa, o que vc acha q as escolas poderiam fazer mais pra incentivar a leitura entre os jovens, ja que na minha opinião forçar a barra com Dom Casmurro é equivocado”. Primeiramente, no vídeo, a apresentadora diz que é importante, durante o processo de alfabetização, no Ensino Fundamental, as escolas apresentarem obras que conversam com o universo dos jovens, trazer obras infantis e obras pré-adolescentes. Isabela Lubrano contextualiza, ainda, como foi a sua experiência de leitura dessas obras, nacionais clássicas, durante o Ensino Fundamental, dizendo que leu obras da Coleção Vaga Lume e outras das quais gostou muito, pois diz que eram adequadas para a sua idade. Já durante o Ensino Médio, a apresentadora fala que a sua experiência de leitura com as obras clássicas foi traumatizante e chata, porque, assim como todo mundo, foi obrigada a ler obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa que fazem parte do conteúdo programático de todas as escolas nacionais e, também, são cobradas pelos vestibulares. Isabela diz que chegava da escola cansada e ia ler essas obras, mas que, na maioria das vezes, não aguentava. Portanto, para ela, ler esses livros também era difícil e salienta que as pessoas não devem tentar encontrar uma fórmula ou uma maneira mágica para aprender a gostar desses tipos de literatura quando se é adolescente.

Isabela Lubrano ao falar em seu vídeo sobre as obras clássicas da literatura brasileira diz que

“a maioria desses livros são obras primas, que levaram, para os próprios autores, anos e anos de trabalho e de experiência e eles refletem, ali, naquelas obras, sentimentos complexos e profundos e inúmeras camadas de humanidade que eles tiveram que aprender com base em muitas tentativas e erros nas próprias vidas deles. São obras difíceis, são obras muito maduras. Então, não é humanamente possível esperar que um adolescente vá compreender a plenitude dessas grandes obras”

Lubrano constrói, por meio de sua fala, argumentos bem articulados que indicam uma crítica literária, abonando a opinião e mobilizando uma voz mais autorizada. Nesse sentido, os *booktubers* possuem posicionamentos que influenciam os usuários de seus canais.

Ainda que para Isabella a leitura dessas obras seja difícil, segundo a apresentadora, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, os jovens têm de ler os clássicos da literatura nacional. Esse sentimento de obrigatoriedade quanto aos clássicos é o que

configura as aulas de Literatura em muitas escolas, que selecionam a leitura dessas obras apenas para cumprirem edital de vestibulares, quando não se limitam ao ensino das escolas literárias em sua ordem cronológica, enfocando as dicotomias dos estilos literários por meio de livros didáticos que apresentam fragmentos e resumos das obras literárias (COSSON, 2014-c). Essa exposição sugere o que foi dito por Isabella Lubrano quanto à forma como se dá a leitura dos clássicos; são feitas, às vezes, mediante a seleção de obras pelas Universidades e Faculdades, com o intuito de fazer provas. Esse tipo de ensino de Literatura, de acordo com o autor, leva a uma falta do prazer de ler e não cumpre a sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.

Nesse sentido, para Isabella Lubrano, nenhum jovem lê espontaneamente esses livros. A apresentadora diz que leu os livros na época da escola para os vestibulares, mas que, ao criar o canal, leu-os novamente e adorou. Ela cita a importância dessas obras, pois são bem escritos e que contam a nossa história. Porém, destaca que leu as obras a partir de uma editora específica, a coleção da editora Panda Books, pois são mais atrativos, possuem imagens e glossários ilustrativos, além de notas de explicação. Ainda que as obras apresentem tais vantagens, Lubrano diz que não se trata de uma edição facilitada, são textos originais. Lendo as obras dessa coleção de autores da Literatura Brasileira, ela comenta que leu algumas obras em dois ou três dias. Nesse vídeo foram apresentadas obras como: *Iracema*, *O cortiço*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

De acordo com Cosson (2014-c), a seleção dos livros para leitura tem como ponto de partida a livre escolha do leitor, mas, o autor aponta que essa liberdade é conduzida por uma série de fatores que vão desde a forma de organização dos catálogos, passando pelas estantes, até os mecanismos de incentivo ao consumo. O processo anterior à chegada das obras às livrarias também segue uma tendência, pois está relacionado ao prestígio social dos escritores e aos interesses econômicos e ideológicos das editoras que influenciam nas publicações. Na escola, segundo o autor, outros fatores influenciam na leitura de obras: textos para fins educacionais, legibilidade dos textos separados por idade e série, as condições para a leitura literária na escola, além do próprio professor. Para Cosson (2014-c) todos esses fatores combinam-se de formas variadas.

A leitura dos cânones na escola, às vezes, torna-se um desafio. Cosson (2014-c) aponta que essas obras clássicas têm recebido diversas críticas sob denúncia de

preconceitos de gênero, classe, etnia, dentre outros. Diante disso, a seleção das obras nas escolas tem seguido várias direções: a manutenção dos cânones, a inserção da contemporaneidade dos textos e a mais popular das direções que defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros. Em contrapartida, para o autor, as escolhas literárias são feitas dentro de recortes que geram o recorte do leitor. No contexto escolar, o cânone é uma herança cultural que precisa ser trabalhada, bem como as obras contemporâneas não podem levar à perda da historicidade da língua e da cultura. Todavia, a literatura não é apenas um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país: a literatura é um sistema composto de outros tantos sistemas e um desses é o cânone. Há outros sistemas, e a relação entre eles é dinâmica. Dessa forma, a literatura na escola precisa investir na leitura desses vários sistemas. Cosson (2014-c), para falar dos cânones e clássicos da Literatura, expressa que uma obra atual é aquela que tem significado para o leitor em seu tempo, independentemente da época de escrita e publicação. Isso sugere o que foi dito pela *booktuber* Isabela Lubrano quanto à importância de ler os clássicos. Desse modo, observamos que os *booktubers*, em seus vídeos, não desconsideram um diálogo com os valores escolares em relação aos títulos a serem recomendados. Eles não estão alheios ao fato de que muitos seguidores são estudantes que vivenciam essas tensões produzidas por uma leitura obrigatória promovida na escola.

Em se tratando de publicações, muitos desses *booktubers* são escritores e fazem, nos canais, propagandas de seus próprios livros. É o caso do apresentador Danilo Leonardi, do canal *Cabine Literária*. Danilo é autor de dois livros: *Por Que Indiana, João?* e *Coisas Inatingíveis*. No canal existem vídeos dedicados à apresentação das suas obras. Para a apresentação dos livros *Coisas Inatingíveis*, segunda obra do autor, há um vídeo no canal intitulado “Tudo sobre Coisas Inatingíveis- novo livro do Danilo”. O vídeo foi publicado em 20 de julho de 2017, com 6min e 21s, e foi visualizado por 2750 pessoas. Outros dois vídeos foram dedicados ao livro *Por que Indiana, João?*: um que fala sobre a capa do livro que foi escolhida e outro que fala sobre a sessão de autógrafos que o autor deu na Bienal do Livro de 2014.

No seu canal, Pam Gonçalves dedica um vídeo (Medo de ser esquecida | 5 fatos com Bel Rodrigues) também para falar do livro da Bel, *13 segundos*. O vídeo foi publicado em março de 2018 e atingiu a 12703 visualizações. Nesse sentido, Burgess e Green (2009)

apontam que *YouTube* tornou-se também um lugar de negócios; por isso, os apresentadores dispõem dessa ferramenta para divulgarem suas obras. Através dos canais, eles têm a oportunidade de alcançarem um maior número de pessoas, pois esse número pode superar propagandas feitas por sites de editoras.

Mas, outro recurso muito utilizado pelos apresentadores são, também, as imagens de autores quando estão falando deles e de lugares relacionados ao enredo. Isabella Lubrano, por exemplo, ao falar dos maiores autores brasileiros, segundo sua opinião, coloca uma imagem de uma foto da seleção brasileira, mas no rosto dos jogadores aparece a imagem dos autores, no vídeo “A maior seleção de todos os tempos”.

Na gravação dos vídeos analisados, também percebemos ligeiros cortes. Ao assistir os vídeos, temos a sensação de que houve uma edição nos vídeos. Assim, podemos dizer que as gravações não são totalmente espontâneas. Isso sugere que os apresentadores fazem edições nos vídeos, selecionando as melhores falas ou fazendo cortes para ficarem mais curtos. Os vídeos não têm tempo fixo de gravação, variam de acordo com os apresentadores dos canais e com o que será exibido. Os vídeos do canal *TLT, Cabine Literária e Ler antes de Morrer* são os mais longos, variam em torno de 9 a 13 minutos. Já os vídeos dos canais do *Nuvem Literária* e da *Pam Gonçalves* são mais curtos em relação aos outros e tem, em média, 8 minutos de duração.

Além de colocarem outro tipo de conteúdo em seus canais, percebemos um certo tipo de parceria entre os *booktubers*. O Canal da Pam, por exemplo, trata de entrevistas com outras personalidades, inclusive com outros *youtubers*, semelhante a que foi feita no vídeo *Medo de ser esquecida- 5 fatos com Bel Rodrigues*. A apresentadora utilizou esse vídeo para conversar com a Bel Rodrigues, também *booktuber*, sobre assuntos diversos, como adolescência, família, medo, “mico” e filmes. Além disso, nesse vídeo, Bel falou sobre o seu livro intitulado *13 segundos*. Nesse sentido, além de livros, os apresentadores trazem outras novidades para os canais, para atrair os seus seguidores. Ao trazer outra *booktuber* no seu canal, podemos perceber que os apresentadores dos canais não temem em fazer propagandas para os demais apresentadores. Ju Cirqueira também fala de uma outra apresentadora no vídeo *Vamos Ler o Conde de Monte Cristo*. Nesse vídeo, Ju diz que lerá o livro junto com Ranielle do canal *Palavras Radioativas*. Porém, não só nos vídeos, mas também nos próprios canais podemos perceber essas características. Na aba ‘canais’ que

existe na própria plataforma do *YouTube*, há a indicação de outros canais literários feita pelos apresentadores, bem como canais que apresentam outro tipo de conteúdo, revelando, mais uma vez, características da cultura da convergência e das conexões em que os conteúdos e informações circulam de acordo com os usuários (JENKINS, 2009; JENKINS, GREEN e FORD, 2014).

As propagandas nos canais não são feitas somente pelas grandes empresas que anunciam seus produtos. Nos vídeos assistidos, os próprios apresentadores que alimentam a plataforma *YouTube* estabelecem uma rede, com a qual diversificam e inovam suas produções. Além disso, os vídeos que tratam das obras dos próprios apresentadores, semelhante ao que foi feito com a Bel Rodrigues, possibilita ampliar o repertório de leitura.

No final ou no início dos vídeos analisados, todos os apresentadores pedem que os usuários curtam o vídeo, na linguagem digital, deem um *like*. Essa atitude colabora com a divulgação do canal e registra o número de visualizações. Os números são muito importantes para os apresentadores, pois significam remunerações, alcance e popularidade.

Após a análise das características dos vídeos produzidos pelos canais, o tópico a seguir trata dos comentários a respeito das apresentações dos *booktubers*, os quais qualificam a interação entre os apresentadores e os usuários dos canais literários virtuais.

4.2 Análise dos dados qualitativos dos comentários feitos pelos usuários

A plataforma *YouTube*, conforme destacado, permite que os seus usuários deixem os seus comentários sobre os conteúdos produzidos pelos canais. Essa ferramenta *comentários* é uma invenção da tecnologia moderna Web 2.0 que permite a interação entre os participantes. Por ela, os usuários podem comentar os vídeos produzidos, fazer perguntas aos usuários e aos apresentadores e, ainda, dar respostas em cima de outros comentários feitos. Nesse sentido, esses comentários sustentam a interação entre os usuários e participantes das comunidades que se formam no meio digital.

A partir da análise dos dados retirados de alguns comentários feitos dos vídeos em estudo, percebemos que os usuários reconhecem a apreciação feita pelos apresentadores sobre os livros como sendo uma resenha, pois é comum nos comentários os usuários dizerem que adoraram a ‘resenha’ do livro e, ainda, pedirem que outras resenhas de livros

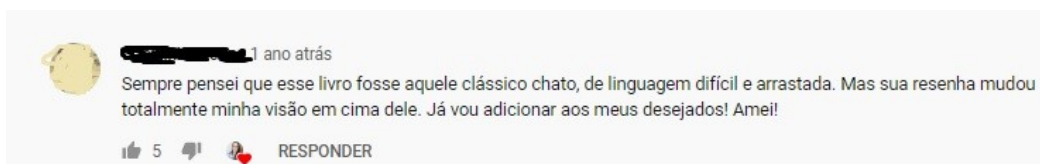
do mesmo autor sejam feitas, como podemos observar no comentário feito ao vídeo que trata do livro *Praia de Manhattan*, de Jennifer Egan do canal *TLT* e do vídeo que trata do livro *A Cor Púrpura*, de Alice Walker do canal *Nuvem Literária*

Figura 22- Imagem da tela comentários do canal TLT- O gênero resenha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=u195xOnXWzU&t=62s>

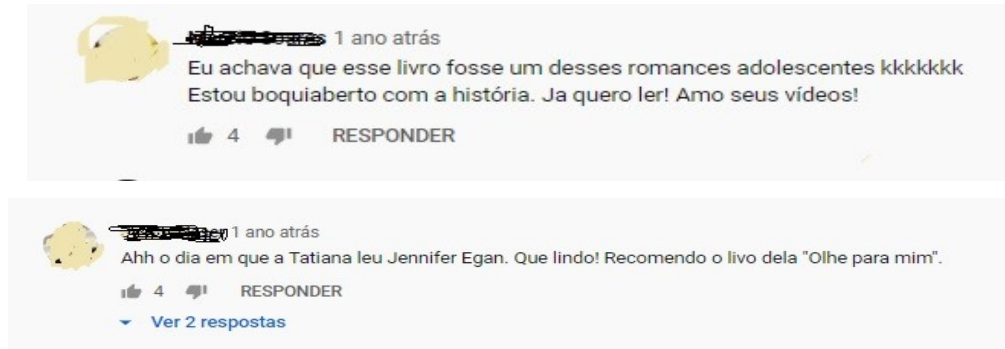
Figura 23- Imagem da tela comentários do canal Nuvem Literária- O gênero resenha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KvRwYbavJEs&t=165s>

Muitos usuários sinalizam que não leram o livro apreciado, mas que pela resenha feita, tiveram a curiosidade de lê-lo. Há aqueles que ainda sugerem vídeos de livros por temas ou por regiões. Dessa forma, muitos comentários tratam da adesão e do interesse em ler os livros. É interessante perceber que os participantes também indicam outros títulos do mesmo autor do livro apresentado. Podemos perceber essa característica observando os comentários feitos no canal TLT:

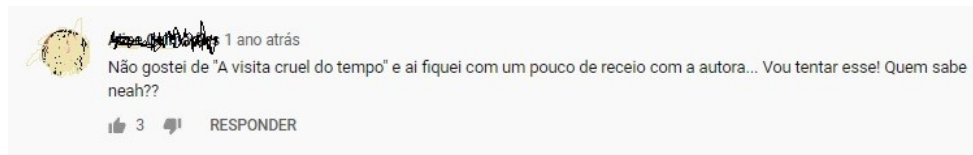
Figura 24- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Adesão à leitura



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=u195xOnXWzU&t=62s>

Os usuários, ainda que considerem a resenha feita pelos *booktubers*, não deixam de apontar o seu próprio gosto. Muitos, por já terem lido algum outro livro do autor, fazem comparações entre as obras, por isso apontam o receio de ler a obra apresentada, contudo não descartam a leitura do livro sugerido no vídeo.

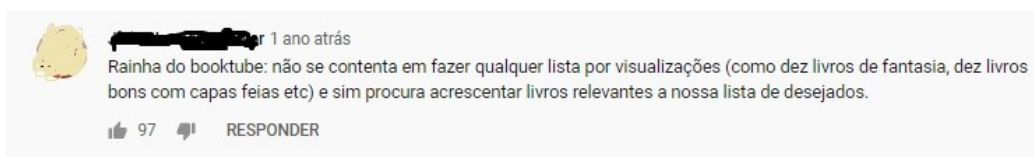
Figura 25- Imagem da tela de comentários do canal TLT- O gosto dos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=u195xOnXWzU&t=62s>

Comentários sobre o próprio canal e dos próprios apresentadores aparecem. Em um dos comentários encontrados no canal da Tatiana Feltrin, por exemplo, um participante diz que, no canal, encontra as melhores resenhas de livros. No canal da Isabela Lubrano depois da produção de um vídeo, encontramos um comentário dizendo que ela é a rainha do *booktuber*, por sempre apresentar livros relevantes.

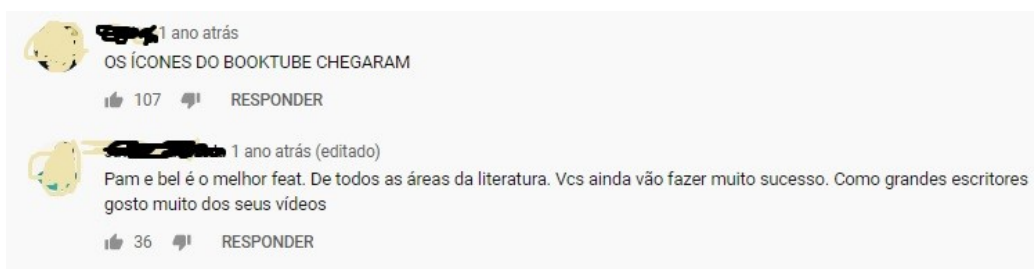
Figura 26- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- Elogios aos apresentadores



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=J7uhhd7G_Bc&t=37s

Já no vídeo feito pelas duas *booktubers* Pam Gonçalves e Bel Rodrigues, percebemos comentários em que são chamadas de ícones do *booktube*, melhor *feat*, indicando que ainda farão muito sucesso e fazendo declarações positivas em relação à amizade das duas apresentadoras.

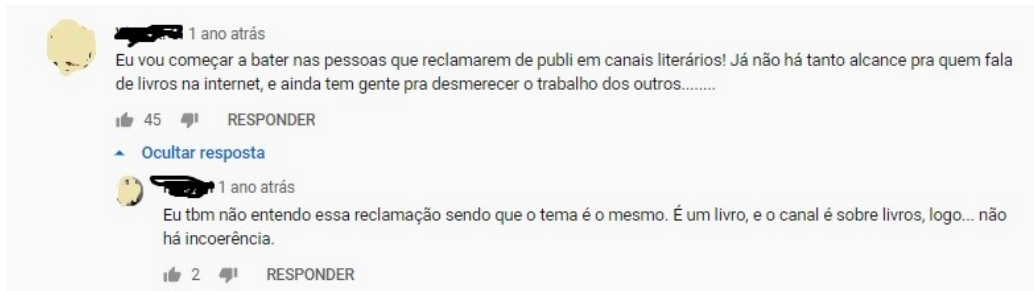
Figura 27- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- Elogio aos apresentadores



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KXZBPDTRolA&t=89s>

Observamos que muitas editoras usam os canais literários para fazerem divulgação de obras devido ao alcance dessas produções. Muitos *booktubers*, portanto, disponibilizam seus canais para esse tipo de trabalho. Essa atitude parece não agradar a todos os fãs. Pelos comentários, percebemos que, na opinião dos usuários, o fato dos *booktubers* utilizarem os canais para fazerem publicidade para as editoras (#publi) altera o objetivo dos canais que é de falar sobre livros. Em contrapartida, os próprios participantes dos canais discordam da incoerência entre falar sobre livros e fazer propagandas de livros e ainda solicitam apoio aos canais literários, uma vez que não existem muitos no *YouTube*:

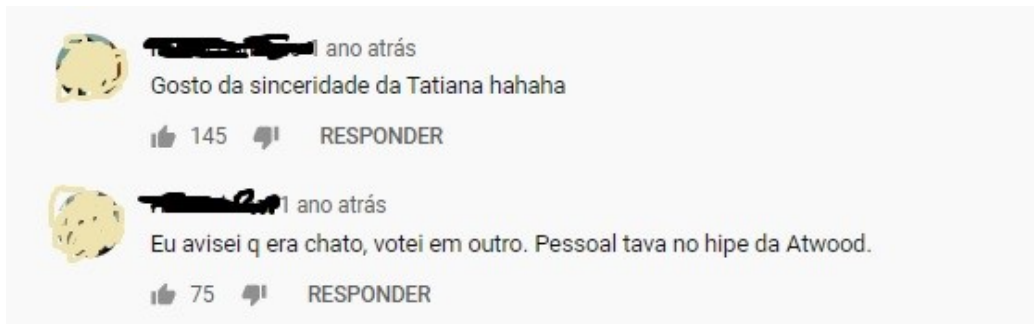
Figura 28- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Manifestação dos usuários contra o #publi



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=u195xOnXWzU&t=62s>

O grau de confiança parece ser percebido pelos usuários, pois eles expõem esse tipo de comentário na plataforma, ao dizerem que os apresentadores transmitem sinceridade ao falarem sobre os livros, como identificamos nos comentários feitos à apresentação da Tatiana Feltrin do canal TLT:

Figura 29- Imagem da tela de comentários do canal TLT- Apreciação do livro



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=X0u121rA-5c&t=27s>

Observamos a presença da intertextualidade⁷ nessa ferramenta quando uma obra apresentada no canal possui alguma adaptação. Para exemplificar, os comentários feitos no canal Nuvem Literária sobre a postagem do vídeo que trata do livro *A Cor Púrpura* os

⁷ Para esta pesquisa entendemos intertextualidade como o diálogo ou a relação entre os textos, ocorrendo de forma explícita ou implícita. Assim, quando um filme é baseado em um livro, compreendemos esse fenômeno como intertextualidade. Porém, esse conceito não é consensual.

usuários falam da adaptação da obra para a cinematografia. Além disso, no vídeo, a própria apresentadora fala da existência do filme, o que pode ter levado muitos a fazerem comentários semelhantes, estabelecendo um diálogo entre os dois suportes: filme e livro.

Figura 30- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- A intertextualidade nos canais



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KvRwYbavJEs&t=165s>

As emoções que sentiram ao assistir aos vídeos são dignas de se comentar, bem como a emoção dos apresentadores ao falar sobre os livros. Por exemplo, no vídeo *Tabacaria* do canal TLT, aparecem falas dos usuários sobre o que sentiram ao ouvir o poema e que compartilham do mesmo sentimento do eu lírico. O canal, porém, na data da realização da pesquisa, já não postava mais poemas na época da análise, assim um dos comentários foi o desejo de que o canal voltasse a gravar vídeos semelhantes.

Figura 31- Imagem da tela de comentários do canal TLT- As emoções dos usuários

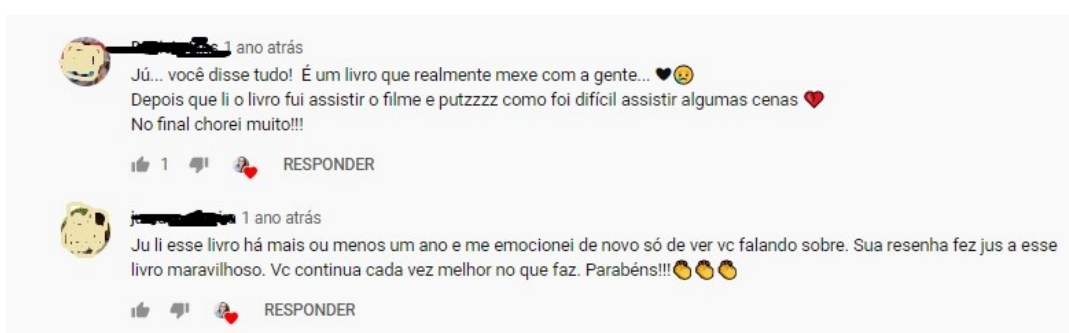


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6ExwkwsKioQ&t=41s>

Os apresentadores também demonstram suas emoções durante as gravações ao falar sobre os livros. Nos comentários feitos ao vídeo *A Cor Púrpura* da Ju Cirqueira, há várias referências que expressam sobre as emoções que foram percebidas enquanto a apresentadora falava do livro e até mesmo os olhos cheios de lágrimas. No vídeo da Pam Gonçalves em que ela trata da trilogia de *Para todos os garotos que já amei*, a

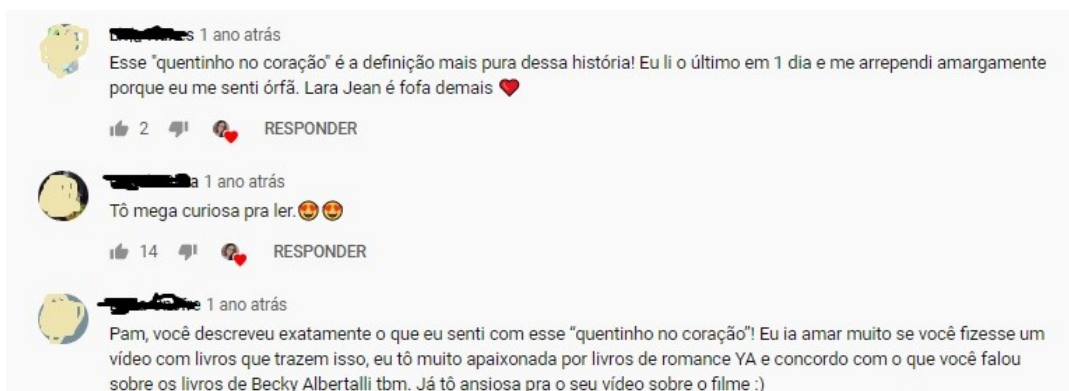
apresentadora fala que ao ler os livros sentiu um ‘quentinho no coração’. Nos comentários feitos ao vídeo, repetidas vezes encontramos falas se referindo a essa expressão. Os seguidores indicaram que compartilharam da mesma emoção, sendo esse sentimento o que define a trilogia. Além disso, muitos *booktubers* reagem aos comentários através de símbolos, como o do coração que aparece nas imagens.

Figura 32- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As emoções dos apresentadores



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KvRwYbavJEs&t=165s>

Figura 33- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As emoções dos apresentadores

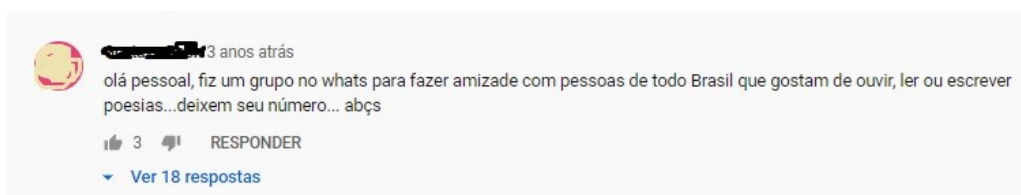


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=huFra1mnIVE&list=RD8v_PWr98uuk&index=3

Comprendemos o efeito que esses canais podem ter nas atitudes dos seguidores por meio de um comentário. Na ferramenta comentários, um seguidor do canal *TLT* diz que fez um grupo no *WhatsApp* só para falar e escrever poesias. No canal *Ler antes de Morrer*,

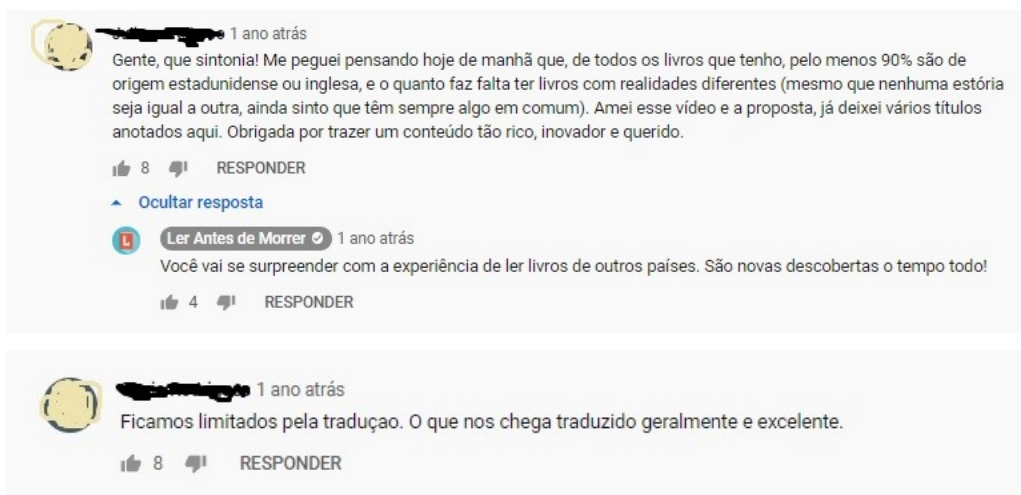
Isabela fez um vídeo para falar sobre livros estrangeiros que as pessoas não poderiam deixar de ler, mas literatura estrangeira fora do eixo Estados Unidos e Inglaterra. Nos comentários, um usuário diz que o vídeo foi ótimo para perceber que lia apenas livros estrangeiros desses países e que foi muito legal a Isabela apresentar literaturas de outras nações. Essa proposta, de acordo com o comentário, foi rica, inovadora e querida. Mas, também, encontramos críticas ao vídeo, pois em uma das falas o usuário pronuncia que a tradução dos livros é limitadora.

Figura 34- Imagem da tela de comentários do canal
TLT- A repercussão dos canais nas práticas de leitura dos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6ExwkwKioQ&t=41s>

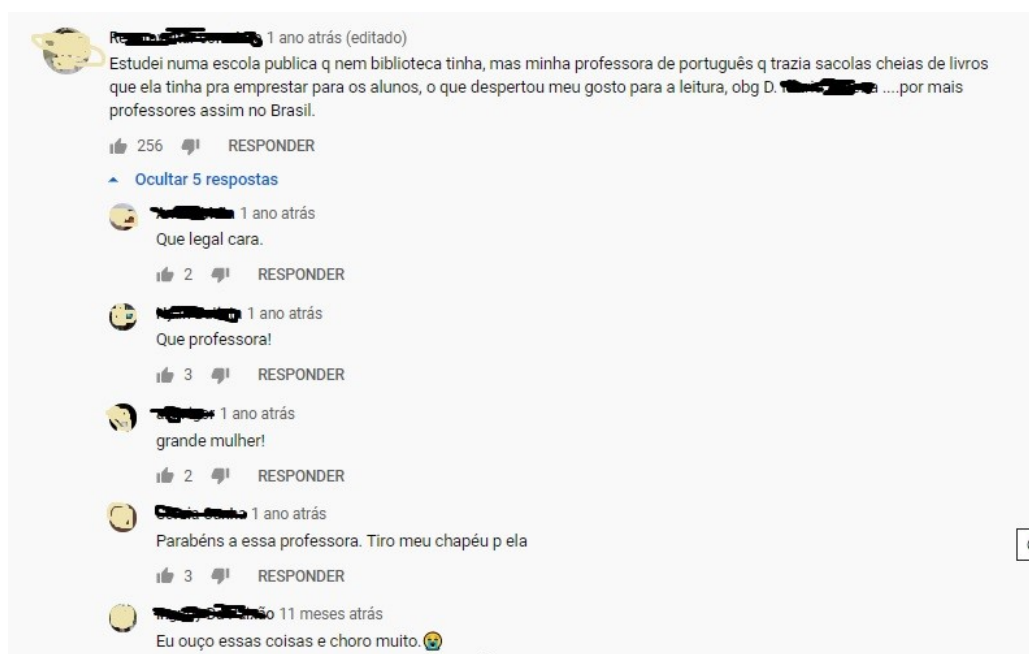
Figura 35- Imagem da tela de comentários do canal
Ler antes de Morrer- A leitura de obras estrangeiras



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=J7uhhd7G_Bc&t=37s

As críticas também extrapolam o mundo *online* e chegam à realidade *off-line*. No vídeo “Forçar a barra com Dom Casmurro é errado”, produzido por Isabela Lubrano, observamos muitos comentários relacionados à prática de leitura na escola. No vídeo, Isabela fala da sua experiência enquanto aluna e das leituras que fez na escola sobre os clássicos. Segundo ela, a experiência não foi boa, mas ao sair da escola, ela refez as leituras e foi mais prazeroso. Nesse sentido, os comentários percebidos a partir do vídeo tratam da experiência de leitura de clássicos da literatura brasileira dos usuários na escola, o que gerou muitas respostas de outros participantes do canal.

Figura 36- Imagem da tela de comentários do canal Ler antes de Morrer- Os clássicos e as práticas de leitura na escola



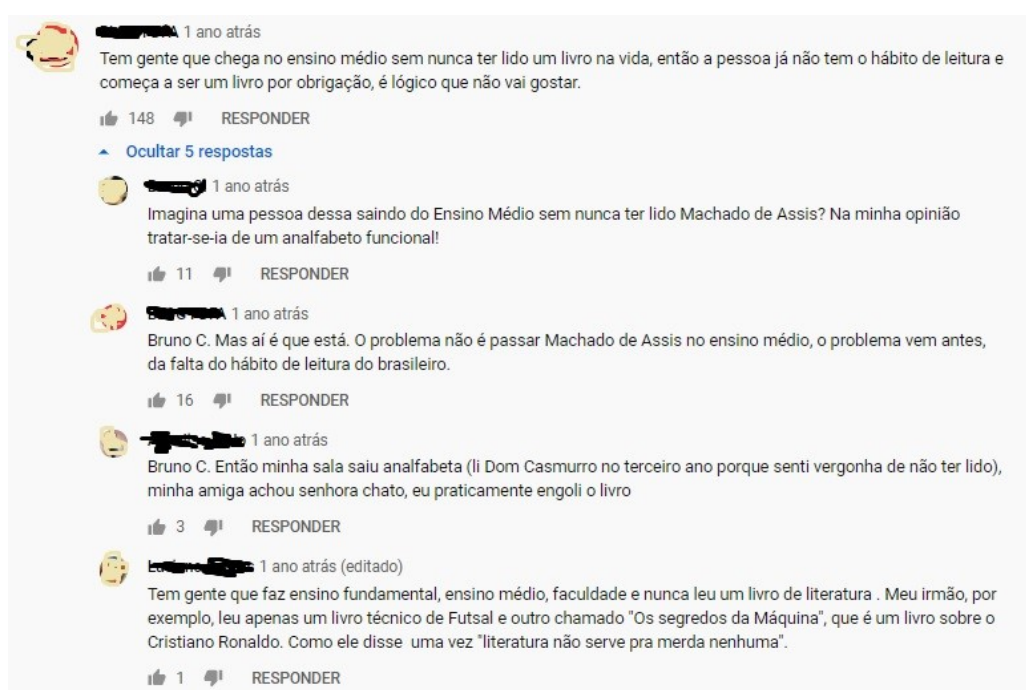
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0s3ulID4y9I&t=20s>

Muitos apontam que os professores foram fundamentais no processo de mediação de leitura, ainda diante das limitações que existem na escola quanto ao acervo literário, pois localizamos muitas críticas à escolha dos livros. Além disso, mais de um usuário diz que hoje os jovens leem mais literaturas estrangeiras que obras brasileiras, por exemplo. Há vários comentários que demonstram ser errado um aluno sair do Ensino Médio ser ter lido

obras clássicas da literatura brasileira, mas que também há problemas quanto às práticas de ensino de leitura literária na escola. Por exemplo, mais de um comentário diz que na escola se lê para fazer resumos e provas. Mas, em meio a esses comentários aparentemente negativos, aparecem aqueles que mostram que a família também tem um papel importante na mediação de leitura.

Figura 37- Imagem da tela de comentários do canal

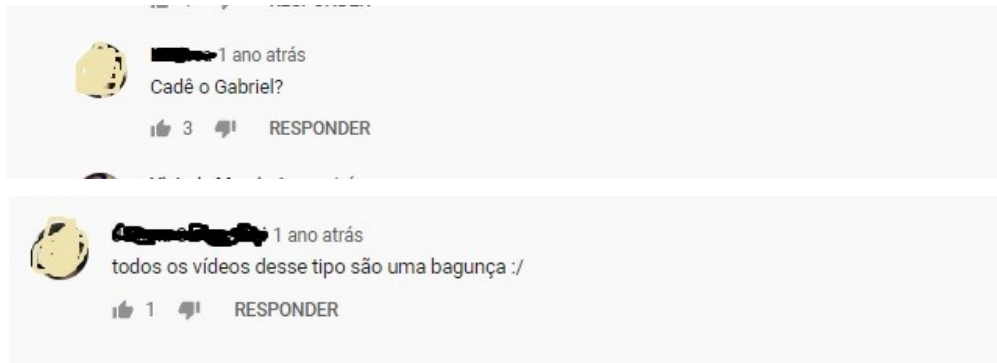
Ler antes de Morrer- A leitura na escola



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0s3ulID4y9I&t=20s>

A cobrança por parte dos usuários é visível. Para exemplificar esse fato, nos comentários feitos no canal *Cabine Literária*, os participantes demonstram sentir a falta de algum participante e perguntam por ele, ao mesmo tempo em que uma crítica é explicitada quanto aos vídeos em que, geralmente, há mais de um apresentador. No comentário feito no canal do *Cabine Literária*, o usuário diz que vídeos como aquele (em que há mais de um apresentador) são uma bagunça.

Figura 38- Imagem da tela de comentários do canal
Cabine Literária- As cobranças dos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3cNnm1Qn57o&t=50s>

Reclamações também aparecem quanto às notificações da plataforma. Pelo *YouTube* é possível que os usuários recebam notificações de vídeos novos dos canais seguidos. Para isso, é necessário que os seguidores cliquem no símbolo ‘sino’. A partir de então, cada vez que um *youtuber* postar um novo conteúdo, o seguidor receberá a notificação, podendo acessá-lo. Porém, quando isso não acontece, os seguidores fazem as reclamações de forma direta, utilizando a ferramenta comentários.

Figura 39- Imagem da tela de comentários do canal da
Pam Gonçalves- Reclamações do YouTube

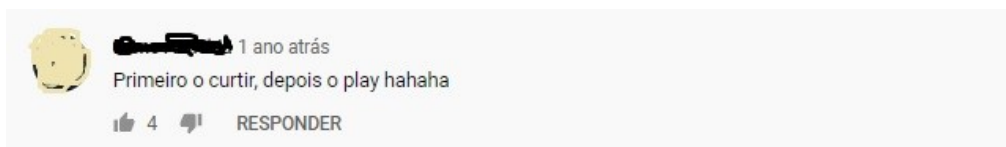


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rg8B3_m2aVQ&t=152s

A qualidade dos vídeos também é muitas vezes questionada nos comentários, a exemplo disso, em um dos vídeos da Isabela Lubrano, um usuário diz que a música de fundo durante a apresentação estava alta e atrapalhando a apresentação.

Pela natureza dos comentários, percebemos que os usuários se sentem membros de uma comunidade, que podem participar de forma ativa nos canais, questionar e criticar os conteúdos produzidos. Sendo assim, as práticas que acontecem nesses espaços virtuais é que caracterizam os usuários como membros das comunidades que se formam nos canais. Ainda que esses canais sejam organizados pelos apresentadores, a participação dos usuários é fundamental para manter a interação entre os membros. Além disso, os seguidores, geralmente, demonstram apoiar os canais. No vídeo postado pela Pam Gonçalves no qual a apresentadora fala dos “5 livros que superaram a minha expectativa”, um participante demonstra que curte primeiro o vídeo antes mesmo de assisti-lo, antecipando, assim, uma avaliação positiva. Desse modo, inferimos a confiança e a fidelidade que os participantes das comunidades formadas nos canais atribuem aos *booktubers* que seguem.

Figura 40- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- A confiança dos usuários

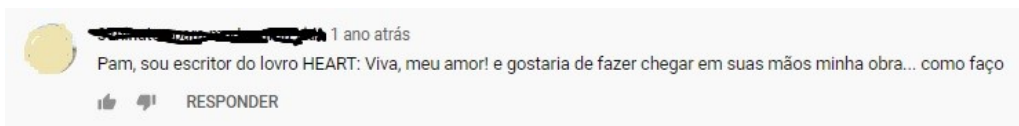


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rg8B3_m2aVQ&t=152s

As propagandas e pedidos também são motivos de comentários, pois, ainda que esses canais possuam endereços para que as pessoas e editoras encaminhem seus livros para divulgação, os usuários também falam de suas próprias produções. Nos comentários feitos no canal da Pam Gonçalves, observamos a fala de um usuário manifestando o desejo de que a apresentadora revisasse o livro de romance que havia escrito. Outro comentário que evidencia propaganda é visto no canal *Cabine Literária*: um dos usuários diz que estava escrevendo um livro já disponível no *Wattpad* e pede que os demais participantes “deem

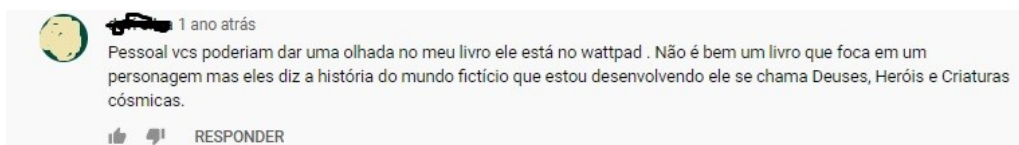
uma olhada no livro”. Há também anúncios diversos, como no canal do *Nuvem literária* em que um universitário faz um apelo para que quem puder responder a um formulário sobre jovens leitores para a construção de uma ferramenta tecnológica para despertar o interesse pela leitora ou melhorá-la.

Figura 41- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As propagandas feitas pelos usuários



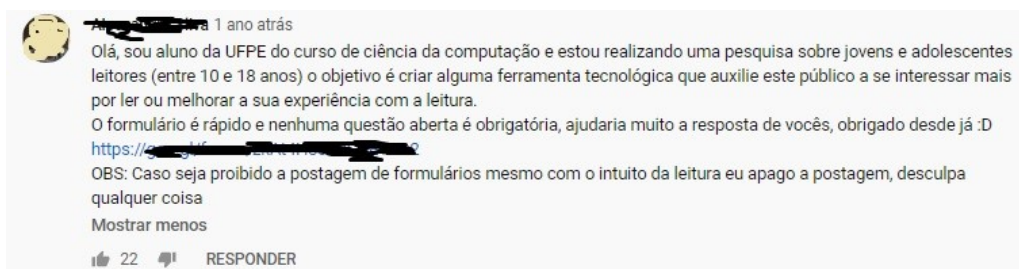
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rg8B3_m2aVQ&t=152s

Figura 42- Imagem da tela de comentários do canal Cabine Literária- As propagandas feitas pelos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3cNnm1Qn57o&t=50s>

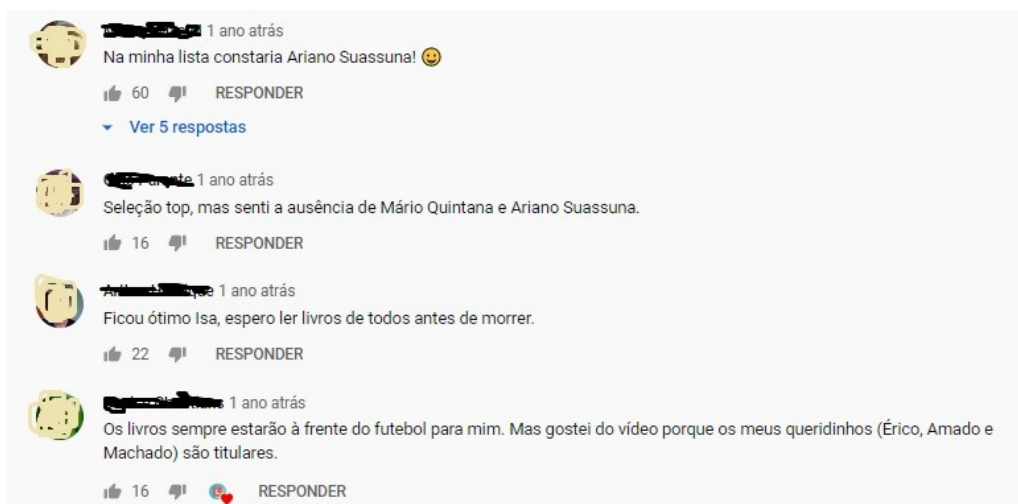
Figura 43- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As propagandas feitas pelos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=R-kTFvvJO7w&t=173s>

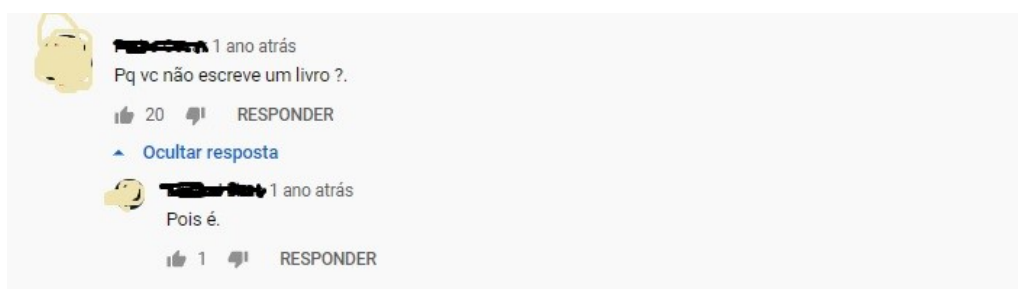
Outra reivindicação é feita diretamente aos apresentadores. No vídeo “A melhor seleção de todos os tempos”, Isabela Lubrano aponta os maiores escritores da literatura brasileira de acordo com a sua acepção. Nos comentários, muitos usuários concordam com a lista dada por ela, mas também apontam outros escritores clássicos e contemporâneos e literaturas de autoras femininas e negras ausentes da lista, como também sugerem retirar nomes da lista. Além disso, nos chamou a atenção um comentário em que um usuário pergunta por que Isabela ainda não escreveu um livro. Tal pergunta pode ter sido gerada porque muitos *booktubers* já se tornaram escritores, como já anunciamos nesta pesquisa.

Figura 44- Imagem da tela de comentários do canal
Ler antes de Morrer- A seleção dos usuários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h17cJs8MY5s&t=51s>

Figura 45- Imagem da tela de comentários do canal
Ler antes de Morrer- A cobrança do booktuber escritor

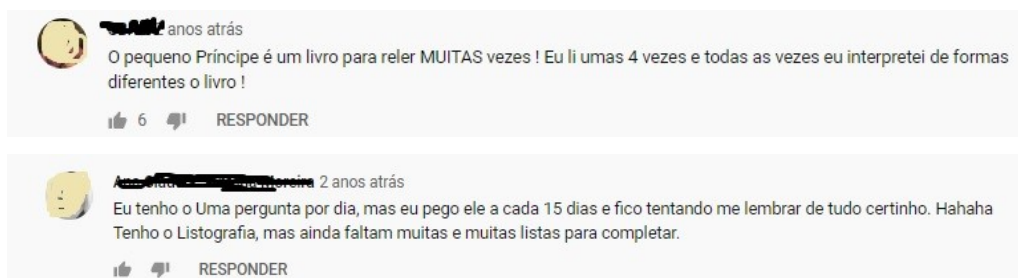


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h17cJs8MY5s&t=51s>

Ao fazer as sugestões de como ler os livros, os usuários se manifestam aos apresentadores, assim como os *booktubers* também fazem avaliações sobre o tipo de leitor para determinados livros, uma vez que há comparações entre obras e estilos nos comentários. Por exemplo, César Silício postou um vídeo no canal Cabine literária para falar da obra *Só faltou um título*. Um dos comentários, feito pelo apresentador, a respeito dessa obra foi se a obra está à altura de um clássico, pois se trata de uma obra que traz uma proposta diferente. No enredo, de acordo com a apresentação de César Silício, o autor Reginaldo Pujol Filho discorre sobre como o leitor se sente diante de uma obra e ainda faz citações de vários autores clássicos da literatura. Por isso, o apresentador fala no vídeo que a leitura da obra seria mais fácil para os estudantes de Letras.

Em algumas situações, após observarem a apresentação dos livros e as propostas de leitura feitas pelos *booktubers*, os usuários expõem suas impressões. No vídeo “Livros para começar bem 2018” do canal *Cabine Literária*, alguns participantes julgam, de acordo com os comentários, que a obra *O Pequeno Príncipe* é um livro para reler muitas vezes, pois a cada leitura há uma interpretação diferente. Já um usuário comenta que quanto ao livro *Uma pergunta por dia* ele possui o livro, mas não dá para ler todos os dias, por isso o lê a cada quinze dias e fica tentando lembrar de todas as questões apontadas no livro.

Figura 46- Imagem da tela de comentários do canal Cabine Literária- As propostas de leitura feita pelos apresentadores

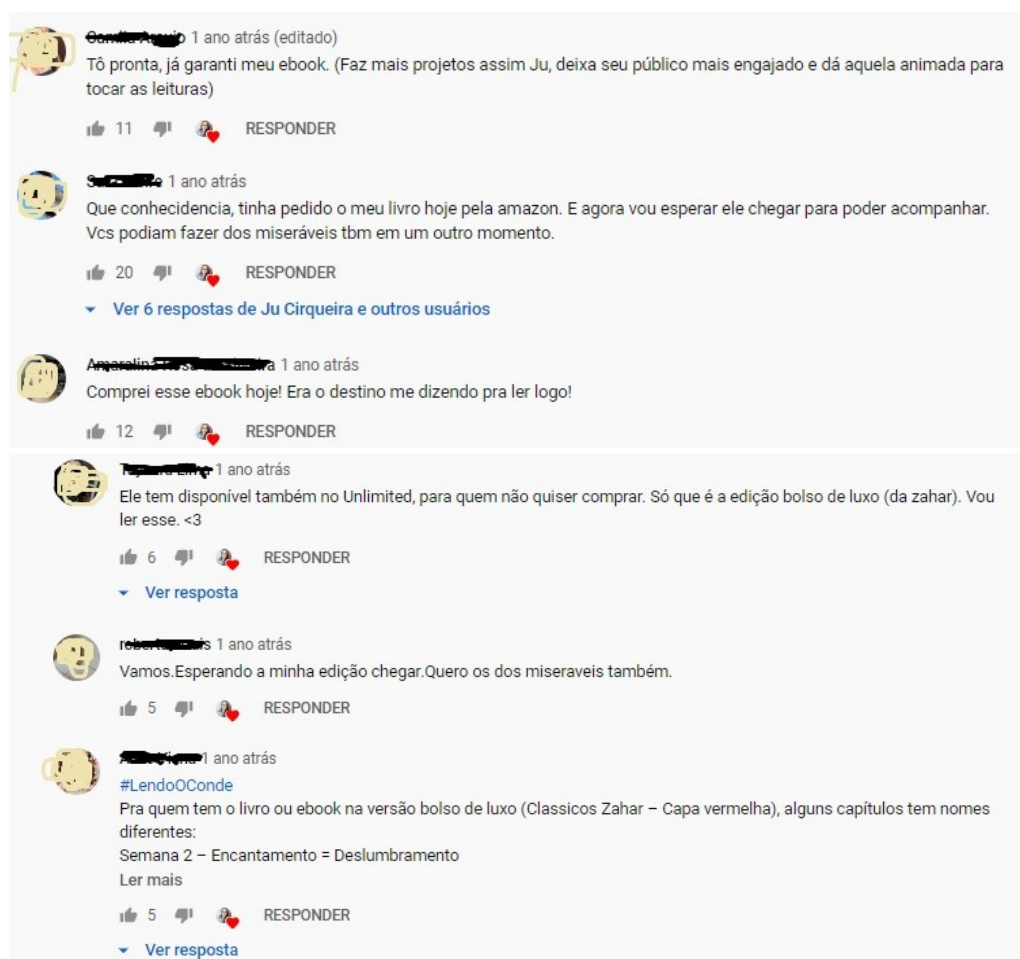


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JFtcTcIHyo&t=21s>

Os canais seguramente desempenham uma mediação de leitura, pois, nos comentários, vários participantes falam de como os canais foram importantes para que eles começassem a ler e que, além disso, os vídeos os levaram a querer ler outras obras. A partir

dos vídeos, muitos usuários são convencidos a ler obras das quais tinham um preconceito. Em um comentário feito no canal Nuvem literária a respeito do livro *A Cor Púrpura*, um usuário diz, por exemplo, que não havia lido a obra por achar que se tratava de um clássico chato, de linguagem difícil e arrastada. Mas, após ler a resenha feita pela Ju Cirqueira, mudou totalmente a visão. Nesse sentido, o incentivo à leitura feito pelos canais tende a levar os usuários ao desejo de adquirir os livros. No canal *Nuvem Literária*, Ju Ciqueira fez uma proposta de leitura conjunta do livro *O Conde de Monte Cristo*. Desse modo, foi comum observarmos, nos comentários, os usuários manifestarem o desejo de comprar o livro em formatos diferentes: impressos ou *Ebook*.

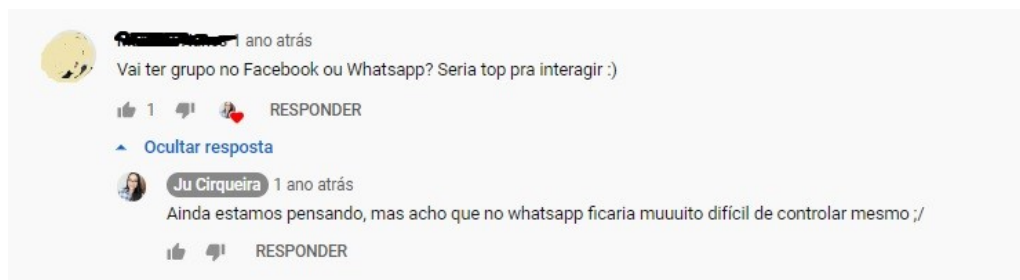
Figura 47- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- A leitura feita pelas ferramentas digitais



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zE2RQNcUoy4&t=30s>

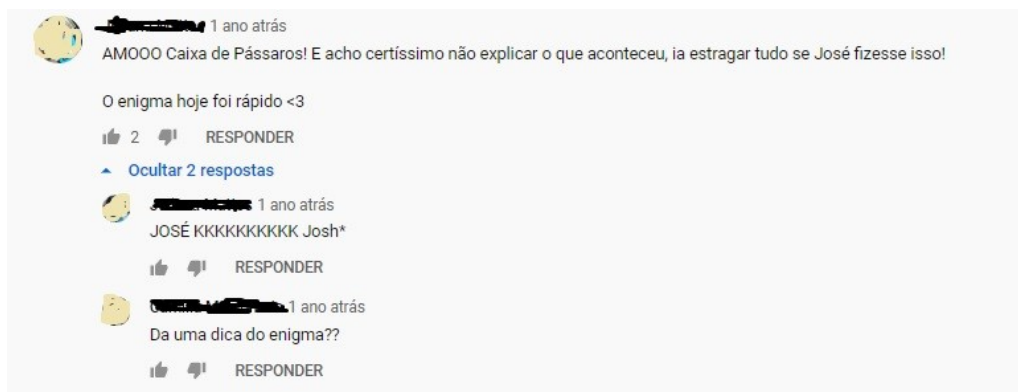
A rede de conexão ou convergência também aparece nos comentários, a exemplo disso, no canal *Nuvem literária*, Ju Cirqueira faz um desafio de leitura conjunta do livro *O Conde de Monte Cristo*. Feita a proposta, um usuário pergunta se haverá grupo no *Facebook* ou *Whatsapp*. Desse modo, entendemos que muitos usuários que seguem os canais também acompanham outras redes sociais dos apresentadores e até mesmo os canais sugeridos pelos *booktubers*. Por meio do canal da Pam, por exemplo, apreendemos, pelos comentários, que os usuários visitam o canal da *booktuber* Bel Rodrigues a qual possui uma *hashtag* com a Pam (*#PamdeBel*). Ainda nos comentários do vídeo da Pam, observamos que os seguidores do canal no *YouTube* também são participantes das comunidades formadas pelos apresentadores, uma vez que a apresentadora possui uma comunidade no *YouTube* na qual os participantes contribuem mensalmente. Por ela, como vimos no capítulo 3, que trata da análise dos canais, os participantes ganham brindes e desvendam enigmas propostos pela Pam. Por conseguinte, nos comentários, percebemos referências a esses enigmas que só tem acesso quem faz parte da comunidade paga. Além disso, pela análise dos comentários feitos nos canais literários virtuais, os participantes demonstram gostar das resenhas feitas pelos apresentadores e desejariam que os vídeos fossem gravados todos os dias, pois a maioria dos vídeos são postados com um intervalo de uma semana ou duas ou três vezes por semana, em média.

Figura 48- Imagem da tela de comentários do canal Nuvem Literária- As redes de conexão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zE2RQNcUoy4>

Figura 49- Imagem da tela de comentários do canal da Pam Gonçalves- As comunidades feita pelos canais



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rg8B3_m2aVQ&t=152s

4.3. Considerações sobre os vídeos e comentários

Os vídeos produzidos pelos *booktubers* tratam da leitura de livros. Ao falar sobre os livros, os apresentadores tratam do enredo, dos personagens e de algumas curiosidades a respeito da obra, mas sem dar *spoiler*, pois todo cuidado é tomado para que a indução à leitura não seja comprometida. Os apresentadores procuram usar uma linguagem simples, carregada de afetividade e carinho, no intuito de transmitir a emoção que sentiram ao ler os livros e, assim, conquistar o leitor. A apresentação feita não trata da obra numa espécie de análise crítica ou crítica literária dos personagens ou do contexto de produção. Quando os apresentadores assim o fazem é de uma maneira bem rápida, pois o objetivo é tratar da experiência de leitura, da impressão de leitura e do gosto. Por isso, sem reservas, ao falar dos livros, os apresentadores emitem sempre se gostaram ou não da obra, apontando os pontos positivos e negativos. Desse modo, compreendemos que esses apontamentos é que, muitas vezes, são confundidos com a crítica literária. Perrone-Moisés (2016) classifica a crítica literária em três grandes categorias: a crítica universitária, crítica jornalística e a crítica exclusivamente eletrônica dos *blogs*. Nos interessa esta última, pois para a autora, a crítica feita na internet raramente chega à crítica literária, pois os comentaristas não são especializados e tendem a se limitar ao julgamento pessoal.

Assim, compreendemos que a crítica literária está para além da exposição da opinião em relação aos livros feita nos canais. Porém, para a autora, a internet facilitou o crescimento de leitores críticos de competência variada em sites ou *blogs*, mas a qualidade do que é produzido nesse meio, segundo o seu ponto de vista, é questionável. Embora a leitura crítica só seja possível de ser feita por aquele que é um grande leitor, pois perpassa pela análise da qualidade literária, a crítica literária requer formação e profissionalismo. Desse modo, segundo Perrone-Moisés (2016), as apreciações feitas pelos *booktubers* não são críticas literárias, mas sim são manifestações críticas que expõem o gosto ou não gosto do apresentador diante da experiência de leitura.

Ao fazerem a divulgação dos livros, os apresentadores manuseiam os livros, mostrando as capas e os detalhes dos livros, demonstrando assim que elementos paratextuais também são elementos de avaliação. Mas, para além disso, essa postura diante do objeto ‘livro’ indica, de acordo com Chartier (2002), que as telas do presente não ignoram a cultura escrita, mas a transmitem. Para o autor, as novas técnicas de leitura, como a leitura no computador, por exemplo, não invalidam uma herança histórica que é o livro no formato que temos hoje: o *códex*, composto por folhas e páginas reunidas dentro de uma mesma encadernação.

Alguns livros que as editoras mandam para serem divulgadas nos canais, muitas vezes, não foram lidos pelos *booktubers*. Nesses casos, os vídeos têm apenas a função de marketing das editoras, resultando apenas na curiosidade dos apresentadores de lerem ou não a obra. O tempo nessas produções parece ser muito importante, pois os vídeos são relativamente curtos, resultando numa certa objetividade para falar sobre os livros, não permitindo que os espectadores se cansem ou fiquem entediados com produções longas. Mas, mesmo nesse espaço curto tempo, o critério parece sempre ser chamar a atenção do espectador para alcançar o maior número de visualizações e ganhar muitos *likes*. O cenário nessas gravações faz parte da apresentação. Com a estante de livros sempre ao fundo, os apresentadores soam como bons leitores e detentores de um bem cultural precioso para as classes mais privilegiadas. Detentores desse bem, ganham “moral” para falar de livros e convencer os seus espectadores a ler as indicações feitas, pois, consoante com Perrone-Moisés (2016), para falar de literatura é necessário ser antes de tudo um bom leitor. Além disso, quanto à posse dos livros literários, as classes mais abastadas (A e B), é que

concentram esses materiais (GALVÃO, 2003 *apud* ROJO, 2009). Desse modo, a presença das obras demonstra ainda esse caráter de autoridade. Ainda que o apresentador não tenha lido ou comprado todos os livros que se encontram na estante, ele os possui e isso pode colocá-lo à frente de seus seguidores, atribuindo-lhes um elemento de distinção.

O ambiente ‘quarto’ onde é gravado os vídeos faz parte dessa construção da imagem. Essa caracterização sugere uma certa informalidade e descontração, ou seja, quer parecer próximo ao espectador, numa espécie de conversa descontraída e íntima que poderia ocorrer entre amigos que possuem a mesma paixão por certo objeto, como os livros. Além disso, sugere a ideia de privacidade, estabelecendo laços de confiança que vão respaldar uma certa exposição de um julgamento mais pessoal, ajudando inclusive a criar uma simulação de uma ‘conversa’, sugerindo o que Bakhtin (2006) chama de adequação harmônica da forma à função na produção. Ainda segundo o autor, um objeto também pode emitir um significado. Sendo assim, os objetos que aparecem nas estantes emitem uma referência ao universo jovem e transmite uma mensagem de aproximação da maior parte dos seguidores dos canais. Essa mensagem de aproximação também está agregada aos aparelhos eletrônicos (guitarra, contrabaixo e caixas de som), uma vez que a música é um elemento marcante na vida de todos, principalmente dos jovens, ainda mais se utilizam instrumentos “pesados” como a guitarra.

A linguagem utilizada nos vídeos tende a ser convidativa e informal com as quais os seguidores dos canais se identificam. De acordo com Warnier (2000), a identidade é definida como o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele. Assim, a identidade, no conjunto das relações de poder, também pode ser fornecida aos indivíduos. À vista disso, esse autor prefere usar o termo ‘identificação’ no lugar de identidade, pois a identificação é contextual e flutuante. E, diante da globalização da cultura, em que podemos ter acesso a várias culturas, um mesmo indivíduo pode assumir identificações múltiplas que mobilizam diferentes elementos de língua, de cultura, de religião, em função do contexto situacional. Sendo assim, observamos que os apresentadores se valem de diferentes linguagens para permitem a identificação dos diversos usuários dos canais.

A linguagem também está envolvida no processo de identificação, pois é uma das ferramentas de comunicação. Assim, quando um apresentador usa uma linguagem mais

próxima do seu público, esse tem a tendência de ser melhor compreendido, interpretado e até mesmo de chamar a atenção do outro. Nesse sentido é que os *booktubers* potencializam a linguagem do vídeo para interagir com os seus seguidores: gestual, facial, verbal e imagética.

Os comentários dos participantes feitos no *YouTube* são uma inovação da internet, pois a interação acontece a partir dessa ferramenta por meio da qual as pessoas deixam sua impressão sobre o conteúdo enviado por outra pessoa. Para Barton e Lee (2015), ‘comentar’ configura-se como um posicionamento exposto pelas opiniões e atitudes em muitos temas, continuando, assim, uma prática existente no mundo *off-line*, como em uma troca de turnos em uma conversa face a face. Além disso, a linguagem faz parte da interação das pessoas no nível micro e macro das relações e é dentro das relações interpessoais que a linguagem se transforma e se desenvolve.

Esses comentários postados articulam as opiniões, sentimentos ou atitudes em relação a algo ou alguém. O posicionamento expressa a avaliação do enunciatador em relação àquilo de que fala. A postura pode ser afetiva, que revela sentimentos do falante, ou epistêmica, que sinaliza o conhecimento e a crença em relação à declaração. Em qualquer declaração de postura, há três componentes principais: a pessoa que expressa a postura, o tema proposto e os recursos utilizados. Para Barton e Lee (2015), o posicionamento também é interativo e intersubjetivo, ou seja, uma declaração de postura é muitas vezes dirigida e interpretada por um público em particular. Nesse sentido, no ambiente *online* dos canais literários, os *booktubers* sempre expressam a sua opinião em relação a uma obra literária, o que pode levar os usuários a lerem, a adquiri-la ou não. Mas, para além disso, os comentários feitos pelos usuários em relação ao conteúdo são de suma importância para os apresentadores, pois soam como uma espécie de avaliação que influencia comportamentos. Como mencionado, segundo Burgess e Green (2009), o *YouTube* virou um lugar de negócios, os seguidores configuram-se como clientes consumidores de produtos e a resposta desses em relação ao conteúdo é de extrema relevância. Assim, com essa ferramenta, os participantes das comunidades que se formam a partir dos *booktubers* têm vez e voz para criticar, reclamar, elogiar, sugerir, concordar ou não concordar com as opiniões dadas, divulgar ou não os conteúdos e até mesmo usarem dessa plataforma para também se promoverem.

O próximo capítulo trata da análise dos questionários preenchidos pelos alunos sobre as suas práticas de leitura. Tendo em vista que os vídeos dos canais literários são acessíveis aos alunos, a aplicação dos questionários foi uma ferramenta metodológica utilizada para perceber, dentre outros fatores, quem são os alunos leitores, o que eles leem e por que leem e, ainda, perceber quais são os mediadores de leitura dos estudantes.

Capítulo 5 #os adolescentes leem: As práticas de leitura dos adolescentes

5.1 Análise dos dados quantitativos e qualitativos dos questionários

Os capítulos anteriores abordaram conceitos básicos para esta pesquisa como letramentos, leitura, práticas e mediação de leitura dentre outros, além de situar os contextos de produção deste estudo: a metodologia, o campo de pesquisa e os procedimentos utilizados para a coleta de dados. No capítulo dois, que trata do campo de pesquisa, apresentamos alguns gráficos com dados quantitativos dos questionários para caracterizar os sujeitos desta pesquisa. Neste capítulo, apresentaremos os dados dos questionários respondidos pelos alunos do Ensino Médio (EM). Os questionários com perguntas abertas e fechadas foi um dos procedimentos utilizados neste estudo para conhecer as práticas de leitura dos alunos da escola.

Foram convidados alunos de todas as etapas do EM: 1º, 2º e 3º anos. Ao todo, 67 alunos responderam os questionários, sendo 46 meninas e 21 meninos: sete são alunos do 1º ano, 10 são alunos do 2º ano e 50 são alunos do 3º ano. Os questionários foram preenchidos durante as minhas aulas de Português nos 3º anos e durante as aulas dos professores de Português e Filosofia dos 1º e 2º anos. Em todas as situações, os questionários foram aplicados por mim. Durante a aplicação, surgiram algumas dúvidas dos alunos quanto às respostas a serem dadas, principalmente, para as questões abertas. Nesses momentos, expliquei sobre as perguntas, mas deixei os alunos bem à vontade para responderem aquilo que eles entendiam como resposta, na tentativa de tranquilizá-los para responder.

Os alunos levaram em torno de 10 a 15 minutos para responderem ao questionário, pois no momento de preencher, os alunos conversavam uns com os outros sobre as perguntas, buscando a melhor resposta, bem como saber da resposta do outro colega. O que não percebi como um problema, mas até muito válido, pois representou uma troca de questionamentos. Por exemplo, dois alunos de uma turma do 1º ano ficaram discutindo sobre a sua identificação como um leitor, antes de responderem a uma questão do questionário sobre esse tema. Após a aplicação dos questionários, deixei claro que haveria uma análise das respostas e alguns alunos seriam chamados para uma entrevista.

Após a análise das respostas, verificamos que a maioria dos alunos leem, normalmente, livros do gênero romance⁸ (24%), ficção científica (9%) e aventura (15%); isso nos permite dizer que até os dias atuais os romances ainda são obras mais lidas, inclusive pelos jovens. Talvez um dos fatores que justifica essa predileção seja a estrutura que compõe esse gênero, marcada pelo enredo denso, cheio de tramas, personagens principais e secundários, vilões, descrição de espaços e narradores que, por vezes, revelam a própria presença do narrador na história.

A leitura do gênero ‘ficção científica’ tem ganhado atenção dos jovens. Muitos canais televisivos ou por assinatura, como o Discovery Channel, tem aberto espaço para a divulgação de descobertas e curiosidades científicas numa linguagem mais próxima do espectador. Também, a ciência tem conseguido espaço no cinema, com filmes que associam o homem a mutações genéticas, chamando a atenção daqueles que observam essas produções. Além disso, obras apocalípticas são, por vezes, as favoritas dos adolescentes e jovens.

Viver aventuras faz parte do mundo jovem, por isso, o gênero ‘aventura’ composto por narrativas que trazem experiências novas e desafios, seja, por sua vez, uma das leituras do cotidiano juvenil.

Como mencionamos no tópico que trata da leitura, segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, a população leitora aumentou e o livro mais lido continua sendo a bíblia e livros religiosos, principalmente entre a população adulta, e a nossa pesquisa corrobora para essa afirmação, pois 16% dos alunos que responderam os questionários dizem ler, normalmente, a bíblia. Como os menos lidos se encontram os gêneros autoajuda (7%), contos (6%), poesia (5%), crônicas (4%), biografias (4%) em ordem decrescente.

Nas respostas dadas pelos alunos que indicaram outros gêneros de textos (9%) que não estavam indicados na listagem, nos surpreende o fato de reconhecerem gêneros como, *fanfic*, *creepypasta*, textos jornalísticos que tratam de política e economia, *blogs* também como leitura, pois para boa parte da sociedade, leitor é aquele que lê livros da cultura impressa. Sendo jovens ainda, chama a atenção a indicação de leituras da área da teologia e

⁸ No questionário, a pergunta visava compreender os livros literários mais lidos pelos alunos. Contudo, ao destacarem ‘romance’, os alunos podem ter apontado obras que tratam de histórias de amor como gênero literário romance.

filosofia. A leitura de textos sobre mitologia ganhou espaço na atualidade, em grande medida, também pela introdução dessas narrativas na cinematografia.

Grande parte dos alunos (25%) responderam que escolhem um novo livro para ler através de filmes ou séries assistidas. Também, como citado anteriormente, de acordo com a pesquisa feita pelo IPL *Retratos da Leitura no Brasil 4*, os livros mais lidos pelos jovens hoje são os que estão associados a fenômenos culturais: adaptações e recriações como filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites de espetáculos multimídia, aplicativos etc. Sendo assim, as respostas aos questionários comprovam tal afirmação, pois os jovens atuais têm mais acesso à mídia e à internet e boa parte dos *best sellers* também são fruto dessa divulgação em massa das obras que viram filmes. Segundo Ceccantini (2016), as atividades de leitura dos jovens são complexas, múltiplas e inter-relacionadas e se apoiam em um processo lúdico e de socialização. Sendo assim, percebemos, pelas respostas, que muitos alunos escolhem seus livros por meio de dicas de amigos, demonstrando que muitos jovens compartilham de suas experiências de leitura com os amigos, indicando que a leitura faz parte do discurso e da prática dos alunos, pois, a leitura é uma atividade social. As práticas de socialização da leitura dos alunos caracterizam-se, portanto, como letramento literário, porque nessas práticas há a formação do leitor.

Certamente, a mediação da leitura sempre existe, ainda que em parcelas diferentes para cada mediador. As respostas revelam que a dica de amigos para novas leituras é considerada pela maioria dos adolescentes e jovens (24%), seguida pela dica dos pais (9%), propagandas (9%) e professores (8%). Esse dado indica que a leitura dos alunos também é influenciada pelo círculo familiar e de amizades. A internet configura-se como uma influenciadora na leitura dos jovens, uma vez que grande parte deles têm acesso aos diversos conteúdos que propagam a leitura e obras. Os alunos consideram as dicas daqueles que trabalham em ambientes divulgadores da leitura e do livro, como lojas (7%) e bibliotecas (2%), talvez por essas pessoas serem identificadas como aquelas que conhecem o produto livro. Muitos dos alunos (9%) responderam que escolhem um livro também pela capa e pela sinopse. Isso revela um dado importante para autores e editoras que, ao longo do tempo, têm investido na estética dos livros, chamando, assim, a atenção dos leitores e daqueles que valorizam essa característica do produto. Quanto à sinopse, a busca por

chamar a atenção dos leitores logo no resumo disposto na quarta capa das obras torna-se um desafio para o autor e um dispositivo de leitura para o processo de seleção.

Os dados mostram que 57% alunos responderam falar sobre livros com os amigos. Das repostas dadas, muitos disseram que falam dos livros quando gostaram da leitura que fizeram ou quando sabem do gosto dos colegas. A conversa envolve também troca de sugestões de leituras, como foi feito no próprio questionário. Alguns alunos, ao responderem a essa pergunta, indicaram livros para leitura, como *1808, O conto de Aia, Shadowhunters, Fazendo meu livro*.

Quando perguntamos no questionário se o (a) aluno (a) participante desta pesquisa costuma ler livros sugeridos pelos professores, 34% alunos disseram que sim, leem os livros sugeridos, e 66% disseram que não leem os livros sugeridos. Ao manifestarem porque leem os livros sugeridos, as repostas contemplam os benefícios escolares, pessoais e morais que essas obras trazem aos estudantes. Essas respostas mostram que os alunos veem que as indicações de leitura feita pelos professores são mais para ajudá-los na aprendizagem e no conhecimento ou para auxiliá-los nas questões de vida (psicológica e moralmente). Os dados também mostram que as indicações de leitura feitas pelos professores são diferentes do que os alunos costumam ler.

A maioria deles (66% dos alunos) responderam que não aderem às sugestões dos professores, pois não despertam o interesse dos estudantes e porque são livros com temáticas bem específicas de determinada disciplina. Desses que responderam que não leem, a negação quanto às sugestões gira em torno da pessoa do professor, pois depende de quem indica o livro e também da necessidade e objetivo; caso seja um livro para ajudar, nos trabalhos escolares e em provas, como no ENEM, os alunos dizem que até leem. Mas, as indicações também se limitam ao gosto do aluno, porque ao pesquisarem as indicações dos professores, os alunos verificam a sinopse e se gostarem, leem os livros sugeridos.

Com relação à pergunta sobre leitura como atividade prazerosa, 90% dos alunos responderam que sim, consideram a leitura como uma atividade prazerosa, porque trazem aprendizagem e é “muito legal”. Muitos alunos também responderam que a leitura é prazerosa, pois: “faz a gente viajar sem sair dos lugares, estimula a imaginação”. Houve respostas que condicionaram o prazer da leitura às emoções, uma vez que houve respostas do tipo: “quando estou bem tranquilo, ler é muito bom”. O prazer de ler aliado à

aprendizagem também foi a resposta de mais de um aluno, pois julgaram que ler melhora o vocabulário e a gramática, ajuda no Português, na escrita. A leitura como distração, uma atitude de relaxamento e como uma terapia, também foi associada, partindo de respostas do tipo: “me dá alegria, me desliga do mundo, é meu passatempo favorito”. Além disso, a leitura foi relacionada ao conhecimento, como uma atividade que abre a mente das pessoas. A leitura como atividade libertadora também pode ser atribuída por meio das respostas, quando um entrevistado diz “me sinto à vontade quando estou lendo”.

Entretanto, dentre os alunos que responderam o questionário, 10% disseram que não consideram a leitura uma atividade prazerosa, pois não se interessam pela leitura, não gostam de ler livros, consideram que outros *hobbies* são mais interessantes e não consideram a leitura como uma atividade prazerosa, porque dá sono. Uma resposta interessante para a negação da leitura como prazer foi a de que o aluno “nunca ‘parou’ para ler um livro”; dessa resposta consideramos que a leitura pode ser uma atividade fruto do ócio: lê-se quando não se está fazendo outra coisa, bem como a leitura também é uma atividade, uma vez que demanda tempo, concentração e envolvimento, ou seja é um exercício.

Para a pergunta “você se considera um leitor? ”, dos que responderam que sim (51%), muitos indicaram como justificativa o fato de que leem bastante. Com esse dado, percebemos que, para os adolescentes e jovens desta pesquisa, leitor é aquele que lê muitos livros. Outras repostas como: sim, me considero um leitor, porque: “a leitura faz parte do meu cotidiano”, “sempre procuro ler”, “ qualquer leitura é válida, mesmo que pela internet”, “leitor é o que lê, gosta e reflete com isso (a leitura) ”, “porque gosto de ler”, “leio e releio livros”, “ embora não leio uma diversidade de livros, leio notícias e reportagens”, “uso livros para estudar e distrair”. O não reconhecimento de si como leitor (49% dos alunos) também se deve, segundo o ponto de vista dos alunos, ao fato de não ler frequentemente. Outros responderam que não se consideram leitor, pois têm dificuldade, porque não gostam de ler, não têm tempo.

O gosto pela leitura ainda continua sendo algo despertado pela família. As respostas revelam que a maior parte dos alunos (34%) gosta de ler por causa da família. Mesmo aqueles que responderam o campo “outros” (24%) para o gosto pela leitura, indicam um familiar (irmã, frequentemente) como influenciador da leitura. Sobressai a influência dos

amigos (28%), uma vez que a adolescência e a juventude constituem-se como o período etário mais influenciado pelos seus pares. Os professores ganham destaque (13% dos alunos disseram que eles despertaram o gosto pela leitura), uma vez que, principalmente na infância, a escola é um dos lugares onde a criança passa a maior parte do tempo, sendo que a escola é o lugar socialmente aceito como o que mais influencia a leitura e, segundo Cosson (2014-c), é o lugar onde se deveria promover o letramento literário.

A cinematografia tem investido no que a cultura digital chama de continuidade: o livro vira série/filme e jogos ou vice-versa. Mas é um fator importante, pois muitos alunos (24%) manifestaram que começaram a ler ao assistirem filmes e séries, pois descobrem que existe um livro.

Na busca de saber se os alunos conheciam sobre os clubes de leitura e canais literários virtuais, fizemos a seguinte pergunta inicial: “você sabe o que é um clube de leitura, clube literário ou clube do livro? ”. Do total de alunos que responderam os questionários, 67% responderam ‘sim’ e 33% responderam ‘não’. Para os que responderam que sim, desejamos saber um pouco mais e perguntamos se já haviam participado presencialmente de um clube de leitura, clube literário ou clube do livro. Para essa questão, 7% alunos responderam que sim e 93% responderam que não, nunca haviam participado de eventos dessa natureza.

No intuito de ainda saber um pouco mais dos que conheciam o que era um clube de leitura, inicialmente perguntamos se eles conheciam algum clube de leitura, canal literário ou clube do livro na internet ou no *YouTube*. Para essa pergunta, 79% dos alunos responderam ‘sim’ e 21% responderam ‘não’. Daí seguimos com a próxima pergunta, pedindo que citassem pelo menos 1 clube de leitura, canal literário ou clube do livro na internet ou no *YouTube* que conheciam. Foram citados os seguintes canais: *Vá ler um livro*, *wattpad*, klébio Damas, kaboot TV, Mikam, Carol Moreira, Beco do poeta (no *Facebook*), Ali Aqui, Leitor Afinado, Clube o livro BH , Amigos literários, Coisas de um leitor, Apaixonada por leitura, Oslivrosdaline, Literature-se. Com essas indicações, percebemos que nenhum dos canais literários indicados pelos alunos no questionário coincidem com os canais mais indicados pelo Google ou *YouTube* ou daqueles que aparecem nos primeiros lugares na lista de busca, mas, ainda assim, partimos da análise dos canais literários virtuais

mais visualizados do *YouTube* para percebermos as principais características deles como foi visto no capítulo 3.

Perguntamos, na sequência do questionário, aos alunos que indicaram conhecer os canais literários virtuais, se eles já haviam lido algum livro por indicação do(s) apresentador(es). 69% responderam que sim, e 31% responderam que não. Em seguida perguntamos o que levou os alunos a lerem os livros sugeridos pelos *booktubers* e as respostas anotadas foram porque “parecia interessante”, “já tinha visto o filme”, “por causa dos argumentos”, “curiosidade”, “por causa da história”, “achei interessante”, “parecia um bom livro”, “se adaptava ao meu gosto”, “a resenha me interessou”. Perguntamos também se os alunos acessavam frequentemente esse tipo de canal e 54% dos alunos marcaram que sim e 46% que não.

Por fim, perguntamos se o aluno acessava outra rede social do mesmo(a) apresentador(a) do canal e qual rede social. Na pergunta, sugerimos algumas das mais populares como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Dos que responderam que acessavam outras redes, os alunos indicaram *Twitter*, *Instagram*. Além disso, indicaram outras: *Greenelly* e *Wattpad*, das quais não tínhamos conhecimento.

5.2 Considerações sobre os questionários

Como citado, usamos a metodologia da aplicação do questionário com perguntas abertas e fechadas, baseado na pesquisa feita pelo IPL *Retratos da Leitura no Brasil 4* para saber sobre as práticas de leitura dos alunos. A aplicação do questionário foi importante para conhecer o que os alunos leem e por que eles leem, sob quais mediações. Perceber que o gênero romance é um dos mais lidos pelos alunos nos leva a pensar que esse é um dos gêneros mais populares entre os jovens, talvez pela própria estrutura do gênero, mas, sobretudo, por causa da linguagem. Esse gênero foi ascendido historicamente junto com uma nova classe, a burguesia, composta por comerciantes enriquecidos, que, em sua maioria, buscavam viver conforme os costumes da classe alta e da nobreza. Nesse sentido, a leitura era uma prática dessas classes altas. Diante disso, o gênero ‘romance’ ganhou mais espaço entre os burgueses, sobretudo com a invenção da imprensa. E assim, até hoje, essas obras atingem a maior parte das pessoas, geralmente, por causa da linguagem que se adéqua

aos leitores e do enredo que, muitas vezes, é feito para prender a atenção. Assim, acreditamos na força desse gênero sobre o gosto dos jovens pela própria composição das obras.

Ao analisarmos a mediação de leitura dos alunos, percebemos a presença da família de uma maneira muito forte. Nesse sentido, é reforçada a velha crença de que a leitura incentivada em casa se perpetua na vida dos alunos. Mas, também, os próprios pares, atualmente, têm sido um fator para despertar o gosto pela leitura. Algo interessante de se perceber é que muitos alunos adquirem o gosto de ler de forma variada e não previsível. Acreditamos que a mediação sempre surge de um estímulo, seja de uma pessoa ou de algum fator que tenha chamado a atenção, por exemplo, um filme, uma obra de arte, um tema de discussão, etc.

No questionário respondido, muitos alunos (69%) responderam que já leram livros por influência dos canais literários, principalmente pela forma como são abordados os livros pelos apresentadores. Na análise dos vídeos feita no capítulo 4, percebemos que a linguagem que os *booktubers* usam é mais informal e mais próxima da linguagem usada pela maioria dos jovens: permeada por gírias e adjetivações de forte valor apelativo. Como os vídeos dos canais literários já são um fenômeno entre jovens e adolescentes, é compreensível que os apresentadores usem uma linguagem mais próxima de seu público. Entendemos que a influência também se deve ao fato do vasto uso das tecnologias. A internet e seus vários recursos estão presentes na vida das pessoas de várias formas. Portanto, a mediação da leitura é mais uma das possibilidades a serem usadas de maneira consciente e crítica. Nesse sentido, é importante a abordagem do tema letramento digital nos contextos escolares devido ao acesso que muitos alunos têm, hoje, às diversas ferramentas oferecidas pela tecnologia, da qual o ensino não pode se esquivar. Os desafios postos às instituições de ensino referem-se às mudanças geradas pela sociedade da informação, exigindo das escolas muita flexibilização e inovações que adotem as tecnologias disponíveis (Cf. Pereira 2005). Isso significa falar em inclusão digital. Para o autor, inclusão digital é

Um processo em que a pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos métodos de processamento, transferência e armazenamento de informações que já são do uso e do costume de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos

deveres dos já participantes daquele grupo onde está se incluindo (PEREIRA, 2005, p.17)

Observamos, porém, que esse ‘incluir’ vai muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada comando ou usar o mouse; é buscar informação e produzir conhecimento. Nesse sentido, a escola pode usar das tecnologias da informação como uma ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem, permitindo assim a inclusão dos alunos nesse universo digital, através de plataformas já disponíveis para uso da educação.

Dessa maneira, investigar a forma como esses alunos percebem esses canais virtuais e os vídeos produzidos por meio deles e o modo como interagem nesses meios foi um dos objetivos da pesquisa. Para essa investigação, utilizamos, os questionários, as entrevistas semiestruturadas para ir um pouco além do que os alunos haviam respondido. Assim, o próximo capítulo trata da análise das entrevistas feitas com alguns alunos.

Capítulo 6 #ahoradaconversa: Análise dos dados qualitativos das entrevistas

6.1 A organização das entrevistas

As entrevistas constituíram-se como a segunda etapa da pesquisa empírica. Após o preenchimento dos questionários pelos alunos, procuramos identificar, pelas respostas dadas, aqueles que: (a) demonstraram ser potenciais leitores e (b) responderam ser usuários dos canais literários.

Usamos como procedimento metodológico as entrevistas, pois segundo Parizot (2015), o questionário constituído por perguntas fechadas fornece respostas pré-definidas e as perguntas abertas deixam o pesquisado livre para responder o que desejar. Nesse sentido, com o conjunto de informações dadas nos questionários pelos 67 alunos, elaboramos a segunda etapa dessa pesquisa que foi a entrevista, uma vez que as respostas dadas pelos alunos no questionário nos permitiram encontrar elementos para a seleção de alunos que seriam entrevistados.

As entrevistas foram do tipo semiestruturada e realizadas, em sua maioria, em grupo. Para Neto (2001), a realização de entrevistas constitui-se em um importante procedimento para uma pesquisa de natureza qualitativa porque o pesquisador busca obter informações nas falas dos atores sociais ou sujeitos-objeto da pesquisa. A entrevista semiestruturada permite ao pesquisador elaborar as questões, um roteiro em que se define e registra o essencial do que se pretende focar (AMADO, 2013). Como o objetivo era investigar a influência dos canais literários na leitura dos alunos da escola, montamos um roteiro inicial (Apêndice 2) com perguntas que orientaram a conversa com os alunos durante as entrevistas. As perguntas do roteiro nos permitiram analisar, mais profundamente, a prática de leitura dos alunos e, também, mensurar o entendimento dos alunos sobre a existência dos canais literários e o seu uso. Por exemplo, algumas das perguntas feitas para iniciar a conversa com os alunos foram: “O que vocês acharam da apresentação feita no vídeo? ”, “ O que vocês acharam da forma como ela fala dos livros? ”, “ O que vocês acharam do ambiente onde é feito o vídeo? ”, “Algum de vocês conheciam esse canal? ”. Por meio dessas perguntas, esperávamos conhecer qual era a impressão dos alunos sobre os canais literários e qual o tipo interação que tinham com os canais. Também,

esperávamos que, nas entrevistas, os alunos indicassem quais critérios definem a sua participação em uma comunidade leitora. Alunos que não demonstraram ser membros de comunidades virtuais ou não conhecer os canais literários também foram entrevistados, na tentativa de identificarmos outros possíveis circuitos de leitura e, ainda, apresentar essa ferramenta digital e registrar a avaliação produzida pelos alunos.

Todas as entrevistas foram realizadas no laboratório de informática da escola, pois essa era uma das únicas salas disponíveis, na qual poderíamos fazer a entrevista de forma tranquila. Foram feitas oito entrevistas no total, sendo cinco entrevistas em grupo e três individuais, no período de maio a agosto de 2019, uma vez por semana e após o intervalo para recreio, por volta das 10:00. Por ser no 4º horário de aula, cada sessão de entrevistas durava cerca de 35min.

Utilizamos o método da entrevista em grupo para obtermos respostas variadas dos alunos e, também, porque, segundo Amado (2013), o que conta nesse tipo de entrevista é o conjunto de significações específicas do grupo. Nessa perspectiva, nos propomos a entrevistar os alunos em grupo para conhecer as suas concepções em relação à apresentação feita pelos *booktubers*, bem como para conhecer a interação dos entrevistados com os canais literários virtuais. A escolha dos alunos para compor os grupos foi a partir da análise das respostas dadas aos questionários. Inicialmente, escolhemos para a entrevista alunos que disseram que sabiam o que era um canal literário virtual. Como rege o código de ética de pesquisa, para garantir o sigilo, os nomes dos alunos são fictícios e foram definidos pelos próprios entrevistados.

Antes de iniciar a entrevista com os alunos, exibimos um dos vídeos de análise da pesquisa “*Para todos os garotos que já amei*” do canal literário da Pam Gonçalves: escolhemos esse vídeo por ser relativamente curto, com 8min e 22s de duração. Essa estratégia foi importante, porque muitos alunos, no questionário, quando perguntado se conheciam algum canal literário, clube de leitura ou clube do livro na internet, alguns responderam ‘sim’, mas ao responderem sobre o nome de um desses canais, os alunos não apontaram o nome de nenhum dos canais literários virtuais estudados na pesquisa. Por exemplo, ao falar sobre o conhecimento que tinham de algum *booktuber* ou canal literário, a entrevistada ‘Chocolate’ mostra não se lembrar do nome da apresentadora:

Pesquisadora: No questionário, nenhuma de vocês disseram que conheciam esse canal, certo?! Mas vocês conheciam outros?

Chocolate: Eu não me lembro o nome da menina, porque também sumiu.... era uma de cabelo colorido, mas ela é mais ou menos do jeito que ela....

(Interrupção Draco)

Draco: Acho que ela tem cabelo colorido.

Chocolate: Mas era uma de cabelo colorido, mas eu acho que ela é mais ou menos do jeito que ela é, ahhh (Alunas do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 09/05/2019)

Notamos, pelo trecho, que a aluna se lembra apenas das características físicas, os cabelos coloridos da apresentadora, mas não se recorda do nome. A forma de apresentação dos *booktubers* é algo marcante para a aluna, porque ela se refere ao ‘jeito’ da apresentadora, mas não se lembra do nome.

Apresentar o vídeo de um canal literário foi muito importante para percebermos algumas reações dos alunos durante a entrevista. Procuramos dividir os alunos em grupos de acordo com a etapa de ensino e com colegas da mesma turma para que ficassem mais à vontade entre seus pares. No entanto, nem sempre pudemos manter esse formato por causa da ausência de alguns alunos no dia da entrevista. Outra estratégia foi agrupar meninos e meninas numa perspectiva mais heterogênea.

As entrevistas foram feitas em dois blocos: o primeiro bloco de entrevistas foi constituído por alunos que responderam, no questionário, que conheciam os canais literários. Para o segundo bloco, foram selecionados alguns alunos que não conheciam os canais literários, mas que se mostravam como potenciais leitores. Diante dessas características, 24 (vinte e quatro) alunos foram escolhidos para participar das entrevistas, os quais foram distribuídos em cinco grupos.

Além desse formato, foram feitas três entrevistas individuais. Duas dessas entrevistas foram feitas com alunos que não se encontravam na escola no dia em que foi realizada a entrevista em grupo e uma conversa foi feita com uma aluna que disse, durante a entrevista em grupo, que fez parte de um clube de leitura. Essa aluna foi chamada individualmente para podermos conhecer a natureza da sua participação em um clube de leitura.

A primeira entrevista foi realizada no dia 09 de maio de 2019 com a participação das alunas do 1º ano do Ensino Médio: Chocolate, Lya e Draco. Essas alunas estudavam na mesma turma, bem como já haviam estudado juntas em séries anteriores. Todas essas

características facilitaram muito a conversa entre elas. Nessa primeira entrevista, não houve participação masculina, pois o aluno que foi convidado para fazer parte do grupo não se encontrava na escola. Como eu já havia sido professora delas em anos anteriores, isso também facilitou a interação com o grupo. As alunas se sentiram bem à vontade durante a entrevista e não houve nenhuma pergunta que hesitaram em responder.

A segunda entrevista, realizada no dia 22 de maio de 2019, teve a participação dos alunos Órion, Stark, João e Jade, do 1º e 2º anos. Durante a entrevista, as alunas do 1º ano estavam mais à vontade que os alunos do 2º ano, pois as alunas do 1º ano já se conheciam há mais tempo, uma vez que, embora não estudassem na mesma turma, já haviam estudado juntas em anos anteriores e se mostravam bem próximas. Já os alunos do 2º ano eram de turmas diferentes, além se mostrarem mais tímidos.

A terceira entrevista foi feita com alunos dos 3º anos do Ensino Médio no dia 29 de maio de 2019. Embora os alunos fossem de turmas diferentes, procuramos manter, nesse grupo, pelo menos, dois alunos de uma mesma turma. Os alunos participantes foram Christopher, Antônio, Tempestade, Anderson, Rebeca, Valentina, Bianca e Pedro. Os alunos se sentiram muito à vontade durante a entrevista. Todos os alunos se conheciam e isso facilitou muito a interação entre eles. Um dos alunos, Antônio, se mostrou mais quieto, pois, ainda que no questionário tivesse apontado que era um leitor e conhecia os canais literários, no momento da entrevista percebeu que os alunos falaram muito sobre livros e sobre os canais e isso o deixou mais tímido. Por exemplo, ao falar sobre as suas práticas de leitura, aponta que:

Antônio: Eu não gosto muito de ler livro, eu conheço alguns canais que falam sobre livro, mas eu não tenho o costume muito de ler não (...)

Antônio: Tipo assim, eu tenho até um livro em casa, mas eu li só uma coisinha assim... *(faz gesto com o dedo, mostrando que foi pouca coisa)*. Mas aí fica lá, aí eu falo assim: ah, depois eu leio. (Aluno do 3º ano do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

A quarta entrevista foi individual, com a aluna Aurora, do 3º ano do Ensino Médio, e aconteceu no dia 05 de junho de 2019. A entrevista foi realizada nesse formato, pois a aluna não se encontrava na escola no dia que realizamos a conversa com o grupo no qual se encontravam seus colegas de turma. Além disso, foram feitas duas tentativas anteriores para fazer a entrevista com a aluna, porém se encontrava ausente. A aluna se mostrou bem

tímida durante a conversa e isso dificultou a interação. Desse modo, foi necessário fazer muitas perguntas para que ela se envolvesse mais com o tema. Contudo, depois de alguns minutos, a aluna interagiu mais e foi construindo uma avaliação sobre a apresentação do vídeo e sobre o que sabia dos canais literários.

No dia 26 de junho de 2019, aconteceu a quinta entrevista do primeiro bloco de entrevistas com os alunos que demonstraram conhecer os canais literários. Essa entrevista foi realizada com o aluno Panda do 2º ano do Ensino Médio que não se encontrava na escola no dia da entrevista em grupo. Percebemos que o aluno se mostrou muito tímido durante a entrevista, mas, ainda assim, nos deu informações importantes sobre uma ferramenta digital, que se assemelha a *blog*, segundo o aluno, chamada *Creepypasta*. Para ele, a literatura que se encontra nessa ferramenta é mais interessante:

Panda: A *Creepypasta*, que eu mais leio, que tem terror, é empolgante. Só que de teoria, eu acho que eu não consigo muito compreender isso ainda mais esses livros antigos, um pouco antigos, né. (Aluno do 2º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 26/06/2019)

A sexta entrevista faz parte do segundo bloco de entrevistas com alunos que não conheciam os canais literários, mas que se identificavam como leitores. Essa entrevista foi realizada no dia 03 de julho de 2019 com os alunos dos 3º anos Ageu, Monalisa, Moita, Cristiano e Michelangelo. Os alunos trouxeram informações importantes para caracterizarmos os canais literários e as práticas de leitura. Embora todos esses alunos declarassem que não conheciam os canais literários, após assistirem ao vídeo, uma aluna manifestou que já havia visto um canal literário virtual. Para exemplificar, apresentamos um trecho da conversa:

Pesquisadora: *Então, todos vocês disseram que não conheciam o que era um canal literário virtual. Esse vídeo é um exemplo de canal literário virtual ninguém nunca tinha visto mesmo ou acessado esse tipo de canal?*

(Todos dizem que não)

Pesquisadora: *Então o que vocês acharam?*

Monalisa: Professora, na verdade tem três livros na minha casa que é continuação desse daí *(Para todos os garotos que já amei)*. Quando eu comprei o terceiro... antes de eu comprar ele foi o único que eu entrei no canal para ver, tipo, um resumo para ver se a história vale a pena mesmo comprar, mas foi a única vez. Tipo, só para saber mesmo. Porque se eu não tivesse visto eu não teria entrado nunca.

Pesquisadora: *Mas o que vocês acharam, então?*

Moita: Foi interessante para saber sobre o livro. Interessante.

Cristiano: Ela fala do livro sem contar... (esquece a palavra que queria dizer e o colega do lado lembra a palavra)

Moita: Dar *spoiler*.

Cristiano: É, exatamente.

Michelangelo: E faz você ficar mais interessado no livro, na história. Tipo, saber o que tá acontecendo. Porque, tipo, ela falou: acontece uma coisa que ela vira atenção da escola, a personagem”. O que é essa coisa? O que foi isso?

(Todos os colegas concordam com o Michelangelo)

(risos)

Moita: É interessante.

Ageu: Dá meio que um “tchan” para você ler um livro. Você ver ela nessa empolgação, você fica empolgado para saber por que que ela tá empolgada. (Alunos dos 3º anos. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

A sétima entrevista em grupo faz parte do segundo bloco e foi realizada no dia 10 de julho de 2019 com os alunos Phoebe, Chandler, Mônica e Chael, sendo todos do 3º ano do Ensino Médio. A participação desses alunos foi muito importante, pois pudemos perceber a reação de pessoas que ainda não haviam visto vídeos dessa natureza. Por meio do trecho abaixo, podemos perceber algumas dessas reações:

Pesquisadora: *O que vocês acharam da apresentação do canal?*

Chandler: Eu achei que ela fala muito bem sobre a trilogia, ela deu atenção, mesmo, para a história do livro para poder passar como se fosse um trabalho dela mesmo. Como se ela tivesse que ter uma atenção toda para passar para o público dela. Eu achei muito interessante.

Mônica: Eu gostei muito, porque, igual o Chandler falou, ela dá muita atenção aos detalhes. Eu gostei do jeito que ela fala também. Não é um jeito chato, um vídeo cansativo de assistir, que é meio desanimado. Ela fala com empolgação. Realmente ela está empolgada com que ela está falando e ela quer passar isso para gente.

Phoebe: Ela estimula a gente ler. Ela fala tão bem da história que faz a gente querer ler também. O que eu achei interessante é o jeito como ela interpretou, como ela falou: ‘ah não tem aquele sentimento de um impacto muito grande, mas dá um quentinho no coração’. Isso foi a interpretação dela. Eu achei muito interessante.

Chael: Eu achei muito interessante não só pela interpretação, mas na vontade dela em dar os detalhes do que realmente gosta e ela passa isso para gente: o interesse em a gente querer ler a trilogia. Eu gostei bastante também. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

A oitava entrevista foi individual e aconteceu no dia 03 de agosto de 2019. A entrevista foi feita com a aluna Órion, pois, durante a entrevista em grupo, a aluna disse que havia participado de um clube de leitura. Como se tratava de um fato particular, decidimos fazer uma conversa individual para que não tirasse o foco da entrevista em grupo e para que a aluna tivesse mais tempo para se expressar. A exposição desse fato pela aluna foi muito

importante, porque, assim, pudemos compreender que os alunos das escolas participam de eventos que não são propostas da instituição escolar. Nesse sentido, percebemos a relação entre letramentos escolares e não escolares que acontecem em espaços que tendem a considerar as suas práticas como dominantes. No entanto, observamos, pelos relatos dos alunos, que existe uma tensão nesse convívio entre as práticas. Por exemplo, na fala de Órion, na entrevista coletiva, compreendemos que ela valoriza as práticas que são feitas nesses eventos que acontecem fora da escola:

***Pesquisadora:** O que ela fala que leva uma pessoa a ler o livro? Aliás, alguém já leu esse livro?*

Órion: Eu gosto mais dos projetos de leitura. Parece que é uma leitura coletiva

Stark: É.... Parece que é um debate sobre o livro..... um debate sobre o livro é bem legal.

Órion: É eu gosto muito desse tipo de projeto dessas coisas assim. (Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Na entrevista em grupo, tivemos a oportunidade de ouvir o que a aluna e seus colegas acham das práticas de leitura da escola. Perguntamos aos alunos o que eles achavam da forma como os professores convidavam para ler os livros propostos pela escola. Fizemos essa pergunta após os alunos falarem que leem os comentários que existem sobre os livros nos canais literários e em outros sites que fazem resenhas de livros e, também, logo depois que eles falaram da forma como a apresentadora introduz os livros, que gera um entusiasmo para ler:

***Pesquisadora:** E a forma como o professor fala não é assim? É diferente?*

Stark: Depende do professor. Tem professor que faz a indicação. Por exemplo, um professor falou sobre o livro, aí talvez a gente procurando sobre ele, a gente se interessa, mas só de ele ter falado de ler o livro, naquela hora e não falou nada sobre o livro, só mandou a gente ler, aí a gente não vai se interessar.

Órion: Depende muito. Tem professor que a gente chega assim e conversa já nossa você já leu esse livro? Aí a gente começa a conversar a discutir sobre o livro.

Stark: É. Aí é legal

Jade: Eu acho que é diferente. Tipo assim, quando eu chego para conversar com você sobre o livro que você me indicou, aí você está falando sobre ele para mim, aí eu crio interesse. Mas, exemplo, numa aula normal, a professora chega e fala “ah vocês já leram esse livro? É bacana, eu queria que vocês lessem”... É totalmente diferente, ela não fala sobre.

Stark: Não tem vida.

Jade: É.

***Pesquisadora:** Então o ambiente influencia? O lugar? Como assim?*

Jade: Não é exatamente o lugar.... é a forma como ele fala sobre o livro

Órion: É sobre a pessoa e o jeito como ela fala para você.

João: Também tem isso, por exemplo, eu lembro do *Príncipe* (livro)... eu já tinha lido, mas o jeito como falaram para poder ler o livro *O Príncipe* é meio que.... não.... foi no 9º ano da minha outra escola, a professora falou de um jeito que era muito legal. Falou o que se passava no livro. Falou um pouquinho da experiência do livro e, normalmente, não é assim; normalmente o professor só chega e fala: lê o livro.... depois.....

Stark: É. Um professor fez isso com a gente: lê *O Príncipe*. Só que falou vocês vão ler esse livro aqui e é pra fazer uma resenha desse livro e não falou mais nada.

Jade: Uma professora falou a mesma coisa sobre esse mesmo livro *O Príncipe*. Ela chegou: eu quero que vocês leiam esse livro e façam um fichamento. Ela não falou sobre o que fala o livro, porque que ela queria que a gente lesse o livro. Ela não explicou o que ela achava do livro.

Pesquisadora: *E vocês já leram O Príncipe?*

Stark: Não.

Pesquisadora: *Mas aí depois ela conversou com vocês sobre o livro?*

Jade: Não. Ela só pediu a resenha. Só o trabalho.

Pesquisadora: *Vocês discutiram em sala?*

Jade: Não. (Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Ouvir os alunos por meio das entrevistas foi fundamental para a realização desse trabalho, pois pudemos aprofundar em muitas respostas que os alunos deram aos questionários. Além disso, outras questões foram levantadas pelos alunos durante a conversa, o que colaborou significadamente para a pesquisa, porque, segundo Amado (2013), durante a entrevista, o entrevistado tem uma grande liberdade de resposta. Por isso, a entrevista foi um instrumento importante para a coleta de dados para o nosso estudo.

Observamos uma frequência de respostas dadas pelos alunos nas entrevistas e, com isso, elaboramos os assuntos tratados nas conversas em forma de categorias para analisar as falas dos alunos. Sendo assim, os próximos tópicos foram definidos segundo as categorias analíticas motivadas pelos discursos dos alunos manifestados nas entrevistas.

6.2 Análise dos discursos produzidos pelos alunos nas entrevistas

6.3 “Eu sei o que é, mas eu não sei quem são”: O reconhecimento do conteúdo

O ponto de partida para a realização da entrevista foi a exibição do vídeo disponibilizado no *YouTube* do canal literário da Pam Gonçalves, sobre o livro “*Para todos os garotos que já amei*”. Escolhemos esse vídeo para iniciar a entrevista, pois a apresentação da *booktuber* nos permitiria conversar com os alunos sobre a linguagem utilizada e os seus recursos de composição. Além disso, como esse vídeo postado era curto,

não comprometeria muito o tempo da conversa com os alunos, uma vez que tínhamos, em média, 35 minutos para a entrevista. Mas, também, a escolha dessa produção se deu porque o livro divulgado no vídeo teve uma adaptação fílmica e foi exibido pela Netflix ainda no ano de 2019.

As respostas que caracterizam essa categoria de entrevistas foram dadas pelos alunos que disseram, no questionário, que conheciam os canais literários; portanto, fazem parte do primeiro bloco de entrevistas. Esses alunos se caracterizam como leitores, conversam sobre livros com os colegas, utilizam os canais literários para ler os comentários sobre livros de seu interesse e, também, para conhecer obras novas. Desse modo, para iniciar a conversa com os alunos, após a exibição do vídeo da Pam Gonçalves, a primeira pergunta feita aos alunos foi sobre a apresentação do vídeo e, para confirmar o que apontaram no questionário, também foi perguntado se já haviam visto esse tipo de canal no *YouTube*. Nesse momento, os alunos reconheceram a apresentadora:

Pesquisadora: *O que vocês acharam dessa apresentação? Alguém já tinha visto esse tipo de canal?*

Órion: Eu já tinha visto ela.

João: Já vi um vídeo, mas não sei se era ela.

Jade: Esse tipo de canal sim.

Stark: Eu já vi ela.

Pesquisadora: *Mas você viu ela onde, no YouTube?*

Stark: É, no *YouTube* mesmo, num canal.

Pesquisadora: *E você assistiu o canal?*

Stark: Não. Só vi mesmo e sigo ela no *Instagram*.

João: Eu já vi um vídeo.... um ou dois vídeos dela. Eu acho que é dela.

(Alunos do 1º e do 2º ano do E.M. Entrevista feita no dia 22/05/2019)

Na conversa com os alunos, observamos que já conheciam a apresentadora: a aluna Stark diz que seguia a apresentadora no *Instagram*. Isto sugere que Stark, já pode ter visto a postagem de alguns vídeos da *booktuber*.

Nas entrevistas, foi muito recorrente o fato de os alunos não se lembrarem dos nomes dos apresentadores, porém as características dos apresentadores que chamavam a atenção dos alunos foram apontadas por eles. De acordo com as falas, os alunos estão mais atentos à imagem dos apresentadores e à maneira dos *booktubers* apresentarem os vídeos, uma vez que, ao assistirem ao vídeo da Pam Gonçalves, logo se lembraram da imagem da apresentadora, mas não do nome:

Pesquisadora: No questionário, nenhuma de vocês disseram que conheciam esse canal, certo?! Mas vocês conheciam outros?

Chocolate: Eu não me lembro o nome da menina, porque também sumiu.... era uma de cabelo colorido, mas ela é mais ou menos do jeito que ela....

(Interrupção Draco)

Draco: Acho que ela tem cabelo colorido.

Chocolate: Mas era uma de cabelo colorido, mas eu acho que ela é mais ou menos do jeito que ela é, ahhhh...

Draco: Acho que o nome dela é Bel.... Bel alguma coisa.

Chocolate: Eu não me lembro, acho que ela tem cabelo rosa.

Pesquisadora: Ah, sim. A Pam fala de Bel no canal dela. Deixe-me mostrar para vocês rapidinho. (Pausa para procurar e mostrar o vídeo da Bel Rodrigues)

Chocolate: Ah.... esse mesmo

Draco: Essa mesmo.

Pesquisadora: Essa então vocês conhecem Bel Rodrigues?

Chocolate: É isso.

Pesquisadora: E qual é que você conhece, Draco?

Draco: Eu conheço o 'Vá ler um livro'.

Pesquisadora: Lya, você conhecia algum desses canais?

Lya: Desses não, mas eu conheço alguns, porque eu pesquiso muito. Eu pesquiso muito, eu gosto de assistir os vídeos, mas eu não decoro os nomes, mas é nesse estilo mesmo. (Alunas do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 09/05/2019)

O vídeo da *booktuber* levou a uma das alunas, Phoebe, a se lembrar de uma outra apresentadora, indicando que a apresentação feita pelos *youtubers* nos canais literários possui um formato recorrente. Entretanto, pela fala de Phoebe, também compreendemos que os procedimentos utilizados nos primeiros contatos com a pesquisadora podem ter influenciado em sua prática de leitura, ao dizer que, após preencher o questionário, assistiu a um vídeo da Bel Rodrigues que também é uma *booktuber*:

Phoebe: Eu conheço uma, mas ela lê livro de criminologia. Eu acho que ela se chama Bel Rodrigues. O canal dela é muito interessante, mas eu assisti depois que eu tinha feito o seu questionário. (Aluna do 3º E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Um dos grandes questionamentos desta pesquisa foi conhecer se os alunos sabiam o que era um canal literário e faziam parte de alguma comunidade leitora virtual. Por isso, optamos por exibir o vídeo no início das entrevistas para perceber a reação dos alunos. Mas, algo que nos surpreendeu no momento da entrevista foi um dos alunos entrevistados responderem que conhecia esse tipo de canal e ainda dizer o nome profissionalmente usado por esses apresentadores “*booktubers*”. Isso pode indicar que os alunos estão ligados nessa novidade do mundo digital:

Pesquisadora: Alguns de vocês citaram que conheciam canais literários. Esse tipo de canal literário que vocês conheciam?

Cristopher: Sim, *Booktuber*.

Pesquisadora: Você conhecia com esse nome “booktuber”?

Cristopher: Sim, com esse nome.

(Os demais citaram que não conheciam com esse nome, apenas como um youtuber mesmo). (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Compreendemos, portanto, a importância da realização das entrevistas com os alunos para percebermos se os alunos conheciam ou não os canais literários. Sendo assim, o próximo tópico trata das práticas de leitura literária dos alunos e de que maneira eles selecionam os livros para leitura.

6.4 O caminho da leitura: a seleção das obras literárias feita pelos alunos

Pelos indicadores sinalizados nas respostas ao questionário, percebemos que os alunos mobilizam várias estratégias para a escolha de livros. Por isso, essa temática dos critérios da escolha dos livros foi destacada no processo de entrevistas. De acordo com os alunos, a capa e a sinopse do livro são elementos importantes para a escolha. Mas, como essas respostas foram dadas por alunos que conhecem os canais virtuais literários, eles, também, recorrem aos comentários que são feitos nesses meios para fazerem suas escolhas. Leal (2014), ao sintetizar as tendências de pesquisa, considera os protocolos de leitura⁹ elementos fundamentais para compreensão de leitura. A autora apresenta esses protocolos sob duas abordagens: da Psicolinguística e dos Estudos Culturais. Sob o viés da Psicolinguística, os protocolos são instrumentos que levam o leitor a explicitar o que se passa na sua mente enquanto faz a leitura. Já para os Estudos Culturais, os protocolos de leitura caracterizam-se como um conjunto de dispositivos (as marcas, as pistas e os elementos) presentes nos textos que têm por objetivo definir as interpretações corretas e o uso adequado do texto pelo leitor. A materialização desses dispositivos pode se dar por meio de elementos, como a utilização de itálico, maiúsculas, de títulos, que o autor apresenta no texto para chamar a atenção do leitor e monitorar a sua leitura. Além disso, são considerados protocolos de leitura a matéria tipográfica: notas de rodapé, o uso de itálicos e negritos, comentários em orelhas e capas, dentre outros. Existem outras ciências

⁹ Sobre os ‘protocolos de leitura’ é possível ver mais sobre esse assunto em estudos da Teoria da Literatura bem como em CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

que tratam dos protocolos de leitura como a Teoria da Literatura, mas, nesta pesquisa, trouxemos apenas alguns pontos norteadores para conhecermos quais procedimentos na construção e materialização do suporte que influenciam nas práticas de leitura dos alunos. Nesse sentido, compreendemos que dispositivos de leitura, como a capa, título, sinopse, também têm influenciado na escolha dos livros, bem como a forma como a sinopse é construída pode influenciar na escolha. Esse fato é percebido na fala dos alunos no momento da entrevista em grupo:

***Pesquisadora:** E como você ficou conhecendo o livro?*

Draco: Eu vi o livro, aí eu peguei o livro e comecei a folhear.

***Pesquisadora:** Você viu o livro onde?*

Draco: Na biblioteca.

***Pesquisadora:** Aqui?*

Chocolate: Sim...

Chocolate: Eu, particularmente, quando vou na livraria eu olho para capa e fico meio na dúvida aí eu procuro o livro na internet.

***Pesquisadora:** Quando você fala que lê a capa, você observa a capa, o título ou você lê a sinopse?*

Chocolate: Eu vejo a capa e leio a sinopse atrás.

Draco: Eu vejo só a capa, eu não gosto de ler a sinopse não, dá *spoiler*. (Alunas do 1º ano do E.M. Entrevista feita no dia 09/05/2019)

A Web 2.0 possibilitou a interação dos usuários nas plataformas digitais, como no *YouTube*. Os usuários desses canais podem trocar informações por meio da ferramenta comentários, bem como podem participar das comunidades que são criadas pelos apresentadores, as quais recebem o mesmo nome dos canais *booktube* (JEFFMAN, 2017). Sobretudo, o que define essas comunidades é a noção de pertencimento dos próprios usuários e a afinidade e interesse comum entre eles: o livro e a leitura. Portanto, o canal literário é o núcleo central das interações e relações, mas que se expandem para outras redes sociais.

Nesse sentido, os protocolos de leitura usados nos canais virtuais são, basicamente, os comentários feitos pelos apresentadores, pois a maneira como apresentam os livros levam os usuários a adquiri-los: a linguagem utilizada para conquistar o leitor, o manuseio dos livros e a apreciação que fazem dos livros. Além disso, os comentários dos participantes sobre os livros também influenciam nas escolhas de leitura. Nesse sentido, os vídeos criados e postados nessa plataforma não só são vistos pelos usuários, mas também podem ser comentados. Os comentários são importantes tanto para os apresentadores, pois

percebem a recepção e avaliação dos seus vídeos, quanto para os usuários, porque observam as apreciações feitas de outros leitores. Desse modo, os comentários podem influenciar nas escolhas:

***Pesquisadora:** Tem uns comentários também abaixo dos vídeos, vocês leem?*

Stark: Eu sempre leio para ver a opinião de outras pessoas, tipo, assim: ela falou sobre o livro, aí na maioria das vezes, ela comentou, aí ela vai lá e comenta também o que acha. Eu não comento, mas aí eu vejo, mas eu gosto de ler, eu quero saber o que as pessoas estão falando sobre o livro. É muito legal

Órion: Eu leio sempre.... Opiniões diversificadas.

João: É legal isso às vezes. (Alunos do 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

As comunidades que se formam pelos canais de leitura unem os leitores por meio de um objeto comum. Há, porém, uma fluidez nessas comunidades, pois observamos que os alunos transitam por outros canais literários e sites que tratam de livros para apreciarem os comentários de outros usuários e apresentadores. Ler vários comentários em espaços digitais diferentes pode ajudar na escolha dos livros, pois demonstra o que as pessoas sabem a respeito das obras. Percebemos, assim, que há uma força nas opiniões dadas nesses espaços virtuais, sugerindo ‘a inteligência coletiva’. Segundo Lévy (2004), ‘inteligência coletiva’ constitui-se da participação e colaboração de pessoas diversas no ciberespaço. Podemos exemplificar essa participação e colaboração por meio das falas de alguns alunos:

Órion: Eu comecei a ler um livro da Júlia Quinn, um romance de época, aí eu fui pesquisar sobre o livro, aí tem um monte de sites de resenha de livro, aí eu fiquei lendo os comentários, porque muitas vezes, você não gosta do livro, mas eu gosto, aí tipo...

Jade: Isso. De site eu gosto bastante também. Porque... tipo assim, exemplo... eu vou pesquisar um livro no Google mesmo, aí tem vários sites, e cada um tem uma visão diferente sobre o livro. Você consegue ter uma amplitude daquilo que você está lendo. Você conhece melhor aquilo que você tá lendo. (Alunos do 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Ainda de acordo com Lévy (2004), o conhecimento está na humanidade, não está em um reservatório; o conhecimento é o que as pessoas sabem. Sendo assim, os comentários podem levar a outras leituras e a outros autores: em um vídeo que trata de uma determinada obra, podem aparecer outras obras do autor, podendo se tornar uma outra indicação. No vídeo exibido aos alunos na abertura da entrevista, por exemplo, a

apresentadora menciona outra obra da autora “Olho por olho”, o qual foi até lido por uma das alunas entrevistadas:

João: É legal, que, às vezes, também, nesses comentários, as pessoas leram outros livros e nos próprios comentários citam coisas bem parecidas, porque assim eles, às vezes, estão falando sobre um aspecto, aí vão e citam outro livro que tem um negócio desse aspecto né.

Draco: Eu cheguei a ler o livro da autora (*Jenny Han*).

Pesquisadora: *Você já leu o livro da autora? Lembra o nome do livro?*

Draco: *Olho por olho.*

Chocolate: É, *Olho por olho.*

(Alunos do 1º e 2º anos do E.M. Entrevista feita no dia 09/05/2019)

Muitos usuários visitam esses canais para saberem da apreciação feita sobre a obra antes de ler ou comprar. Por isso, muitas editoras têm feito a divulgação de seus livros nos canais literários, aproveitando da popularidade dessa plataforma e, não sem razão, de seus ‘influenciadores’. Desse modo, compreendemos os *booktubers* também como agentes, de acordo com Giddens (2003), pois a atividade realizada por eles, de maneira intencional ou não, tem o poder de influenciar o comportamento dos participantes de sua comunidade:

Chocolate: Aí, se às vezes eu fico na dúvida em ler ou não, aí eu procuro um vídeo sobre.

Pesquisadora: *Você procura um vídeo sobre?*

Chocolate: Sim. Sobre o vídeo de alguém que já leu. Aí se a menina tá, aí empolgada, aí eu peço a minha mãe.

Pesquisadora: *Então primeiro você vai na livraria e vê o livro, depois você procura algo sobre ele, depois você volta para comprar se você acha que foi boa a indicação?*

Chocolate: É. (Alunas do 1º ano do E.M. Entrevista feita no dia 09/05/2019)

Nesse sentido, os alunos têm percebido que as apreciações de leitura feitas pelos apresentadores são importantes no momento da escolha. O modo como os *booktubers* falam dos livros certamente interfere na escolha e até mesmo outros sites de pesquisa, pois os alunos vão em busca dessas fontes de informação. Na fala de Christopher, destacada abaixo, percebemos que ele adquiriu uma saga inteira de uma escritora e gostou dos livros por causa de uma *booktuber*, pois, na sua opinião, a apresentadora do canal Kaboot TV é apaixonada pela escritora e foi por causa desse sentimento em relação à escritora que ele resolveu comprar o livro e acabou ‘amando’ também. Na fala de Lya, percebemos que a ‘listinha de livros’ que ela possui foi montada, também, pela influência desses *booktubers*.

Segundo ela, a sua pesquisa em vários canais deve-se aos incentivos de leitura dados pelos apresentadores e à forma como eles falam dos livros “de um jeito bonito que você se sente meio que obrigado a ler”, o que induz à leitura:

Pesquisadora: Eu quereria saber se algum de vocês já leu um livro a partir de algum canal?

Cristopher: Eu sigo uma *booktuber* que chama *Kabook TV*. Ela recomendou a saga *The Shadowhunters Chronicles*, (*As Crônicas dos Caçadores de Sombras*) que é dividido em ‘Instrumentos mortais’, ‘Peças Infernais’ e ‘Os artifícios das Trevas’. Eu comprei quase a saga toda por causa dela. Porque, tipo, ela é apaixonada pela escritora, então eu comprei por causa dela. E eu comprei e eu amei também.

Pesquisadora: Gente, esses canais que vocês disseram que alguns conhecem, como que vocês chegaram até esses canais?

Valentina: Eu toda vez que eu vou comprar livro eu pesquiso o nome do livro no *YouTube* para ver, tipo uma resenha, um resumo do livro. E a partir disso a gente conhece os canais.

Pesquisadora: Quando você vai comprar um livro?

Valentina: É. Quando eu vou comprar, eu pesquiso antes sobre o livro, vejo o vídeo no *YouTube*, aí sempre aparece.

Pesquisadora: Quem mais faz esse caminho?

Bianca: Eu faço.

Anderson: Eu pesquiso por assunto, professora.

Cristopher: Normalmente eu faço o contrário. Eu pesquiso pelo *booktuber* e olho sobre o livro.

Pesquisadora: Você vai direto no canal?

Cristopher: Sim. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Lya: É. Esse que você mostrou (no vídeo) é até bem parecido, porque eu assisti alguns vídeos de pessoas falando.....por exemplo, “os melhores livros que eu já li” aí eu ia pesquisar para eu colocar numa listinha de livros, porque eu tenho uma listinha de livros que eu quero comprar e eu gosto desse tipo de vídeo, porque ele incentiva você a ler, ele fala tão.... fala de um jeito do livro, de um jeito bonito que você se sente meio que obrigado a ler. (Aluna do 1º ano do E.M. Entrevista feita no dia 09/05/2019)

Nos depoimentos, é possível constatarmos que o gosto pela leitura dos alunos é variado. Sendo muito jovens, observamos que os alunos também se interessam por assuntos que, normalmente, chama mais a atenção dos adultos. Essa percepção nos permite dizer que o gosto dos jovens está para além dos *best-sellers* da literatura intitulada juvenil. Muitas escolhas dos alunos também são influenciadas pelos agentes promotores de leitura na escola, os professores. Assuntos como a história do Brasil e Filosofia fazem parte do repertório dos alunos:

Anderson: Oh, professora, eu não sou especialista nisso não. Eu só li dois livros na vida, mas eu pesquiso por assunto. Tipo, eu coloco o assunto de determinado

livro que eu quero ler. Igual o primeiro livro que eu li chama *Guia de politicamente incorreto – História do Brasil*. Aí eu coloquei sobre a história do Brasil, porque hoje em dia né?! Tá difícil né. Aí veio lá os dez livros sobre a história do Brasil, aí eu coloquei lá o que eu mais me interessei, aí eu pesquisei lá.

Pedro: Eu faço isso também, mas os tipos de literatura. Assim, eu pesquiso livros de filosofia livros de poesia, livros clássicos, essas coisas. Tipo assim, eu me interessei por um período literário, aí eu vou em busca dos livros que eu posso ler sobre aquele período.

(risos) (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Ainda que os comentários sejam importantes para a escolha do livro, muitos alunos reconhecem que essas falas representam a opinião daqueles que as expuseram. Sendo assim, alguns alunos se deixam levar pela curiosidade e pela sua própria opinião, na busca de uma avaliação própria da obra. Embora sejam livros que vão para a lista dos mais odiados pelos apresentadores, muitos alunos não se deixam levar por esses comentários:

Pesquisadora: E os comentários, gente? Logo abaixo desses vídeos têm alguns comentários. vocês costumam ler ?

Bianca: Não.

Valentina: Eu leio.

Rebeca: Eu olho.

Cristopher: Ah, eu acho, tipo assim, ler comentários na internet, eu acho que faz mal para tudo normalmente.

Pesquisadora: Por quê?

Cristopher: Ah...

Antônio: Porque é tipo assim, desnecessário. Tem uns que são bons, tem outros que não.

Tempestade: Por exemplo: eu vi essa resenha. Eu quero ler muito esse livro. Aí você vai olhar, os comentários falam que o livro é muito ruim e outras coisas. Aí você fica, tipo: ‘Será que eu vou gastar dinheiro à toa?’ Aí eu prefiro nem ler.

Valentina: Ah, eu leio os comentários, mas no final eu faço o que eu quiser mesmo. Se eu não gostar, eu não compro. (risos)

Bianca: Não, eu não leio.

Rebeca: Eu tô vendo o vídeo mesmo, ela vai falando, aí eu vou lendo.

Valentina: É. Aí se você gostar do que ela tá falando, porque ela tá explicando. Você vai comprar, se não ...Comentário influencia bastante, mas depende da pessoa.

Anderson: É. Mas se o comentário tiver lá mil curtidas, ele é relevante, né. Aí não tem como você passar despercebido.

Valentina: Depende da pessoa. Às vezes ela não gostou. Mas eu vou comprar e eu vou gostar.

Pedro: Inclusive, tem uma que eu sigo, ela chama Laís Paduleto ela falou de um livro que muita gente gosta de ler, o que é *Orgulho e Preconceito*. Ela fala que ela odiou o livro. Ela fala que é o gosto dela.

Cristopher: E a literatura desse livro é, tipo, você tem que ver de qualquer jeito, entendeu. É tipo isso.

Pedro: Mas ela não gostou ela detestou.

Pesquisadora: Mas isso é apresentador?

Pedro: É.

(Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Os alunos reconhecem que as editoras usam os canais literários como forma de divulgação das obras. Muitos apresentadores produzem vídeos para divulgar os livros enviados pelas editoras e os alunos reconhecem essa estratégia, pois quando foi mencionado nas perguntas a respeito dos livros que os canais exibem e sorteiam nas redes sociais, eles apontaram essa prática como algo comum nos canais. Essa é uma das características da cultura digital de acordo com Jenkins (2009): a convergência. Nessa cultura, a participação dos usuários vai além de apenas observar e consumir os produtos, eles circulam informações e divulgam marcas e produtos, em um mundo digital cujas redes estão interligadas:

Anderson: É. Pensa bem, o livro já é caro, ela não vai sortear isso à toa no *Instagram*.

Valentina: É

Cristopher: É. E fora que, tipo, ela não compra livro né?! As editoras é que mandam para ela.

Pedro: Eles ganham.

Cristopher: Para a editora é: ‘aí divulga o meu livro, que eu te dou o meu’

Pesquisadora: *E como você sabe disso?*

Cristopher: Porque elas mesmo falam isso. Chegam caixas para eles. Eles mostram.

Rebeca: É propaganda.

Pedro: É tipo: recebidos de tal editora.

Cristopher: É tipo, não é pouco não, um *box* e você vê no canal do *YouTube*.

Pedro: Por isso que eles têm esse tanto de livro.

Pesquisadora: *Você tem essa consciência?*

Cristopher: Sim.

Pedro: Elas falam...Aí você pensa assim: nó, eu queria ser (*booktuber*) também para ganhar uns livros assim e tal. (Alunos dos 3º anos. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Desse modo, observamos a influência que os comentários feitos nos canais literários possuem sobre a escolha dos livros pelos alunos. Observamos, também, que muitos alunos fazem as suas próprias recomendações para os colegas. Essas indicações também passam, muitas vezes, pelo gosto da leitura e por suas preferências, não sendo influenciados exclusivamente pelas opiniões feitas nos espaços digitais. Entretanto, o poder de intervir no comportamento dos usuários é notável pelas grandes empresas que investem nesses canais no intuito da publicidade.

Muitas são as críticas em relação às práticas de leitura dos alunos, principalmente, quanto ao que leem e o quanto leem. Compreendemos que a indústria de massa, com o

avanço da tecnologia, tem investido no audiovisual. Mas, sabemos que a TV e o cinema são grandes representantes da cultura de massa. Nesse sentido, o tópico a seguir trata da preferência dos estudantes entre filmes ou livros.

6.5 “Eu prefiro a leitura”: A cinematografia e a leitura de impressos

Conforme indicado, uma das características da cultura digital é a convergência. Um produto lançado como uma obra literária, dependendo da recepção, pode se transformar em um filme, uma série, um desenho, dentre outras possibilidades, configurando-se, assim, uma convergência de interesses; a indústria cultural vê nessas transições midiáticas oportunidades de vendas e produções variadas. Apesar desse aspecto marcante do mundo digital, o gosto pela leitura de livros impressos é uma característica encontrada entre os sujeitos da pesquisa, mesmo que estejam vivenciando a era das tecnologias modernas que criam diversas ferramentas, como livros em formato digital e plataformas digitais que permitem, por exemplo, baixar livros em formato PDF para leitura. Pelo registro da fala de Lya, podemos perceber que a aquisição de livros é um desejo dos estudantes:

Lya: É. Esse que você mostrou é até bem parecido, porque eu assisti alguns vídeos de pessoas falando.....por exemplo, “os melhores livros que eu já li” aí eu ia pesquisar para eu colocar numa listinha de livros, porque eu tenho uma listinha de livros que eu quero comprar e eu gosto desse tipo de vídeo, porque ele incentiva você a ler, ele fala tão.... fala de um jeito do livro, de um jeito bonito que você se sente meio que obrigado a ler. (Aluna do 1º ano do E.M. Entrevista feita no dia 09/05/2019)

Muitas obras literárias lidas pelos jovens apresentam outras adaptações e alguns jovens ficam conhecendo novos títulos por meio dos cinemas ou quando assistem a filmes por causa dos livros. Porém, esse caminho da leitura não é pré-estabelecido e os alunos demonstram preferências em relação a uma ou outra adaptação por causa da construção de cada narrativa e da produção de sentido estabelecida por cada adaptação. Segundo Domingos (2007), a literatura precede em milênios o cinema e, por isso, compõem-se esteticamente de forma distinta. O diálogo e a imagem constituem o paralelo comum entre os meios literário e cinematográfico. Na literatura, o texto é que acionará os sentidos que se

transformarão em imagens. Já no cinema, as imagens em movimento é que serão acompanhadas por palavras. Esse fenômeno é percebido na fala dos entrevistados:

Pesquisadora: *E alguém já leu esse livro (Para todos os garotos que já amei)?*

Órion: Eu já vi o filme.

Stark: Eu já li o primeiro livro.... só que é *Para todos os garotos que já amei* e assisti o filme.

Pesquisadora: *Você leu o livro antes ou depois de assistir filme?*

Stark: Eu li antes do filme. Eu coloquei muita expectativa. Tipo assim, o livro todo ele dá muito, muitos detalhes e o filme não deu tantos detalhes igual dá no livro, mas o filme é muito bom.

João: É legal quando você vê o filme e depois lê o livro, e depois rever o filme.

Stark: É, aí você presta atenção nas coisas.

Órion: Tipo, o que que faltou no filme, o que que você vê diferente.

João: A experiência da primeira vez que você vê o filme e da segunda é que, normalmente, na primeira vez, você gosta muito, aí da segunda é totalmente diferente. Tipo nossa visão é totalmente diferente.

Stark: Uma visão totalmente diferente. Você fala assim: nossa, o livro não é isso!

João: Mas a experiência é totalmente diferente quando você lê o livro quando você não lê.

Órion: É, mas eu chorei nos dois: tanto no livro quanto no filme. Então dá na mesma. *(risos)*

Pesquisadora: *E o que vocês fazem primeiro: veem ao filme ou leem o livro?*

Órion: Eu gosto de ler o livro primeiro.

Stark: Eu sempre leio o livro primeiro antes de assistir o filme.

Jade: Quando eu sei que tem o livro já e vai sair o filme, eu prefiro ler primeiro, mas, tipo assim, às vezes eu vejo alguma coisa, aí eu descubro que tem no livro, aí eu procuro saber também.

Stark: Eu já vi a trilogia, a saga inteira do *Harry Potter* sem ler nenhum livro, aí depois eu li o livro e eu gostei muito; mais do livro do que dos filmes. É totalmente diferente.

(Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Muitos alunos apontaram que a história narrada pelos livros possui mais detalhes do que os filmes. Todavia, sabemos que as produções cinematográficas possuem valores altos e a finalização de um filme pode levar anos. Além disso, vivemos uma economia de mercado em que a valorização do tempo é estimada. Na produção de um filme, todas essas questões podem ser consideradas, principalmente, em meio à concorrência evidente dos grandes estúdios. Portanto, as adaptações literárias valorizam o caráter imagético e romanceado da produção filmica (DOMINGOS, 2007). Ao perguntar sobre essas diferenças percebidas, alguns alunos relataram até mesmo a emoção que podem perceber ao apreciarem essas duas versões: a fala de João, por exemplo, nos mostra a apropriação de termos usados na Teoria da Literatura como desenvolvimento de personagem, visão em terceira pessoa:

Pesquisadora: *O que é diferente?*

Stark: Os detalhes, a emoção também.

João: Tem até os detalhes também, mas as coisas que eu sinto que mais tem diferença é quando envolve desenvolvimento de personagem no livro. Você tem outra perspectiva, você vê o que tá passando com o personagem e você acaba tendo mais afeto. Você tem uma empatia maior. Já no filme, muitas vezes, como é uma visão em terceira pessoa assim, não tem esse tipo de visão, por exemplo. Tem até os filmes que conseguem muito bem isso. Por exemplo, o filme do *Extraordinário* onde passa o que cada personagem tá passando, você consegue ver. Mas na visão em terceira pessoa assim, você não sabe o que tá passando; o afeto é diferente do livro. (Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Os alunos, quando leem todos os livros de uma trilogia, encontram ainda mais detalhes, o lhes permite se comportarem como leitores e diretores ao fazerem as críticas. Segundo eles, cenas que estão disseminadas em títulos diferentes de uma série podem estar presentes em apenas um filme cujo título leva o nome de uma só obra. Observamos, portanto, nessas adaptações cinematográficas, uma junção de cenas, enredos e personagens que podem significar uma economia de tempo que implica nas expectativas de novas produções das séries:

Pesquisadora: *Vocês já assistiram ao filme?*

Tempestade: Eu tenho toda a trilogia.

Pesquisadora: *Como você descobriu a trilogia?*

Tempestade: Por causa do filme.

Bianca: Até mesmo porque em um filme acontecem coisas que assim... tem nos dois primeiros livros. Não é, tipo, só o primeiro livro. Então tira algumas coisas, nos dois primeiros livros então... (*é interrompida por Tempestade*)

Tempestade: O primeiro livro dava para fazer uns dois filmes, só da primeira parte. E o segundo e o terceiro livro dá para fazer mais dois filmes cada um. Tipo, eles pegam um livro que daria para fazer uns dois filmes e fazem um só. Tipo, eles cortam muitas coisas importantes que ficaria legal de se ver no filme, mesmo porque nele não é a mesma coisa, mas quando você lê e vê que não tem aquilo no filme, você vê que ficaria muito legal. Iria ficar bem mais interessante. (Alunos dos 3º anos. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Existe uma comparação entre as adaptações e o que os alunos esperam da versão cinematográfica¹⁰. Muitos indicaram a expectativa de que a versão filmica deveria seguir, de alguma maneira, tudo aquilo que é dado pelos livros, até mesmo os detalhes das cenas.

¹⁰ Não é consensual entre os pesquisadores se o filme é considerado literatura. Mais sobre essa comparação entre o livro e o filme pode ser visto em TEIXEIRA, Juçara Moreira “*O livro é melhor que o filme?* Literatura e cinema sob a ótica de estudantes do Ensino Fundamental II”. Tese de doutorado. 04 de dezembro de 2018. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32636/1/TESE%20Ju%20c3%a7ara%20Moreira%20Teixeira%202018%20FINAL.pdf>> Acesso em 31 de maio de 2020.

No entanto, compreendemos que o cinema possui uma lógica de mercado em suas produções que dizem respeito a tempo, economia e expectativa em relação à resposta do público para cada adaptação. Ainda que saibamos que a literatura é mais antiga que o cinema, o investimento nas produções é alto e a aposta no sucesso vale-se mais daquilo que chamará a atenção do espectador nas grandes telas do que na fidelidade à narrativa:

Moita: É, o livro é bem mais detalhado, né.

Monalisa: Igual *Como eu era antes de você*, primeiro eu vi o filme umas “cem vezes”, depois eu fui ler o livro. Tem coisa muito diferente, porque eu já li o livro e vi o filme de novo. São coisas completamente diferentes. Existem coisas mais interessantes que acontecem no livro.

Michelangelo: É. Tipo, tem uma série *Shadowhunters*. Tipo, tem seis livros que eles resumiram em quatro temporadas e que não tem nada a ver com livro. Tipo eu fui ler o livro e é totalmente diferente, não tem nada a ver o que acontece no negócio. Aí eu pensei: nossa nesse momento vai acontecer... e não tem nada a ver. Eu fiquei indignado com a série, porque eu estava esperando aquela emoção do livro na série, aí eu fui ver não tem.

Monalisa: *Os 13 porquês* também. Primeiro eu vi a série, depois eu fui ler o livro. O livro é muito melhor, muito mais detalhado. E tem outro *O Lado Bom da Vida*, que primeiro eu vi o filme, depois eu li o livro. Você ri muito mais no livro do que no filme, sério!

Ageu: É, eu não li nenhum desses livros, mas quem já leu fala que é completamente diferente do filme.

Michelangelo: O filme é completamente diferente. Eu li todos, e nossa, nessa parte daqui eu espero que ela fosse fazer isso e ela não faz, aí eu fico pensando: mas não acontece isso no livro. No livro é totalmente diferente. Igual *Harry Potter*. Eu li todos os livros, aí eu estou lá assistindo filme e eu penso: mas ele não faz isso, não tem isso no livro, você tá fazendo de um jeito errado. Então vamos lá, vamos voltar. (*faz gesto com as mãos*) (Alunos dos 3º anos. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

Os discursos dos alunos sugerem existir uma preferência para a leitura de livros na comparação com outras mídias. Como destacamos inicialmente, é uma característica da cultura digital a convergência: circulação e compartilhamento de informações e produtos. Corroborando essa característica, Chartier (2002) aponta que as telas do presente não ignoram a cultura escrita, mas a transmitem. Nesse sentido, observamos, pelas falas dos alunos entrevistados, que a ascensão dos filmes baseados em livros não superou a leitura de livros. A convergência também gera o que Jenkins (2009) chama de consumo coletivo. Com as tecnologias modernas, há uma tendência de os usuários se tornarem mais participativos e as informações circulam, nos meios digitais, de maneiras diversas. Mas, observamos, também, que essa interação acontece fora do mundo *online*, por meio dos círculos de leitura. Para Cosson (2014-b), o círculo de leitura é uma prática privilegiada,

pois permite aos participantes socializar a interpretação dos textos, apropriar-se de repertórios, reforçando ou desafiando conceitos, práticas e tradições. O autor aponta que os círculos de leitura possuem um caráter formativo, pois proporcionam uma aprendizagem coletiva e colaborativa: ao compartilhar a leitura, o leitor tem a oportunidade de ampliar o horizonte interpretativo por meio do diálogo. Além disso, a leitura em grupo estreita laços sociais, reforça identidades e a solidariedade. Por isso, o próximo tópico contempla a convergência que caracteriza as plataformas e ferramentas digitais.

6.6 “Aqui e ali: nós em outras redes”: A convergência nos meios digitais

O traço da convergência é um fenômeno que parece ser inerente à cultura digital. Em um canal no *YouTube*, o apresentador(a) pode compartilhar e fazer circular a mesma informação em outras redes sociais das quais participa. Observamos que, nas páginas das redes sociais e nos canais das plataformas digitais, há a presença sistemática de *links* que permitem que os usuários visitem outras redes sociais e até mesmo sites de vendas. Esse fenômeno da convergência transforma o consumo em algo coletivo e é potencializado pelos elementos de ‘navegação’ presentes nos canais digitais.

Nesse sentido, nas apresentações feitas pelos *booktubers*, normalmente são mencionadas essas outras redes sociais, seja *Facebook*, *Instagram*, *Skoob*, *Greenelly* e outros. Os alunos usuários dos canais literários identificam e até mesmo são conduzidos por meio de estratégias dos apresentadores para as demais redes sociais dos *booktubers* como é percebido pelas falas:

Pesquisadora: *Como assim em uma rede social as pessoas falam de livros?*

Cristopher: É porque quando você assiste um vídeo desse no *YouTube* leva a outras redes sociais.

Tempestade: É. Isso é bom também. É igual, por exemplo, essa promoção do *box* de livro. Tipo, mexendo no *Instagram*, apareceu essa promoção relâmpago, assim, do nada.

Pedro: É. Tem muitos sorteios de livros no *Instagram*. É, muito sorteio todo dia.

Cristopher: E também não é assim.

Tempestade: É tipo assim: se você ver um vídeo no *YouTube* e se a conta é interligada às outras. Tipo assim: as minhas contas são todas interligadas, então leva tudo. Tipo assim: eu vejo um vídeo no *YouTube*, aí aparece o perfil de livros no *Facebook* em uma promoção da *Amazon*, no *Instagram*... E você vai seguindo e gastando dinheiro. (*risos*)

Cristopher: É. Uma coisa leva a outra.

Anderson: É. Eu só vejo o vídeo no *Instagram*. São pessoas que falam de livro também no *Instagram*.

Pesquisadora: *Eu não sei muito bem como que funciona esse negócio do Instagram como que é que funciona? A pessoa tem uma conta e fala sobre livros?*

Anderson: É, mas é só que é por escrito né.

Cristopher: Ou pode ser no *Stories* ou no *GV*, o que é tipo uma televisão dentro do *Instagram*.

Pedro: É geralmente assim: uma pessoa posta uma foto do livro e fala sobre livro.

Anderson: É. Coloca uma resenha dele.

Pedro: Ou na maioria das vezes sorteio também. Direto no meu *Instagram* aparece sorteio.

Anderson: É só isso aí. É só para ganhar seguidor. Que tipo assim: aí você tem que marcar três amigos... *(é interrompido pela Vi)*

Valentina: E seguir dez pessoas para poder... *(é interrompida pelo Cristopher)*

Cristopher: É. *(risos)*

Valentina: É para você tentar ganhar o livro. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Essa circulação de informações é algo que Jenkins (2009) caracteriza como um fenômeno cultural contemporâneo, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e a fazer novas conexões no meio digital. Desse modo, uma ‘rede’ de informações e de relações se estabelece no mundo digital, de maneira que os conteúdos circulam:

Pesquisadora: *É tipo: tem que formar uma rede?*

Cristopher: Uma pirâmide.

Antônio: Aí ele fala assim: ‘para participar do sorteio você tem que seguir todas as pessoas desse’ ... *(é interrompido pela Ana)*

Ana: Aí a pessoa segue noventa pessoas.

Valentina: É. E não ganha o livro.

Pesquisadora: *Uma coisa puxa a outra?*

Pedro: Sim.

Pesquisadora: *Por exemplo: se eu entro no canal da Pam e ela tem um Instagram...*

Cristopher: É tipo assim. Porque no final dos vídeos dela fala assim: ‘ah, vai lá no *Instagram*, porque eu vou falar sobre ou vou postar uma resenha mais completa, escrita’. Aí você vai, fica curioso (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Percebemos, também, que uma rede social pode indicar uma plataforma digital e os alunos não demonstrar interesse em segui-la: na internet, as atividades possuem intenções, mas a autonomia também é evidente. Nem todas as pessoas se fidelizam ou seguem outras redes ou plataformas digitais, assim como não se sentem impedidas de visitar outros canais literários por pertencerem a uma comunidade virtual. Mas, ainda assim, a convergência de

informações está presente no mundo *online*, pois uma mesma rede social aposta em vários tipos de conteúdo para chamar a atenção dos usuários, mas o gosto dos consumidores é variado:

Pesquisadora: E você falou que conhecia os que eles postam no Instagram, mas você segue alguém?

Aurora: Não. Eu acho que eu até falei no questionário: *Leitor Afinado*. Aí tem essa página no *Instagram*, aí eles postam. Só que aí eles publicam pequenas partes dessas pessoas que comentam livros no *YouTube*. Só que aí é bem reduzido o tamanho e eu nunca parei para ir no *YouTube* e ver o vídeo de oito minutos.

Pesquisadora: Então não é a própria pessoa (do canal no YouTube) que tem a rede social, eles postam vídeo de outras pessoas no Instagram?

Aurora: Isso.

Pesquisadora: E eles fazem isso para comentar sobre algum livro?

Aurora: É, porque é uma página sobre livros, aí fala sobre séries, fala sobre tudo isso, mas é mais direcionado para livro.

Pesquisadora: Lá você falou que eles mais postam né?! É escrito então ou tem vídeos das pessoas falando?

Aurora: Se é da própria pessoa eu não sei, mas é o vídeo no “Explorar” e aparece alguém falando que é um livro interessante e tal. Aí vai lá na mensagem lá embaixo (*do vídeo*) tá falando o nome do livro, autor... Tudo isso é no ‘Explorar’ do *Instagram* se você pesquisar *Leitor Afinado* você vai poder ver. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2016)

Segundo Bruns (2007), os usuários da mídia digital não são apenas consumidores, mas também produtores de informação e conhecimento (*producers*) nessa cultura participativa. Sendo assim, percebemos que também os alunos, usuários dessa mídia, são produtores nesse meio digital.

Durante uma entrevista, observamos que uma ex-aluna da escola tinha uma página no *Instagram*, na qual tratava de leitura literária e era seguida pelos alunos da escola. Nessa rede social, a aluna e uma amiga não apenas indicavam livros, mas também faziam propostas de leitura coletiva e enquetes com os usuários. Com esses atrativos, as apresentadoras tinham a oportunidade de socializar as suas impressões acerca das obras lidas, chamando, assim, a atenção dos usuários que também queriam compartilhar a leitura. Por meio dessas estratégias, observamos a tentativa de se formar uma comunidade de leitores nesses espaços digitais:

Pesquisadora: Chandler me fala um pouco mais sobre esse IG, Amigos literários.

Chandler: É tipo uma conta no *Instagram*, uma página no *Instagram* e eles postam diariamente sobre livros. Inclusive é de uma ex-aluna daqui da escola,

que estudou aqui o ano passado. A conta é dela e de uma outra amiga. Elas postam diariamente coisas sobre livros que elas estão lendo, às vezes elas propõem pro público que elas têm intenção de ler um livro junto com eles. Elas comentam, fazem enquete sobre o que você já leu ou sobre o que você achou de tal livro, etc. (Aluno do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Existem outras plataformas digitais que também permitem aos alunos não apenas lerem histórias, mas também escrever suas narrativas. A *Creepypasta*, segundo o próprio site, apresenta contos de terror que se originam na internet e são (re)passados entre fóruns, *blogs* e outros sites para assustar e perturbar seus leitores. Geralmente, os autores são anônimos e narram histórias verídicas ou inventadas. O interessante é que os alunos reconhecem essas histórias como um tipo de prática de leitura. Em resposta ao questionário, o aluno identificado nesta pesquisa como Panda, reforçou na entrevista que esse é um tipo de gênero que lê:

Pesquisadora: *No seu questionário você colocou que, geralmente, você lê Creepypasta. Realmente, eu não conheço o que é. Você poderia falar um pouco sobre ela, onde que você assiste?*

Panda: Na verdade é tipo um *blog* que, normalmente, as pessoas botam coisas reais, que aconteceram na vida delas ou simplesmente uma história, entendeu?! Eles até criaram um *blog* sobre isso, criaram até jogos sobre isso, o Slender é de lá. (Aluno do 2º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 26/06/2019)

Outra novidade é a plataforma digital *Podcast* que também permite outras formas de leituras, segundo a fala de Christopher, apresentada abaixo. *Podcast* é um conteúdo de mídia, em forma de áudio, pelo qual os usuários podem ouvir o que quiser. Com essa ferramenta, os usuários podem ouvir conteúdos diversos, inclusive episódios de literatura. Ao pesquisar sobre essa ferramenta, notamos, também, que ela indica outras plataformas digitais relacionadas ao livro, como o *YouTube*. O aluno gostou tanto que até indica a assinatura:

Christopher: Tem o *Podcast* também. Igual, eu tô lendo a saga de *Game of Thrones* e *As crônicas de Aia* eu acompanho *Podcast*, no *Spotify*. Aí já leva o outro. Você tem que assinar.

Pesquisadora: *Me fala mais sobre esse Podcast, porque eu não conheço.*

Christopher: O *Podcast* é, tipo assim: tem de vários livros, mas eu sigo do *Game of Thrones*. Aí você tem que ir lá no site deles, mas eu prefiro ouvir no *Spotify*, porque tem como baixar e tal. Chama *Hodor cavalo*, é uma piada da saga (*risos*). Aí eu sigo, ouço. E aí, tipo assim, aí eles falam, tipo assim, tem o capítulo de tal parte, aí a gente vai ler, explica direitinho o que que aconteceu, quem já leu os livros, tipo, as duas apresentadoras do *Podcast* elas são embaixadoras da HBO no

Brasil, ou seja, elas, tipo, conhecem muito. (*risos e surpresa de todos*) (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

As pessoas também falam sobre livros no *Facebook*, uma das redes sociais mais populares. Assim, as plataformas digitais são usadas para diversos fins, inclusive para falar sobre leitura. O *Facebook* inicialmente foi criado como um site para facilitar a comunicação entre os estudantes de Harvard, mas rapidamente se transformou em uma rede social. Nesse sentido, o *WhatsApp*, que hoje é considerado uma rede social, também tem sido usado para unir pessoas para falarem sobre livros. Compatível para vários tipos de *smartphones*, por esse aplicativo os usuários podem enviar mensagens de textos, imagens, vídeos, áudios e documentos em PDF. Além disso, as pessoas podem fazer ligações gratuitas, formar grupos virtuais e linhas de transmissão direta. Por isso, ao perguntar sobre os canais literários virtuais, os alunos identificam outras redes que falam sobre livros:

Pesquisadora: *Geralmente, qual de vocês tem o costume de ver esse tipo canal?*

Jade: Eu faço isso na verdade é com um grupo no *Facebook* que eu participo que é só de autores, mesmo. Normalmente, eles indicam livros, séries, esse tipo de coisa. Ai normalmente, eu costumo olhar bastante.... Ah, tipo, eu tô querendo ler um livro, aí eu vou ver se eles indicaram alguma coisa que é do meu interesse.

João: Eu tenho um grupo no *WhatsApp* de amigos. Às vezes eles recomendam algum livro assim, aí eu vou olhando.

Pesquisadora: *É um grupo mesmo? Como que isso funciona?*

João: São amigos que também gostam de ler, aí acaba tendo isso.... às vezes recomendam livros, falam um pouco também da experiência. Tipo, a pessoa começa a falar do livro, da experiência, aí a gente acaba lendo. (Alunos dos 1º e 2º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Essas potencialidades do mundo *online* caracterizam-se como virtualidades, segundo Barton e Lee (2015), pois são as possibilidades de ação que as pessoas percebem em qualquer situação. Um ambiente não é dado e nem é fixo. Portanto, de acordo com os autores, as virtualidades são socialmente construídas, à medida que as pessoas agem sobre o ambiente. Nesse sentido, compreendemos que existe uma possível tensão entre o letramento escolar e não escolar, pois no processo de ensino de leitura dos alunos observamos algumas práticas que não são percebidas na escola. Fora do ambiente escolar, geralmente, há uma tentativa de formar uma comunidade leitora, onde os participantes têm a oportunidade de compartilhar a leitura. Além disso, as facilidades encontradas nas plataformas digitais permitem que os alunos usuários sejam produtores de literatura, não se limitando, muitas vezes, a um repertório de autores consagrados.

Como mencionado, Castanheira (2014) aponta que o letramento escolar se refere aos usos, às práticas e aos significados da língua escrita no contexto escolar. Ler e escrever na escola são processos que se diferenciam de ler e escrever fora da escola. Dentro do espaço escolar, a leitura possui sentidos e finalidades gerados pela própria instituição. Fora da escola, as pessoas são incentivadas a ler em função de um filme, de uma série e, até mesmo, leem por causa de uma mediação feita por um *booktuber* ou um colega mais próximo.

O próximo tópico trata exatamente da influência que esses apresentadores exercem na leitura de seus seguidores.

6.7 Um convite para a leitura: O efeito da apresentação dos *booktubers*

Conforme já foi descrito, antes de iniciar as entrevistas, como gatilho para a conversa, apresentamos um vídeo da *booktuber* Pam Gonçalves que tratava do livro “*Para todos os garotos que já amei*” da Jenny Ham. O vídeo foi apresentado tanto para os alunos que sabiam o que era um canal literário virtual quanto para os alunos que disseram, por meio dos questionários, que não conheciam um canal literário virtual.

A exibição desse vídeo foi feita para percebermos a interação dos alunos com esse tipo de vídeo, pois a apresentação feita pelos *booktubers* parece ser elaborada de forma a atrair os usuários para a leitura e a formação das comunidades leitoras é feita para compartilhar o prazer pela leitura e encontrar pessoas que possuem esse mesmo gosto. Para a manutenção das comunidades e dos participantes são realizadas várias estratégias, como publicidade de livros, séries e filmes, bem como entrevistas com outros apresentadores. Para isso, os apresentadores constroem textos/enunciados para conquistarem os usuários.

De acordo com Mendonça (2014), texto é uma unidade linguística de sentidos que resulta da interação entre quem o produz e o leitor/ouvinte. Para a autora, o que faz uma produção escrita ou oral ser considerada um texto é a possibilidade de se estabelecer uma coerência global, isto é, (re)construir sentidos por meio de pistas apresentadas. Para compreender o texto, é necessário que o leitor/ouvinte procure as pistas explícitas ou implícitas, as quais ajudarão a reconstruir os sentidos do texto. Mendonça (2014) aponta que na elaboração de um texto entram em jogo os propósitos comunicativos de quem o produz, situados em um determinado contexto sociocultural. Os principais contextos de

produção de um texto envolvem quem produz o texto, para que esse texto é produzido, para quem é produzido e o suporte. Nesse sentido é que a autora expressa que o produtor mobiliza diversas estratégias que são influenciadas pelas expectativas de recepção do texto.

Nessa direção, Rojo e Melo (2017) fazem uma explanação sobre o conceito de “Arquitetônica bakhtiniana” relacionado aos gêneros e aos letramentos contemporâneos, concebendo a ideia de que esses gêneros apresentam uma arquitetura por articular a totalidade e as valorações axiológicas e ideológicas na forma material e no conteúdo. O conceito de arquitetura articulado aos gêneros contemporâneos é importante, pois trazem a ideia de que o texto é uma unidade construtiva cuja totalidade interna está indissociavelmente vinculada à realidade axiológica externa (valores éticos, estéticos, morais), (MEDVIEDEV/BAKHTIN, [1928]2012 *apud* Rojo e Melo (2017, p.184)).

Dessa forma, a linguagem usada pelos apresentadores dos canais literários parece atrair a atenção dos jovens. Diante disso, após exibição do vídeo da Pam Gonçalves, perguntamos aos entrevistados o que eles acharam da apresentação do vídeo e em todas as respostas foram mencionadas as estratégias de linguagem, especificamente: o modo como a apresentadora falou sobre o livro e a forma como falou dos sentimentos que teve ao ler o livro. Sendo assim, os alunos consideraram a fala da apresentadora carinhosa e carregada de emoção, acharam interessante a forma como ela descreve o livro. Podemos perceber esse fato ao caracterizarem a apresentação da Pam Gonçalves como “de forma dinâmica, cheio de sentimento e empolgação e estimulante”. Esses adjetivos são, também, responsáveis pela adesão à leitura indicada pelos *booktubers* tanto pelos alunos que já acessam quanto pelos alunos que viram o vídeo pela primeira vez, como é o caso de Chandler, Mônica, Phoebe, Michelangelo, Monalisa, Ageu e Moita:

Pesquisadora: *E o que vocês acharam da apresentação do vídeo?*

Jade: Eu achei interessante a forma como ela descreve o livro. Tipo, a forma como ela fala que gostou, como foi a experiência dela mesmo, com o livro

Stark: É, sem dar *spoiler*.

Órion: Sem dar *spoiler* é importante.

Stark: E ela fala muito bem. A fala dela é muito dinâmica, é muito legal

Órion: Ela falou com carinho sobre o livro. Tipo, a forma como ela falou: ‘deu um quentinho no coração’.

Jade: Ela fala com sentimento, mesmo. Ela fala o que realmente sentiu quando estava lendo. Isso é legal. Isso leva a pessoa querer ler.

João: Não sei passa um negócio que, meio que, a sensação do livro mesmo. O sentimento quando ela tá lendo livro e o sentimento que ela teve ao ler o livro.

Stark: E ela repassa isso nos vídeos né.

João: É bem legal. (Alunos dos 1º e 2º anos. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

Chandler: Eu achei que ela fala muito bem sobre a trilogia, ela deu atenção, mesmo, para a história do livro para poder passar como se fosse um trabalho dela mesmo. Como se ela tivesse que ter uma atenção toda para passar para o público dela. Eu achei muito interessante.

Mônica: Eu gostei muito, porque, igual o Chandler falou, ela dá muita atenção aos detalhes. Eu gostei do jeito que ela fala também. Não é um jeito chato, um vídeo cansativo de assistir, que é meio desanimado. Ela fala com empolgação. Realmente ela está empolgada com que ela está falando e ela quer passar isso para gente.

Phoebe: Ela estimula a gente ler. Ela fala tão bem da história que faz a gente querer ler também. O que eu achei interessante é o jeito como ela interpretou, como ela falou: ‘ah não tem aquele sentimento de um impacto muito grande, mas dá um quentinho no coração’. Isso foi a interpretação dela. Eu achei muito interessante.

Chael: Eu achei muito interessante não só pela interpretação, mas na vontade dela em dar os detalhes do que realmente gosta e ela passa isso para gente: o interesse em a gente querer ler a trilogia. Eu gostei bastante também. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Além de ser uma fala carregada de emoção, os alunos disseram que, a partir da apresentação da Pam, leriam o livro, pois a sua fala é envolvente e convidativa. No entanto, os alunos percebem que se trata do ponto de vista da apresentadora quando ela menciona os pontos positivos e negativos do livro. Esses fatores demonstraram a preocupação na construção dos enunciados a serem produzidos pelos *booktubers*. A linguagem usada por eles possui estratégias retóricas, de maneira que as suas produções não se mostram aleatórias, mas são carregadas de significados, como a sedução. Por meio das falas dos alunos, compreendemos que há uma “promessa” embutida nos programas de leitura dos apresentadores, principalmente, o da emoção, como expõe, o aluno Michelangelo, especialmente, ao destacar a fala da Pam Gonçalves:

Ageu: Da meio que um “tchan” para você ler um livro. Você ver ela nessa empolgação, você fica empolgado para saber por que que ela tá empolgada

Michelangelo: Ela tá sempre falando que ‘vai dar um quentinho no coração. Tem que ler, porque vai dar uma felicidade, vai curar sua ressaca literária’. Então é um livro bom e você acha que vai ser muito bom para você ler.

Monalisa: E ela falou que é bom para ler enquanto tá triste.

Michelangelo: Sim, pra ficar “felizinho” vai dar uma “felicidadezinha”

Ageu: Mas aí ela usou muitos pontos negativos: que poderia ter um final melhor, poderia ser resumido, coisa do tipo. Então ela expõe o lado positivo, expõe aquele lado que vai te impulsionar a ler, mas ela também joga aqui que se você não gosta de uma história longa e de um final não tão desejável, é melhor não ler... (*risos*)

Pesquisadora: Então isso é basicamente a apresentação dela, de modo geral?

Monalisa: Eu gostei muito.

Michelangelo: Ela falou bem do livro, mas também ela falou os pontos positivos e os pontos negativos. Falou o que poderia ter sido resumido, falou bem da capa.

Monalisa: E sem dar *spoiler*.

Pesquisadora: *E a partir do que ela fala nesse vídeo aí vocês leriam livro? (Todos dizem sim)*

Michelangelo: Ela falou bem bonito. Ela jogou para gente assim um gostinho de...

Moita: De quero mais. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

Phoebe: Ela estimula a gente a ler. Ela fala tão bem da história que faz a gente querer ler também. O que eu achei interessante é o jeito como ela interpretou, como ela falou: ‘ah não tem aquele sentimento de um impacto muito grande, mas dá um quentinho no coração’. Isso foi a interpretação dela. Eu achei muito interessante. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Diante da exposição dos alunos em relação à apresentação do vídeo, percebemos que eles podem ter feito uma comparação sobre como é feita a indicação de livros na escola. Para exemplificar, destacamos a fala da aluna Mônica, pois as comparações implícitas da aluna podem estar se referindo às estratégias de leitura usadas na apresentação de um livro no contexto escolar:

Mônica: (...) Eu gostei do jeito que ela fala também. Não é um jeito chato, um vídeo cansativo de assistir, que é meio desanimado. Ela fala com empolgação. Realmente ela está empolgada com que ela está falando e ela quer passar isso para gente também. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Desse modo, observamos que a fala dos apresentadores ilustrada pelo exemplo do vídeo selecionado é elaborada de uma maneira que potencialmente atrai os leitores: carregada de emoção e de termos que chamam a atenção para a leitura. Essa linguagem pode estabelecer confrontos com as estratégias de linguagem utilizadas na apresentação de livros na escola, que pode, às vezes, não chamar a atenção, pois muitos alunos, de acordo com as respostas dadas nos questionários, em sua maioria não aderem às sugestões de leitura feitas pelo professor. Nesse sentido, o próximo tópico trata, ainda, da questão da linguagem utilizada pelos *booktubers* para estimular a leitura dos alunos.

6.8 “Não conte o final” : A preservação do mistério nas apresentações

A questão do *spoiler* ficou muito presente em quase todas as entrevistas. *Spoiler*, de modo geral, é quando uma fonte de informação, sites ou pessoas, revela partes importantes

da história ou personagens sem que a outra pessoa já tenha apreciado a obra. Sendo assim, *spoiler* é uma espécie de ‘estraga-prazeres’. Os alunos têm usado as novas ferramentas digitais para saber mais sobre os livros, mas, ainda assim, eles ainda querem se surpreender com a leitura dos livros. Ao assistir aos vídeos, os estudantes esperam que os apresentadores falem da experiência que tiveram ao ler as obras, mas não que divulguem as partes mais interessantes do enredo e dos personagens. Dessa maneira, a linguagem usada é convidativa à leitura, de acordo com os alunos usuários dos canais literários virtuais, porém a preservação do mistério é algo fundamental:

Rebeca: É bom que ela não dá *spoiler* né, ela não dá *spoiler*

Pesquisadora: É, essa coisa de *spoiler* foi muito citada. O que vocês acham desse negócio de *spoiler*?

Cristopher: Eu não ligo.

Rebeca: Eu também não ligo não.

Tempestade: Eu acho uma palhaçada, porque na hora que você vai ver o filme, você já sabe o filme inteiro.

Rebeca: Mas, de filme, não tem aquela coisa tipo: ah, fulano falou. A gente vai ver ali, não tem como passar a situação assim.

Pesquisadora: E o que é *spoiler*? Defina para mim.

Tempestade: É quando a pessoa te conta o filme.

Anderson: Te conta o que vai acontecer.

Tempestade: É. A pessoa já viu e conta. Normalmente conta as partes mais importantes, tipo, você fica esperando que ela ficar com cara, aí ela vai e fica com outra. Aí, tipo, vai conta.

Pedro: Ou geralmente conta quem morreu.

(Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Há, porém, aqueles que não se importam com o *spoiler*, pois consideram que antecipar algumas das partes cruciais da história e ou dos personagens não diminui a curiosidade de saber os reais motivos que levaram ao desfecho revelado por aqueles que “estragaram o prazer”, mas podem até mesmo aguçar a imaginação de quem assiste aos vídeos pela primeira vez, como é o caso dos alunos:

Monalisa: Aí é como eles falaram, que ela falou dos pontos negativos, mas que não apagou os pontos positivos.

Moita: É é isso que chama mais atenção de quem tá vendo.

Michelangelo: Ela só pegou e falou assim: ‘nesse final eu queria que acontecesse isso, mas acontece isso’. Aí você fica pensando: o que ela queria que acontecesse?

Moita: Ou: o que aconteceu?

Ageu: Mas ao mesmo tempo ela não impõe o porquê que aconteceu aquilo.

Moita: É. Tem muita coisa que ela falou aí que acontece no filme que eu nem percebi, igual a questão dela ser coreana, eu nem percebi isso no filme. É interessante.

Michelangelo: É no filme não mostra ela tanto ela ser coreana e no livro deixa explícito que ela é coreana e que ela adora isso.

Monalisa: É igual a parte do *Halloween*.

Moita: É. No livro não tem essa parte do *Halloween*.

(Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 03/07)

A leitura é um processo interacional, em que o leitor está envolvido na construção dos sentidos, sendo que o compartilhamento da leitura também auxilia na atribuição dos sentidos. Por isso, Cosson (2014-b) trata da importância dos círculos de leitura como espaços sociais onde os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Para ele, participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as possíveis interpretações dos textos. Os canais literários configuram-se como um tipo de círculo de leitura e neles os usuários têm a oportunidade de, junto aos outros participantes, construir e reconstruir os sentidos, negociando algumas das ‘possibilidades de leitura’. Esses procedimentos, muitas vezes, se diferenciam com os procedimentos escolares que, normalmente, são construídos para atender as propostas da escola. Entretanto, surge a partir desse confronto uma tensão entre os letramentos escolares e não escolares, pois os círculos de leitura, assim como os canais literários, usam como estratégia a formação de comunidades leitoras que usam da estratégia de dar continuidade à leitura, seja entre usuários e *booktubers*, seja entre os próprios participantes do canal. Desse modo, o tópico seguinte compreende a composição do ambiente na gravação dos vídeos como estratégia de divulgação e reflexo de autoridade dos apresentadores que falam de livros.

6.9 “Eu queria aquele livro ali”: A composição do ambiente e a influência de leitura

O ambiente de gravação dos vídeos produzidos pelos *booktubers*, geralmente, é o quarto composto por móveis tipicamente desse espaço: cama, mesa, cadeiras, objetos de decoração. Porém, a estante de livros também compõe esse lugar da produção. Essa caracterização sugere uma certa informalidade e descontração, ou seja, quer parecer próximo ao espectador, numa espécie de conversa descontraída que poderia ocorrer entre amigos que possuem a mesma paixão por certo objeto, como os livros. Para Bakhtin (2006) essa composição de objetos é chamada de adequação harmônica da forma à função, pois os

objetos possuem significados. Sendo assim, em quase todas as gravações dos vídeos dos canais literários há uma estante de livros ao fundo. A posição da câmera é focaliza com uma estante composta por uma variedade de livros e esse detalhe chamou a atenção dos alunos. Muitos mencionaram a estante de livros como uma composição importante do canal e como uma forma de despertar o desejo. Nesse sentido, alguns livros exibidos na estante até chamaram a atenção dos alunos que já estão familiarizados com os vídeos:

Pesquisadora: O que você achou do vídeo, do ambiente, da apresentação?

Aurora: Ela é carismática, fala bem, o local também é bonito. Tudo isso contribui né?! Acho que é isso.

Pesquisadora: Como assim o local?

Aurora: É, tá vendo atrás, a cena com os livros?! Até o modo como eles estão. Por exemplo, aquele livro ali (*vendo a capa na estante*) ele é mais conhecido. Eu esqueci o nome dele. (*e aponta, mostrando o livro*)

Pesquisadora: Esse livro aqui, Eu sou Malala?

Aurora: É, isso.

Pesquisadora: Ajuda em quê?

Aurora: A gente olhar e querer ler os livros. Tudo. Eu acho que isso ajuda, a forma dela conversar não é tão pesada. (Aurora, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2019)

Pesquisadora: E o ambiente, gente, o que vocês acharam?

Bianca: É. Eu tava até olhando assim e falando: meu Deus eu quero isso!

Cristopher: A estante dela é enorme.

Tempestade: Quando você pega esse tipo de vídeo assim, você fica olhando e fala: nossa eu quero todos esses livros no meu quarto, eu quero tudo!

Bianca: Não, eu tava até falando com a Rebeca do livro que eu vi ali, ó! Eu tô lendo e tal.

Pesquisadora: Qual livro que você está lendo?

Bianca: *Eu sou Malala*. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Segundo a fala dos entrevistados, a presença da estante não é algo aleatório: os livros ajudam a compor o ambiente. Além disso, outros objetos na estante também emitem uma informação sobre quem fala. É como se tudo estivesse adequado ao ambiente de onde se está falando. Sendo assim, cada objeto possui uma função adequada à atividade dos *booktubers* que é de compartilhar a leitura, divulgar livros e mediar a leitura:

Pesquisadora: O que vocês acharam da apresentadora, da fala dela e do ambiente?

Jade: Eu achei bacana. Porque, tipo assim, como ela fala mais de livro, tipo, atrás tem uma estante de livro, tem um tanto de livro. É bem bacana.

Órion: E um monte de coisa nerd lá... tipo, aqueles “funcho” né?... que eles chamam? Esses bonequinhos cabeçudos, eu não sei como que chama.

Jade: Você viu, tipo, que ela tentou colocar o que ela fala no cenário dela

João: É mais aconchegante né?! Parece um lugar calmo.

Stark: Parece que a gente está realmente com ela, né?!

Órion: É como se fosse um bate-papo.

Stark: É legal, eu gostei do canal dela. (Alunos dos 1º e 2º anos do E.M. Entrevista feita no dia 22/05/2019)

De acordo com Mendonça (2014), os textos são situados em determinado contexto sociocultural e o produtor do texto mobiliza diversas estratégias que são influenciadas pelas expectativas de recepção do texto. Nesse sentido, a estante de livros é uma pista, um elemento de identificação mobilizado nos vídeos para produzir uma identificação dos membros da comunidade leitora; porém, a identificação é contextual e flutuante (WARNIER, 2000). Sendo assim, os canais literários virtuais tratam de livros e formam comunidades por meio da adesão de pessoas que se interessam por obras literárias e por leitura. Pela fala do aluno Pedro, são explicitadas algumas das intencionalidades nas linguagens previstas nas interações com os potenciais interlocutores:

Pesquisadora: *Então essa estante no fundo é legal?*

Pedro: É. Traz, tipo assim, a gente se encontra no jeito dela. Tipo, se você pegar uma pessoa falando de livro numa parede branca atrás, às vezes você não se identifica muito. E aí, tipo assim, olhando assim, meio que a gente se identifica por causa que ela gosta de livros também. Igual eles falaram “eu queria ter uma estante assim” e tal...

Tempestade: É. Tipo assim, traz um ambiente formal e informal ao mesmo tempo. Igual, tipo, *Harry Potter*: não é uma coisa, tipo, bem muito sério também. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista feita no dia 29/05/2019)

Portanto, a composição do ambiente faz parte da estratégia de atrair o público, denotando o que consideramos como as atividades intencionais ou não dos *booktubers*. Por exemplo, a estante de livros situa a imagem social de um leitor. A presença de livros na estante indica que o apresentador é um leitor de livros literários ou, até mesmo, que já leu todos eles, como pronuncia a aluna Mônica em entrevista. Essa fala da aluna é interessante, pois sugere que uma ‘pessoa letrada’ é aquela que possui muitos livros, configurando ‘o livro’ como um artefato cultural relevante para essa classificação social. Além disso, a emoção ao falar sobre os livros também faz parte do processo de divulgação das obras.

A partir da leitura de Barbieri (2019), percebemos que os apresentadores desses canais usam a estratégia de tocar a emoção do público através da linguagem que utilizam para falar da experiência de leitura, pois, para o autor, muitos os *booktubers* apoiam-se na característica de deixar o público acessar o que existe de íntimo e pessoal dentro do

processo de leitura, validando, assim, o leitor na atribuição de sentidos de uma obra. Essas estratégias de atração são percebidas até pelos alunos que viram o vídeo dessa categoria pela primeira vez:

Chandler: É o meu sonho ter uma prateleira dessa. (*risos*)

Phoebe: Eu achei interessante ser a prateleira atrás, porque, além da fala dela estimular a gente, esse cenário... atinge o nosso subconsciente, chama a nossa atenção. Ele estimula a gente. Essa coisa dos livros estimula a gente a dar mais atenção para essa área.

Mônica: Dá até mais credibilidade ao que ela está falando com tanta empolgação do livro. Aí a gente vê a estante atrás que provavelmente eu acredito que ela já leu tudo dá para ver que ela está falando de verdade não é uma cor só para fazer um vídeo.

Chandler: É um cenário bonito também, né, porque eu amo capa de livro. Eu fico apaixonado pelo livro só pela capa. Então ela colocar a exposição, assim, é muito interessante. Tem um livro que eu gostaria muito de ler que é o *Diário de Anne Frank*, tem uma versão dele que a capa é linda e eu fico apaixonado toda vez que eu vou à livraria e eu fico querendo comprar ele. Só que a coisa do dinheiro não tá fácil, né, eu tenho alguns livros em casa, mas não chega a ser assim, né.

Chael: E é um cenário que condiz com tudo aquilo que ela tá falando então eu gostei muito.

Phoebe: Os livros eu tenho, eu não tenho é a estante para colocar. (*risos*)

Mônica: Eu não tenho a estante, nem os livros. (*risos*) (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Constatamos que há muitas estratégias nas linguagens utilizadas para produzir os vídeos. Para exemplificar, os apresentadores utilizam a persuasão verbal, escolhendo palavras que adjetivam a experiência de leitura, conquistando, assim, os usuários por meio da emoção. Outra estratégia é a composição do cenário que cria representações sobre a leitura, pois a estante de livros permite aos espectadores caracterizarem os apresentadores como leitores. Além disso, a estante de livros gera uma das intenções dos canais que é despertar nos participantes o desejo de ler os livros e comprá-los.

6.10 “Eu compro, eu troco, eu peço livros”: A aquisição do livro impresso pelos estudantes

O livro é um objeto cultural que, socialmente, parece pertencer a famílias da classe média ou classe média alta, por ser considerado caro (ABREU, 2003). Revendo os dados da pesquisa feita pelo Instituto ProLivro, em 2015, aumentou o número de leitores no Brasil (de 50%, em 2011, para 56%, em 2015). Metade dos entrevistados disseram que o acesso

ao livro se dá por meio de empréstimo, sendo que somente 26% responderam ter comprado um livro no período anterior à pesquisa. Failla (2016), na contribuição dessa pesquisa do IPL, aponta que quanto maior a escolaridade e a classe, maior a chance de comprar livros. A autora chama a atenção para os estudantes, pois, segundo Zoraia Failla, metade dos estudantes não é compradora de livros, ainda que esse perfil represente 84% dos leitores brasileiros.

Retomando os dados do questionário feito por nossa pesquisa sobre as práticas de leitura dos alunos, dos 67 estudantes que preencheram o questionário, 51% desses alunos responderam que são leitores. Nesse sentido, compreender sobre a aquisição do livro impresso foi importante para esta pesquisa, porque estamos vivendo em um período de grande avanço das tecnologias digitais e do audiovisual e os sujeitos desta pesquisa são os estudantes, os adolescentes e os jovens, que nasceram em meio à tecnologia, sendo, assim, considerados como nativos digitais.

Os jovens que foram entrevistados por nossa pesquisa preferem ter o livro impresso pelo prazer de tocar, folhear, ler e reler quando quiserem. Pela fala, apresentada abaixo, de Pedro, os alunos preferem ter os livros impressos e, de preferência, comprá-los. Embora o aluno Anderson tenha, de imediato, respondido que comprar livros é muito caro, de acordo com as respostas dos outros entrevistados, eles juntam suas economias para comprar os livros que querem ler, e, ainda, contam com a família e os amigos para fazerem parte do processo da aquisição: alguns pais presenteiam os filhos com livros, como incentivo e alguns amigos ajudam nesse processo, dando livros de presente:

***Pesquisadora:** E quem tem o costume de comprar livro?*

Anderson: É muito caro... (risos)

Bianca: Eu não gosto de ler livros que eu não tenho. Tipo, eu leio, mas não gosto. Igual, meu pai sempre traz livros para mim, porque no trabalho dele tem uma biblioteca, então ele traz, eu leio. Mas eu gosto de ter o livro na mão, de ter ali na minha estante, porque qualquer hora que eu quiser pegar ele de novo eu leio.

Pedro: Você também não fica muito à vontade quando você pega o livro emprestado. Tipo: eu peguei *As Crônicas de Nárnia* para ler emprestado, aí, sei lá, é “mó” estranho. Você fica, tipo assim: não, eu tenho que ler ali ‘rapidão’, porque eu tenho que devolver.

Tempestade: É bom quando você tem o livro, porque, tipo, não que a gente não leia ou não demore para ler. Mas, tipo, a gente que trabalha, o livro é seu, ele tá ali, você pode fazer o que você tem para fazer e depois você volta e lê. Tipo, você não tem um prazo para entregar ou alguém te cobrando, tipo, me devolve.

***Pesquisadora:** E como vocês fazem para comprar livros? Como que acontece?*

Pedro: Para mim, às vezes, quando eu ganho dinheiro, porque eu não trabalho, então quando eu ganho dinheiro, eu falo: ah, eu quero tal livro! Aí eu vou lá e

compro. Inclusive foi até por causa de ver negócio na internet, eu vi muito sobre um livro, várias resenhas, não só uma. Aí depois de um tempo eu fui ganhar dinheiro, aí eu falei: eu quero comprar aquele livro! Aí eu fui lá e comprei. E, tipo assim, também a família sabe que você gosta muito de ler. Por exemplo, nesse meu aniversário, que foi em fevereiro, eu não pedi nada, mas o meu pai chegou e falou: ‘filho eu quero te dar esse kit aqui de cinco livros’. Aí eu falei: ah, então beleza. Aí ele foi e me deu. Então, de presente de aniversário esse ano, eu ganhei só livro. Então, assim, as pessoas sabendo que você gosta de ler, ajuda bastante.

Valentina: Eu determino prazo. Tipo assim, como eu pedi meu pai para comprar no começo do ano, eu comprei cinco livros. Aí, eu fico pensando: daqui a cinco meses eu vou pedir de novo. Aí eu peço outro tipo de livro, porque é caro, não dá para ficar comprando. (Alunos dos 3º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Como vimos no tópico específico desta pesquisa, segundo Reyes (2014), mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, cuja rota não é única e nem os sujeitos pré-determinados, por isso os mediadores não se limitam à esfera escolar, eles estão presentes em vários espaços como lar, bibliotecas, parques, hospitais, ludotecas etc. Definido, pela autora, como aquele que se deixa tocar pelos livros e sonha em compartilhar as leituras com outras pessoas, o mediador de leitura facilita o encontro entre livros e leitores; ele descobre, nesse processo, os livros que dialogam com os anseios e as realidades dos leitores, ocasionando, assim, o encontro entre leitor e livro. Nesse sentido, observamos, pelas falas dos alunos nas entrevistas, que os seus mediadores de leitura majoritariamente tendem a ser escola, os amigos, a família.

Chandler: O primeiro livro que eu li, que deu pontapé para eu começar a ler, foi *A Cabana* e eu peguei ele na escola, porque eu tive que fazer um trabalho de Português e eu tive que fazer um resumo dele. Aí eu tive que terminar de ler, aí eu me interessei muito. Daí eu já fui comprando livro, pedindo os meus pais para comprar livros. Teve um que eu ganhei também, o título é *O Mundo de Sofia*, eu ganhei de uma moça que trabalhava com meu pai, isso eu tinha uns 14 anos. Porque, eu nunca tive muito incentivo para ler, só que aí eu acabei me interessando foi pela escola, mesmo, com esse trabalho. Porque ninguém lá em casa tem esse costume de ler. Então eu fui o primeiro a ter esse interesse de começar a ler. Lá em casa então não tinha esse incentivo todo. Agora que a minha mãe me incentiva. Ela compra os livros para mim, mas antes não tinha isso não.

Phoebe: A minha mãe, ela lê muito. Desde pequenininha eu aprendi a ler. Antes de fazer cinco anos, eu sempre gostei muito de livros. Eu tenho muitos livros. A minha mãe compra, eu compro, eu ganho, eu pego emprestado, eu troco livros, eu adquiero livros de todas as formas. Eu leio pela internet, eu consigo e *E-pubs* pela *Play Store* e eu gosto muito dele. Eu tenho esse hábito e eu tenho muito estímulo por isso. A minha mãe lê bastante, ela está sempre carregando um livro na bolsa e eu também. Eu dei uma diminuída esse ano, mas eu estou sempre procurando ler alguma coisa. Um livro que eu gosto muito e que eu estou lendo é *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Eu estou no segundo livro, porque os livros são bem grandes, mas o livro é interessantíssimo. A escrita é aquela coisa um pouco mais medieval

e são muitos personagens principais. O autor mostra a visão de cada protagonista. É muito interessante, porque vai por partes, você vê várias visões. Eu tenho muitos livros e a minha mãe estimula muito a gente a ler. E eu percebo que ter o hábito de ler muda até no vocabulário que a gente tem. Eu acho muito legal.

Mônica: Eu não tenho muitos livros. Meu mesmo, que eu comprei, é um só que se chama *Não verás país nenhum*. Eu comprei para fazer uma prova, mas depois eu gostei bastante. Porque vai falando do Brasil daqui um tempo, quando não tem mais recurso, sabe. Eu achei muito interessante. Aí eu fiquei pensando: meu Deus, vou economizar água. Eu fiquei pensando assim. Esse é o único livro meu, os outros livros, que eu li ou comecei a ler, foi todos do meu padraço. Eu ia lá e pegava, assim, e lia. Depois, punha sem ele saber. Essas coisas assim (*risos*) O meu padraço lê muito. Ele gosta muito de livro de série, sabe, tipo *The Walking Dead*. Nossa, é maravilhoso demais. Ele gosta de livro mais assim. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

O encontro entre livros e leitores tem sido facilitado pelas tecnologias, pois, segundo Levy (2000), a internet tem estreitado a distância entre as pessoas e facilitado a comunicação no espaço virtual. O ciberespaço pode ser definido, como o espaço de comunicação aberto e interligado, ou seja, um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, o que inclui acesso a bancos de dados e compartilhamento de telememórias. Assim, os apresentadores dos canais literários também têm incentivado o consumo de livros pela divulgação que fazem das obras, despertando assim o desejo pela leitura nos alunos. Pela fala de Lya, o modo como são apresentadas as obras impulsiona os usuários a adquiri-las. Segunda a aluna, ela possui até uma listinha de livros que ainda quer comprar:

Pesquisadora: Mas, Lya, que conhecia outros canais além desse?

Lya: É. Esse que você mostrou é até bem parecido com os outros, porque eu assisti alguns vídeos de pessoas falando, por exemplo, vídeos de pessoas falando sobre “os melhores livros que eu já li” aí eu ia pesquisar para eu colocar numa listinha de livros. Porque eu tenho uma listinha de livros que eu quero comprar e eu gosto desse tipo de vídeo, porque ele incentiva você a ler. Eles falam de um jeito do livro, de um jeito bonito que você se sente meio que obrigado a ler. (Lya, aluna do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 09/05/2019)

Pelo fato de muitos livros formarem uma saga ou fazerem parte de uma trilogia, muitos alunos, por curiosidade, se veem incentivados a comprar todos os livros por já estarem envolvidos com a história, como diz Tempestade:

Tempestade: Eu tava olhando na internet: tem o livro *Para todos os garotos que eu já amei*, aí tem o *Ps: amo você e Para sempre Lara Jean*. Eu li o primeiro livro, aí eu fiquei louca querendo ler os outros dois. Que na hora que você para de ler o livro, você fica imaginando com quem ela vai ficar. Aí eu vi o *box* por cinquenta reais, mas eu fui conferir para ver se era verdade, porque, tipo, o *box*

custa, tipo cem reais e eu vi ele por cinquenta reais. Aí eu fui pedi meu pai e meu pai comprou para mim. Aí agora tá chegando meu aniversário e eu já chorei para os meus amigos para eles me darem outro *box* de livros, aí eu vou ganhar e eu tô muito feliz com isso. O *box* é a coleção inteira e são quatro livros, que é o de mitologia egípcia e aí, tipo, eles vão me dar, mas aí também se eles não me derem, eu choro com meu pai.

Pesquisadora: *Como que é o nome do livro?*

Tempestade: Chama *A Saga dos Kane*. Aí tem *A pirâmide vermelha*, *O Trono de Fogo* e *A volta da serpente* e tem um manual de Como sobreviver a ataques de deuses maus do Egito. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 29/05/2019)

Porém, alguns alunos manifestaram que não possuem dinheiro para comprar livros, por isso a forma que encontram para ler os livros é através do empréstimo com amigos ou nas bibliotecas das escolas, como vemos na fala de Aurora. Essa rede de empréstimo caracteriza-se como uma espécie de mediação de leitura, pois no momento dessa troca ou na procura por livros, as pessoas apresentam outros títulos aos amigos:

Pesquisadora: *Você já leu esse livro, já ouviu falar?*

Aurora: Não. Eu nunca li, mas eu já ouvi falar, porque ele ficou muito famoso, mas o pessoal deu mais valor para o livro depois que saiu o filme. Mas para ser sincera eu não tenho dinheiro para comprar esses livros. Mas uma amiga de sala, por exemplo, ela está lendo o segundo e eu falei com ela que eu vou pedir ela emprestado. Eu quero ler porque o livro é uma dimensão muito maior.

Pesquisadora: *Então você nunca compra livros?*

Aurora: Não, na verdade, eu pegava muito livro lá na escola onde eu estudava. Aqui eu nem entrei na biblioteca ainda, mas eu pegava muito livro na escola antiga, eu pegava emprestado com outras pessoas. Eu tenho um amigo que ele estudou no IFMG Santa Luzia e ele lê muito livro, aí ele acaba de ler e fala: ‘aí, esse aqui é bom, esse aqui eu gostei’. Aí ele vai e me passa. Agora eu estou lendo *Como ter sucesso sendo você mesmo*. É um livro evangélico, mas eu estou gostando demais, muito bonito. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2019)

As bibliotecas públicas ainda parecem estar muito presentes na prática de leitura dos alunos. Na fala de Monalisa, aluna do 3º ano do E.M, ela comenta que possui uma carteirinha da biblioteca pública de uma outra cidade e não demonstra, pela fala, se importar de ser em outra cidade. Mas, fica triste ao ter que devolver os livros. Observamos, ainda, o zelo da aluna com os seus próprios livros, sendo assim um objeto de valor e estima:

Pesquisadora: *Muitos de vocês também disseram que leem livros. Como que é isso: vocês compram ou pegam emprestado?*

Monalisa: Professora, tem um ano que eu fiz a carteirinha da biblioteca pública e lá tem praticamente qualquer livro. Fica lá no Centro de BH, na Praça da

Liberdade. Só que eu fico até com uma dorzinha no coração na hora de devolver, porque os livros que eu tenho, por exemplo, eu não gosto nem de emprestar, porque eu sou muito apegada no livro que é meu. Nossa, e eu já peguei muitos livros lá. Você paga R\$ 3,00 na carteirinha e pega o livro que você quiser. (Monalisa, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

A família tende a ser uma das primeiras mediadoras de leitura na vida dos jovens e isso é percebido pelos alunos e valorizado por eles. Segundo Monalisa, aluna do 3º ano, quando se cresce em um ambiente de incentivo à leitura, o gosto por ela nasce. No entanto, mesmo que o incentivo da família seja importante, o encontro com os livros pode acontecer por meio de outras pessoas, como vemos, abaixo, na fala de Michelangelo. O aluno destaca que a mãe não lhe comprava livros por falta de condições financeiras, mas, por meio de doações, conseguiu muitos livros e sua paixão pela leitura o levou a reler várias obras:

Monalisa: Eu acho muito importante também. Igual, lá em casa meus pais sempre me incentivaram a ler. E, sempre, querendo ou não, quando a gente é incentivado, a gente cresce gostando. Eu amo ler e eu leio rapidão por causa que a minha mãe também ama ler.

Michelangelo: Minha mãe era assim: eu pedia livro, mas ela dizia: ‘não eu não vou te dar livro não’. Aí alguém entrava na minha casa e falava: ‘Olha lá esse menino lendo’. Mas ela me incentivava na frente dos outros, mas quando eu pedia um livro para ela, ela falava que não iria me dar, porque ela não tinha dinheiro (*risos*). Inclusive, a maioria dos livros que eu tenho eu ganhei. Eu tenho uns dez livros da mesma pessoa, porque ela estava doando, e me perguntava se eu queria. Aí a pessoa me dava uns dez, onze livros diferentes. Tudo em um mês. E, passava um mês, eu lia, literalmente, todos os livros. Depois eu acabava e ficava pensando: ‘pronto o que eu vou ler?’. Eu tenho muitos livros em casa. Tipo, a saga *Crepúsculo*, quando eu não tinha mais nada para ler, eu reli aquela Saga umas quatro vezes seguidas, porque eu não tinha nada para ler. Eu que queria ler alguma coisa, eu queria ler um romance, uma ação, mas aí eu ia lá lia aquele mesmo livro (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 03/0/2019)

A troca de livros parece ser algo bem comum entre os alunos leitores. O sistema de troca parece ser algo intencional: os alunos trocam livros para adquirirem outras obras já lidas pelos colegas. Entretanto, há uma certa “política de controle”: as obras mais queridas pelos alunos não fazem parte desse sistema e aqueles que atribuem um valor extremo ao livro impresso não fazem trocas de livros entre amigos. Nesse sentido é notável a valorização do objeto *livro* pelos amantes da leitura:

Pesquisadora: *E como funcionam as trocas do livro?*

Phoebe: Eu troco com os meus colegas. Por exemplo, às vezes um colega quer um livro que eu estou lendo e é uma troca, assim, às vezes, é temporária, às vezes

é permanente. Por exemplo, eu quero ler um livro que ela tem, ela quer ler um que eu tenho, aí tipo: ah, você pega esse, que eu te dou. Eu pego o seu e você me dá o seu.

Chandler: Ai, eu fiz essa coisa de troca de livro temporariamente, porque eu tenho muito ciúmes dos meus livros e eu nunca faria uma troca com pessoas desconhecidas, porque tem gente que eu confio, mesmo, que eu sei que não vai danificar os meus livros, estragar ou alguma coisa assim. Porque eu gosto de deixar eles lá na estante, bonitinho. E se estragar, nossa, eu perco a graça completamente.

Mônica: Eu nunca troquei livros, mas eu não iria trocar não.

Chael: Eu também não troco, porque eu não tenho hábito de ler, mas sempre que uma pessoa fala bem de um livro para mim, eu me interessou, eu pego emprestado.

Phoebe: A troca temporária eu não faço com gente que eu não conheço ou que já trocou o livro com outro colega meu e não devolveu, porque tem alguns livros que a gente tem um certo ciúme, que prendeu a gente mais, que a gente vai querer voltar a ler de novo, mas tem alguns livros que a gente não se prendeu tanto, que a gente pensa: não pode pegar. Aí, a gente quer trocar. Não são todos os livros que eu tenho ciúmes, porque querendo ou não, eu tenho muitos livros, então se eu for ter ciúme de todos livros... Mas tem alguns que a gente quer ler sempre, mas aí tem outros que a gente fala: não pode pegar emprestado, aí eu troco com pessoas desconhecidas ou não.

Mônica: Eu sou bem egoísta quanto a isso. Quanto mais bonita a capa, mais ciúmes ainda. Tipo assim, a pessoa encosta com a mão suja eu já falo: opa...vai pegar não, não. *(risos)* (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/0/2019)

Comprar livros para muitos é algo caro, mas, ainda assim, compreendemos que, para muitos leitores, é importante ter o livro físico para fazer leituras e releituras. A aquisição dos livros também se dá por meio de trocas, empréstimos e doações. Esses procedimentos configuram-se como uma espécie de comunidade de leitores em que acontece a mediação da própria leitura. Portanto, a mediação de leitura pode ser feita por diferentes sujeitos e acontecer em vários espaços. Nesse sentido, o tópico a seguir trata das práticas de leitura que acontecem especificamente na escola.

6.11 “Quando você lê na escola, é aquela coisa”: A percepção da leitura literária na escola

Compreendemos que, nas instituições escolares, várias são as práticas de letramento literário. Essas práticas podem ser exemplificadas pela existência de sala de leitura, ficha literária, momento da leitura e pelas próprias aulas de Literatura no Ensino Médio. Contudo, retomando os estudos de Cosson (2014-c), as aulas de Literatura no Ensino Médio se limitam ao ensino das escolas literárias e suas características, sendo essa uma

abordagem escolarizada, cujo contato com as obras se dá majoritariamente por meio da leitura de fragmentos de textos em detrimento da leitura de obras completas. Dessa maneira, para o autor, não há a formação de um leitor literário nas aulas de Literatura que possuem esse formato, pois a literatura não está sendo ensinada para garantir a sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, isentando, assim o prazer de ler.

Nessa perspectiva, como mencionamos no tópico sobre letramento literário, para Soares (2011), geralmente, o termo ‘escolarização’ é pejorativo e depreciativo, mas não há como ter uma escola sem ter escolarização de conhecimentos e saberes, pois os procedimentos que se dão nesses espaços são próprios da escola. Sendo assim, não há como evitar que a literatura que penetra o espaço escolar se escolarize, pois, nesse caso, a escolarização é inevitável e necessária. Por isso, não se pode apenas criticá-la ou negá-la, porque seria, concomitantemente, negar a própria escola. Todavia, para a autora, o que se deve criticar são as práticas de ensino de literatura que são feitas de forma errônea, que falsificam, deturpam e distorcem esse ensino e não corroboram com práticas de leitura literária que formam o leitor.

Diante disso, percebemos, a partir das falas dos alunos seguidores de canais literários virtuais, que as abordagens de leitura na escola não despertam o prazer de ler, a começar pelas indicações de livros. Segundo a fala de alunos do 1º ano do E.M, a indicação de leitura de alguns professores não é tão animadora quanto as indicações feitas nos canais literários. Segundo o depoimento, seria preciso uma abordagem no estilo de uma conversa para despertar o interesse, pois do modo como é feito, para Stark, não há vida:

***Pesquisadora:** E a forma como o professor fala não é como a dos canais? É diferente?*

Stark: Depende do professor. Tem professor que faz a indicação. Por exemplo, um professor falou sobre o livro, aí talvez a gente procurando sobre ele, a gente se interessa, mas só de ele ter falado de ler o livro, naquela hora e não falou nada sobre o livro, só mandou a gente ler, aí a gente não vai se interessar

Órion: Depende muito. Tem professor que chega assim e conversa e diz: ‘nossa você já leu esse livro?’ Aí a gente começa a conversar a discutir sobre o livro.

Stark: É. Aí é legal.

Jade: Eu acho que é diferente. Tipo assim, quando eu chego para conversar com você sobre o livro que você me indicou, aí você está falando sobre ele para mim, aí eu crio interesse. Mas, exemplo, numa aula normal, a professora chega e fala: ‘ah vocês já leram esse livro? É bacana, eu queria que vocês lessem’. É totalmente diferente, ela não fala sobre o livro.

Stark: Não tem vida.

Jade: É. (Alunos dos 1º e 2º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

De acordo com os alunos, além da abordagem desanimadora, a falta de clareza e de objetividade da leitura também é um fator que contribui para não estimular o desejo de ler. Contudo, ainda pode surgir um certo interesse entre os alunos no momento da leitura quando esses começam a conversar entre si sobre o enredo e os personagens. A escola é socialmente considerada como o espaço onde acontece o letramento literário, mas as práticas de leitura que muitas vezes são propostas pelos professores são frágeis e não atraem os alunos. Dessa forma, não é simplesmente por ser o espaço ‘escola’ que influencia na leitura dos alunos, trata-se de como são feitos os procedimentos e a mediação de leitura:

Pesquisadora: Então o lugar? Como assim?

Jade: Não é exatamente o lugar, é a forma como ele fala sobre o livro.

Órion: É sobre a pessoa e o jeito como ela fala para você.

João: Também tem isso. Por exemplo, eu lembro do livro *O Príncipe*, eu já tinha lido, mas o jeito como falaram para poder ler o livro, foi no 9º ano da minha outra escola, a professora falou de um jeito que era muito legal. Falou o que se passava no livro. Falou um pouquinho da experiência de ler o livro. E, normalmente, não é assim. Normalmente o professor só chega e fala: ‘lê o livro’. E mais nada.

Stark: É. Um professor fez isso com a gente: ‘lê *O Príncipe*, e vocês vão ler esse livro aqui e é pra fazer uma resenha desse livro’. E não falou mais nada

Jade: Uma professora falou a mesma coisa sobre esse mesmo livro *O Príncipe*. Ela chegou e disse: ‘eu quero que vocês leiam esse livro e façam um fichamento’. Ela não falou sobre o que falava o livro, porque que ela queria que a gente lesse o livro. Ela não explicou o que ela achava do livro.

Pesquisadora: E vocês já leram O Príncipe?

Stark: Não.

Pesquisadora: Mas aí depois ela conversou com vocês sobre o livro?

Jade: Não. Ela só pediu a resenha. Só o trabalho.

Pesquisadora: Vocês discutiram em sala?

Jade: Não.

João: Nessa semana passada, teve um professor que falou pra poder ler um livro que ele ia fazer um trabalho.

Pesquisadora: Você lembra qual livro?

João: Sim, *1984*. Mas ele só falou pra ler o livro que era um livro legal e não falou muito, não deu muitos detalhes. Mas aí, por exemplo, quando eu e mais dois meninos começamos a ler, nós começamos a discutir bastante sobre o livro, sobre os personagens. Entre nós, com professor ainda não (Alunos dos 1º e 2º anos do E.M. Entrevista realizada no dia 22/05/2019)

As leituras que passam pela escola parecem não motivar a leitura. Um dos grandes questionamentos dos alunos é quanto à linguagem das obras escolhidas. Entretanto, como já apontado, para Cândido (1995), a literatura tem seu caráter formador, uma vez que ela confirma e nega os valores que a sociedade preconiza; ela propõe e denuncia, apoia e

combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Logo, os estudantes do Ensino Médio estão em fase de formação e a escola, historicamente, sempre foi considerada como um espaço formador. Para Cosson (2014-c), os cânones e os clássicos da literatura expressam sua atualidade quando possuem significado para o leitor em seu tempo, independentemente da época de escrita e publicação, embora uma das reclamações dos alunos seja exatamente a linguagem. O aluno Panda, do 2º ano, usuário de *Creepypasta*, julga a linguagem desse tipo de obra difícil e isso, para ele, compromete o seu entendimento:

Pesquisadora: Na resposta ao questionário você colocou que alguns livros dão sono. Qual é o tipo de livro que te dá sono?

Panda: (risos) tipo o Nicolau Maquiavel. O Nicolau Maquiavel eu comecei a ler, porque a professora passou trabalho e eu não consegui entender. Eu estava querendo dizer que eu não consigo entender, compreender o assunto dele, porque as palavras são um pouco difíceis, então precisava de um dicionário, aí normalmente esses livros me dão sono. A *Creepypasta*, que eu mais leio, que tem terror, é empolgante. Só que de teoria, eu acho que eu não consigo muito compreender isso ainda mais esses livros antigos, um pouco antigos, né. (Panda, aluno do 2º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 26/03/2019)

Outro questionamento levantado pelos alunos é que o processo de ensino e incentivo da leitura feito pela escola parece ser uma obrigação, não promovendo um prazer de ler. As práticas de leitura e escrita que acontecem dentro do espaço escolar possuem sentidos e finalidades gerados pela própria instituição diante do que ela concebe como ensino e aprendizagem. Fora da escola, ler e escrever são ações que possuem diversas motivações que vão além daquelas determinadas pela escola: as pessoas leem pelo prazer de ler ou até mesmo por causa de um tema determinado (CASTANHEIRA, 2014).

Portanto, as práticas de leitura variam de acordo com os próprios usos dos textos, diferenciando, assim, as práticas que acontecem dentro e fora do contexto escolar. Nesse sentido, de acordo com Castanheira (2014), não podemos estimar mais ou menos uma ou outra prática, mas sim compreender seus usos e as situações nas quais estão situadas, não subordinando, entretanto, os textos à lógica de uso da escola, pois tenderemos a legitimar certas práticas e desvalorizar outras. Para os alunos que se declararam leitores, a leitura feita por prazer é espontânea, baseada na sua própria escolha, sem prazos para finalização da leitura e sem ser direcionada:

Pesquisadora: *Gente me fala um pouco sobre a leitura na escola como que é esse processo de ler na escola?*

Mônica: É meio estranho, porque você faz como uma obrigação. Tipo *O Príncipe*, eu até comecei a ler ele de novo, mas aí eu parei (*risos*). A professora passou o livro, mas aí quando a gente começou a ler, pelo menos eu, na hora que eu comecei eu pensei: Nossa, mas que livro entediante, livro chato, nossa. Mas eu tenho que fazer, porque eu tenho que conseguir a nota do trabalho. A gente já começa a ler colocando um peso, porque já é uma obrigação a gente tem que ler e se a gente não ler, quem se dá mal somos nós mesmos. Aí a gente já começa assim: com peso. Porque a gente já não quer ler o livro. Mas quando a gente lê por nós mesmos, a gente já tem um querer, a gente começa empolgado e aí, às vezes, o livro nem é isso tudo, mas a gente já vai naquela empolgação toda porque é uma coisa nossa.

Phoebe: É aquela coisa da obrigação. Porque quando a gente é obrigado, a gente já desiste. Uma, porque tem um prazo. Porque, quando a gente lê por nós mesmos, a gente não tem nenhum prazo para terminar, a não ser que seja um livro da biblioteca, porque tem a coisa de renovar. Quando o livro é passado pela escola, você já tem um prazo, você tem um objetivo para ler, pelo qual você tá lendo aquele livro. Eu mesmo estou acostumada com leitura com o vocabulário mais jovial, aquela coisa mais solta e o livro igual mesmo ele tem aquela coisa, né. Eu acho o vocabulário do livro *O Príncipe* maçante. Eu acho necessário, o livro é importante, mas é chato.

Chael: Até, porque, quem começa a ler o livro tem que ser por *hobby*, por gostar. Tem que se interessar. E quando vem essa questão da obrigação, o psicológico da gente é algo inexplicável. Igual a Mônica falou, a gente já começa a ler com peso, não tem vontade. Então é algo que as propostas não despertam interesse na gente.

Chandler: Eu também acho que tem essa coisa da obrigação. Tem aquela coisa de não querer fazer, porque tem alguém te mandando fazer e tem um tempo para terminar. Para mim tem que ser algo tipo livre, tipo: ah, eu quero começar a ler agora e ler quantas páginas eu quiser e deixar e depois eu posso ler mais e eu posso terminar, sei lá, mês que vem e tá tudo bem. E não essa coisa de escola e que você tem uma semana, tem que ler e escrever o que você entendeu. Porque, tipo, quando você está lendo para você mesmo, você não tem, tipo, a necessidade de desenvolver o pensamento do jeito que você vai escrever e vai dar para outra pessoa entender, você entendeu, mas vai ser só para você, sabe, você não precisa passar para outras pessoas.

Phoebe: Eu penso parecido com ele. Quando você lê um livro, a sua interpretação é livre. Quando você lê na escola, é aquela coisa... mas tirando o professor que libera a gente para interpretar do jeito que a gente quiser, quando é mais direcionada são questões mesmo, sobre o que a gente entendeu do livro fica um pouquinho mais pesado.

Chandler: Porque, às vezes, tem uma pergunta e você nem chegou a pensar naquilo Você pensou várias coisas, mas não pensou naquele ponto específico, você não chegou a pensar.

Phoebe: Você acaba tendo que desenvolver um pensamento que nem teve, você acaba tendo que correr atrás de uma coisa que você nem pensou lendo aquele livro. Você, às vezes, tem na pergunta uma coisa que você nem imaginou, aí eu acho mais complicado... tirando quando o professor dá interpretação livre.

Mônica: Eu acho que dessa forma até prejudica um pouco, porque, tipo assim, a gente tá seguindo uma linha de raciocínio, aí chega o professor e fala outra coisa que você não tinha nem observado, aí você pensa: nossa e agora?! Tá tudo errado! Aí você volta e aí você já não tem mais a sua interpretação. Você tenta fazer uma interpretação que vai se associar com a interpretação do professor, aí faz a gente perder a melhor parte do livro que é imaginação.

Chandler: Aí você fica até desanimado para as próximas leituras e pensa: eu vou fazer isso daqui, mas talvez esteja errado, porque a minha interpretação não vai

ser igual a do professor. Sei lá, aí você não tem, tipo, aquele incentivo: nossa, eu vou ler isso daqui, eu vou mostrar e vai ser demais. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Um dos objetivos da leitura na escola é, também, auxiliar o aluno na compreensão do texto a partir de uma leitura crítica, ativa e reflexiva, compreendendo as relações de poder, de desigualdades e injustiças (SARDINHA, 2018). Portanto, esse tipo de letramento também precisa ser ensinado na escola, embora, às vezes, possa não ser bem compreendido pelos alunos, como aponta a aluna Mônica em sua fala “*a gente tá seguindo uma linha de raciocínio, aí chega o professor e fala outra coisa que você não tinha nem observado, aí você pensa: nossa e agora?! Tá tudo errado!*”.

Diante dessa necessidade da leitura crítica, resgatamos os estudos de Paulo Freire, pois, de acordo com o autor, um texto faz sentido para o aluno quando a leitura parte do que o aluno já sabe, do seu conhecimento de mundo, da sua cultura, ou seja, é uma leitura que antecipa a leitura das palavras. Entretanto, essa prática exige que se reconheça o leitor como um ser social e inacabado, que se encontra inserido em um contexto cultural e social permeado por valores (FREIRE, 1996). Sendo assim, os sentidos de um texto estão atrelados aos contextos nos quais o leitor está inserido. Nessa mesma direção, para Cosson (2014-b), os círculos de leitura são espaços sociais nos quais a participação permite compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com os quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos. Portanto, compreendemos, a partir desses autores, que os sentidos do texto são construídos, também, na relação leitor/texto/sociedade, mas nem sempre esse tipo de leitura é realizado nas escolas. Nesse sentido, é que a aluna Phoebe, ao falar da interpretação dos livros, cita o formato do clube do livro:

***Pesquisadora:** Mas não é bom o professor fazer vocês pensarem em algo que vocês nem imaginaram?*

Mônica: Depende muito, né?! Igual, o professor de Educação Física passou um trabalho sobre um filme, aí eu respondi o que eu estava pensando, mesmo. Aí eu pensei: nossa, tá muito fácil isso aqui! Aí, depois o professor foi conversar comigo e ele falou assim: ‘Mônica, eu não posso discordar da sua opinião, porque é a sua opinião, mas eu posso te falar a minha?’ E eu disse: pode. Aí, ele foi e falou alguma coisa que estava escancarado no filme e eu não tinha percebido. Aí na hora eu pensei: nossa, é mesmo! E ele explicou, assim, uma interpretação totalmente diferente da minha, mas que fazia todo sentido para mim, sabe?! Aí, eu fui e comecei a pensar tudo de novo. Aí, foi bom. Mas, tipo quando eu comecei a ler *O Príncipe*, meu resumo foi igual carro velho, foi devagarzinho. Aí,

quando chegou no final funcionou, mas quando estava no comecinho, assim, a professora falava as coisas e eu ficava sem entender, não fazia sentido nenhum para mim, mas aí depois eu fui aprimorando isso.

Phoebe: E desenvolver essa coisa mais, tipo, o clube do livro ao invés de ter uma atividade como obrigação, desenvolver essa coisa mais puxada para o lado do clube do livro, mesmo, e desenvolver essa coisa, tipo, professor e aluno, além de melhorar a nossa relação, vai acabar estimulando a gente ler o livro com nosso pensamento, no sentido de a gente apresentar o nosso pensamento para o professor e o professor apresentar o pensamento dele para gente, e acaba tendo essa troca de ideias e o professor entende o que a gente entendeu, o que a gente interpretou e a gente entende o que o professor interpretou. E eu acho que se fosse assim com todos os professores que passam leituras para gente ia ser muito mais fácil essa coisa da leitura na escola.

Chandler: Eu acho que essa coisa da nossa interpretação ser diferente da do professor é porque tem essa coisa de você querer fazer direito e você quer apresentar a atividade e estar certo, é um orgulho para você né?! Mas aí o professor vai lá e apresenta algo diferente, você tem a sensação de que: nossa, eu errei! Eu não entendi nada do livro. Então, tipo, eu perdi tempo, sabe?! E tem isso também, eu concordei muito com o Phoebe sobre essa coisa do clube do livro, porque aí são várias pessoas apresentando a opinião e ninguém tá certo, porque são interpretações e cada pessoa pode interpretar de um jeito. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Diante dessas falas dos alunos, retomamos Castanheira (2014) que trata da leitura na escola, pois, para a autora, os processos de ensino de leitura na escola ocorrem conforme o que se entende por leitura dentro dos espaços escolares. Por isso, notamos algumas práticas de leitura tão recorrentes, como as citadas pelos alunos. Resgatando os estudos de Bicalho (2014) sobre práticas de leitura, a autora aponta que a leitura é uma atividade complexa, em que o leitor produz sentidos a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos. Para a autora, as estratégias de leitura que ajudam o aluno a ler melhor podem ser ensinadas por todas as disciplinas e em todos os anos de escolaridade. Além disso, a autora considera que, para quem ensina leitura, é importante ajudar o leitor a ler com objetivos determinados; ler interagindo com o autor por meio do texto. Nesse sentido, destacamos, abaixo, a fala de Chandler, que trata dessa importância de compartilhar a experiência de leitura com outras pessoas para a construção de sentidos do texto:

Chandler: Eu acho que essa coisa da nossa interpretação ser diferente da do professor é porque tem essa coisa de você querer fazer direito e você quer apresentar a atividade e estar certo, é um orgulho para você né?! Mas aí o professor vai lá e apresenta algo diferente, você tem a sensação de que: nossa, eu errei! Eu não entendi nada do livro. Então, tipo, eu perdi tempo, sabe?! E tem isso também, eu concordei muito com o Phoebe sobre essa coisa do clube do livro, porque aí são várias pessoas apresentando a opinião e ninguém tá certo, porque

são interpretações e cada pessoa pode interpretar de um jeito. (Aluno do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

A aluna Aurora do 3º ano do E.M definiu o livro escolhido – *O Alienista*, de Machado de Assis – pelo professor como chato. Essa definição surgiu a partir das características da obra e não só por causa da linguagem. Apesar dos apontamentos feitos pelos alunos, de acordo com Cosson (2014-c), a necessidade de incentivo à leitura de cânones e grandes clássicos brasileiros no universo escolar possibilita a valorização de obras de autores nacionais, assim como traz o resgate da memória das culturas e costumes que se reconfiguraram. Os registros dessas obras possibilitam a compreensão de práticas e costumes anteriores. Contudo, a riqueza de autores clássicos de nossa literatura muitas vezes não é apresentada aos nossos alunos por receio da não aceitação por se tratar de autores de séculos passados.

Nessa perspectiva, para Calvino (1993), os clássicos são aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado, mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições de apreciá-los. Como afirma o autor, a escola deve fazer com que se conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) se poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. Portanto, a leitor crítico de um clássico reconhecerá na obra marcas de nosso tempo que, na literatura, já foi preconizado através da temática ou de seus personagens, ainda que no primeiro momento haja resistência por parte dos alunos:

Pesquisadora: E como você define que o livro é chato ou não?

Aurora: Para ser sincera, um livro chato que eu peguei para ler é um que o professor passa e parece que é obrigatório, sabe. Tipo assim, eu fui ler *O Alienista*, eu fiquei duas horas para entender o livro. Não é que o livro é chato, você precisa dele para entender as coisas, mas não é um livro que não estimula a ler. Um livro que você diz: ‘nossa que livro legal’.

Pesquisadora: O que tem no livro O Alienista que não te chamou atenção?

Aurora: É um livro antigo que tem um modo antigo e tudo antigo e, por exemplo, um livro como *Para todos os garotos que já amei* é o livro que eu posso me identificar, que está no meu dia a dia, essas coisas.

Pesquisadora: Você falou de um livro que o professor recomendou que foi O Alienista que você não achou muito interessante. É por causa da linguagem?

Aurora: Não, foi por causa da linguagem, porque a senhora já leu né?! Eu acho que o negócio é interessante, porque o cara achava que todo mundo era louco, só que na verdade era ele que era louco de achar que fez o que fez com a mulher dele, depois ele mesmo se internou na clínica. A história do livro é legal, mas eu acho que do jeito que foi contado é um jeito diferente. Igual o livro *O Príncipe*, do Maquiavel, mesma coisa da nossa política de agora sendo falada há mil anos

atrás: “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, só que o jeito como é falado, é um jeito difícil de entender, o livro *O Príncipe*, principalmente, mas né é necessário. (Aurora, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2019)

Existem situações de leitura na escola que chamam a atenção dos alunos e despertam o interesse nas atividades de leitura, como a ‘Roda de Conversa’, apontada pela aluna Aurora, do 3º ano do E.M, ainda que o livro seja de difícil entendimento. Segundo Maria (2009), a leitura promove o diálogo entre as pessoas e mostra que o leitor tem algo a dizer, sendo, portanto, útil a promoção desse diálogo durante todo o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Desse modo, percebemos que suscitar momentos em que os alunos tenham a oportunidade de falar, de se expressar após uma leitura favorece a interação, o compartilhar a leitura e a promoção dos saberes. A mediação do professor e a conversa com os colegas podem ser um facilitador. Segundo Solé (1998),

Um aspecto essencial de todo o processo tem a ver com o fato de que nós, os leitores experientes, não só compreendemos, mas também sabemos quando não compreendemos e, portanto, podemos realizar ações que nos permitam preencher uma possível lacuna de compreensão. Esta é uma atividade metacognitiva, de avaliação da própria compreensão e só quando é assumida pelo leitor sua leitura torna-se produtiva e eficaz. Embora em nível inconsciente, à medida que lemos, prevemos, formulamos perguntas, recapitulamos a informação e a resumimos e ficamos alertas perante possíveis incoerências ou desajustes. (SOLÉ, 1998, p.116)

Assim, as sugestões de leitura feitas pelo professor podem ajudar na compreensão de temas diversos, pois de acordo com a aluna Aurora, o professor possui um repertório maior e isso pode ser compartilhado numa roda de conversa. Além disso, para Solé (1998), o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. Aurora não julga a prática da professora de pedir a elaboração de um resumo sobre o livro algo negativo, pois, de acordo com Aurora “é legal”:

Pesquisadora: *E a dinâmica que os professores trabalham o livro na escola, você acha interessante?*

Aurora: Legal. No livro *O Príncipe* a gente fez um resumo né, de cada capítulo. E aí, no final, a gente fez uma roda de conversa. E aí cada um foi falando o que achava do capítulo e no final a professora, que tem uma visão melhor que a gente, foi dando as chaves assim. Mas no início a gente não falou muito não.

Pesquisadora: *Então as falas da professora ajudam a entender?*

Aurora: Ajuda. Igual no resumo que eu tinha te dito que eu vi na internet primeiro, depois que eu fui entender. Então o professor, que já tem opinião de mais de setenta mil alunos, que já falou sobre o livro, e tem opinião dele que é boa também, aí ele junta tudo e consegue entender. Ainda mais a professora né, que ela é boa nisso.

Pesquisadora: *Como assim o professor tem a visão de setenta mil alunos?*

Aurora: Não, é que não é uma coisa que ela fez só agora, ela já fez isso para vários outros alunos, em vários outros anos e em várias outras turmas, então ela já ouviu a opinião de alunos e têm algumas opiniões de alunos que são muito boas. E, aí ela pega isso e tem opinião dela também. E aí no final a gente entende tudo. **(risos)** (Aurora, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2019)

Como mencionamos anteriormente, de acordo com Soares (2011), no processo de escolarização, o que se deve criticar são as práticas de ensino de literatura que são feitas de forma errônea, que falsificam, deturpam e distorcem esse ensino. Como alguns desses equívocos, a autora aponta a seleção limitada de gêneros textuais e de autores e autoras e a fragmentação inadequada de textos e o modo como são usados esses fragmentos. De acordo com Soares (2011), esse tipo de letramento literário não aproxima os alunos das práticas de leitura, desenvolvendo nele a resistência ou aversão ao livro e ao ato de ler. Tal fato é percebido ao perguntar para os alunos sobre as experiências literárias na escola que não parecem fazer sentido para os estudantes e não há espaços para compartilhar a leitura que auxilie na construção de significados da leitura.

Diante disso, espaços de leitura semelhantes aos círculos de leitura permitem a interação entre textos e leitores, entre leitura e literatura, em que os sentidos são discutidos e reconstruídos (COSSON, 2014-b). Percebemos, portanto, que os letramentos são práticas sociais, que tratam dos usos dos textos em determinados contextos. Nos espaços escolares, compreendemos que essas práticas possuem procedimentos que são próprios das instituições de ensino. De acordo com Solé (1998), a primeira condição para aprender (a ler) é que os alunos possam ver e entender como faz o professor. Para elaborar uma interpretação de texto, eles precisam vivenciar um processo/modelo de leitura para ver as estratégias em ação. Contudo, fora do espaço escolar, existem outros tipos de letramentos, cujos procedimentos não estão estanques dos procedimentos dos letramentos institucionalizados, pois os procedimentos percebidos em outros espaços utilizam algumas estratégias de leitura semelhantes às que observamos nas escolas.

Nas apresentações dos *booktubers*, por exemplo, há uma apreciação sobre: a capa do livro, o autor, o enredo e os contextos de produção. Todos esses procedimentos são percebidos na escola como estratégias de leitura que auxiliam na compreensão do texto. Além disso, de acordo com Mendonça (2014), para compreender o texto é necessário que o leitor/ouvinte procure as pistas explícitas ou implícitas, as quais ajudarão a reconstruir os sentidos do texto. Portanto, compreendemos que os *booktubers* se valem de tais procedimentos para auxiliar na apreciação das obras. A avaliação dos apresentadores que tratam do gosto ou não gosto da obra também pode ser feita pelo professor. Portanto, de acordo com Castanheira (2014), não podemos estimar mais ou menos uma ou outra prática, mas sim compreender seus usos e as situações nas quais estão situadas; não podemos subordinar os textos à lógica de uso da escola, pois tenderemos a legitimar certas práticas e desvalorizar outras. Nesse sentido, observamos que o lugar social dos *booktubers* são vários diante dos procedimentos utilizados em suas apresentações. Atualmente, são considerados como influenciadores digitais, mas, para além disso, são agentes e mediadores de leitura. Dessa forma, o próximo tópico trata de um tipo de letramento literário feito pelos canais literários, que, enquanto textos pertencentes a uma arquitetura virtual, possuem procedimentos que, também, passam pela escola.

6.12 Vamos chamar isso de quê? A questão do gênero

As análises que abordam o tema sobre os *booktubers* ainda são recentes. Em uma busca no portal de periódicos da Capes Mec (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), encontramos 63 artigos publicados que tratam do tema '*booktubers*'. Porém, ao realizarmos uma busca por artigos que tratam do tema '*booktubers* e literatura', deparamos com 5 produções. E, por fim, ao buscarmos publicações com o tema '*booktubers* e leitura', encontramos apenas 1 artigo. Ainda que as pesquisas sobre o tema sejam recentes, compreendemos que os *booktubers* são um tipo de *YouTubers* que postam vídeos na internet para falar de leitura, compartilhando, desse modo, o seu gosto por livros. A apresentação feita pelos *booktubers* recebe algumas nomenclaturas: 'conversa', 'comentário' e 'resenha', são alguns exemplos de rótulos. Contudo, como vimos em Perrone-Moisés (2006), não se trata do gênero 'crítica literária', pois essa requer

conhecimentos da Teoria da Literatura. Por isso, nas entrevistas, os alunos foram indagados sobre como eles definiriam essas apresentações, e, também, surgiram dúvidas se seria um resumo, uma resenha ou uma conversa, de acordo com as respostas dadas:

Pesquisadora: *E se a gente fosse definir isso que ela faz, essa apresentação, vocês chamariam de que: de resumo, resenha, ou de uma conversa?*

Ageu: Eu não sei se poderia ser chamado de resenha, mas eu acho que é mais um exemplo de resumo.

Pesquisadora: *E por que não seria uma resenha?*

Ageu: Eu não sei dizer por que.

Pesquisadora: *A partir daquilo que você sabe da escola mesmo, quando o professor manda você fazer uma resenha, o que você faz?*

Michelangelo: Eu acho que você faz aquilo que você entendeu.

Ageu: É algo mais argumentado.

Michelangelo: É igual livro: você tá lendo o livro, você fala aquilo que você entendeu do livro.

Monalisa: Eu acho que é o ponto de vista. É o seu ponto de vista a respeito do livro.

Ageu: É como se ela pegasse um trecho do livro e escrevesse sobre ele com suas palavras. Mas, a resenha é, tipo, você vai falar aquilo que você quer, você vai colocar uma parte do livro, mas argumentando.

Moita: É eu acho que é isso mesmo, ela faz o resumo e resenha ao mesmo tempo.

Monalisa: Mas eu acho que da maneira que ela coloca, fica parecendo que ela está conversando com a gente, e é igual uma conversa, sim, fica muito legal a forma.

Michelangelo: Não fica cansativo. Tipo, você não fica cansado de tá ouvindo ela, porque parece que ela está conversando com você. Você concorda no pensamento e continua nessa conversa. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

Nesse sentido, percebemos que a apresentação dos *booktubers*, quanto ao gênero discursivo, ainda gera dúvidas aos usuários, mas para muitos apresentadores, como a Tatiana Feltrin e Isabela Lubrano, trata-se de uma resenha, pois as próprias *booktubers*, na abertura de alguns vídeos, assim classificam as suas apresentações, como foi citado no capítulo 4, que trata dos vídeos literários.

Vivemos a era do digital e do audiovisual, por isso, como aponta Moreira (2018) os *booktubers* são herdeiros diretos dos *blogs*, que, após ganharem amplitude, acompanharam a tendência da explosão audiovisual do consumo. Os vídeos, como apresentamos nesta pesquisa, são os conteúdos produzidos e armazenados no *YouTube*. Essas produções ainda não recebem uma classificação. Entretanto, percebemos que, ainda assim, há uma intenção comunicativa reconhecida socialmente. Nas entrevistas, os alunos reconhecem essas

produções como uma resenha, pois apresentam um resumo da obra e uma apreciação de leitura.

Portanto, o gênero produzido pelos apresentadores dos canais literários virtuais é conhecido como resenha, conversa ou comentário. Tais definições são dadas a partir das características percebidos por seus produtores, usuários dos canais e por alguns estudiosos do assunto. A definição do gênero não é objetivo desta pesquisa, mas reconhecemos que essas produções têm se tornado um fenômeno social contemporâneo, que faz parte das práticas de leitura dos alunos da escola nascidos em meio a era do digital. Embora considerados como nativos digitais, observamos nas falas dos alunos que muitos preferem ler o livro físico, por isso se esforçam para comprar, trocar ou pedir emprestado aos amigos. Sendo assim, outra indagação aos alunos foi sobre a percepção da leitura digital, uma vez que observamos ser essa uma ferramenta em expansão. Portanto, o próximo tópico compreende as respostas dadas pelos alunos sobre esse tema.

6.13 Leituras no ambiente digital: Leitura e contemporaneidade

Com o advento das tecnologias digitais, surge também a curiosidade de saber como os alunos leem: se apenas livros físicos ou se leem no formato digital ou livros digitalizados, pois, atualmente, na internet, é possível encontrar aplicativos de leitura e várias obras para *download*, seja na modalidade paga ou gratuita. Desse modo, perguntamos para os alunos se eles liam livros pela internet (*online*). As repostas foram surpreendentes por se tratarem de jovens que nasceram em meio à tecnologia, pois muitos alunos apontaram a preferência pelo livro físico. De acordo com Chartier (2002), com as transformações que ocorreram na materialidade do escrito – rolos antigos para o livro impresso ou códex – gestos impossíveis tornavam-se comuns, como escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado do trecho. Nesse sentido, o autor aponta que, com a invenção da técnica do texto eletrônico, estamos às vésperas de semelhantes mudanças. Contudo, para Roger Chartier, essa mudança não irá substituir o códex ou o livro. O mais sensato e mais provável é se pensar em coexistência das materializações do livro, ainda que não pacífica, pois, para Chartier (2002), não há determinismo técnico que venha inscrever

nos próprios aparelhos uma significação obrigatória e única. Desse modo, percebemos que as novas técnicas podem implicar em novas práticas.

Diante dessas mudanças ocorridas, Barton e Lee (2015) chamam a atenção para o conceito de “novo” nas práticas *online*, pois, para os autores, as práticas *online* são uma continuidade de uma prática *off-line*. Para exemplificar esse fato, os autores comparam o álbum de fotos e o compartilhamento de fotos; ambas são atividades cujos objetivos são guardar memórias e poder compartilhá-las com outros. A diferença entre eles é que em um álbum de fotos antigo temos o impresso e no compartilhamento *online* temos essas memórias em um formato digital. Nesse sentido, um livro impresso possui páginas, capa, número de páginas e outros, no formato *online* também temos configurações semelhantes: barra de rolagem para passar as páginas, a tela que materializa a conteúdo, os hipertextos que configuram uma das multimodalidades. Chartier (2002) aponta que o mesmo suporte – o computador – apresenta vários textos e gêneros de textos. Entretanto, com a invenção dos *smartphones*, que combinam funções de computadores pessoais e funções avançadas, também é possível ler obras por meio de aplicativos. Mas, uma técnica nova não substitui uma técnica anterior completamente, pois as pessoas são diversas. Assim, percebemos que nem todos os alunos gostam de ler no modo digital e algumas razões são apontadas por eles:

Pesquisadora: *Vocês falaram muito da leitura física do livro. Alguém tem o costume de ler na internet?*

Monalisa: Eu odeio ler livro na internet. Eu nem tento.

Pesquisadora: *Mas por que que você nem tenta?*

Monalisa: Professora, eu gosto de ler livro físico, de pegar, de tocar. Eu gosto de marcar a página que eu gosto.

Michelangelo: Eu gosto de cheirar, de tocar, de estar com o livro na mão. Digital é péssimo. Eu acho péssimo, tipo, sei lá. Eu já li umas três vezes no formato digital, mas eu não gosto de estar descendo na barra de rolagem. Pela tela do celular, eu não gosto de mexer na tecla. Eu gosto de pegar, eu quero sentir a folha passar, eu quero me perder nas páginas.

Moita: Eu acho que muitas vezes eu acabo me dispersando. Eu não consigo ficar concentrada assim.

Ageu: Eu quando leio no formato digital, é mais na internet. Eu leio a bíblia, mas no celular. Eu acho que eu fiquei mais acostumado foi por causa disso, porque, quando eu quero ler, eu vou lá pego o PDF e vou ler o livro no celular. Eu acho que é costume. Eu peguei essa mania de ficar lendo no celular, porque aí é só você colocar no modo avião que não chega nada. Aí dá para ler tranquilo. Eu leio no celular alguns livros.

Michelangelo: Eu não consigo.

Monalisa: Eu também não consigo.

Cristiano: Igual a Moita falou, tira a atenção. Você distrai com outra coisa

Michelangelo: Eu não consigo nem se eu colocar no modo avião. Tipo, eu estou lá lendo, aí eu vou clicar no botão do meio. Toda vez que eu vou ler, eu pego meu celular e coloco no quarto e vou lá para sala. Eu coloco o celular o mais distante de mim, onde eu vou ficar com preguiça de levantar, aí eu vou ficar mais interessado, mais concentrado no livro. E não vou pensar tanto no meu celular. Porque, mesmo se o meu celular estiver no modo avião, no silencioso, eu fico pensando: será que alguém mandou mensagem? Aí eu vou lá pegar o celular, vou ver se ninguém mandou alguma coisa, mas aí, pronto, eu me desconcentrei.

Monalisa: É, a parte que eu não gosto é justamente a que você falou ‘de pegar a página, de tocar’. Eu nunca consegui ler assim, tanto que aqui na escola quando o professor passou *O Alienista* eu não li, porque era pela internet.

Pesquisadora: *Quando vocês falam de ler na internet, no formato digital, é o livro digitalizado em PDF? Ninguém tem aqueles aplicativos digitais? (Todos disseram não)*

Monalisa: Independente disso, sendo no celular ou no computador, eu não consigo ler. É igual *Capitães da Areia*. Uma vez, uma professora passou na escola, eu li o resumo do livro, depois eu li o livro, porque, primeiro ela passou na internet, que eu não li. Depois eu peguei ele para ler. É um livro que eu indico para qualquer pessoa. Mas na internet, nossa, não mesmo. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 03/07/2019)

Chandler: Mas eu tenho um problema com ele: eu não consigo ler, porque para mim tem que ter aquela coisa do físico, de você pegar o livro e sentir. Eu não sei, eu não consigo. Tem um ou dois livros só que eu li em *E-book* que foi *O Pequeno Príncipe* e um livro que é de poemas e *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel que a professora de história pediu para a gente ler. Foram esses três só que eu li em PDF. (Chandler, aluno do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Notamos que alguns alunos preferem ler um livro na materialidade física, porque podem “pegar, cheirar”, como eles mesmos dizem. Além do prazer que expressam por ter o livro em mãos, muitos demonstraram que, embora o formato digital apresente várias comodidades, como a de poder ler realizando outras funções – verificar mensagens, checar e-mail, atender a uma chamada usando o mesmo dispositivo – há nessa atividade pontos contrários. Toda essa facilidade, na opinião dos alunos, não favorece o momento da leitura. Os alunos expuseram que a atenção que a leitura exige não pode ser efetivada quando se lê no formato digital. Dizem que não conseguem ler direito, como observamos na fala de Aurora e Mônica, alunas do 3º ano do E.M:

Pesquisadora: *E o que o professor pediu vocês para lerem para quê?*

Aurora: Esse *O Alienista* foi o professor de Sociologia que pediu para a gente fazer uma comparação entre poder e política.

Pesquisadora: *E você achou essas características lá ou não?*

Aurora: Achei (*risos*). Na verdade quando eu fui ler o livro, que eu li em PDF, era muito pequeno, eu não consegui ler direito não, aí eu li os resumos na internet, aí depois que eu fui ler o livro de novo, aí eu entendi. (Aurora, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 05/06/2019)

Mônica: Ai, eu acho meio ruim pela internet. Tira minha atenção, porque eu estou lendo lá em *E-book*, aí de repente, chega uma mensagenzinha pelo *WhatsApp* aí eu penso: Opa! (*risos*), aí eu vou lá e vejo e acabo perdendo atenção. Aí, às vezes, a gente nem responde a mensagem, mas fica pensando em quem mandou. Aí você leu uma página e depois você não sabe nem o que você que leu. Aí tem que voltar tudo de novo. Eu não gosto de ler pelo celular. (Aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Muitos, porém, têm o hábito de ler por meio de aplicativos disponibilizados na internet, sejam eles pagos ou não. Esse é um hábito a ser adquirido: assim como aprendemos a ler o livro físico, observando a paginação e demais práticas que esse formato exige, do mesmo modo precisamos aprender as práticas ao ler no formato digital. Nesse sentido, compreendemos por meio da fala de Phoebe, aluna do 3º ano do E.M, que essa é uma prática de leitura que já faz parte da geração presente nas escolas, uma vez que a estudante se mostra usuária desses aplicativos:

Pesquisadora: A Phoebe me falou de alguns aplicativos que ela lê na internet. Me fala um pouco mais sobre eles.

Phoebe: Pelo *Play Store*, tem alguns *E-books* de graça e tem alguns pagos. Eu baixo sempre alguns grátis. Eu estou sempre lendo. Tem alguns autores mais novos, assim, que eles têm oportunidade de lançar os livros pela *Play Store* de graça. Aí eles colocam de graça os livros lá e a gente lê. Tem um autor novo que eu não vou me lembrar o nome agora, mas ele já lançou vários livros pela *Play Store* e tá indo. Igual livro *O Diário de Anne Frank*, mesmo, tem ele em quadrinhos na *Play Store*. Eu vi ele estava em promoção esses dias ele estava R\$ 15,00 e agora subiu de novo para R\$ 28,00 ou R\$ 30,00 eu não me lembro.

Phoebe: Eu criei o hábito de ler PDF lendo HQ pelo celular. Porque a HQ é aquela coisa né, é meio chata de achar, então eu peguei e procurei as HQs na internet e achei um site que disponibiliza as HQs e baixei. E, é até em PDF não é nem *E-Pub*. Aí eu criei o hábito lendo HQ celular. (Phoebe, aluna do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Assim, embora os alunos já tenham nascido junto com o desenvolvimento das tecnologias modernas, muitos preferem ler o livro físico. Diferentes alunos, durante as entrevistas, mostraram que têm dificuldades de se concentrar fazendo uma leitura em um *smarphone*, por exemplo, por causa dos diversos aplicativos que podem ser instalados nesses aparelhos, principalmente, os que contemplam as redes sociais. Alguns alunos gostam de aplicativos de leitura, como *E-Pub* e *Play Store* e demonstraram conhecer os *E-books*. Sendo assim, há uma convivência dessas duas tecnologias, livro físico e ferramentas digitais, como aponta Chartier (2002). O próximo tópico trata de um evento de leitura que faz parte das práticas de leitura dos alunos que é o clube de leitura ou clube do livro.

6.14 “Eu faço parte de um Clube”: Participação dos alunos nas comunidades de leitura

Um dos questionamentos que trouxemos para esta pesquisa foi a compreensão do conceito de clube de leitura ou clube do livro dos alunos. Segundo Cosson (2014-b), os clubes de leitura ou clube do livro é um dos formatos dos círculos de leitura, nos quais os participantes compartilham as perspectivas de leitura. Nos clubes, ocorre a interação social, pois há uma troca de informações entre os participantes que permite a construção de sentidos de uma obra lida.

Nesse sentido, no primeiro momento desta pesquisa que contemplou a aplicação dos questionários, fizemos a pergunta se os estudantes sabiam o que era um clube de leitura ou clube do livro. De acordo com as respostas, 67% dos alunos que responderam o questionário revelaram que sabiam o que é um clube de leitura ou do livro e apenas 7% dos alunos já haviam participado de um clube de leitura ou clube do livro. Desejávamos conhecer de modo mais aprofundado em que medida os alunos conheciam esses clubes e de que maneira participavam deles. Sendo assim, no segundo momento da pesquisa que compreendeu as entrevistas, fizemos a pergunta novamente. A definição de clube de leitura ou clube do livro dada pelos alunos foi uma informação importante para esta pesquisa, pois eles definiram os clubes a partir do formato e objetivo, isto é, grupo de pessoas que se reúnem para conversar sobre os livros e, a partir da interpretação de cada um, o texto, a obra, ganha sentido:

Pesquisadora: E o quê que vocês acham que é um clube de leitura ou clube do livro?

Mônica: Eu penso assim pelo que eu já vi em filmes. Igual eles se reúnem, assim, toda semana na casa de alguém e fala um pouco sobre um pedaço do livro que leu ou do livro inteiro que leu. Aí, cada um conversa, fala as interpretações. Assim que eu penso, porque eu vi nos filmes assim.

Chandler: É, inclusive eu tava até conversando com uma colega anteontem sobre isso: da gente pegar um livro e juntar com outros colegas, esse pessoal que gosta de ler, assim, e a gente separar uma quantidade de capítulos de livros para a gente ler e conversar sobre isso e tal. Eu acho interessante. Tem até um IG no Instagram que eles fazem isso virtualmente, sabe, juntar um grupinho de pessoas virtualmente e cada um lê um livro e discute sobre e tal. Eu acho interessante.

Pesquisadora: Que lugar que é esse: IG?

Chandler: É um IG no Instagram, é uma conta no Instagram chama Amigos literários.

Phoebe: Eu conheço o clube do livro do jeito que a Mônica falou, que aparece muito nos filmes. Eu nunca participei de um, mas eu sempre tive vontade. E tem um clube do livro em sites que são clube de livros pela internet que eles mandam um *box* de livros que, além dos livros, eles colocam algumas coisas sobre o livro dentro do *box*, junto com o livro. E eu acho muito interessante. Tipo, é um clube do livro mesmo, mas eles mandam o *box* do livro para você pelo correio todo mês e você paga uma mensalidade. Eu achei muito legal a ideia e eu queria participar dele mais para frente.

Chael: Eu não tenho muito conhecimento sobre, mas pelo que eu ouvi os meninos falando, eu achei bem interessante, porque a forma que cada um interpreta, cria um personagem na cabeça é diferente. Eu acho muito interessante essa troca de experiência e o modo que as pessoas veem os personagens. (Alunos do 3º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 10/07/2019)

Durante a realização das entrevistas, descobrimos uma aluna que fazia parte de um clube do livro. Esse é denominado de Clube do Livro BH e foi criado por duas irmãs: Laila e Letícia Pimenta. De acordo com os dados pesquisados, o clube surgiu a partir do *blog* criado por Letícia Pimenta, “Louca Escrivainha”, no qual falava dos livros que estava lendo. Com o tempo, ela foi descobrindo pessoas que também gostavam de leitura. Atualmente, o *blog* recebe o nome de “*Coisas de Mineira*”, pois o *blog* possui mais cinco colunistas que escrevem sobre livros, filmes, séries e teatro. Mas, o interessante é que o *blog* permitiu, há seis anos, a criação do Clube, o qual reunia em seus encontros mais de 200 pessoas apaixonadas por livros. O Clube também apresenta a proposta de conquistar aqueles que não tomaram o gosto pela leitura, de acordo com os dados da página do Clube no *Facebook*. Os encontros são gratuitos e acontecem no Centro de Referência da Juventude, localizado na Praça da Estação, na região central de Belo Horizonte, com o apoio da Fundação Cultural de BH, além de contarem com o apoio de empresas e parceiros. Os encontros permitem a interação entre as pessoas, as quais comentam e indicam livros e debatem sobre temas. As reuniões permitem a presença de alguns escritores locais que tratam de temas específicos, para conversarem sobre o assunto com os convidados. O Clube já recebeu mais de seis mil pessoas em 25 edições. Para descontração, também acontecem dinâmicas e sorteios. Podemos perceber tais interatividades pelas falas de Phoebe, uma das alunas entrevistadas na pesquisa e participante do clube:

Phoebe: O encontro acontece de três em três meses mais ou menos e a gente vai e normalmente a gente fala de livros. Geralmente, tem um tema, por exemplo, fantasia, romance, romance de época ou utopia, essas coisas assim e chega lá a gente geralmente discute sobre o livro. Aí, vai alguns escritores, não muito famosos, mas ficam lá e fala sobre os livros. É aberto para perguntas tem

dinâmica, tem dança, tem um monte de coisas. Elas vendem camisetas, copo, um monte de coisas. A gente debate sobre os livros os escritores falam e a plateia pergunta. Quando vai discutir sobre romance de época, por exemplo, aí vai um escritor de romance de época lá no palco e fala sobre o livro, sobre as suas inspirações, sobre outros escritores também que eles gostam e tudo mais. Daí eles ficam trocando interações com público. (Phoebe, aluna do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 07/08/2019)

A descoberta do Clube se deu de forma interessante: foi por meio da irmã. A irmã de Phoebe e uma amiga, que gostam muito de livros, tinham um *Instagram* literário, assim, descobriram o Clube do livro BH e a indicaram. Como vimos em Reyes (2014), os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, facilitando o encontro entre livros e leitores, sendo que os mediadores de leitura não se limitam à escola, pois estão também presentes em vários espaços. Assim, observamos a mediação de leitura não só do clube do livro, mas também da família e do ciclo de amizades na fala de Phoebe:

Pesquisadora: Como você descobriu esse Clube?

Phoebe: Eu descobri através da minha irmã, porque ela também gosta muito de livro. Ela e a amiga dela tinham um *Instagram* literário. Por lá elas descobriram esse Clube do livro e ela me chamou para participar das reuniões e eu fui com ela e gostei. Desde então eu estou indo já tem alguns meses que eu vou e é aos sábados de dois em dois meses ou de três em três meses. (Phoebe, aluna do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 07/08/2019)

As reuniões desses clubes propõem não apenas a apreciação ou indicação de livros, mas lançam de estratégias para chamar a atenção dos participantes, com propostas de projetos de leitura, sorteios e leitura conjunta, no intuito de formar uma comunidade de leitores que podem compartilhar a leitura. Assim, essas propostas acontecem tanto no mundo *off-line* quanto no mundo *online*, pois, ao analisarmos os canais literários virtuais no capítulo 3, essas características também são percebidas:

Phoebe: Elas lançam propostas de leitura, leitura coletiva, tem uma caixinha literária. Tem um projeto que se chama carta amiga, que eu achei muito legal. Você dá os seus dados, mas fica tudo no sigilo, e você vai trocar carta com alguém que você não conhece. Aí você vai escrever sobre o livro que você está lendo, sobre escritor que você gosta, e a pessoa também vai escrever. Se vocês quiserem manter contato ou não é da sua escolha. Mas é um projeto que eu achei muito legal.

Pesquisadora: E como acontece a leitura coletiva?

Phoebe: Eles escolhem os livros, mas alguns livros são fixos. Aí eles passam uma lista e perguntam quem quer participar da leitura coletiva e daí uma pessoa lê e depois eles juntam e debatem sobre o livro e cada pessoa fica com livro um tempo. Por exemplo, eles estão lendo o livro *A passarinha* que eles têm lá e você fica com ele uma semana, depois eu fico com ele outra semana e depois a gente junta e discute sobre o livro.

Pesquisadora: *Mas é um livro só?*

Phoebe: Sim, é um livro só que eles levam nos encontros para compartilhar. O próximo encontro é agora em outubro. Os encontros são presenciais e tem uma página no *Facebook* no *Instagram* e no *WhatsApp*, se chama Clube do livro BH.

Pesquisadora: *Como acontece a troca de livros?*

Phoebe: Os livros são divididos por tema e aquelas pessoas que assinaram que querem ler o livro aí elas vão e levam o livro para casa ler, traz de volta e a próxima pessoa pega. É um rodízio, elas é que propõem o livro que vai ser lido, aí se você gostar do tema você escreve seu nome lá. (Phoebe, aluna do 1º ano do E.M. Entrevista realizada no dia 07/08/2019)

Cosson (2014-a) aponta que o círculo de leitura é uma prática de leitura coletiva e compartilhamento de textos; essa atividade também pode receber o nome de clube de leitura, clube do livro, círculo de literatura ou, ainda, oficina de leitura. Segundo o autor, um círculo de leitura consiste, basicamente, na reunião de pessoas, em encontros sucessivos, para discutir uma obra literária ou não, os quais podem ser promovidos por vários tipos de instituições, amigos e até pela escola. Nesse sentido, o círculo de leitura constitui-se como uma prática social de leitura, pois se configura como uma prática de uso de textos. O círculo de leitura do qual a aluna Phoebe participa não é promovido por uma instituição escolar, por isso, não se refere a um letramento dominante, mas a um letramento não escolar que forma uma comunidade leitora.

Para Dionísio (2014), comunidade de leitores consiste num grupo de pessoas que se reúne periodicamente para debater sobre obras previamente acordadas, sugeridas ou não por um coordenador. De acordo com a autora, nessa modalidade coletiva de leitura, nem sempre todos os participantes detêm o mesmo conhecimento sobre tema ou obra, potencializando, assim, os processos de construção de sentidos e a aprendizagem.

Dessa maneira, os clubes de leitura ou clubes do livro contribuem para a interação entre as pessoas que gostam de ler, além de favorecer a socialização da leitura e a construção de sentidos e significados para uma dada obra. Além disso, os clubes de leitura ou clubes do livro formam comunidades de leitores que expressam a continuidade da leitura. E, sendo uma prática social, esses clubes estabelecem um tipo de letramento não escolar que convive, nem sempre de maneira harmoniosa, com o letramento escolar.

6.15 Síntese dos discursos produzidos pelos adolescentes nas entrevistas

A realização das entrevistas em grupo foi de grande importância para esta pesquisa, pois tivemos a oportunidade de aprofundar um pouco mais nas respostas dadas pelos alunos nos questionários. Uma das primeiras observações feitas é que alguns alunos, ao assistirem ao vídeo da Pam Gonçalves sobre o livro *Para todos os garotos que já amei*, identificaram que se tratava de um vídeo de canal literário e que já conheciam a apresentadora, embora o nome dela não tenha sido citado nos questionários. Observamos, também, que a forma como os apresentadores falam dos livros, principalmente, com a preservação do mistério e carregado de emoção, chamam a atenção dos alunos e até mesmo influenciam em suas práticas de leitura, pois pode levá-los a ler um livro ou não. Dessa forma, entendemos que a atividade dos *booktubers* pode ser permeada por intenções, sendo uma delas a de convencer os usuários dos canais sobre determinada leitura e, até mesmo por meio das divulgações feitas nos canais, levá-los a adquirir um livro.

Embora a formação de uma comunidade de leitores seja importante para o *booktuber*, pois lhe acrescenta em número de seguidores e visualizações, os alunos pesquisam vários canais de leitura ou sites para saber sobre um determinado livro. Esse fato nos permite dizer que, ainda que sejam participantes de uma comunidade virtual de leitores, isso não os impede de visitar outros canais literários para ler os comentários de outras pessoas sobre o livro de interesse. A ferramenta ‘comentários’ da Web 2.0 permite a interação dos usuários de um canal literário, mas, também, influencia na escolha dos livros, uma vez que esses comentários são mais que opiniões, eles emitem uma postura de quem os pronuncia (BARTON e LEE, 2015). Além da ferramenta ‘comentários’, a estante de livros, que faz parte da apresentação, compondo o ambiente, desperta o desejo dos alunos de ter o objeto ‘livro’, levando-os a formar sua própria coleção.

As práticas de leitura da escola, de acordo com as repostas nas entrevistas, não chamam a atenção dos alunos, pois, em sua maioria, são vistas como mera obrigação. O intuito das práticas de leitura na escola é para realizar atividades voltadas para o processo escolar: fazer resumo ou resenha da leitura. Entretanto, segundo Castanheira (2014) e Soares (2011), as práticas de leitura da escola são diferentes das práticas de leitura fora da escola e que as atividades que entram na escola são necessariamente escolarizadas, mas,

esses processos não podem ser automaticamente vistos de forma negativa. Por isso, precisamos considerar os interesses de leitura para cada uma dessas situações. Percebemos que a convergência digital está presente nos canais literários, uma vez que os usuários são levados a participar de outras redes sociais dos apresentadores, compartilhando, assim, conteúdos.

A maioria dos alunos preferem ler livros impressos a ler no modo digital, embora tenham nascido na era das tecnologias modernas. Segundo Chartier (2002), a técnica mais utilizada para a reprodução do escrito e a produção dos livros continua sendo a imprensa e essa é a nossa herança histórica. Para o autor, a textualidade eletrônica mudou a ordem dos discursos: um único aparelho, o computador, apresenta diversos tipos de textos, os quais são lidos num mesmo suporte e nas mesmas formas. Nesse sentido, mudando de suporte, a materialidade do texto altera, modificando, assim, a forma de se ler. Contudo, como aponta Chatier (2002), o texto eletrônico não substituirá o texto impresso, mas ambos irão coexistir, pois, segundo o autor, as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. Desse modo, compreendemos que a revolução eletrônica não extinguirá o livro impresso, pois, o acesso às novas tecnologias ainda está em processo de expansão e o livro continua sendo um objeto de desejo e um artefato que simboliza a cultura letrada

Da mesma forma, entendemos que a cinematografia não compromete a paixão pelos livros. Vários alunos apontaram que preferem a leitura a assistir ao filme, pelos detalhes que o livro apresenta. Compreendemos que o cinema está comprometido com a imagem, e o livro com as palavras (DOMINGOS, 2007). Nesse sentido é que Eco e Carrière (2010) apontam que a cinematografia não tirou nada dos livros e que o livro permanecerá como ele é.

As tecnologias modernas têm contribuído com o surgimento de vários gêneros textuais. Contudo, a partir da leitura de Chartier (2002) e Barton e Lee (2015), observamos que as práticas *online* podem ser uma continuidade das práticas *off-line*. Desse modo, percebemos uma mudança de materialização de textos e mudança de suportes em que eles aparecem. Nesse sentido, para caracterizar a apresentação dos *booktubers*, os alunos recorreram aos gêneros textuais que aprenderam no espaço escolar para definir a atividade

dos apresentadores que ocorrem fora da escola. A partir da compreensão do que é uma resenha, por exemplo, os alunos caracterizam a apresentação feita.

As práticas de leitura dos alunos estão para além dos muros da escola: eles participam de clubes de leitura ou do livro. Tais práticas contribuem para a formação de uma comunidade leitora que proporciona a continuidade da leitura, a interação entre os participantes dessas comunidades que compartilham a leitura no intuito de estabelecer sentidos e significados à obra lida. Nesse sentido, as práticas de leitura na escola constituem-se como letramentos escolares, institucionalizados e dominantes.

Mas, o uso dos textos nos espaços de leitura fora da escola também se caracteriza como um tipo de letramento, ou seja, um letramento não escolar. Portanto, percebemos que há um convívio entre as práticas de letramentos escolares e não escolares, mas essa convivência expressa uma tensão, pois os alunos tendem a comparar essas práticas, estabelecendo suas preferências e julgando os procedimentos típicos de cada situação.

Considerações finais

Educadores que reconhecem a escola como instituição promotora de inclusão social tentam diminuir essa diferença quando propõem que as atividades de ensino e os usos da leitura e da escrita na escola levem em conta características das situações comunicativas em que ocorrem eventos de letramento fora da escola.

(Maria Lúcia Castanheira)

Ao iniciar as considerações finais desta pesquisa, é preciso retornar às motivações do estudo e aos objetivos iniciais da investigação. O que impulsionou este estudo foi conhecer as práticas de leitura dos alunos da escola pública diante dos avanços das tecnologias modernas. Para muitos professores, “competir” com o celular a atenção dos alunos tem se tornado um desafio, principalmente quanto ao ensino de leitura. Sabemos que uma das grandes preocupações dos professores e, também, da sociedade, é ‘o que os alunos leem’ e o ‘quanto eles leem’, uma vez que, diante das avaliações sistêmicas a que os estudantes são submetidos, os resultados de leitura e compreensão de textos são desanimadores. Contudo, fiquei surpresa quando, em minha prática docente, tive a oportunidade de conhecer alunos do Ensino Médio que faziam parte, na região, de clubes de leitura ou do livro: uma prática que acontecia fora da escola. Além desses clubes de leitura ou do livro presenciais, percebi que também existiam clubes de leitura ou do livro virtuais: os canais literários, apresentados pelos *booktubers*, que formavam comunidades virtuais, conhecidas como *booktube* (JEFFMAN, 2017).

Diante desse fato, pude perceber que os alunos, por meio de práticas de ensino de leitura fora da escola, leem outro tipo de leitura, que, possivelmente, não era a esperada pelas escolas e professores. Nesse sentido, fundamentamos esta pesquisa no interesse de investigar como se dá a prática de leitura dos alunos e as possíveis tensões entre letramentos escolares e não escolares. De acordo com Street (2014), as concepções dominantes de letramento, como o da escola, tendem a marginalizar e inferiorizar outros tipos de letramentos. Assim sendo, o objetivo principal desta pesquisa foi averiguar a formação das comunidades leitoras constituídas pelos canais literários virtuais, relacionando as práticas sociais de leitura aos letramentos escolares e não escolares. A

nossa premissa era a de que convivem práticas de letramentos escolares e não escolares no processo de leitura dos alunos.

Usamos como metodologia a aplicação de questionários, com perguntas abertas e fechadas, para tentar mapear quais eram as práticas de leitura dos alunos. Em articulação aos questionários, fizemos entrevistas semiestruturadas com os alunos que se identificaram como ‘leitores’, para nos aprofundarmos um pouco mais as suas respostas. A perspectiva da pesquisa foi de caráter qualitativo. Ir a campo e conhecer as práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio foi uma das grandes expectativas desta pesquisa, pois se tratam de alunos que estão iniciando os estudos no campo da Literatura como disciplina escolar. O ensino de Língua Portuguesa, nessa etapa da Educação Básica, tem em seu currículo habilidades específicas para os estudos literários. Também, a escolha da escola foi deliberada pelos pesquisadores devido à facilidade do acesso, porque, como funcionária da escola, houve apoio da gestão. Fazer a pesquisa com essa faixa etária específica gerou uma expectativa muito grande, pois foi uma aluna do 3º ano do Ensino Médio que me apresentou o clube de leitura. Além disso, eu percebia que muitos alunos liam livros de literatura independentemente da demanda escolar.

A análise dos canais literários virtuais mais visualizados no *YouTube* e dos vídeos produzidos nesses canais nos permitiu perceber as principais características que eles apresentam, como se dá a formação das comunidades leitoras dos canais e o processo de mediação de leitura feita pelos apresentadores. A aplicação dos questionários nos proporcionou os dados iniciais de maneira que conhecemos, por exemplo, o que os alunos gostavam de ler, como eles liam, quem os incentivou à leitura, quais alunos se consideravam leitores e por que, quais alunos conheciam os canais literários virtuais e como interagem com eles. A entrevista nos permitiu aprofundar mais nesses dados, pois conversar com os alunos, em grupo, favoreceu em respostas diversificadas, além da interação entre pesquisador e pesquisados. Os alunos se sentiram à vontade para responder as perguntas, embora eu estivesse como professora de Língua Portuguesa dos alunos dos 3º anos que foram entrevistados. Compreendo que ser professora da escola facilitou a minha entrada em campo, mas, também, pode ter dificultado a participação de alguns alunos na pesquisa. Ainda assim, os estudantes nos forneceram dados que permitiram compreender as práticas de leitura dos jovens atuais, imersos no mundo das tecnologias modernas.

Observamos que os alunos leem obras contemporâneas, por razões que não se limitam às práticas escolares, mas, também, leem livros da literatura clássica indicados pela escola para fazerem atividades que dizem respeito às rotinas dessa instituição. Desse modo, compreendemos, a partir de Castanheira (2014), que as práticas escolares referem-se aos usos, às práticas e aos significados da língua escrita escolar. Segundo Soares (2011), a escolarização é inevitável e necessária: não se pode criticá-la ou negá-la, porque seria negar a própria escola. Nesse sentido é que Cosson (2014-c) aponta que o letramento literário é uma prática social, sendo, por isso, uma responsabilidade da escola.

A partir de Rojo e Moura (2012), percebemos que o ser humano participa de culturas e nessa diversidade encontramos diferentes práticas sociais de letramento que envolvem as novas tecnologias. Sendo assim, os autores abordam a necessidade do termo ‘multiletramentos’. Usamos esse conceito para, juntamente com Cosson (2014-b), entendermos que os canais literários são novas práticas sociais de leitura que estão presentes igualmente na escola. Os sujeitos leitores da pesquisa participam de uma rede que é ampliada e alimentada por eles; essa rede inclui os aprendizados escolares sobre a literatura, a participação em eventos literários presenciais e virtuais e as trocas com os colegas. Mas, a relação entre os letramentos escolares e letramentos não escolares constituem-se de maneira não tão harmoniosa, pois os letramentos escolares tendem a dominar os letramentos não escolares. Muitas vezes, a escola não reconhece essas práticas sociais de leitura que acontecem fora da escola como legítimas, o que leva muitos professores a simplesmente considerarem que os alunos não leem. Entretanto, esta pesquisa nos permite dizer que os alunos leem outros tipos de obras, que, na maioria das vezes, não são as indicadas ou prescritas pela escola. Esse fato reflete que essa fronteira entre as práticas de letramento não é tão rígida.

Por meio das entrevistas, observamos que alguns professores leem e até indicam *best-sellers* contemporâneos. Mas, ainda que essas indicações ocorram, faltam atividades que auxiliem os alunos na compreensão das obras, atividades que ajudem os alunos a relacionar o sentido do escrito, pois, como aponta Cândido (1995) a literatura tem o seu caráter formador, possibilitando-nos viver dialeticamente com os problemas. Nesse sentido é que Cosson (2014-b) trata da importância dos círculos de leitura para compartilhar a

leitura e relacioná-la à sociedade e ao mundo. Talvez essa ausência de compartilhamento de leitura seja um traço definidor das práticas de leitura escolarizadas.

As novas tecnologias favorecem o surgimento de novas práticas, pois, assim, temos o surgimento dos textos eletrônicos como novidade do mundo digital, ainda que para Chartier (2002) essa nova técnica não significa o desaparecimento do texto impresso. Essa constatação pode ser percebida pela fala dos próprios alunos, ao manifestarem que preferem ler livros físicos. A materialidade do livro é de grande importância até mesmo no mundo *online*, pois, segundo o autor, a tela transmite a cultura escrita. Podemos observar esse fato na apresentação dos *booktubers*: eles exibem e manuseiam o livro impresso, tendo, ainda, uma estante de livros como importante cenário dos vídeos.

A apresentação desses *booktubers* não se trata de uma crítica literária. Segundo Perrone-Moisés (2016), essa prática se assemelha mais a comentários sobre o gosto da leitura. Analisamos que essa conversa também se assemelha ao gênero resenha, pois, além de falarem sobre o gosto, os apresentadores fazem uma apreciação dos livros, apontando o que gostaram ou não nos livros e, ao final, fazem recomendações. Mesmo que não haja teoria da literatura suficiente para definir o que esses novos *youtubers* fazem, o que podemos dizer é que eles se tornaram influenciadores de leitura. Muitos alunos pesquisam esses canais para escolherem livros, pois os comentários que fazem têm uma força persuasiva que influencia nas práticas de leitura dos usuários dos canais. Sendo assim, compreendemos que os comentários são como posicionamentos, de acordo com BARTON e LEE, (2015). Nesse sentido, é que observamos que o *YouTube* se constitui como um lugar de negócios (BURGESS e GREEN, 2009). Os produtores são incentivados a alimentarem a plataforma por meio de investimentos de empresas de publicidade, devido ao enorme número de usuários e seguidores de canais e, assim, de acordo com Vilic (2019), o *YouTube* se tornou o lugar da diversidade, com canais de vários formatos e apresentadores diversos. Portanto, essa plataforma tem atraído a atenção de milhares, não isentando, até mesmo, educadores: encontramos no *YouTube* canais voltados para temas educativos, com nomes específicos de disciplinas escolares, como os canais FísicaTotal do professor Ivys Urquiza e Matemática Rio do professor Rafael Procópio.

A escola certamente convive com outras práticas de ensino, seja por parte dos alunos ou dos professores, mesmo que a relação entre essas práticas não seja reconhecida

pela própria escola, por ignorá-las, já que muitos professores desconhecem essas práticas e entre esses me incluo: foi uma aluna que me apresentou os clubes de leitura ou do livro do qual participava. Mas, também, quando a escola fica conhecendo essas práticas não as torna legítimas, a partir do momento que delas não se utilizam. Como aponta Faria (2004), inserir as novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem é favorecer a interatividade e a não linearidade, não substituindo o professor, mas colocando-o em uma relação dialética com o aluno. Nesse sentido, é que, para a autora, as novas tecnologias na escola podem proporcionar uma mudança de paradigma, mas requer um exercício intenso por parte da escola. Para Coscarelli (2005), as tecnologias modernas são úteis à educação e não a solução para todos os problemas escolares. Sendo assim, de acordo com a autora, inserir novas práticas na escola pode significar mudanças no processo de ensino e aprendizagem e modificar a relação entre professor e aluno, mas não quer dizer que os problemas deixarão de existir e que as tecnologias modernas são a revolução para o ensino. As respostas indicadas pelos alunos nas entrevistas nos mostram que um dos grandes pontos de atração e de sedução para a leitura é a maneira como os *booktubers* apresentam a experiência de leitura e, até mesmo, o modo como ocorre a divulgação das obras. Nos vídeos, esses apresentadores utilizam diversas estratégias discursivas para chamar a atenção dos usuários, o que, segundo os alunos, são responsáveis pela sua adesão à leitura.

Encontrar o equilíbrio entre as novas práticas sociais de leitura e as práticas escolares não é um exercício fácil, pois o letramento é ideológico. As práticas coexistem em diversos espaços de maneira mais concorrente que harmoniosa. Nesse exercício de compreensão, esta pesquisa poderá ajudar muitos professores, instituições de ensino, faculdades de educação, ações de formação inicial e continuada de professores e comunidade escolar, pois o processo de ensino e aprendizagem de leitura é uma das grandes inquietações que ainda nos perturbam. Os resultados das avaliações externas, na maioria das vezes, desanimam muitos professores e chamam a atenção dos governos. Este estudo não se compromete a uma solução para o ensino, mas a uma reflexão nos modos de ver e ensinar a leitura literária no ambiente escolar, do qual, também, faço parte e sobre outras práticas de leitura fora da escola.

Referências

AMADO, João; FERREIRA, Sônia. A entrevista na investigação qualitativa. In: AMADO, João (org.) **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Universidade de Coimbra, 2013, p. 207-233. Disponível em: <https://www.essr.net/~jafundo/mestrado_material_itgjkhnld/Material%20Prof%20Ilidia/Manual%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Qualitativa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o_1.pdf> Acesso em 28 de julho de 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ªed. HUCITEC. 2006 Disponível em< http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf> Acesso em: 01 de agosto de 2018.

BARBIERI, Mickael Braga. **Booktube: comunicar a literatura pela via dos afetos**. Dissertação de Mestrado. 2019. Disponível em< <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BBXJ75> >01/08/2019

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. **Situated literacies**. Reading and writing in context. London: Routledge, 2000. p.7-15

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local literacies**. Reading and writing in one community. London: Routledge, 1998. (Chap 1 Understanding literacy as social practice) pp. 3-22

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Trad. MOTA, Milton Camargo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BATISTA, Antônio Augusto. **Práticas de leitura** In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 257,258 p., il.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad.:ÁVLIA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BICALHO, Delaine Cafiero. **Leitura**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 167,168 p., il.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002. p. 20-28.

BRASIL, Relatório Brasil no Pisa 2018- Versão Preliminar. Disponível em http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-

revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206
Acesso em 23 de dezembro de 2019.

BREGUNCI, Graças de Castro (orgs). **Práticas e Eventos de Letramento**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 258 p., il.

BUARQUE, Cristovam. Deslumbre e entendimento. In: FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.p. 43-45

BURGESS, Jean and GREEN, Joshua. *YouTube Online Video and Participatory Culture Series*. In: **YouTube: Digital, Media and Society**. 1ª ed. Polity Press, 2009.

BRUNS, Axel. "**Prodsusage**: Towards a Broader Framework for User-Led Content Creation." Paper presented at Creativity & Cognition conference, Washington D.C., USA, 2007. pp.13-15. Disponível em <<http://produsage.org/node/6> > Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

Cabine literária. Disponível em < <https://www.youtube.com/user/cabineliteraria>> Acesso em: 05 de abril de 2018.

CALDEIRA, A. M. S. & ZAIDAN, S. **Praxis Pedagógica**: um desafio cotidiano. Revista *Paidéia*, Universidade FUMEC, ano 10, v. 14, Belo Horizonte, 2013.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

Câmara Mineira do Livro. **#ClubedoLivroBH comemora aniversário de seis anos com editoras**. Disponível em <<http://camaramineiradolivro.com.br/noticias/clubedolivrobh-comemora-aniversario-de-seis-anos-com-editoras/>> Acesso 02 de setembro de 2019.

Cambridge Dictionary. **Youtube**. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/youtube>> Acesso em: 10 de outubro de 2018.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia . Letramento escolar. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 183,184 p., il.

CHAÍÇA, Inês. **Booktube: a crítica literária faz-se em vídeo**. Disponível em <<http://p3.publico.pt/cultura/livros/17279/booktube-critica-literaria-faz-se-em-video>> Acesso em 21 de abril de 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Moretto, Fulvia M.L. São Paulo: UNESP, 2002

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Lajeado/RS: Univates, 2012. v. 1. 315p.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p 83-98

COSCARELLI, Carla Coscarelli. Alfabetização e Letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005. 25-40p

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p.51, 52, il.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed., 5ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 185,186 p., il.

Clube do Livro de BH. Facebook. @ClubedolivrodeBH Disponível em <https://www.facebook.com/pg/ClubedolivrodeBH/about/?ref=page_internal> Acesso em 02 de setembro de 2019.

BICALHO, Delaine Cafiero. **Leitura**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p.167, 168, il.

Dicionário online de Português. **Comunidade**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/comunidade/>> acesso em 23 de maio de 2018

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. **Comunidades de leitores**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p.62, 63, il.

DOMINGOS, Juliana Cravo. **Literatura e cinema o uso de produções cinematográficas nas aulas de Literatura Brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso. Itabira, 2007. Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/portugues_artigos/usoaulas.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2019.

ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Trad. Telles, André. Rio de Janeiro/São Paulo. Record, 2010.

ÉPIPHANE, Dominique. Educação das meninas (verbete). In: VAN ZANTEN, A. (Coord.) **Dicionário de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 827p

FAILLA, Zoara. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro: A importância da leitura. In: FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.p 19-42

FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (p. 57-72). Disponível em <<https://scholar.google.com.br/>> Acesso em 17 de março em 2019.

FIORIN, José Luiz. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p.161-193

FIORENTINI, D. **Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?** Em *Pesquisa qualitativa em Educação Matemática*. BORGA, M. de C.; ARAUJO, J. de L. (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIDDENS, Antony. **A constituição da sociedade**. Trad.: CABRAL, Álvaro. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 1-19

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12^a ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

HAMILTON, M. **Sustainable Literacies and the Ecology**. Paper presented at Supporting Lifelong Learning: A Global Colloquium (London, England, July 5-7, 2000). 2000. 12p Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/247685882_Sustainable_Literacies_and_the_Ecology_of_Lifelong_Learning/link/559f9f4c08aea7f2ec56b62d/download> Acesso 24/09/2019.

HEEMANN, Christiane. **A formação de comunidades virtuais e a Web 2.0 e**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. 59, p. 255-273, jul. 2010. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1418>>. Acesso em: 23 maio 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17058/signo.v35i59.1418>

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube**. Tese de doutorado, 2017 Usinos.

Disponível em <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6337?locale-attribute=en>> Acesso em abril de 2019.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. ALEXANDRIA, Susana. 2ed. São Paulo: Aleph. 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph. 2014. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=jM-uCgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 01 de dezembro de 2019.

KIRCHOF, Edgar Roberto. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Leitura em tempos de rede: booktubers e jovens leitores/as** / ISSN: 2317-2347 – v. 7, n. 3 (2018). Revista Letras Raras. Disponível em <<https://www.google.com.br/search> > Acesso em 03 de outubro de 2019.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar, 2007.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. **Protocolos de leitura**. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p.277,278, il.

LEMUS, Catalina. **Booktubers: la comunidad de críticos jóvenes**. Revista LaTercera. Tendências. 2014. p. 10. Disponível em: <<http://diario.latercera.com/edicionimpresa/booktubers-la-comunidad-de-criticos-jovenes/>> Acesso em: 21 de maio de 2018.

LEVY, Pierre. *O Ciberespaço ou a Virtualização da Comunicação*. In: LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. DA COSTA, Carlos Irineu. 2.ed. São Paulo: Ed.34, 2000.

LÉVY, Pierre. **Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio** Trad. Felino Martínez Álvarez. Washington, DC. 2004. Disponível em <<http://inteligenciacolectiva.bvsalud.org/channel.php?lang=es&channel=8>> Acesso em 13 de janeiro de 2020.

MARIA, Luiza de. **O Clube do Livro : ser leitor - que diferença faz?**. São Paulo. Globo, 2009.

MEIR, Jacques. **As 6 características fundamentais da geração Z**. Disponível em <<http://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>> Acesso em 25 de maio de 2018.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global.** São Leopoldo:Ed. da Unisinos, 2004. 184 p.

MENDONÇA, Márcia. **Texto.** In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p.318,319 il.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. pp.9-30.

Ministério da Educação. IdebEscola. Portal Mec. Disponível em<
<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>> Acesso: 02 de novembro de 2019

MOREIRA, Paula Renata Melo. Booktubers e mercado editorial: parcerias como estratégia de colonização dos espaços de referência. Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.

NAVARRO, Maria Fernanda. **Booktubers, ¿es la nueva crítica en línea?**. 2014. Disponível em<<http://laopcion.com.mx/noticia/32757>> Acesso em: 01 de dezembro de 2019.

NEITZEL, Adair de Aguiar, BRIDON, Janete, NEITZEL, Luiz Carlos, LUNARDI, TONIN, Maria de Fátima. **O texto literário digital: experiências de leitura na educação básica.** Texto Digital, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 52-75, jul./dez 2013. ANO. ISSN: 1807-9288

NETO, José Castilho Marques. Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas: Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados. In: FAILLA, Zoara. (org.).**Retratos da leitura no Brasil 4.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.p 57-73

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. pp.51-66

NOGUEIRA, Renata. **YouTubers são formadores de opinião de jovens, mas que valores eles passam?** Disponível em <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/10/19/youtubers-sao-formadores-de-opinio-de-jovens-mas-que-valores-eles-passam.htm> > Acesso em : 21 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Marta Melo de. **Plágio na constituição de autoria:** análise da produção acadêmica de resenhas e resumos publicados na Internet. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

ORTNER, Sherry B. Theory in Anthropology since the Sixties. Source: Comparative Studies in Society and History, Vol. 26, No. 1 (Jan., 1984), pp. 126-166.

PAPEN, Uta. Literacy: Reading, writing and what? In: PAPEN, Uta. **Literacy and education: policy, practice and public opinion**. London: Routledge. 2016. pp 1-15

PARIZOT, Isabelle. A pesquisa por questionário. In: PAUGAM, Serge. (Coord.) **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015, p. 85-101.

PASSOS, Úrsula. **Com raízes no século 18, clubes de leitura atraem cada vez mais adeptos**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/08/1908987-clubes-de-leitura-atraem-cada-vez-mais-os-que-querem-manter-o-habito-de-ler.shtml>> Acesso em: 22 maio de 2018.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005. 13-23p

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Programa Trilha de Letras. TV Brasil. Booktubers, com Cabine Literária. Disponível em< <http://tvbrasil.ebc.com.br/trilha-de-letras/2017/12/booktubers>> Acesso em 01 de fevereiro de 2019

QEdU Academia. Situação das escolas. Disponível em< <https://academia.qedu.org.br/como-usar/ideb/situacao-das-escolas>> Acesso: /2 de novembro de 2019.

REYES, Yolanda. **Mediadores de leitura**. Trad: ALMEIDA, Elizabeth Guzzo. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. pp.213,214, il.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Coscarelli. Letramento digital. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. pp.181,182 ., il.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos. ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo. Parábola Editorial, 2012. p.11-30

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem- Puc. São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.academia.edu/1387699/Letramento_e_capacidades_de_leitura_para_a_cidadania> Acesso em 22 de agosto de 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

ROJO, Roxane. MELO, Rosineide de. **Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana**. UNICAMP. D.E.L.T.A., 33.4, 2017. pp.1271-1289. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n4/1678-460X-delta-33-04-1271.pdf>> Acesso: 02 de novembro de 2019.

SANTANA, Jessé & NEVES, Maria. **As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente**. Millenium, 2015, 48 (jan/jun). Pp. 75-93.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros: **Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos**. Linguagens & Cidadania, v. 20, jan./dez., 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421>> Acesso 19 de setembro de 2019.

SERAFIM, Maria Lúcia; SOUSA, Robson Pequeno de. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena da M. C da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (orgs). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande, EDUEPB, 2011. p.19-50. Disponível em <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1484_991_sousa-9788578791247.pdf> Acesso em 19 de março de 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira: Concepções de leitura e suas consequências no ensino**. Perspectiva. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>> Acesso em 18 março de 2019

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 01 abril de 2019.

SOARES, Magda. Letramento. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs) Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 180 p., il.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed, 6 reimp. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. Escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRINA, Heliane Maria; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (orgs.) **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. pp.17-48.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Trad: Schilling, Claudia. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998. 194 p.

STREET, Brian. Culture is a verb. Anthropological aspects of language and cultural process. In: GRADDOL, D.; THOMPSON, L.; BYRAM, M. **Language and culture**. London: Clevedon, 1993.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. -1^a ed. São Paulo. Parábola Editorial. 2014. 240p.

STREET, Brian. **Eventos de letramento e práticas de letramento**: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (org.) Discursos e práticas de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2012. pp. 69-92

STREET, Brian V., CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **Práticas e Eventos de Letramento**. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs) Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 258-260 p., il.

TEIXEIRA, Claudia Souza; COSTA, Andressa Abraão. **Movimento Booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura**. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 13-31, dez. 2016. ISSN 1983-3652. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10974/9806>>. Acesso em: 23 maio de 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.9.2.13-31>.

TEIXEIRA, Juçara Moreira. **O livro é melhor que o filme? Literatura e cinema sob a ótica de estudantes do Ensino Fundamental II**. Tese de doutorado, 2018, FaE-UFMG. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32636/1/TESE%20Ju%20c3%a7ara%20Moreira%20Teixeira%202018%20FINAL.pdf>> Acesso em 31 de maio de 2020.

VILIC, Felpe. **O clube dos youtubers**: Como ícones rebeldes construíram o maior fenômeno da internet e se tornaram os principais influenciadores da juventude brasileira. , Belo Horizonte. Editora Gutenberg, 2019

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. Trad.: RIBEIRO, Viviane. São Paulo. EDUSC, 2000.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc., Campinas , v. 28, n. 101, p. 1287-1302, dez. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 25 maio 2018.

Canais Literários

Canal da Bruna Vieira. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/canaldepoisdosquinze>> Acesso em: 06 de abril de 2018.

Canal da Pam Gonçalves. Disponível em < <https://www.youtube.com/user/TvGarotait>> Acesso em: 06 de abril de 2018.

Canal Minha estante. Disponível em < <https://www.youtube.com/user/minhaestante>> Acesso em: 01 de maio de 2018.

Canal Ler antes de morrer. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ>> Acesso em: 07 de abril de 2018.

Canal Lido lendo. Disponível em < <https://www.youtube.com/user/lidolendo>> Acesso em: 07 de abril de 2018.

Canal Nuvem Literária. Disponível em < <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria>> Acesso em: 02 de maio de 2018.

Canal Perdidos nos livros. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/Perdidonoslivros>> Acesso em: 05 de abril 2018.

Canal Tine little things. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin>> Acesso em: 05 de abril de 2018.

Apêndices

Apêndice 1: Questionário

Questionário

Pedimos sua colaboração no sentido de responder as perguntas abaixo. Por gentileza, responda às questões abertas da maneira mais completa e objetiva que puder. Elas comporão, com outros dados, o corpus de pesquisa apresentado ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais da mestrandia Guiomar Timoteo Coura, orientada pelo Prof. Drº. Gilcinei Teodoro Carvalho, e passarão pelos trâmites de divulgação de pesquisa, preservando sua identidade. Você tem a opção de não responder, caso entenda que não deva fazê-lo. Obrigada!

Nome _____ Ano escolar _____
ano

Sexo: Feminino Masculino

1-O que você normalmente lê (Marque mais de uma opção se desejar)?

_____ romance (policial, psicológico, aprendizagem ...)

_____ contos

_____ crônicas

_____ poesia

_____ ficção científica

_____ biografias

_____ bíblia

_____ autoajuda

_____ aventura

_____ Outros _____

2- Como você escolhe um novo livro para ler? (Marque mais de uma opção se desejar)

_____ Dicas de amigos

_____ Dicas dos pais ou responsáveis

_____ Dicas de professores

_____ Dicas do (a) bibliotecário (a)

_____ Dicas do vendedor da livraria

_____ Propagandas

_____ Lista do tipo “ os 10 melhores” na internet

_____ Através de filmes ou séries assistidos

Outros _____

3-Você costuma falar sobre livros com seus amigos? Sugere a eles alguma leitura?

4-Você costuma ler livros sugeridos pelos professores? Qual a sua opinião sobre eles?

5-Você considera a leitura de livros uma atividade prazerosa? Por quê?

6- Você se considera um leitor? Por quê?

7-Quem você acha que despertou o seu gosto por esse tipo de leitura?

_____ Pais ou responsáveis

_____ Professores

_____ Bibliotecário (a) da escola

_____ Amigos

Outros _____

8-Você sabe o que é clube de leitura, clube literário ou clube do livro?

Sim

Não

*se você respondeu **sim**, pule para a **questão 9**. se você respondeu que **não**, pule para a **questão 10**

9-você já participou de algum clube de leitura, clube literário ou clube do livro presencialmente?

sim

não

10- Você conhece algum clube de leitura, canal literário ou clube do livro na internet/*youtube*?

sim

não

*Se você respondeu **sim**, pule para a **questão 11 e prossiga**. Se você respondeu que **não**, **você já finalizou o questionário. obrigada.**

11-Cite o nome de pelo menos 1 (um) clube de leitura, canal literário ou clube do livro na internet/*youtube* que você conhece.

12- Você já leu algum livro por indicação do (s) apresentador (es) desse canal literário?

Sim

Não

13- Por qual motivo você leu o livro indicado?

14- Você acessa frequentemente esse tipo de canal?

Sim

Não

15- Você acessa outra rede social (*Facebook, Twiter, Istagran* etc.) desse mesmo (a) apresentador (a)? Qual?

Obrigada por colaborar com a minha pesquisa!

Apêndice 2: Entrevista semiestruturada

1. Algum de vocês conheciam esse canal?
2. O que vocês acharam da apresentação feita no vídeo?
3. O que vocês acharam da forma como ela fala dos livros?
4. Quem já leu o livro que ela apresenta no vídeo?
5. Quem já assistiu ao filme?
6. O que mais chamou a atenção de vocês no vídeo?
7. O que vocês acharam do ambiente onde é feito o vídeo?
8. Vocês chegam a olhar os comentários dos vídeos?
9. A apresentação que ela faz no vídeo vocês chamariam de quê?
10. Vocês leem livros na internet?

Apêndice 3:

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE CARTA AOS ADOLESCENTES

Prezado adolescente,

Convidamos você a participar da pesquisa: “Relação entre letramentos escolares e não escolares na construção de comunidades leitoras via *booktubers*” que pretende investigar o processo de formação de comunidades leitoras constituídas pelos canais literários virtuais, analisando a participação dos alunos nesses canais. Para tanto, a pesquisa será realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais, especificamente na Escola Estadual Presidente Itamar Franco.

A coleta de dados será feita por meio da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas sobre a sua prática de leitura dos alunos do Ensino Médio dessa escola e por meio de entrevistas que serão gravadas, fotografias e observações. O questionário será aplicado pelo entrevistador, dentro do próprio espaço escolar, em um (1) dia de aula cedido pelo escola, de modo que não prejudique os alunos participantes da pesquisa e os não participantes. As entrevistas semiestruturadas serão realizadas, também, dentro do espaço escolar, em dias de aula cedidos pela escola, no período de 2 meses, sendo que os encontros acontecerão 1 vez por semana, de modo que não prejudique as atividades escolares dos alunos participantes da pesquisa e os não participantes. As entrevistas semiestruturadas serão gravadas em áudio, as quais serão, posteriormente, transcritas. As entrevistas semiestruturadas podem possibilitar a formulação de perguntas específicas e oferecer a oportunidade de os alunos e alunas responderem, por meio de seus próprios termos, tendo em vista que escutar o que os sujeitos da pesquisa tem a dizer é essencial para o desenvolvimento do respectivo trabalho. Ressaltamos que apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros.

Esclarecemos que o uso do material coletado será destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa e serão sigilosos. Os dados serão usados para análise e se transformarão em trabalhos acadêmicos. A sua identidade no momento da análise será

preservada e mantida em anonimato, ou seja, serão empregados pseudônimos no lugar dos nomes verdadeiros de todos participantes. As notas de campo, as imagens feitas e outros dados coletados na pesquisa serão cuidadosamente arquivados e estarão sob a guarda dos pesquisadores responsáveis pelo período de cinco anos a dez anos. Após esse período, todo o material será destruído. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

A sua participação é voluntária. Você poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição. É importante que você esteja ciente de que este estudo possui alguns riscos como, por exemplo, constrangimento ou desconforto ao responder ou falar alguma coisa perto da pesquisadora ou o risco de exposição com a gravação do áudio e fotografias. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética, independente das opiniões ou posicionamentos que você assumir e tomará todos os cuidados para que os procedimentos de pesquisa interfiram o mínimo possível em sua rotina. Todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que você autorize sua realização ou tenha a opção de não autorizar ou interromper sua participação. Havendo, ainda, danos decorrentes da pesquisa, os pesquisadores assumirão as responsabilidades.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação FaE/UFMG – Guiomar Timoteo Coura
Telefone: (31)98639-0745 e/ou e-mail: tguiomar@yahoo.com.br. Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho. E-mail: gilcineicarvalho@gmail.com. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901

Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG pelo telefone (31) 3409-4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine:

Eu, _____, declaro estar informado(a) dos objetivos e fins desse estudo e concordo em participar voluntariamente da pesquisa, autorizando a gravação e utilização da minha imagem para fins acadêmicos. Recebi uma via deste termo de assentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de _____

Apêndice 4:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE CARTA AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Prezados pais e/ou responsáveis,

Seu filho (a) é convidado a participar da pesquisa: “Relação entre letramentos escolares e não escolares na construção de comunidades leitoras via *booktubers*” que pretende investigar o processo de formação de comunidades leitoras constituídas pelos canais literários virtuais, analisando a participação dos alunos nesses canais. Para tanto, a pesquisa será realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais, especificamente na Escola Estadual Presidente Itamar Franco.

A coleta de dados será feita por meio da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas sobre a sua prática de leitura dos alunos do Ensino Médio dessa escola e por meio de entrevistas que serão gravadas, fotografias e observações. O questionário será aplicado pelo entrevistador, dentro do próprio espaço escolar, em um (1) dia de aula cedido pela escola, de modo que não prejudique os alunos participantes da pesquisa e os não participantes. As entrevistas semiestruturadas serão realizadas, também, dentro do espaço escolar, em dias de aula cedidos pela escola, no período de 2 meses, sendo que os encontros acontecerão 1 vez por semana, de modo que não prejudique os alunos participantes da pesquisa e os não participantes. As entrevistas semiestruturadas serão gravadas em áudio, as quais serão, posteriormente, transcritas. As entrevistas semiestruturadas podem possibilitar a formulação de perguntas específicas e oferecer a oportunidade de os alunos e alunas responderem, por meio de seus próprios termos, tendo em vista que escutar o que os sujeitos da pesquisa tem a dizer é essencial para o desenvolvimento do respectivo trabalho. Ressaltamos que apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros.

Esclarecemos que o uso do material coletado será destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa e serão sigilosos. Os dados serão usados para análise e se transformarão em trabalhos acadêmicos. A identidade dos participantes da pesquisa, inclusive de seu (a) filho (a), no momento da análise será preservada e mantida em anonimato, ou seja, serão empregados pseudônimos no lugar dos nomes verdadeiros de

todos participantes. As notas de campo, as imagens feitas e outros dados coletados na pesquisa serão cuidadosamente arquivados e estará sob a guarda dos pesquisadores responsáveis pelo período de cinco anos. Após esse período, todo o material será destruído. Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição quando finalizada.

A participação de seu filho(a) é voluntária, podendo deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como se recusar a responder qualquer questão.

É importante que você esteja ciente de que este estudo possui alguns riscos para o seu filho(a) como, por exemplo, constrangimento ou desconforto ao responder ou falar alguma coisa perto da pesquisadora ou o risco de exposição com a gravação do áudio e fotografias. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética, independente das opiniões ou posicionamentos que o seu filho(a) assumir e tomará todos os cuidados para que os procedimentos de pesquisa interfiram o mínimo possível na rotina dele(a). Todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que seu filho(a) autorize sua realização ou tenha a opção de não autorizar ou interromper sua participação. Havendo, ainda, danos decorrentes da pesquisa, os pesquisadores assumirão as responsabilidades.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação FaE/UFMG – Guiomar Timoteo Coura Telefone: (31)98639-0745 e/ou email: tguiomar@yahoo.com.br. Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho. E-mail: gilcineicarvalho@gmail.com. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.:31270-901

Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG pelo telefone (31) 3409-4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine:

Eu, _____, permito que meu filho (a) _____ participe desta pesquisa. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do responsável pelo (a) aluno (a):

_____, _____ de _____ de _____